



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA**

JOSÉ CARLOS MARIANO DO CARMO

Uma leitura benjaminiana da narrativa de Lima Barreto

**Florianópolis
2013**

JOSÉ CARLOS MARIANO DO CARMO

Uma leitura benjaminiana da narrativa de Lima Barreto

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do Grau de Doutor em Literatura.

Orientador: Prof.^o Doutor Claudio Celso Alano da Cruz.

Florianópolis
2013

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Carmo, José Carlos Mariano do

Uma leitura benjaminiana da narrativa de Lima Barreto /
José Carlos Mariano do Carmo ; orientador, Claudio Celso
Alano da Cruz - Florianópolis, SC, 2013.
323 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-
Graduação em Literatura.

Inclui referências

1. Literatura. 2. Lima Barreto. 3. Walter Benjamin. 4.
Representação Literária. 5. Sobre o conceito de história. I.
Cruz, Claudio Celso Alano da. II. Universidade Federal de
Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Literatura.
III. Título.


“Uma leitura benjaminiana da narrativa de Lima Barreto”

José Carlos Mariano do Carmo

Esta tese foi julgada adequada para a obtenção do título

DOUTOR EM LITERATURA

Área de concentração em Teoria Literária e aprovada na sua forma final pelo Curso de Pós-Graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina.



Prof. Dr. Claudio Celso Alano da Cruz
ORIENTADOR



Prof.ª Dra. Susana Scramim
COORDENADORA DO CURSO

BANCA EXAMINADORA:



Prof. Dr. Claudio Celso Alano da Cruz (UFSC)
ORIENTADOR E PRESIDENTE



Prof. Dr. Charles Monteiro (PUCRS)



Prof. Dr. Marcos Scheffel (UFAM)



Prof. Dr. Fabio Lopes (UFSC)



Prof.ª Dra. Tânia Regina Oliveira Ramos (UFSC)

Prof.ª Dra. Susan Aparecida de Oliveira (UFSC - Suplente)

À Rita de Cássia Brasil Mariano, esposa e eterna companheira.

À Carolina Iris Brasil Mariano, amada filha.

À Regina Rivero Pupo e Vilma Rivero Vella.

Aos meus pais. (*In Memoriam*)

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Curso de Pós-Graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC): professores, funcionários e colegas que, desde o início de minha caminhada no curso de graduação, tanto me ajudaram na área do conhecimento.

À Banca de qualificação, formada pelos professores Dr^a. Helena Heloísa Fava Tornquist e Dr. Fábio Luiz Lopes da Silva, pela leitura cuidadosa e pelas sugestões de melhoria que contribuíram para o enriquecimento teórico e a finalização deste trabalho.

Ao professor e brasilianista Dr. John Robert Oakley pela leitura e pelas sugestões, mesmo estando tão longe, na Inglaterra, e tão perto, via *e-mail*.

Às professoras Dr^a. Tânia Regina de Oliveira Ramos e Dr^a. Simone Pereira Schmidt que me acompanharam em momentos difíceis, sempre de forma carinhosa e amiga. Delicadezas que não esquecerei, jamais.

À amiga Maria Elisa Reis Luciani, por ter ajudado na revisão textual.

Às amigas da Biblioteca da Faculdade SENAC de Tecnologia: Mairla Pereira Pires Costa e Daniela Spudeit.

Finalmente, ao meu orientador, Prof. Dr. Claudio Celso Alano da Cruz, que me presenteou e confiou na viabilidade desta tese, oferecendo opiniões necessárias para sua consecução.

Eu sou Afonso Henriques de Lima Barreto. Tenho vinte e dois anos. Sou filho legítimo de João Henriques de Lima Barreto. Fui aluno da escola Politécnica. No futuro, escreverei a História da Escravidão Negra no Brasil e sua influência na nossa nacionalidade.

[...]

Dirão que é o negrismo, que é um novo indianismo, e a proximidade simplesmente aparente das coisas turbará todos os espíritos em meu desfavor; e eu pobre, sem fortes auxílios, com fracas amizades, como poderei viver perseguido, amargurado, debicado?

(Lima Barreto – Diário Íntimo)

Foi dada a nós, como a cada geração precedente, uma débil força messiânica sobre a qual o passado reclama seus direitos. Não se pode descartar essa demanda sem mais nem menos. Quem professa o materialismo histórico sabe disso.

(Walter Benjamin – Tese II)

RESUMO

Buscamos analisar as Teses benjaminianas em “Sobre o conceito de história” na representação literária de Lima Barreto, especialmente alguns conceitos importantes: memória/recordação, discriminação racial, progresso, opressores/oprimidos, explorador/explorados, discurso/política e outros. Partiremos da ideia inicial de Lima Barreto, ou seja, a de escrever a história da escravidão negra no Brasil por meio do que ele denomina de “negrismo” na literatura brasileira, entendendo que este projeto não deve ser considerado malogrado, mas pode ser encontrado em quase toda a sua obra. Se Lima Barreto não escreveu a história pretendida, sua ficção está impregnada deste projeto-sonho que, em certa medida, mantém forte relação com as teses de Walter Benjamin, especialmente com o sofrimento humano frente a regimes opressores e ditatoriais. Posto isso, intentamos compreender, à luz das teses desenvolvidas por Walter Benjamin, como o escritor analisa parte da história do Brasil na chamada *belle époque* do Rio de Janeiro, transformando seu projeto em narrativas ficcionais, concluídas ou inacabadas.

Palavras-chave: Lima Barreto. Walter Benjamin. Representação literária. Memória. Sobre o conceito de história.

ABSTRACT

We pretend to analyse Walter Benjamin's theses in "Sobre o conceito de história" (On the concept of history) in the literary representation of Lima Barreto, highlighting some important concepts: memory/remembrance, racial discrimination, progress, oppressors/oppressed, exploiters/exploited, discourse/politics and others. We will start with Lima Barreto's initial idea, that is, of describing the history of the black slavery in Brazil through what he calls "negrismo" in Brazilian literature, while maintaining that this project should not be considered unsuccessful since it can be found in most of his works. If Lima Barreto did not write the intended history, his fiction is drenched with thoughts of a project close to his heart and which, to a certain extent, strongly parallels the theses of Walter Benjamin, especially in regard to human suffering under oppressive and dictatorial political regimes. Therefore, we tried to understand, in the light of the theses developed by Walter Benjamin, to what extent the writer Lima Barreto analyses and understands that phase of the history of Brazil called Rio de Janeiro's "belle époque", transforming his project into fictional narratives, be they completed or unfinished.

Keywords: Lima Barreto. Walter Benjamin. Literary representation. Memory. On the concept of history.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1: “O jogador de Maelzel”	79
FIGURA 2: “Angelus Novus”	80

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	21
2	A HISTÓRIA ABERTA DO NEGRISMO	29
2.1	LER O QUE NUNCA FOI ESCRITO.....	42
2.2	CONTOS: FRAGMENTOS DA HISTÓRIA DO NEGRO EM LIMA BARRETO	47
2.2.1	“Manuel de Oliveira”: a importância de se contar história	50
2.2.2	Carnavalização como redenção: “O moleque”	61
2.2.3	<i>Angelus Novus</i> : “Os negros (esboço de uma peça?)”	72
2.2.4	“O escravo: memória”	85
2.2.5	“No tronco”: cronista do horror e das atrocidades	90
2.2.6	Mágoa eterna: “Dentes negros e cabelos azuis”	93
3	DISCRIMINAÇÃO RACIAL, JORNALISMO E A CIDADE BIOGRAFADA	103
3.1	DO DISCURSO À PRÁTICA: <i>RECORDAÇÕES DO ESCRIVÃO ISAÍAS CAMINHA</i>	103
3.2	<i>CLARA DOS ANJOS</i> : A PRIMEIRA NEGRA PROTAGONISTA DA PROSA FICCIONAL BRASILEIRA	132
3.3	A CIDADE BIOGRAFADA: <i>VIDA E MORTE DE M. J. GONZAGA DE SÁ</i>	149
4	A TEMPESTADE DO PROGRESSO	169
4.1	ORDEM E PROGRESSO: <i>TRISTE FIM DE POLICARPO QUARESMA</i>	169
4.2	A ESCRITURA DOS VENCEDORES E O ÓCIO MATRIMONIAL: <i>NUMA E A NINFA</i>	214
5	MEMÓRIA COMO INTERRUPÇÃO DA LÓGICA DOMINANTE	237
5.1	MOMENTOS DE PERIGO: <i>DIÁRIO DO HOSPÍCIO E O CEMITÉRIO DOS VIVOS</i>	237
5.2	A LOUCURA E A LUCIDEZ NO <i>DIÁRIO DO HOSPÍCIO</i>	240
5.3	LITERATURA EM FRAGMENTOS: <i>O CEMITÉRIO DOS VIVOS</i>	252
5.4	O AGORA ENQUANTO HERMENEUTA DO PASSADO: <i>DIÁRIO ÍNTIMO</i>	259

5.5	ALEGORIA BENJAMINIANA: <i>OS BRUZUNDANGAS</i>	272
5.6	A REVOLUÇÃO PELA AÇÃO POLÍTICA: O MAXIMALISMO E O ANARQUISMO	281
5.7	A MEMÓRIA SUSPensa POR DOIS PONTOS NO CONTO “BABÁ”: MÃE QUIRINA	295
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	305
	REFERÊNCIAS	311

1 INTRODUÇÃO

A ideia de escrever esta tese surgiu durante o curso “Sobre o conceito de história em Walter Benjamin” (PGL 3132), dentro do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), numa fase em que já havíamos completado boa parte das pesquisas sobre a obra de Lima Barreto, publicada em 1956, em dezessete volumes. Percebemos, então, inúmeros pontos de convergência entre os textos de ambos os autores, reforçando nossa ideia de ampliação da pesquisa.

Em nossas leituras constatamos as afinidades entre inúmeras passagens dos textos do escritor Lima Barreto e de Walter Benjamin. Uma das possibilidades de leitura da história, com base em Walter Benjamin, é que este conceito não seja mais abordado no sentido convencional, linear, positivista, evolucionista, dentre outros.

Lima Barreto afasta seus textos ficcionais da linearidade, da história do ponto de vista positivista¹ ou do evolucionismo. O escritor construiu textos em que fica patente sua compreensão “do ponto de vista dos vencidos”, abrindo caminho para estudar de forma mais abrangente o que Walter Benjamin denomina de *história aberta* que é, nesta tese, também aplicada à crítica literária.

O escritor Lima Barreto, aproximadamente duas décadas antes de Walter Benjamin, pretendia escrever acerca da *História da escravidão negra no Brasil*, no que ele denominou de *negrismo*² e, para nosso entendimento, ele não fracassou no seu intento, mas adotou outra estratégia: a de distribuir essa “história do negrismo” em sua obra ficcional. Dentro dessa abordagem, que ele chamou de *negrismo*, existem contos inacabados, em que o sofrimento da escravidão vem claramente analisado. A discriminação racial também é fortemente marcada nos contos, como em “Dentes negros e cabelos azuis”, ou nos romances, como em *Recordações do escrivo Isaías Caminha*. Tais aspectos nos servirão de base para olharmos com mais proximidade a relação entre as Teses de Walter Benjamin e os textos do romancista.

¹Lima Barreto não vai criticar em seus textos, permanentemente, o positivismo: “Não se pode dizer muito mal do positivismo. Ele trouxe vantagens à nossa cultura e às nossas instituições políticas.” In: BARRETO, Lima. *Feiras e Mafuás*: artigos e crônicas. São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 22. No entanto, veremos que o romancista apresentará forte ironia em relação ao positivismo republicano, especialmente nos romances.

²O vocábulo “negrismo” não está dicionarizado. Trata-se de neologismo de Lima Barreto. Procedimento este que será recorrente na linguagem utilizada pelo escritor.

Ainda que parte desta tese se apresente com certas dicotomias como opressores/oprimidos, exploradores/explorados, discurso/política, dentre outras, tanto a narrativa ficcional de Lima Barreto quanto as teses de Walter Benjamin as transcendem, a partir da tempestade que se aproxima nos períodos históricos da Primeira Grande Guerra (1914-1918) e da Segunda Grande Guerra (1939-1945). Ambos dedicaram-se a analisar o presente que iluminava o passado ou vice-versa. A própria junção entre o “materialismo histórico” e a “teologia” é, em Walter Benjamin, algo mais dialético, quebrando os paradigmas e os sólidos conceitos estabelecidos até então nas mais diversas áreas de estudos do conhecimento, principalmente em relação à *hermenêutica do passado*.

Lima Barreto também não fica nas dicotomias mencionadas, ele as transcende em obras que analisam a passagem do Império para os novos padrões republicanos, no limiar do século XX, no Brasil, forjando nossa memória e nos forçando a olhar o presente e o passado, se bem que a ênfase esteja no presente. Com exceção do romance *Numa e a Ninfa*, em que os personagens arrivistas pensam mais no tempo futuro, todos os outros textos do escritor procuram suspender e analisar fatos do passado em relação ao presente ou vice-versa. Como autor, ele criou uma galeria de personagens negros, mulatos e brancos em suas reais condições de existência, ou seja, vivendo numa infra-humanidade impingida pelo novo regime: o republicano. Além disso, é possível afirmar que ele, corajosamente, apresentou a primeira protagonista negra da prosa ficcional brasileira: Clara dos Anjos. Tais leituras acabaram por reforçar nossa intenção de pesquisar, à luz da teoria desenvolvida por Walter Benjamin nas teses de “Sobre o conceito de história”, o que se define como sendo a “história aberta”, em que uma das possibilidades é a de que nada deve ser desconsiderado para os estudos do conhecimento histórico.

Do ponto de vista metodológico, a maior dificuldade foi a junção teórica das teses em relação à obra narrativa de Lima Barreto, sempre preocupados de que cada Tese de Walter Benjamin pudesse ampliar nossa compreensão analítica. Com relação ao recorte da obra do romancista, optamos por alguns dos seus textos inacabados, dentre outros, como forma de entendermos algumas alterações na maneira de sua construção ficcional. Podemos citar como exemplo boa parte dos contos do capítulo dois e a análise da obra *Clara dos Anjos*, principalmente as diferenças da primeira para a segunda versão, procedimento este que explica boa parte de nossa metodologia e forma de crítica literária, quando existe mais de uma versão. Procuramos, ainda, não alterar as citações relativas à narrativa do romancista. Quanto

à acentuação gráfica, seguimos as orientações sobre a nova ortografia da língua portuguesa, mantendo, no entanto, a citação sempre na forma apresentada.

Sobre as teses de Walter Benjamin, alteramos parcialmente sua ordem, como por exemplo, quando antecipamos a Tese II em relação à Tese I e, ainda, a antecipação da Tese IX, para nós uma das mais importantes e que nos permitiu fazer uma conexão com as chamadas *imagens dialéticas*: “O jogador de xadrez de Maelzel”, com base no conto de Edgar Allan Poe, e o “Angelus Novus” (1920), de Paul Klee.

Dentre as possíveis traduções das Teses de Walter Benjamin, optamos pela tradução apresentada por Michael Löwy, que explica:

Na edição brasileira, optei pela tradução das teses feita por Jeanne Marie Gagnebin e Marcos Lutz Müller, que considero a melhor e mais apurada. Seguindo o exemplo dos pesquisadores italianos, acrescentei à lista conhecida das teses uma nova, que figura com o número XVIII no exemplar descoberto há alguns anos por Giorgio Agamben.³

Seguindo o sumário e para facilitar a análise do ponto de vista metodológico, as Teses de Walter Benjamin ficaram assim distribuídas no recorte que fizemos da obra narrativa de Lima Barreto. Lembramos que as Teses não são exclusivas dos textos indicados, podendo ser utilizadas, quando aplicáveis, a qualquer dos textos:

Capítulo 2:

A HISTÓRIA ABERTA DO NEGRISMO – Teses I e II

Angelus Novus: “Os negros (esboço de uma peça?)” – **Tese IX**

“No tronco”: cronista do horror e das atrocidades – **Tese III**

Mágoa eterna: “Dentes negros e cabelos azuis” – **Tese IV**

Capítulo 3

Do discurso à prática: *Recordações do escrivão Isaías Caminha* – **Tese V**

A primeira negra protagonista da prosa ficcional brasileira - **Tese VI**

³LÖWY, Michael. *Walter Benjamin*: aviso de incêndio: uma leitura das teses “Sobre o conceito de história”. São Paulo: Boitempo, 2005, p. 38. Sobre Edgar Allan Poe, Lima Barreto na crônica “Com o ‘Binóculo’”, *Correio da Noite*, Rio, 11-1-1915, afirma: “Ontem, domingo, o calor e a mania ambulatória não me permitiram ficar em casa. Saí e vim aos lugares em que um ‘homem das multidões’ pode andar aos domingos.” In: *Vida Urbana*. São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 71. Grifos do autor.

A cidade biografada: *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá* – **Tese VII**

Capítulo 4

Ordem e progresso: *Triste fim de Policarpo Quaresma* – **Teses VIII, X, XI e XII**

A escritura dos vencedores e o ócio matrimonial: *Numa e a Ninfa* – **Tese XIII**

Capítulo 5

A loucura e a lucidez no *Diário do hospício* – **Tese XIV**

O agora enquanto hermeneuta do passado: *Diário Íntimo* – **Tese XV**

Alegoria benjaminiana: *Os Bruzundangas* – **Teses XVI e XVII**

A revolução pela ação política: o maximalismo e o anarquismo – **Tese XVIIa**

A memória suspensa por dois pontos no conto “Babá”: Mãe Quirina – **Teses XVIII, APÊNDICE A e APÊNDICE B**

No segundo capítulo, ganha relevo a necessidade de explicar determinados conceitos importantes de Walter Benjamin para, a seguir, proceder à análise de alguns contos inacabados de Lima Barreto. Quanto ao *corpus*, optamos por apresentar primeiro a análise dos contos, em que a questão do escravo ganha dimensão importante, considerando a teoria de Walter Benjamin, particularmente nos conceitos como memória e recordação.

No terceiro capítulo, passamos à análise dos romances, iniciando com *Recordações do escrívão Isaías Caminha*, em que abordamos o preconceito racial e o jornalismo. O ponto culminante na análise da discriminação racial e da questão de gênero é o romance *Clara dos Anjos* e, por este motivo, ele apresenta uma gama de conceitos que podem ser retirados do texto “Sobre o conceito de história”, de Walter Benjamin, sintetizando, por assim dizer, uma parte das ideias de Lima Barreto sobre a pretendida escrita da história da escravidão negra no Brasil. Ainda neste capítulo, a cidade passa a ter importância fundamental na análise do romance *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá* e é nele que inserimos a Tese VII, por entendermos que há aí uma leitura a contrapelo do narrador de Lima Barreto quanto ao momento histórico brasileiro: a passagem da Monarquia para o regime republicano.

No quarto capítulo, passamos à avaliação do que denominamos a “tempestade do progresso”, sobretudo no lema positivista *Ordem e Progresso* que ostenta a bandeira nacional, analisando, nos romances *Triste fim de Policarpo Quaresma* e *Numa e a Ninfa*, a ditadura

republicana, a plutocracia, o arrivismo e os currais políticos que são, dentre outros, “personagens” importantes.

No quinto e último capítulo, a memória e a recordação do próprio romancista estão a serviço da interrupção da lógica dominante, fornecendo rico material para análise, sendo dos mais difíceis do ponto de vista metodológico no que se refere às teses de Walter Benjamin, pois as informações se apresentam de forma inacabada e/ou fragmentadas, como, por exemplo, as que encontramos nas obras *Diário do hospício* e *O cemitério dos vivos* ou os inúmeros depoimentos/confissões e projetos de ficção no *Diário íntimo*. No tópico seguinte, passamos a analisar a possibilidade de Lima Barreto ter sofrido perseguição política por sua adesão ao anarquismo e ao maximalismo e, finalmente, fechamos o capítulo com outro conto inacabado: “Babá”.

Seguindo o estudioso Reyes Mate, é possível afirmar que as teses “Sobre o conceito de história” são a resposta política no momento em que na Europa não havia esperança, sendo quase um prenúncio da Segunda Grande Guerra. Se os textos de Lima Barreto se estendem até sua morte, em 1922, as teses de Walter Benjamin foram redigidas em 1940, e por meio delas ele toca o alarme de incêndio (*Feuermelder*), tentando desesperadamente puxar o freio da emergência para uma situação em que o estado de exceção, para os oprimidos, é permanente, cercados pelo nazismo de um lado e pelo fascismo do outro. Leitor da Biblioteca Nacional, renovando sua ficha em 11 de janeiro de 1940, vendo-se diante do cerco nazista, em Paris, foge com a perspectiva de chegar a Portugal, passando pela Espanha. No entanto, não havendo possibilidade de passagem na fronteira entre a França e a Espanha, considerando que ele não tinha visto de saída e poderia ser preso pela Gestapo, suicida-se “com tabletes de morfina” em 26 de setembro de 1940 e seus restos mortais são depositados em Port-Bou, no dia 28 de setembro do mesmo ano.⁴

Löwy apresenta três vertentes de análise da obra de Walter Benjamin:

Nos debates que sucederam a publicação, a partir dos anos de 1950, podemos distinguir três grandes escolas de interpretação das teses:

1. *A escola materialista*: Walter Benjamin é marxista, um materialista consequente. Suas formulações teológicas devem ser consideradas

⁴MATE, Reyes. *Meia-noite na história*: comentários às teses de Walter Benjamin “Sobre o conceito de história”. São Leopoldo, RS: UNISINOS, 2011, p. 9-17.

como metáforas, como uma forma exótica que acoberta verdades materialistas. É a posição que Brecht já enunciara em seu “Diário”;

2. *A escola teológica*: Walter Benjamin é antes de tudo um teólogo judeu, um pensador messiânico. Para ele, o marxismo é apenas uma terminologia, uma utilização abusiva de conceitos como o de “materialismo histórico”. É o ponto de vista de seu amigo Gershom Scholem;
3. *A escola da contradição*: Walter Benjamin tenta conciliar marxismo e teologia judaica, materialismo e messianismo. Mas como todos sabem, os dois são incompatíveis. Daí o fracasso de sua tentativa. É a leitura que fazem tanto Habermas quanto R. Tiedemann.
Na minha opinião, essas três escolas têm razão e se equivocam ao mesmo tempo. Gostaria de propor, modestamente, uma quarta abordagem: W. Benjamin é marxista e teólogo.⁵

Ao situar Walter Benjamin como marxista e teólogo, Löwy escapa às classificações apresentadas anteriormente, reconhecendo que elas “têm razão” e “se equivocam ao mesmo tempo”, formando uma teoria “supostamente” paradoxal na solução encontrada para definir Benjamin como “marxista e teólogo”. A solução, embora não atenda a gregos e nem a troianos, oferece uma possibilidade factível, pois não há nada que impeça um estudioso de ser marxista e teólogo, a não ser que se considerem os padrões estritamente convencionais que separam as disciplinas, impedindo o entrecruzamento e a interdisciplinaridade de ideias, fundamentais para o conhecimento.

Vale ressaltar que iniciamos nosso trabalho, no capítulo dois, articulando o conceito de história aberta com o do chamado “negrismo”, procurando demonstrar que o escritor carioca analisa com propriedade inúmeros aspectos ligados ao pós-escravidão, sendo constante sua necessidade de rememorar e recordar, inclusive com testemunhos, a história dos negros após a proclamação da República.

Finalmente, julgamos conveniente lembrar que a presente análise não se esgota nesta tese, mas esperamos que abra caminho para estudiosos que se interessem pelo escritor Lima Barreto e por Walter Benjamin, não apenas no que diz respeito às possíveis inter-relações entre a obra do escritor e as teses de “Sobre o conceito de história”, mas

⁵LÖWY, op. cit., p. 36. Grifos do autor.

também à ampla possibilidade de novos estudos, considerando outros textos do romancista, a exemplo das crônicas, assim como outros textos de Benjamin ainda não relacionados ao autor de *Recordações do escrivo Isaías Caminha*.

2 A HISTÓRIA ABERTA DO NEGRISMO

Nas obras de Lima Barreto é flagrante a denúncia sobre a questão da discriminação racial. O romancista, porém, não fica na mera denúncia: ele mesmo é a voz do discriminado, espécie de escritor rejeitado e esquecido pela crítica em sua época, vítima dos preconceitos mais sutis da cultura brasileira, tendo em vista não só a cor da pele, mas a ditadura dos gramáticos normativos, caçando erros na escrita, a fim de desvalorizá-lo perante a sociedade. Além disso, o primeiro romance, *Recordações do escrivão Isaías Caminha*, publicado em 1909, simplesmente fora ignorado pela crítica, com raríssimas exceções. Silêncio este que o deixou extremamente triste e abatido.

Tem sido assim na cultura brasileira: quando escritores de classes menos favorecidas, da margem do sistema, tentam escrever e falar, são barrados por preconceitos linguísticos. Na época de Lima Barreto esta regra era mais forte. Uma maneira de distinção social: escrever de acordo e rigorosamente com a gramática normativa. Com isto, visualizamos ao menos dois planos de leitura da obra narrativa de Lima Barreto: a questão racial, que nos salta aos olhos, e a questão da linguagem, que engloba leitura e escrita, emergindo como algo autêntico do escritor. Aquilo que, para alguns críticos da época era defeito, transforma-se, na leitura aqui proposta, em qualidade e verossimilhança.

Ao ler *Diário íntimo*, livro publicado somente em 1953 e republicado em 1956, nas obras de Lima Barreto, deparamo-nos com o seguinte trecho: “Bem-aventurados os que têm fome de justiça e sede; porque serão satisfeitos. Evangelho de São Mateus. Cap. 5, v.6.”⁶ Esta epígrafe comprova que Lima Barreto tinha sede de justiça e se utilizava do discurso bíblico para fazer valer sua esperança de que fosse reconhecido como escritor. Nesse mesmo *Diário*, em 1903, escreve em *Um diário extravagante*: “Eu sou Afonso Henriques de Lima Barreto. Tenho vinte e dois anos. (...). Fui aluno da Escola Politécnica. No futuro escreverei a *História da Escravidão Negra no Brasil* e sua influência na nossa nacionalidade.” Outra citação a que recorremos está também presente no *Diário íntimo*, de 12 de janeiro de 1905. É longa, mas importante:

⁶BARRETO, Lima. *Diário íntimo*: memórias. Epígrafe. São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 25. O cronista Lima Barreto, na crônica “Padres e Frades”, afirma: “Eu não me canso nunca de protestar. Minha vida há de ser um protesto contra todas as injustiças.” *Lanterna*, 23-3-1918. In: BARRETO, op. cit., nota 3, p. 140.

Veio-me à ideia, ou antes, registro aqui uma ideia que me está perseguindo. Pretendo fazer um romance em que se descrevam a vida e o trabalho dos negros numa fazenda. Será uma espécie de *Germinal* negro, com mais psicologia especial e maior sopro de epopeia. Animará um drama sombrio, trágico e misterioso, como os do tempo da escravidão.

Como exija pesquisa variada e impressões e eu queira que esse livro seja, se eu puder ter uma, a minha obra-prima, adia-lo-ei para mais tarde.

Temo muito pôr em papel impresso a minha literatura. Essas ideias que me perseguem de pintar e fazer a vida escrava com os processos modernos do romance, e o grande amor que inspira – pudera! – a gente negra, virá, eu prevejo, trazer-me amargos dissabores, descomposturas, que não sei se poderei me pôr acima delas. Enfim – “une grande vie est une pensée de la jeunesse réalisée (*sic*) par l’âge mûr”⁷, mas até lá, meu Deus!, que de amarguras!, que de decepções!

Ah! Se eu alcanço realizar essa ideia, que gloria também! Enorme, extraordinária e – quem sabe? – uma fama europeia.

Dirão que é negrismo, que é um novo indianismo, e a proximidade simplesmente aparente das coisas turbará todos os espíritos em meu desfavor; e eu, pobre, sem fortes auxílios, com fracas amizades, como poderei viver perseguido, amargurado, debicado?

Mas... e a glória e o imenso serviço que prestarei a minha gente e a parte da raça a que pertenco. Tentarei seguir adiante. “Alea jacta est”.

Se eu conseguir ler esta nota, daqui a vinte anos, satisfeito, terei orgulho de viver!

Deus me ajude!⁸

Verificamos a declaração do “grande amor que inspira” Lima Barreto a escrever o que seria o *Germinal* negro, além da sua pretendida representação literária da época da escravidão e compreendemos, hoje, que o projeto não fora frustrado, mas plenamente realizado, ainda que

⁷“Uma grande vida é um pensamento da juventude realizado pela idade madura”. Tradução livre.

⁸BARRETO, op. cit., nota 6, p. 84. Grifos nossos.

não nos termos que ele gostaria, exatamente pelas dificuldades por que passou: falta constante de dinheiro; a loucura do pai; o fato de ter que pagar pela publicação de suas obras; o silêncio da crítica, com raríssimas exceções; as intenações; os “medos” constantes; as severas críticas que sofreu; a discriminação racial e muitos outros aspectos que certamente o deixaram em completo estado de abatimento. Lima sabia do enfrentamento sério com a classe dominante e também que sofreria ainda mais, pois afinal, a escravidão era área pantanosa e pouco percorrida pelos estudiosos e escritores, aqui também com raríssimas exceções.⁹

Outro aspecto fundamental é o sentimento de pertencimento a uma raça: a negra. Lima faz questão de se dedicar a essa questão. Sabemos que parte desse projeto aparecerá em obras como *Recordações do escrivão Isaías Caminha* e *Clara dos Anjos*, este último, romance publicado postumamente. Lima Barreto pretendia escrever o *Germinal* negro tropical com “fama europeia” e com “sopro de epopeia”. Sobre esta questão, afirma o estudioso Luiz Silva (Cuti):

Um “maior sopro de epopeia”, como cita o texto de Lima Barreto, realizaria na mentalidade brasileira singular ruptura com certo classicismo ainda incrustado na produção cultural, que nega o épico aos negros e aos demais pobres, a menos que estes enriqueçam no final da história ou os primeiros morram.¹⁰

O crítico aborda o conceito de *ruptura*, na literatura, com as ideias dominantes, mais especificamente, com “certo classicismo” na sociedade brasileira. Havia o desejo de eugenistas por um Brasil branco, ou seja, um querer elidir de vez a raça negra. A ruptura a que Luiz Silva faz alusão é o tratamento dado aos negros na literatura, pois Lima Barreto denuncia a discriminação racial em muitos romances e textos, portanto, a literatura do escritor já pressupõe luta constante contra os

⁹Devemos notar a inserção do negro no gênero poético, especialmente com Castro Alves, sempre citado por Lima Barreto em relação ao tema e, também, no drama. Gêneros que problematizaram o preconceito racial. Ver: EIRÓ, Paulo. *Sangue limpo*: drama original em três atos e prólogo. 2. ed. São Paulo: Divisão do Arquivo Histórico, 1949. Ver ainda: CASTRO ALVES, Antonio de. *Gonzaga ou a Revolução de Minas*. Drama em 4 atos. Rio de Janeiro: Serviço Nacional de Teatro, 1972.

¹⁰SILVA, Luiz (Cuti). *Lima Barreto*. São Paulo: Selo Negro, 2011. (Coleção Retratos do Brasil Negro – Coordenada por Vera Lúcio Benedito), p. 37.

*donos do poder*¹¹ e estes, sem generalizar, querem apagar, como um *mata-borrão*, o que foi escrito sobre a história do escravo negro no Brasil. Mas sabemos que o *mata-borrão*, como um palimpsesto, deixa marcas visíveis. Neste aspecto, afirma Michael Löwy: “Aliás, a imagem é muito curiosa: de fato, como sabem os que utilizaram esse instrumento que agora caiu em desuso, vestígios dos escritos à tinta permanecem sempre na superfície do *mata-borrão*.”¹² Além disso, seguindo a linha de raciocínio do crítico Luiz Silva, haveria também dificuldade em conciliar o trabalho escravo no Brasil com o trabalho livre, conforme o *Germinal* de Émile Zola, sem espaços de mediação.

Lima Barreto consegue a ruptura quando denuncia a discriminação racial e a desigualdade social, pagando preço altíssimo por conta destas ideias. As intonações e a forma como aconteceram, transportado em “camburão” da época, ou seja, pela polícia, devem sempre nos colocar em alerta, pois a lucidez do escritor em momentos críticos é impressionante.¹³ Não precisamos de muito para comprovar esta tese, haja vista o *Diário do hospício* e o *Cemitério dos vivos*. Nestes dois textos, o primeiro em forma de diário e o segundo em forma mais ficcionalizada, a loucura e as alucinações do escritor não aparecem em nenhum momento, mas o que salta aos olhos é a lucidez. Podemos, então, admitir que o projeto-sonho de Lima Barreto, em sua grandiosidade, fora dissolvido em outros textos, sobretudo em *Clara dos Anjos*, a primeira negra protagonista da prosa ficcional brasileira. Se Lima Barreto pensou não ter realizado seu projeto-sonho, levantamos outras possíveis hipóteses para seu “suposto” insucesso quanto à pretendida escrita sobre a história da escravidão negra no Brasil:

- por ter sido de fato permanentemente desconsiderado pela crítica;
- por ter sido perseguido pelos gramáticos de plantão;
- por não conseguir inserção social (inserção e não ascensão);
- por não ter dinheiro para custear, minimamente, os gastos elementares da família;
- pela loucura do pai, cujas alucinações devem ter influído de maneira decisiva em suas intonações;

¹¹“A República já não era só dos republicanos; mesmo no campo deles era mister uma seleção; a República era dos florianistas.” In: FAORO, Raymundo. *Os donos do poder: formação do patronato*. São Paulo: Globo, 2001, p.621.

¹²LÖWY, op. cit., p. 44.

¹³Pior ainda: ter sido transportado em camburão pelo próprio irmão, Carlindo, que era guarda-civil. O outro irmão, Eliézer, era condutor de trem: “É bem de ver, neste ponto, a disparidade de educação e cultura entre Lima Barreto e seus irmãos, um dos quais guarda-civil e outro, condutor de trem.” In: BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto (1881-1922)*. 8. Ed. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 2002, p. 322.

- pela constante discriminação racial, algo que o incomodava por demais;
- por não conseguir publicar ou ter de pagar a publicação de seus textos, com exceção da obra *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*, editada pela *Revista do Brasil*, de Monteiro Lobato¹⁴;
- por instaurar, conforme afirma Luiz Silva, uma ruptura no conceito do fazer literário no Brasil, valorizando os negros, além de trabalhar permanentemente pela memória e recordação do coletivo.

Tais aspectos, dentre tantos que poderiam ser citados, fazem de Lima Barreto, possivelmente, um dos escritores mais preocupados com a coletividade e com a raça negra. Muitos podem alegar: por que Lima Barreto não se aproveitou das brechas do sistema? Que brechas? Que possibilidades haveria, para um escritor negro, no final do século XIX e início do século XX, em plena vigência do discurso eugenista?

A inserção do trabalho livre para o período pós-escravidão será tema constante em Lima Barreto e, assim, não se deve ignorar a importância de 1888 e de 1889. Tais datas engendraram novos problemas a serem enfrentados pela classe trabalhadora que queria inserção social no mercado. Devemos considerar ainda a leva de imigrantes vindos para o Brasil, fugindo dos problemas da Europa, entre final do século XIX e início do século XX.

Luiz Silva analisa a dificuldade dos negros, no pós-escravidão, para venderem sua força de trabalho:

Basta pensarmos no que foi o romance *Germinal*, de Émile Zola. Certamente, com essa inspiração, Lima Barreto teria de resolver problemas sérios relativos à diferença entre o trabalho livre (no caso do romance do escritor francês, os trabalhadores das minas de carvão) e o trabalho escravizado (*sic*), cuja organização alternativa

¹⁴Lima Barreto ainda fora obrigado a aceitar valor irrisório para abrir mão dos direitos autorais: “Apesar desse entrechoque de ideias e do hábito de beber, que não o abandonava, edita Lima Barreto, por conta própria, a segunda edição do seu *Isaías Caminha*. Teve de recorrer a novos empréstimos. Vem igualmente à luz (1917) *Numa e a Ninfa*, ‘uma brochurazinha feia e mal impressa’. Dele escreveu Lima Barreto: ‘o livro está, como o autor – pouco apresentável’”. Ainda nesse mesmo ano entrega os originais das *Notas sobre a República dos Bruzundangas*, crônicas satíricas publicadas no *ABC*. Recebe do editor Jacinto Ribeiro dos Santos a pequena importância de setenta mil réis (Cr\$ 70,00) pelos direitos autorais. Doente e endividado, ainda assim não transigiria com os princípios que assentara para a sua alma literária. Recusou, por esta razão, ao diretor de *O País* revelar o nome das verdadeiras personagens de seu romance *Isaías Caminha*.” In: GICOVATE, Moisés. *Lima Barreto: uma vida atormentada*. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1952, p. 36.

levaria não à greve, mas à revolta – e desta para a fuga em direção aos quilombos, como muitas vezes aconteceu na história do Brasil. Entre um quilombo e um sindicato, o sentido de mediação com o poder é muito dispar, a começar pela impossibilidade de os quilombolas da época venderem sua força de trabalho. Daí o autor referir-se ao “sopro de epopeia”.¹⁵

A classe dominante brasileira age para apagar totalmente as diferenças e, com tais técnicas de poder e manutenção do *status quo*, coloca sempre os menos favorecidos economicamente como “raspas e restos”¹⁶. Ao pensarmos na dificuldade permanente de inserção social dos negros não apenas no Brasil, mas também em várias partes do mundo, poderíamos citar Reyes Mate: “Os pobres estão sobrando, não são necessários para o progresso.”¹⁷ Segundo o crítico, se o historicismo se dedica a olhar o passado e contar fatos, que conte tudo. Se ao estudarmos os projetos supostamente “fracassados” passamos por eles como se passa um mata-borrão, a um estudioso benjaminiano há que se ver o que ficou para os que foram oprimidos pelo peso da história. Lima enfrentou problemas de produção, de imposições do editor, de revisão de seus textos, da empáfia e do silêncio da crítica literária, da indiferença e muitas outras dificuldades que poderiam ser aqui elencadas. É por isso que o escritor procura representar, em muitos casos, as dificuldades de homens sem trabalho. Porém, ainda que fossem empregados, o salário era de fome. Mas se olharmos mais de perto a descrição que o escritor faz das inúmeras camadas da população que viviam à margem do sistema, seu projeto foi, com todas as adversidades, vingado, numa espécie de redenção a muitos negros que sofreram forte discriminação racial.

O escritor Lima Barreto tem a preocupação com os que “os precederam”, num encontro com as gerações passadas, antecipando-se ao que Walter Benjamin desenvolverá nas teses “Sobre o conceito de história”, duas décadas depois, em 1940. O romancista retoma o passado como uma demanda do presente, como uma possibilidade de restituição de justiça e de “redenção” para os oprimidos, para aqueles que têm “fraca força messiânica”, conforme a Tese II, de Walter Benjamin:

¹⁵SILVA, op. cit., p. 109.

¹⁶Referimo-nos à música de Cazuza e Frejat: “Migalhas dormidas do teu pão, raspas e restos me interessam. Pequenas porções de ilusão, mentiras sinceras me interessam”.

¹⁷MATE, op. cit., p. 53.

Tese II

“Pertence às mais notáveis particularidades do espírito humano, [...] ao lado de tanto egoísmo do indivíduo, a ausência geral de inveja de cada presente em face de seu futuro”, diz Lotze. Essa reflexão leva a reconhecer que a imagem da felicidade que cultivamos está inteiramente tingida pelo tempo que, uma vez por todas, nos remeteu no decurso de nossa existência. Felicidade que poderia despertar inveja em nós existe tão somente no ar que respiramos, com os homens com quem teríamos podido conversar, com as mulheres que poderiam ter-se dado a nós. Em outras palavras, na representação da felicidade vibra conjuntamente, inalienável, a [representação] da redenção. Com a representação do passado, que a História toma por sua causa, passa-se o mesmo. O passado leva consigo um índice secreto pelo qual ele é remetido à redenção. Não nos afaga, pois, levemente um sopro de ar que envolveu os que nos precederam? Não ressoa nas vozes a que damos ouvido um eco das que estão, agora, caladas? E as mulheres que cortejamos não têm irmãs que jamais conheceram? Se assim é, um encontro secreto está então marcado entre as gerações passadas e a nossa. Então fomos esperados sobre a terra. Então nos foi dada, assim como a cada geração que nos precedeu, uma *fraca* força messiânica, à qual o passado tem pretensão. Essa pretensão não pode ser descartada sem custo. O materialista histórico sabe disso.¹⁸

Redenção funciona, em nossa leitura sobre Lima Barreto, muito mais nos termos de Walter Benjamin: “[...] que concebe redenção sobretudo como rememoração histórica das vítimas do passado.”¹⁹ Para a história aberta proposta por Walter Benjamin, faz-se necessário estender os conceitos próprios da teologia para o campo do materialismo histórico. Não o materialismo histórico vulgar e, por isso, autômato: aquele pressuposto de que a crise do sistema capitalista poderia levar,

¹⁸LÖWY, op. cit., p. 48. Grifo do autor.

¹⁹Idem, ibidem, p. 49.

automaticamente, à ditadura do proletariado. O materialismo histórico proposto por Walter Benjamin pode ser entendido como processo, ou seja, aquele que pratica aliança com a teologia para resgatar direitos humanos dos mortos ou dos que vivem o “tempo-de-agora” (*Jetztzeit*), como define Michael Löwy: “[...] esse autêntico instante que interrompe o contínuo da história [...]”²⁰ Ainda conforme Michael Löwy, Walter Benjamin opera desvios, atalhos em relação às grandes autoestradas do pensamento.

Em Lima Barreto esses atalhos e esses desvios se fazem necessários, visto que textos inéditos têm surgido, ainda que em forma de fragmentos. Não devemos considerar a intenção do escritor em querer escrever a história do negro como um texto malogrado, pois Lima procurou, a todo instante, transformar em ação literária este projeto: os entretchos do escritor abordam, sem dúvida, diversas facetas do que poderíamos chamar de “parte da história do negro”, que nos remete justamente à história aberta ou à reabertura da história, não mais no sentido linear, positivista, do ponto de vista dos opressores, mas advinda de personagens negros que povoam a narrativa do escritor. Isto também significa considerar os movimentos emancipadores, pois segundo Löwy: “A história aberta quer dizer, então, do ponto de vista político, considerar a possibilidade – não a inevitabilidade – das *catástrofes* por um lado, e de grandes movimentos *emancipadores* do outro.”²¹

À medida que nossas leituras avançavam, percebíamos que Lima Barreto adotara outra estratégia: a de inserir, no plano ficcional e em outros gêneros literários, a história de *protagonistas negros*²², permitindo, com este procedimento, não apenas refletir sobre o aspecto relacional entre brancos e negros, mas também analisar enfaticamente a reiterada discriminação racial como elemento formador do “*ethos* brasileiro”, algo que não se perdeu com o fim do regime escravagista, em 1888, mas se prolongou e se prolonga até nossos dias. Lima refletiu, e nos faz refletir sobre a barbárie da escravidão, por meio da memória, da recordação, num passado que continua transformando o presente,

²⁰LÖWY, op. cit., p. 15.

²¹LÖWY, op. cit., p. 151-152.

²²Importante lembrar que outros escritores já tinham se dedicado a representar os negros ou mulatos como protagonistas em seus textos. Ver CAMINHA, Adolfo Ferreira. *Bom-Crioulo*. São Paulo: Ática, 1997. Ver, ainda, AZEVEDO, Aluísio. *O mulato*. São Paulo: Ática, 2000. São importantes, também, os contos “Pai contra mãe” e “O caso da vara”, de Machado de Assis, dentre outros. Ver: ASSIS, Machado de. *50 contos/Machado de Assis*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

pois a discriminação racial e a violência, real ou simbólica, continuam a fazer vítimas de forma coletiva. Já não se trata mais apenas de denúncias em relação à discriminação racial, mas da segregação de outros segmentos do proletariado moderno, após a proclamação da República, em 1889.

Lima Barreto tinha sede de justiça e sofreu agudamente por ser negro e escritor. Assume sua condição de negro e tem orgulho, apesar dos discursos contrários, do que ele mesmo chama de “martirológico”: a lista das vítimas que morreram por uma causa. Qual seria a causa de Lima Barreto? Havia muitas e, dentre essas, podemos citar a questão racial e a constante denúncia da opressão contra os negros: “A escravatura. Leis relativas. Aumento progressivo. Relações entre senhores e escravos. Tronco. Bacalhau. Cantos de senzala. Mulatos. O banzo. Viajantes estrangeiros. Capacidade dessa gente pra civilizar-se.”

²³ Nestas frases sintéticas resumem-se as ideias a serem desenvolvidas pelo escritor. Veremos, a partir de um *corpus* de textos, como o projeto-sonho de Lima Barreto se realizou.

Entretanto, faz-se importante, antes, examinar o conceito de história aberta nos termos propostos por Walter Benjamin. Grosso modo e muito sucintamente, dentre outras características, afirmamos que, numa leitura benjaminiana, nada do que aconteceu pode ser desconsiderado: dos grandes aos pequenos acontecimentos; das grandes datas àquelas não lembradas; das grandes personalidades às figuras do cotidiano; dos grandes aos pequenos fatos históricos e assim por diante. Portanto, a história aberta não desconsidera nenhum fato ou objeto que possa contribuir para a hermenêutica do passado. Este, por sua vez, só pode ser compreendido por meio do presente. Exemplo muito claro deste procedimento é encarar a história aberta não mais fundamentada no discurso dos vencedores, mas na dos vencidos. A atividade presente se faz considerando tudo que a classe dominante esqueceu, não quer lembrar ou camufla propositadamente.

Na Tese I, da obra “Sobre o conceito de história”, Walter Benjamin propõe a aproximação do marxismo com a teologia. Inaugura também outro olhar sobre a própria história. Então, fazemos a seguinte pergunta ao ler esta Tese: é possível estudar a história sem considerar a teologia? Seria possível observarmos os fatos históricos da sociedade contemporânea sem considerar o estudo teológico? Possível é, mas estaríamos ignorando boa parte da própria história. Se pensarmos no Brasil, a título de exemplificação, deixaríamos de considerar as relações

²³BARRETO, op. cit., nota 6, p. 42.

entre a Igreja Católica e os perseguidos pela ditadura militar. Sabemos que muitos conventos e mosteiros abrigaram revolucionários, tidos como guerrilheiros, em plena ditadura militar. Para o historiador benjaminiano este aspecto não pode e não deve ser desconsiderado. Mas outra pergunta persiste após a leitura Tese I: que possibilidades de interpretação a Tese I oferece para reinterpretar a narrativa de Lima Barreto? Vejamos:

Tese I

Como se sabe, deve ter havido um autômato, construído de tal maneira que, a cada jogada do enxadrista, ele respondia com uma contrajogada que lhe assegurava a vitória da partida. Diante do tabuleiro, que repousava sobre uma ampla mesa, sentava-se um boneco com trajes turcos, com um narguilé à boca. Um sistema de espelhos despertava a ilusão de que essa mesa de todos os lados era transparente. Na verdade, um anão corcunda, mestre do jogo de xadrez, estava sentado dentro dela e conduzia, por fios, a mão do boneco. Pode-se imaginar na filosofia uma contrapartida dessa aparelhagem. O boneco chamado “materialismo histórico” deve ganhar sempre. Ele pode medir-se, sem mais, com qualquer adversário, desde que tome a seu serviço a teologia que, hoje, sabidamente, é pequena e feia e que, de toda a maneira, não deve se deixar ver.²⁴

A expressão “materialismo histórico” aparece entre aspas para se diferenciar do materialismo histórico vulgar, ou seja, daquele que ignora a teologia. Nesta Tese I, a alegoria benjaminiana se refere à possibilidade de união entre o “materialismo histórico” e a teologia, a fim de enfrentar os opressores não apenas em tempos de guerra. A mesma alegoria pode, numa outra leitura, nos remeter à necessidade da utilização do discurso bíblico para reivindicar justiça e também para enfrentar opressores. Em Lima Barreto, não estaríamos em condições de unir o “materialismo histórico” à teologia, mas poderíamos utilizar o discurso bíblico como uma citação na ordem do dia. Não por acaso, como já citamos, o escritor utiliza a seguinte epígrafe no *Diário íntimo*:

²⁴LÖWY, op. cit., p. 44.

“Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça; porque serão satisfeitos. Evangelho de São Mateus. Cap.5, v. 6”.²⁵ O crítico Carlos Erivany Fantinati no seu trabalho sobre a obra *Recordações do escrívão Isaías Caminha*, aborda a questão revolucionária de Lima Barreto:

Situando-se, assim, numa perspectiva histórica, o artista concebe então três momentos: o primeiro, em que prepondera a ignorância e a ausência de consciência do ser humano, no tocante a sua inserção no mundo; o segundo, em que o artefato artístico promove a passagem daquele nível ao de consciência; e o terceiro, que resulta da atuação e engajamento, no plano da prática humana, de seres conscientes, visando à reformulação social.²⁶

O último momento é, para Fantinati, o de atuação e engajamento na busca de reformulação social. Lima tem fome e sede de justiça, e utiliza a autoridade do discurso bíblico para demonstrar sua indignação, possivelmente contra a discriminação racial e contra as condições de desigualdade social que despontavam no limiar da República Velha. Esta epígrafe, retirada da Bíblia, não deixa de ser teológica e possui dimensão política e revolucionária: o ato de escrever e de citar é ação política no sentido de protestar contra as condições de desigualdade social e de discriminação racial. Neste mesmo *Diário íntimo* em que aparece a citação bíblica, em seis de setembro de 1904, registra o escritor:

Na estação, passeava como que me desafiando o C. J. (puto, ladrão e burro) com a esposa do lado. O idiota tocou-me na tecla sensível, não há negá-lo. Ele dizia com certeza:
— Vê, “seu” negro, você me pode vencer nos concursos, mas nas mulheres, não. Poderás arranjar uma, mesmo branca como a minha, mas não deste talhe aristocrático.²⁷

²⁵BARRETO, op. cit., nota 6, p. 25.

²⁶FANTINATI, Carlos Erivany. *O profeta e o escrívão: estudo sobre Lima Barreto*. Assis, SP: ILHPA (Instituto de Letras, História e Psicologia de Assis)- Hucitec. 1978, p.5.

²⁷BARRETO, op. cit., nota 6, p. 46.

A epígrafe retirada da Bíblia, juntamente com as memórias do escritor, forma um quadro não apenas de denúncia, mas também de caráter literário altamente revolucionário, em especial no que diz respeito à discriminação racial. Vale ressaltar ainda que, se para Walter Benjamin a teologia, na época em que ele escreve as teses, é pequena, nanica e feia, em Lima Barreto a junção do discurso bíblico com as memórias do *Diário íntimo* ganham destaque. Se a teologia é de fundamental importância para o “materialismo histórico” em Walter Benjamin, o discurso bíblico também tem importância crucial na literatura de Lima Barreto.

A propósito da classe trabalhadora e sua relação com a classe dominante, Francisco de Assis Barbosa afirma:

Tudo significava, para ele [Lima Barreto], nada mais que o sintoma evidente de que a classe dominante se preparava para formar um centro de resistência contra as reivindicações da classe proletária, que começava a surgir, através das greves e dos comícios. Era, em suma, o germe do fascismo e do nazismo, que se desenvolveria com o tempo, adquirindo no Brasil a sua expressão política no integralismo. Integrado no povo, e com ele sofrendo, o romancista bem que teve a antevisão da avalanche que, alguns anos depois da paz de Versalhes, desencadearia ameaçadoramente sobre todo o mundo ocidental.
28

Lima atacou, principalmente por meio do jornalismo e da literatura, a sociedade burguesa e os regimes totalitários que surgiram no Brasil: “E, de fato, em que consiste o ideal revolucionário, que viria a pregar a dissolução da sociedade burguesa?”²⁹ O escritor se tornará um pregador maximalista, conquanto seja afilhado e devoto de Nossa Senhora da Glória. Se a Tese I de Walter Benjamin é uma proposta para vencer a classe dominante, Lima sabia que a exploração da classe proletária levaria o sistema a apostar no cientificismo mecânico. Vejamos as aspirações do escritor:

²⁸BARBOSA, op. cit., p. 329. Grifos nossos.

²⁹Idem, ibidem, p. 326.

A Revolução Russa está à vista. Os anarquistas tomam a frente da sua propaganda no Brasil, e ganham novos adeptos, com o chamado programa maximalista de Lênine. Citando Ingenieros, assim definiu Lima Barreto o maximalismo: ‘a aspiração de realizar o máximo de reformas possíveis dentro de cada sociedade, tendo em conta as suas condições particulares’.³⁰

O caráter revolucionário, portanto, embora ainda incipiente, vem exposto de forma clara nas teorias abordadas por Lima Barreto. A ideia do romancista para “rasgar a rede”, desafiando a República, ganha imagem altamente revolucionária:

A nossa República – continua, mais adiante –, com o exemplo de São Paulo, se transformou no domínio de um feroz sindicato de argentários cúpidos, com os quais só se pode lutar com armas na mão. Deles saem todas as autoridades; deles são os grandes jornais; deles saem as graças e os privilégios; e sobre a Nação *eles teceram uma rede de malhas estreitas*, por onde não passa senão aquilo que lhes convém. Só há um remédio: é rasgar a rede à faca, sem atender as considerações morais, religiosas, filosóficas, doutrinárias, de qualquer natureza que seja.³¹

Os anarquistas serão contra, ainda, ao que eles chamavam de “traficantes da guerra”, pois em 1917, segundo Francisco de Assis Barbosa, o Brasil se preparava para declarar guerra à Alemanha. Entre a barbárie e a civilização, Lima não admitia que “o fim da civilização fosse a guerra”.³²

Ainda que Lima esteja no início do processo de compreensão da necessidade de vencer os opressores, sem compreender, claro, a importância da teologia em termos benjaminianos, ele já desponta com visão sobre os malefícios da guerra, o chamado “tempo de aço”, algo que Walter Benjamin irá atacar em várias de suas teses desenvolvidas em “Sobre o conceito de história”. Acerca deste aspecto, o crítico Flávio Kothe declara:

³⁰ BARBOSA, op. cit., 275.

³¹ Idem, ibidem, p. 270. Grifos nossos.

³² Idem, ibidem, p. 269.

A valorização da teologia judaica nas “Teses sobre filosofia da história” é, neste *corpus*, um estratagema para romper com uma visão da história como um contínuo linear e homogêneo. Isto se voltava contra o historicismo (ver o adendo B às “Teses”). Mas especialmente ainda, voltava-se contra a crença de que, por ser a história um contínuo linear, haveria um progresso contínuo e que, portanto, de um jeito ou de outro, sem que nada se precisasse fazer, automaticamente se estaria navegando a favor da corrente da história: isso acabava não sendo mais do que um tipo de conformismo, de mancomunação com as piores barbaridades, um conservadorismo sob a aparência de espírito progressista, uma ideologia de classe dominante adotada pelo proletariado. Pode haver, subjacente a essa posição das “Teses”, um desejo subjetivo de que a história rompa “messianicamente” a sua linearidade mediante o salto dialético da revolução, mas pode haver também o reconhecimento objetivo de que, naquele momento (1939-40), ia se formando uma atmosfera política tão carregada que, inevitavelmente, desencadear-se-ia a tempestade da Guerra Mundial, destinada a reorganizar todo o mapa da Europa.³³

2.1 LER O QUE NUNCA FOI ESCRITO

Retomando a Tese I de Walter Benjamin, esta se inicia fazendo alusão ao já conhecido “Como se sabe”, possibilidade que se abre com a aliança entre o marxismo e a teologia: a existência de um autômato, um boneco trajado à turca e com um narguilé na boca, capaz de ganhar todas as partidas, rodeado de espelhos, criando a ilusão da mesa do jogo de xadrez e, dentro desta mesa, sentado, um anão corcunda, mestre do jogo de xadrez. O mesmo artifício pode ser aplicado à filosofia: o boneco é o “materialismo histórico” e poderá ganhar qualquer partida, sempre, desde que tenha a teologia a seu serviço e, novamente, “como se sabe”, a teologia é nanica, feia e não aparece para ninguém. Tal alegoria está baseada no conto de Edgar Allan Poe: *O enxadrista de Maelzel*. Reyes Mate afirma: “A primeira das Teses começa com uma

³³KOTHE, Flávio R. *Walter Benjamin: sociologia*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1991, p.16-17.

história.”³⁴ Esta primeira tese abre caminho para desconsiderarmos o “marxismo vulgar”, visto que, para Walter Benjamin, é fundamental a aliança entre as teses de Marx e a teologia, mais especificamente a judaica, na acepção apresentada por Flávio R. Kothe que, entre outros aspectos, lê as Teses de Walter Benjamin com base numa perspectiva messiânica, ou seja, por meio do “salto dialético da revolução”. Ao ler a Tese I, podemos compreender a história do ponto de vista dos oprimidos, inclusive por meio da teologia.

Nicolau Sevcenko, em *Literatura como missão*, já havia apresentado as possibilidades da literatura limabarretiana como uma história aberta, tendo por base Walter Benjamin: “A literatura, portanto, fala ao historiador sobre a história que não ocorreu, sobre as possibilidades que não vingaram, sobre os planos que não se concretizaram.”³⁵ O crítico utiliza-se ainda da filosofia de Nietzsche, a exemplo de Walter Benjamin, para quem o historiador não deve transformar o poder da história na idolatria dos fatos, tampouco abaixar a cabeça em face do ‘poder da história’, num gesto mecânico e subserviente diante de qualquer poder. A história convencional centra-se mais na vitória e no êxito do que nas derrotas e nos vencidos. A lógica do capitalismo instiga os cidadãos a adotar esta postura de aproximação com os exitosos. Não devemos esquecer que Benjamin escreve as teses durante o período dos sistemas nazista e fascista, apresentando-as como resposta política num momento de desesperança. Tanto em Walter Benjamin quanto em Lima Barreto o que temos é a história e a literatura comunicando e se articulando para o que não fora contado nos projetos malogrados e fracassados. Lima Barreto pretendeu escrever parte da história do negro no Brasil, mas acabou deslocando esta intenção para os romances, para as crônicas, para os contos e para outros gêneros literários.

Walter Benjamin, fugindo do cerco nazista, carregava os textos em uma mala: “O homem que havia se tornado um catador para chafurdar entre os dejetos da história até descobrir um veio de esperança oculta precisamente nos desesperados [...]”³⁶ Não foi para os EUA e escreveu a Theodor Wiesengrund Adorno em 1938: “Ainda há posições a defender na Europa”.³⁷ Teve a coragem de afirmar que o estado de

³⁴MATE, op. cit., p. 61.

³⁵SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 30. Walter Benjamin é citado por Nicolau Sevcenko.

³⁶MATE, op. cit., p. 17.

³⁷BENJAMIN, Walter. In: MATE, op. cit., p. 9.

exceção é situação permanente: “Agora como ontem, de fato é verdade que, para os oprimidos, o estado de exceção é uma situação permanente.”³⁸

Lima Barreto, por sua vez, embora olhasse atemorizado para a primeira grande guerra mundial, entre 1914 e 1918, vivenciou experiências que não devem ser descartadas e precisam de novos instrumentos de análise para melhor compreensão: “Para ele, a ditadura florianista assemelhava-se a um cataclismo, com o seu cortejo de execuções, fuzilamentos, encarceramentos, homicídios legais, que o horrorizavam.”³⁹ No início da República, o governo do Brasil enfrentava forte grau de endividamento e não sabia como lidar com a massa de ex-escravos. Tudo isto num país de analfabetos: “O analfabetismo quase total da população brasileira, nesse instante dramaticamente lembrado, impedia o desenvolvimento de um amplo mercado editorial.”⁴⁰ Forma-se, nas palavras do próprio Lima Barreto, uma “geena social”. Não por acaso, esta mesma “geena social” promoverá dois momentos de crise entre a ditadura republicana e os simpatizantes do antigo regime, agora entregues à própria sorte: a guerra de Canudos e a do Contestado. As duas possuem similaridades no que se refere ao fundamentalismo religioso, aspecto teológico a que não se poderá furtar o historiador benjaminiano, no qual a leitura profana de textos religiosos, ou a leitura religiosa de textos profanos não podem, na qualidade de processo em constante transformação entre o passado e o presente, passar despercebidas. A justiça que Lima Barreto retirou da Bíblia bem se aplica aos jagunços e camponeses relegados ao abandono social no coração do Brasil. Trata-se de uma massa de seres humanos que procuram na agricultura e no cooperativismo ajuda das mais diferentes formas, alijados pela construção de ferrovias, o chamado “dragão de fogo” da empresa norte-americana Lumber, na luta pela posse de territórios no Contestado e, principalmente, pela crença na redenção e na salvação, seja em Santa Catarina, seja em Canudos, na Bahia. Estes aspectos religiosos apenas corroboram o caráter possível e revolucionário da aliança do “materialismo histórico” com a teologia. Sendo o fundamentalismo, cristão ou islâmico, moeda corrente que pode denotar fanatismo religioso, ele representa também a possibilidade de justiça para os mortos e para etnias ou grupos ostensivamente hostilizados por questões políticas e religiosas.

³⁸MATE, op. cit., p. 11.

³⁹BARBOSA, op. cit., p. 82.

⁴⁰SEVCENKO, op. cit., p. 128.

Se para Marx o sujeito da história é o proletariado, por ocupar um lugar central no sistema capitalista, o sujeito histórico benjaminiano passa a ser, além do proletariado, também o lumpemproletariado. Tanto em Marx quanto em Benjamin são os que sofrem, são os oprimidos, são os que estão em permanente perigo, mas lutam, protestam e se indignam. No Brasil republicano, formam-se contingentes consideráveis de párias do sistema. Ao escrever sobre o período pós-escravagista, afirma Florestan Fernandes:

Os brancos da camada dominante olhavam com ressentimento as manifestações do comportamento do negro ou do mulato porventura imbuídas das “falsas noções de liberdade”; ainda prevalecia o estado de espírito que levou Antônio Prado a exibir a “negra ingratidão [dos escravos] para com os seus ex-senhores” [...]. Eis como um correspondente de Campinas manifestava-se sobre o assunto em carta publicada por *A Província de São Paulo* (23-III-1888): “A proporção que a lavoura definha à míngua de braços, as cidades regurgitam de vadios; pelas estradas, de momento a momento encontram-se turmas de robustos ex-escravizados caminhando sem destino; as tabernas das estradas, todos os dias e todas as horas estão repletas desses neófitos da vadiagem, do jogo e da bebedeira.”⁴¹

Depois de promulgado o Estado social de Direito, os cidadãos viviam em permanente estado de exceção de direitos. Ao mesmo tempo, o historiador não pode, nas palavras de Reyes Mate, visitar o passado como um turista que visita as pirâmides do Egito. A realidade histórica não é imutável, mas se move. Por isso, o problema não é com o passado vitorioso e ganhador de fortunas e prêmios, mas com os projetos frustrados que foram esmagados pela história, exigindo justiça. Para Lima Barreto, por outro lado, a história do “negrismo” exige que a injustiça passada, sofrida pelos negros, faça-se demanda do presente: “Isso é ler o fracasso dos projetos pessoais ou coletivos como privação de um direito; é poder ver nos esmagados da história os verdadeiros ‘desesperados’ [...]”⁴² Portanto, trata-se de mostrar, fundamentado na

⁴¹FERNANDES, Florestan. *A integração do negro na sociedade de classes: o legado da raça branca*. 3. ed. São Paulo: Editora Ática, 1978, p. 61.

⁴²MATE, op. cit., p. 28.

obra de Lima Barreto, como a história dos vencidos vem sendo apagada, fragmentada ou destruída. É preciso forçar a memória e a recordação para o que aconteceu:

Nos primeiros anos da República, Rui Barbosa, então Ministro da Fazenda, queima grandes quantidades de documentos relativos à escravidão, promovendo até mesmo um Auto-da-Fé no quinto aniversário da Lei Áurea, onde dois vagões de documentos são queimados em praça pública ao som da banda da polícia de Salvador. As razões alegadas por Rui eram duas: em primeiro lugar, evitar futuras demandas de indenização por parte de senhores de escravos e, também, evitar que os arquivos fossem usados para "envergonhar certos brasileiros com a nódoa da escravidão".⁴³

Francisco de Assis Barbosa e Américo Jacobina Lacombe, na obra *Rui Barbosa e a queima de arquivos*, problematizam a questão, baseados nas pressões do meio social e do clima da época e afirmando que o historiador não deveria alhear-se desse contexto, além das circunstâncias que cercaram o episódio e seus desdobramentos. Os críticos também alertam para o fato de Rui Barbosa ter "indeferido" o pedido de indenização feito pelos proprietários de escravos, e de que seria mais justo distribuí-la para estes e não para aqueles. Neste sentido, vão de encontro às análises efetuadas por Gilberto Freyre e Nina Rodrigues, afirmando que há muito a se pesquisar sobre a escravidão e que muitos documentos não foram incinerados. Não nos aprofundaremos neste debate, por não ser este o objetivo desta tese. Nos documentos anexados na obra mencionada, verificamos que houve despacho de Rui Barbosa para a incineração dos documentos sobre a escravidão em 14 de dezembro de 1890.⁴⁴

⁴³CASTRO, Alex. *A rasura da escravidão na literatura brasileira: liberal, libertário, libertino*. Disponível em:

<http://www.interney.net/blogs/III/2008/07/02/a_rasura_da_escravidao_na_literatura_bra/>. Acesso em 12 de dez. de 2011.

⁴⁴LACOMBE, Américo Jacobina; SILVA, Eduardo; BARBOSA, Francisco de Assis. *Rui Barbosa e a queima dos arquivos*. Brasília, Ministério da Justiça: Rio de Janeiro, Fundação Casa de Rui Barbosa, 1988, p. 18. Para quem quiser se aprofundar no assunto: Ver: FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala*: formação da família patriarcal sob o regime de economia patriarcal. São Paulo: Circulo do Livro, 1980, p. 323. Ver ainda: RODRIGUES, Nina. *Os africanos no Brasil*. 3. ed. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1945.

Não obstante, o pai de Lima Barreto foi perseguido pela República: “— Tem que você vai ser demitido. O Rui Barbosa vai demiti-lo, talvez hoje mesmo.”⁴⁵ A história tem lá seus caprichos: ainda que fosse para evitar a cobrança ao Estado, de indenizações pela libertação dos escravos de proprietários inescrupulosos e desumanos, nada justifica a queima de tais arquivos. Portanto, a história dos negros continua aberta e, por esse motivo, apropriamo-nos do arcabouço teórico de Walter Benjamin, em “Sobre o conceito de história”, a fim de provar que Lima Barreto inscreveu parte da história dos negros em textos ficcionais, reivindicando justiça para negros, escravos, ex-escravos, agregados e, de forma mais ampla ainda, para os cidadãos que formavam a massa indigente de brasileiros na *belle époque*. Para o pensamento benjaminiano, a política não é coisa só dos vivos, mas também dos mortos: “Por fim, o primado da política sobre a história. O histórico, o passado, não interessa como reconstrução (do passado), mas como construção (do presente). O acento está no presente.”⁴⁶

2.2 CONTOS: FRAGMENTOS DA HISTÓRIA DOS NEGROS EM LIMA BARRETO

Os textos escolhidos neste tópico têm por objetivo demonstrar que parte da história dos negros, em Lima Barreto, ficou inacabada. Nosso arcabouço teórico baseia-se em Walter Benjamin e a escolha de tais textos/contos se deve ao fato de que os protagonistas são “sujeitos” oprimidos pela história.

O primeiro texto é “Manuel de Oliveira”, personagem que fez parte da história biográfica do escritor, como explica Lilia Moritz Schwarcz:

Texto conferido a partir da revista *Souza Cruz*, Rio de Janeiro, ano VI, n. 53, maio de 1921. O ensaio aparece sob o título de “conto” na Biblioteca Nacional, respeitando o critério do autor, e por isso o introduzimos nesta coletânea. Evidentemente autobiográfico, o texto narra a experiência de Lima Barreto, quando seu pai

⁴⁵BARBOSA, op. cit., p. 57. O cronista em “Queixa de Defunto” afirma: “Não fui republicano, não fui florianista, não fui custodista, não fui heremista, não me meti em greves, nem em coisa alguma de reivindicações e revoltas; mas morri na santa paz do Senhor quase sem pecados e sem agonia.” *Careta*, Rio, 20-3-1920. In: BARRETO, op. cit., nota 3, p. 221.

⁴⁶MATE, op. cit., p. 58.

perdeu o emprego, logo no início da República, e acabou por trabalhar num asilo para alienados ou “patetas”, para ficarmos com os termos do autor. Manoel de Oliveira tornou-se um amigo familiar e agregado dos Lima Barreto.⁴⁷

O segundo conto é “O moleque”, publicado originariamente na 1ª edição de *Histórias e sonhos*, em 1920 e “Também publicado em *Revista do Brasil*, ano 1, pp. 64-71.” A importância deste conto está na relação direta que ele estabelece com a teoria desenvolvida por Walter Benjamin, no que se refere ao conceito de redenção.

O terceiro, “Os negros (Esboço de uma peça?)”, não seria propriamente um conto, mas um drama inacabado que estabelece intertextualidade com a obra de Paulo Eiró, *Sangue Limpo*, e com a de Castro Alves: *Gonzaga ou a Revolução de Minas*. Dentro do escopo de nossa tese não é propriamente o gênero textual, mas muito mais a ideia de esboço em forma de drama. Ainda assim, a nota de número 224, de Lilia Moritz Schwarcz, é esclarecedora: “Conto em forma de peça teatral publicado em *Histórias e sonhos*. *Contos*, a partir do qual procedemos ao cotejo do texto. Datado de 21 de setembro de 1905.”⁴⁸ Naquela época, é bem possível que Lima Barreto tivesse a ideia de escrever a história do “negrismo”.

O quarto conto é “O escravo”, sem data de publicação, que foi escolhido pela importância do texto na qualidade de literatura inacabada, em que o narrador afirma que o protagonista “forçava a memória”. Lima Barreto teve como inspiração Castro Alves e sobre este, afirma Antonio Candido: “Castro Alves se tornou o poeta por excelência do escravo ao lhe dar, não só um brado de revolta, mas uma atmosfera de dignidade lírica [...]”⁴⁹ Poderíamos dizer o mesmo da prosa de Lima Barreto, que coloca o escravo como protagonista, ainda que de forma inacabada.

O quinto conto é “No tronco”, datado de 10 de julho de 1905. Nesse, a “situação de exceção” é permanente para o escravo. A nota de número 415, de Lilia Moritz Schwarcz, é fundamental: “O conto está por certo incompleto. Faz parte de uma série de artigos sobre a

⁴⁷BARRETO, Lima. *Contos completos de Lima Barreto*. Organização e introdução de Lilia Moritz Schwarcz. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 708.

⁴⁸BARRETO, op. cit., nota 47, p. 690.

⁴⁹CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos*. 8. Ed. Rio de Janeiro/Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1997, p. 249. Volume 2.

escravidão; textos esses que, quem sabe, comporiam ‘A história da escravidão’ que Lima Barreto pretendia escrever.”⁵⁰

O último conto é “Dentes negros e cabelos azuis”. Nele, o escritor demonstra sua fome e sede de justiça. Nosso objetivo não é afirmar que Lima Barreto escreveu a história do que ele chamou de “negrismo”, mas os textos incompletos merecem ser objeto de análise porque mostram a dificuldade de transpor as barreiras literárias e linguísticas quando se tratava de problematizar a escravidão. No caso de “Dentes negros e cabelos azuis”, escreve Lília Moritz Schwarcz, em nota de número 215: “Publicado em *História e sonhos. Contos*, a partir do qual procedemos ao cotejo do texto. Publicado também na *Revista da Época*, 31 de agosto de 1918.”⁵¹

A escolha de tais contos, e até certo ponto, do gênero “drama” em forma de esboço, teve por finalidade demonstrar que Lima Barreto tinha projeto histórico e literário. Estes escritos adquirem importância por terem sido bem pouco analisados, exatamente por serem, alguns deles, inacabados. Dentro do conceito de história de Walter Benjamin, tais contos inacabados, devem ser considerados. Nossa intenção é a de abrir um olhar transversal e não linear da história literária em Lima Barreto, embora tenhamos muito clara a ideia do que os textos possuem de historicidade. Ao fazer literatura, Lima Barreto, a exemplo de Machado de Assis e outros escritores, fez história. Não a história convencional, mas justamente pela sua “despretensão”, e até mesmo pelo seu suposto fracasso é que os contos passam a adquirir a importância que transcende o próprio conceito tradicional de história. Não se trata mais de olhar a história do ponto de vista do oficial, do pronto e acabado, e, muito menos, do vitorioso, sendo bem possível explicar a atualidade do escritor por meio dos contos aqui apresentados, que não se esgotam nesta tese, mas que pelo menos reabrem a discussão da história da escravidão negra no Brasil. Apoiados na teoria de Walter Benjamin, gostaríamos de repensar os textos ou fragmentos de textos até agora esquecidos ou pouco lembrados.

⁵⁰BARRETO, op. cit., nota 47, p. 415.

⁵¹Idem, ibidem, p. 688. Na crônica “Elogio da Morte”, publicada no *A.B.C.*, Rio, 19-10-1918, o cronista afirma: “Ao vencedor, as batatas.” In: *Marginália: artigos e crônicas*. São Paulo: Brasiliense, 1961, p. 43.

2.2.1 “Manuel de Oliveira”: a importância de se contar histórias

Na análise dos textos de Lima Barreto, encontramos dificuldade, em alguns casos, de determinar com mais precisão o gênero: sátira? Crônica? Conto? “Manuel de Oliveira” é “conto”, ainda que apareça com o subtítulo de “artigos e crônicas” na obra *Feiras e Mafuás*. E por que defendemos esta ideia? Tomamos por base a nota de número 469, de Lilia Moritz Schwarcz, nos *Contos Completos de Lima Barreto*, conforme já citamos. Embora saibamos que, de fato, o personagem fora agregado da família do escritor, o texto passa a adquirir autonomia de conto, sem deixar de ser também autobiográfico. O personagem, Manuel de Oliveira, poderia representar muito bem a coletividade negra vinda de Angola e outras regiões da costa da África, em seu sofrimento e sua generosidade. Mas apesar da classificação acima, o que alguns críticos apontam como um defeito na escritura de Lima Barreto, vemos como qualidade, ou seja, o caráter confessional e personalíssimo do escritor adquire grandeza ainda maior e o atualiza permanentemente. Antonio Candido faz o seguinte registro a respeito do que ele chama de “questões particulares” na escrita:

Essas “questões particulares” expostas com “espírito geral” exprimem o ritmo profundo da escrita de Lima Barreto, a sua passagem constante da particularidade individual para a generalidade da elaboração romanesca (e vice-versa), que importa numa espécie de concepção do homem e do mundo, a partir de um modo singular de ver e sentir. Daí o interesse de tudo aquilo que, na sua obra, pode ser chamado literatura íntima: diários, correspondência, até os desabafos frequentes dos escritos de circunstâncias.⁵²

O crítico entende a necessidade do escritor da passagem da “particularidade individual para a generalidade da elaboração romanesca (e vice-versa)”. Arriscamo-nos a afirmar que Lima Barreto parte de “situações particulares” e as transforma em representação literária, consciente de seu papel numa literatura militante e empenhada. Literatura que nos faz pensar. Ao mesmo tempo, como críticos

⁵²CANDIDO, Antonio. Os olhos, a barca e o espelho. In: *A educação pela noite e outros ensaios*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1989, p. 49.

literários, nós temos necessidade de descobrir os documentos “íntimos” para que estes possam ampliar nossa compreensão da obra e do autor. Em “Manuel de Oliveira” há caminhos que permitem amplo entendimento da maneira como Lima construía seus textos.

Há dois fatores importantes, além de outros, que gostaríamos de avaliar. Primeiramente, a importância de se pensar a literatura como oralidade, ou seja, como relatos orais que buscam resgatar a memória dos negros, fundamentados no personagem que, aliás, deve representar a história de muitos negros. Nesse caso, a memória individual tem encontro com a memória coletiva, ou seja, com a história, lembrando a afirmação de Walter Benjamin: “é mais difícil honrar a memória dos sem-nome que a dos famosos.”⁵³

Em segundo lugar, para a época, que importância teria a história do personagem Manuel de Oliveira? Podemos citar, a título de exemplo, algumas obras de outros escritores que também deram voz aos menos favorecidos socialmente: João Simões Lopes Neto, na obra *Contos gauchescos*⁵⁴; Euclides da Cunha, n’*Os sertões*⁵⁵; e, finalmente, João do Rio, com *A alma encantadora das ruas*⁵⁶. No caso de Lima Barreto, o conto “Manuel de Oliveira” é igualmente uma ruptura na sua escritura, tendo em vista que o romancista instaura um encontro entre a memória individual do personagem e a memória coletiva, como já vimos, propondo-se a ler o passado que nunca foi escrito. Como nos lembra Reyes Mate, a propósito das teses de Walter Benjamin:

Em primeiro lugar, a autonomia do passado. O passado não é um ponto fixo à disposição de um conhecimento rigoroso e sedento de dominar toda a realidade, incluindo a que foi. O passado tem vida própria, surpreende a consciência presente, toma a iniciativa. Não se capta esse passado, em segundo lugar, pela ciência, pela reconstrução científica, *mas mediante a recordação*. O passado nos advém, nos assalta, mas não de forma mecânica. É preciso que haja um sujeito predisposto. *Trata-se de ler o passado como um texto que inclusive nunca foi escrito*. A memória

⁵³BENJAMIN, Walter. In: MATE, op. cit., p. 56.

⁵⁴LOPES NETO, João Simões. *Contos gauchescos*. Org. Claudio Celso Alano da Cruz. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2012.

⁵⁵CUNHA, Euclides da. *Os sertões*. 6. Ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

⁵⁶RIO, João do. *A alma encantadora das ruas: crônicas*. São Paulo: Editora Martin Claret, 2009.

é, no fundo, uma hermenêutica do passado que, sem ela, não merece atenção alguma. Esquecimento é desprezo hermenêutico dos sem-nome.⁵⁷

Recordação e memória não devem estar a serviço dos vencedores, mas principalmente dos sem-nome, e o passado não poderia ser explicado por métodos estritamente racionais. O passado surpreende o presente, toma a iniciativa. Lima Barreto explora a sua própria memória, em primeira instância, para instalar um novo lugar na literatura: partindo da oralidade, da experiência autobiográfica para a construção literária, sem que o texto deixe de adquirir, a exemplo do passado, sua própria autonomia. O conto “Manuel de Oliveira” tem autonomia. É possível fazermos sua leitura sem necessariamente termos a obrigação de estabelecer vínculos biográficos com Lima Barreto. Neste aspecto, precisamos distinguir o leitor comum, que pode entender e problematizar a realidade trazida pelo texto, sem ter que recorrer à biografia de Lima Barreto, ou ainda outras categorias de leitores que podem ter interesses diversos que não apenas o literário ou o histórico.

Do ponto de vista da teoria proposta por Walter Benjamin e para melhor compreensão, recorremos, mais uma vez, ao crítico Luiz Silva, em sua análise sobre Lima Barreto:

A escravização colonial exigiu que os africanos e sua descendência experimentassem situações extremas de sofrimento. Em circunstâncias tais, o “sombrio”, o “trágico” e o “misterioso” que Lima Barreto anotou em seu diário estão relacionados com um gigantesco esforço para não perder o sentido da própria humanidade. É no extremo que se tece a luz na sombra, nele se aprende a amansar a dor e a conviver de perto com as indagações mais profundas do existir. *As histórias nas fazendas e nos quilombos do Brasil foram muitas e se perderam [...]*.⁵⁸

É de se notar que Lima Barreto insere o negro cabinda de Angola e o torna personagem principal do conto, além de revesti-lo de uma humanidade ímpar. A história de Manuel de Oliveira é de mágoa. Ex-

⁵⁷MATE, op. cit., p. 57. Grifos nossos.

⁵⁸SILVA, op. cit., p. 107-108. Grifos nossos.

escravo que poupava o que ganhava, com muito custo conseguira a tão almejada alforria, tudo com a venda de verduras nos bairros chiques: Catete e Botafogo. Apesar da conquistada alforria, não se desligou do seu senhor. Ganhou um conto de réis na loteria, “que ele guardou nas mãos do patrão.”⁵⁹

Tudo parecia estável na vida deste escravo alforriado e ganhador da loteria até conhecer “uma pretinha escrava que acudia pelo nome de Maria Paulina.”⁶⁰ Com o dinheiro da loteria, Manuel de Oliveira liberta a escrava e passam a viver juntos. A desgraça aparece quando Maria Paulina foge, deixando o personagem na semiloucura: “O fato abalou o pobre preto em todo o seu ser. Ficou meio pateta, deu em falar sozinho, abandonou a horta e deixou-se errar a esmo pela cidade, dormindo aqui e ali.”⁶¹ A errância do personagem e o tema da loucura ganham o espaço físico, em que não há lugar fixo de moradia, obrigando-o a dormir “aqui e ali”.

É ainda nos últimos anos do Império que a polícia coloca Manuel de Oliveira num Asilo de Mendigos, sendo depois encaminhado para a ilha do Governador e internado no que eram as colônias de alienados. Neste exato ponto as histórias se encontram. A do personagem Manuel de Oliveira e a do narrador de Lima Barreto. Vejamos: “Meu pai foi, em 1890, nomeado para um pequeno emprego delas [as colônias]. Fomos todos morar lá e foi então que conheci Manuel de Oliveira.”⁶²

O narrador passa a recordar a bondade do negro cabinda, além de suas inúmeras outras qualidades: trabalhador, disciplinado, devotado e, ironicamente, vivendo “debaixo do terreiro anexo ao chiqueiro, vigiando a caldeirada dos suínos [...]. Muito menino – eu tinha nove anos – apesar de não ser muito regular, corria toda a colônia e dependências.”⁶³ O mais importante é verificarmos a condição de existência desse pobre negro Manuel de Oliveira, tão digno e vivendo em condição tão desumana. Ainda assim, tratava com enorme bondade o menino Lifonso: “O velho Oliveira dava-me sempre mimos. [...]. Eu o amei desde aí, e quando, há anos, o levei para o cemitério de Inhaúma, foi como se enterrassem muitas esperanças de minha meninice e adolescência, na sua cova...”⁶⁴

⁵⁹BARRETO, op.cit., nota 1, p. 224.

⁶⁰Idem, Ibidem, p. 225.

⁶¹Loc. cit.

⁶²Idem, ibidem, p. 225.

⁶³Idem, Ibidem, p. 225.

⁶⁴Loc. cit.

A narração procura resgatar a memória de Manuel de Oliveira e mais, busca dar voz a este personagem: “Por fim, o médico deu-lhe alta e ele veio morar definitivamente conosco. [...] Coisa curiosa! Oliveira tinha em grande conta a sua dolorosa Costa d’África.”⁶⁵ É interessante notar o orgulho da África e, ao mesmo tempo, a valorização do continente, e é Manuel de Oliveira quem repreende: “— ‘Seu Lifonso’, o senhor diz que lá não há quem saiba ler. Pois olhe: os doutorões daqui quando querem saber melhor, vão estudar lá.”⁶⁶ Este “lá” é a África e devemos entender este trecho como uma demonstração do orgulho que Manuel de Oliveira sentia pela sua nação africana. Naquela época, no Brasil, salvo engano, não havia qualquer preocupação dos chamados doutores em estudar na África. O que o narrador quer nos dizer, então? Possivelmente, há uma inversão discursiva. Lima critica nosso eurocentrismo, a história apagada da origem dos negros e do sofrido continente africano. Manuel de Oliveira valoriza sua nação de nascimento não para se vangloriar, mas Lima, propositadamente, o faz para questionar nossos doutores, que apresentam cultura, em muitos casos, de fachada. O que Lima faz, neste conto, não é apenas dotar de dignidade e bondade o personagem, mas aprender com ele.

A proposta é romper com o eurocentrismo e, de modo irônico, sugerir que, se os doutores querem aprender, deveriam ir para a África. Lima vai fundo em nossas raízes para mostrar o negro como parte importante de nossa formação. Mais ainda: o narrador insere uma história que bem demonstra a bondade desse negro: “Conto um pequeno fato. Quando minha família atravessou uma crise aguda; quando veio a nossa tragédia doméstica, Manuel de Oliveira chegou-se a mim e emprestou-me cem mil-réis que economizara.”⁶⁷ Este trecho da narrativa é ímpar na literatura brasileira, já que a ajuda financeira vem de um agregado e ex-escravo. É possível ler o conto como a história de um negro cabinda, sua bondade e companheirismo em todos os momentos. Não era um simples agregado. Era bem mais que isto e, não por acaso, o “Seu Lifonso”, personagem do conto, tem por ele amor fraternal. O personagem Manuel de Oliveira, provavelmente, ficou muito grato por ter uma morada, uma família.

O que se coloca em “Manuel de Oliveira” parece reacender o ato de se contar histórias. Os depoimentos colhidos pelo personagem Lifonso não retiram a importância histórica do texto, ao contrário,

⁶⁵BARRETO, op.cit., nota 1, p. 226.

⁶⁶Idem, ibidem, p. 227.

⁶⁷Idem, ibidem, p. 227.

colocam-no num patamar de literatura empenhada, em que o romancista não se conteve com a resignação: escrever era a oportunidade que ele tinha para retratar a vida de pessoas mais simples e pouco olhadas pelo sistema, a exemplo de outros romancistas, como já vimos.

A propósito do vivido e do lembrado, afirma Walter Benjamin em “A imagem de Proust”: “Pois um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo o que veio antes e depois.”⁶⁸ Lima Barreto não se contenta apenas com o vivido, quer relembrar e, além disso, fazer Manuel de Oliveira recordar, rememorar. Dá voz ao personagem. Ouve, aprende e apreende: “Muitos outros fatos se passaram entre nós dessa natureza, e, agora [...] não posso relembrar essa figura original de negro, sem considerar que o que faz o encanto da vida [...] é a candura dos simples e a resignação dos humildes...”⁶⁹ O escritor insere personagens que falam a simples língua do povo, sem enfeites nem adornos.

Em trecho do *Diário íntimo*, escreve:

Manuel de Oliveira morreu a 8 de novembro de 1916, dia de anos de minha irmã. Eu o conheço desde os onze anos e creio que ele foi para casa quando eu tinha doze ou treze anos. Viveu conosco cerca de vinte e dois ou vinte e três anos e muito nos serviu e foi útil. Era preto cabinda e tinha de sua nação orgulho inglês. Hei de escrever-lhe um artigo.⁷⁰

Para “ler o que nunca foi escrito”, em Lima Barreto, a questão da memória ganha importância, pois o escritor procura contemplar, em suas narrativas, a história de negros e, sem dúvida, o agregado Manuel de Oliveira transforma-se num personagem fundamental. O conto ora analisado se realiza por meio do que Eduardo de Assis Duarte denomina de “oralitura”, ou seja, a inclusão da rica literatura oral.⁷¹ Para lembrarmos de outro conceito benjaminiano, de larga utilização

⁶⁸BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura história da cultura*. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. Prefácio de Jeanne Marie Gagnebin. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 37 (Obras escolhidas, v.1).

⁶⁹BARRETO, op. cit., nota1, p. 228.

⁷⁰Idem, ibidem, nota 6, p. 183.

⁷¹DUARTE, Eduardo de Assis. Entre Orfeu e Exu: a afrodescendência toma a palavra. IN: *Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica*. Organização de Eduardo de Assis Duarte e Maria Nazareth Soares Fonseca. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2012, p. 34.

atualmente, o personagem Manuel de Oliveira apresenta características que nos mostram a riqueza da experiência autêntica (*Erfahrung*) em detrimento da vivência particular e privada (*Erlebnis*). Ele não é apenas um agregado negro, pois representa a história de muitos negros no pós-escravidão.

A partir deste conto, e sem termos a dimensão estatística deste acontecimento, configuram-se, no Brasil, no final do século XIX, certas “facilidades” para a tão almejada alforria. Muitos negros compraram a liberdade, servindo de exemplo para outros pouparem dinheiro a fim de consegui-la. Nesse aspecto, a Tese IX de Walter Benjamin apresenta a alegoria do *Angelus Novus*, obra de Paul Klee, que parece abrir e fechar as asas, num voo que permite, ao menos parcialmente, a integração do negro na sociedade. Livre, ainda que agregado, pôde falar, pronunciar-se.⁷² Do silêncio à fala.

O personagem Manuel de Oliveira é o agregado que conta histórias orais para o “Seu Lifonso”. No ensaio “Experiência e pobreza”, Walter Benjamin faz importantes questionamentos a esse respeito:

De forma concisa, com a autoridade da velhice, em provérbios; de forma prolixa, com a sua loquacidade, em histórias; muitas vezes como narrativas de países longínquos, diante da lareira, contadas a pais e netos. Que foi feito de tudo isso? Quem encontra ainda pessoas que saibam contar histórias como elas devem ser contadas? Que moribundos dizem hoje palavras tão duráveis que possam ser transmitidas como um anel, de geração em geração? Quem é ajudado, hoje, por um provérbio oportuno? Quem tentará, sequer, lidar com a juventude invocando sua experiência?⁷³

Manuel de Oliveira personagem possui a riqueza da experiência e de ser uma espécie de avô que relata ao neto Lifonso histórias da África, além de seu amor incondicional e de sua infinita generosidade. Se este personagem não representa todo o continente africano, ao menos

⁷²Considerando-se as particularidades históricas de cada um, estas condições são concretas para os abolicionistas José Carlos do Patrocínio e André Pinto Rebouças. Podemos citar, ainda, o poeta Luís Gonzaga Pinto da Gama, os escritores Machado de Assis e o próprio Lima Barreto, além do poeta Cruz e Sousa, entre outros exemplos.

⁷³BENJAMIN, op. cit., p. 114 (Obras escolhidas, v.1). Na crônica “A questão dos poveiros” o narrador afirma: “A época que atravessamos parece ser de loucura coletiva em toda a humanidade.” *Gazeta de Notícias*, Rio, 2-1-1921. In: BARRETO, op. cit., nota 51, p. 27.

representa uma parte significativa dele e tem muito pra contar. Já Lifonso, ouve carinhosamente suas histórias. Coloca-se num patamar de co-protagonista.

No ensaio citado, “Experiência e pobreza”, Walter Benjamin também faz referência à mudez do soldado quando da volta da primeira grande guerra que empobrece o *patrimônio humano*. No entanto, a atrocidade da escravidão, em que muitos senhores e feitores nada respeitaram, numa ânsia destrutiva bem parecida com a da guerra, fez calar muitos negros, sobretudo na impossibilidade do dizer, no indizível.

Löwy nos conta que Benjamin, ao escrever a Tese VII, havia pensado no poema de Brecht: *Cartilha para os cidadãos*. É importante entender ao menos duas leituras possíveis do poema. Jeanne Marie Gagnebin aborda a primeira delas:

Em “Experiência e pobreza”, Benjamin insiste justamente nas mutações que a pobreza de experiência acarreta para as artes contemporâneas. Não se trata mais de ajudar, reconfortar ou consolar os homens pela edificação de uma beleza ilusória. Contra uma estética de interioridade, da harmonia, da suavidade e da graça, Benjamin defende as provocações e a sobriedade áspera das vanguardas. São seus famosos exemplos, emprestados à arquitetura, do material moderno – o vidro, elemento frio, cortante, transparente, que impede a privacidade e se opõe aos interiores aconchegantes, repletos de tons pastéis e de *chiaroscuro*, nos quais o indivíduo burguês procura um refúgio contra o anonimato cruel da grande cidade (e da grande indústria). Emblema desse ideal ilusório: o veludo, exato oposto do vidro, o veludo macio, acolhedor e, sobretudo, profundamente impregnado de privacidade, porque é nele que o feliz proprietário deixa, com a maior facilidade, sua marca, a marca de seus dedos, *contrariando a regra de ferro que governa a vida moderna*, a saber, *não deixar rastros*.

É nesse contexto que Benjamin cita o famoso poema de Brecht, “*Verwisch die Spuren*” (Apague os rastros). Deve-se ressaltar que o poema é citado de maneira positiva contra as ilusões consoladoras e harmonizantes das práticas artísticas “burguesas”, como Benjamin e Brecht as

chamam. Práticas que não levam em conta a *ruptura* essencial que a arte contemporânea não pode eludir: que a experiência – *Erfahrung* – não é mais possível, que a transmissão da tradição se quebra e que, por conseguinte, os ensaios de recomposição da harmonia perdida são logros individualistas e privados (resta saber se essa harmonia perdida realmente existiu, mas esta é uma outra questão). Esse ponto me parece ter uma importância decisiva para refletirmos juntos, na esteira das análises benjaminianas, sobre as dificuldades objetivas que se opõem ao restabelecimento da tradição e da narração em nossas sociedades “pós-modernas” e pós-totalitárias; isso significa também que, infelizmente, os bons sentimentos nunca bastam para reparar o passado.⁷⁴

O poema de Brecht, nesta leitura benjaminiana citada por J. M. Gagnebin, funciona como conselho para os cidadãos que devem apagar os rastros, tendo em vista “a regra de ferro que governa a vida moderna”. Mas a crítica apresenta outra leitura possível, na qual o poema de Brecht também pode ser lido como uma denúncia das práticas de Estados totalitários:

Claro, a citação do poema de Brecht possui um valor crítico de denúncia porque evoca, de maneira simultaneamente sóbria e profética, as práticas do Estado totalitário moderno. Cito as duas últimas estrofes do poema:

“O que você disser, não diga duas vezes,
Encontrando seu pensamento em outra pessoa:
negue-o.

Quem não escreveu sua assinatura, quem não
deixou retrato

Quem não estava presente, quem nada falou
Como poderão apanhá-lo?

Apague os rastros!

Cuide quando pensar em morrer

Para que não haja sepultura revelando onde jaz

⁷⁴GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar escrever esquecer*. São Paulo: Editora 34, 2006, p. 51-52. Grifos nossos.

Com uma clara inscrição a lhe denunciar
 E o ano de sua morte a lhe entregar
 Mais uma vez:
 Apague os rastros!
 (Assim me foi ensinado.)”⁷⁵

É esta última interpretação do poema de Brecht, feita por J. M. Gagnebin, que destacamos, pois não há dúvida de que, tanto o fascismo quanto o nazismo e muitos outros Estados totalitários quiseram ou querem também “apagar rastros”. O poema adquire, com esta leitura, a seguinte interpretação: a de que os opressores também podem adotar a mesma estratégia de “apagar rastros” e, neste caso, a fim de que não haja esclarecimentos posteriores.

Se o sujeito lírico de Brecht quer principalmente alertar os cidadãos, a classe opressora tudo fará, também, para não deixar rastros. Já vimos a queima de arquivos sobre a escravidão. Ora, não é este um procedimento para “apagar rastros”? Em nosso contexto de análise, o poema de Brecht, numa leitura justamente a contrapelo, adquire grande repercussão, pois, parte da sociedade brasileira tudo fez para apagar a história dos negros. E este procedimento vem justamente com o regime republicano e a instauração do regime burguês. O poema traz um conselho com verbo no imperativo: “apague”. Não jogavam, os nazistas, as vítimas do holocausto em valas comuns, sem direito à identificação? É de se notar ainda que, em tempos de guerra, há perdas constantes, e a narrativa, conforme Walter Benjamin, perde muito da experiência: “Na época, já se podia notar que os combatentes tinham voltado silenciosos do campo de batalha.”⁷⁶

É nesse sentido que Jeanne Marie Gagnebin analisa a necessidade dos regimes totalitários, no caso, o fascismo e o nazismo, de apagarem rastros, aplicáveis à história da escravidão negra no Brasil:

Os cadáveres já em decomposição nas fossas comuns foram desenterrados pelos prisioneiros e queimados; *também a maior parte dos arquivos dos campos de concentração foi destruída* ainda alguns dias antes da chegada dos aliados. A ausência total de túmulo e de rastros que pudessem servir de documentos ou provas prepara assim, na lógica nazista, os raciocínios

⁷⁵GAGNEBIN, op. cit., p. 52. Grifos nossos.

⁷⁶BENJAMIN, op. cit., p. 115 (Obras escolhidas, v.1).

negacionistas posteriores. Em nosso continente, a luta dos familiares dos *desaparecidos* também se opõe à mesma estratégia política de aniquilação. Tortura-se e mata-se os adversários, mas, depois, nega-se a existência mesma do assassinio. Não se pode nem afirmar que morreram, já que eles desapareceram sem deixar rastros [...].⁷⁷

Podemos inferir do exposto que as questões da pobreza da experiência estão relacionadas com a mudança das condições materiais nas construções em vidro e ferro, sendo o vidro inimigo do mistério. Tais construções não aparecem do nada, pois elas correspondem à necessidade humana de contemplar a técnica em detrimento do relacionamento humano. Se “as coisas de vidro não têm nenhuma aura”, além da dureza, a estratégia da guerra também introduz a barbárie e a pobreza da experiência: “Porque nunca houve experiências mais radicalmente desmoralizadas que a experiência estratégica pela guerra de trincheiras, a experiência econômica pela inflação, a experiência do corpo pela fome [...]”.⁷⁸ Tanto a guerra quanto a escravidão, na mudez dos combatentes ou na ânsia da classe dominante em apagar rastros, apenas nos deixam mais pobres. Lima Barreto escreve para *escovar a história a contrapelo*, conforme veremos na Tese VII de Walter Benjamin:

Escovar a história a contrapelo – expressão de um formidável alcance historiográfico e político – significa, então, em primeiro lugar, a recusa em se juntar, de uma ou de outra, ao cortejo triunfal que continua, ainda hoje, a marchar sobre aqueles que jazem por terra. Pensa-se nessas alegorias barrocas do triunfo, que representam os príncipes no alto de uma magnífica carruagem imperial, às vezes seguidos por prisioneiros e arcas transbordando de ouro e de joias; ou nesta outra imagem, que aparece em Marx para descrever o capital: *Juggernaut*, a divindade hindu instalada em uma imensa carruagem, sob as rodas da qual são lançadas crianças destinadas ao sacrifício.⁷⁹

⁷⁷GAGNEBIN, op. cit., p. 116. Grifos nossos.

⁷⁸BENJAMIN, op. cit., p. 115 (Obras escolhidas, v.1).

⁷⁹LOWY, op. cit., p. 73.

O conto “Manuel de Oliveira” revela, portanto, um personagem rico em experiência e um narrador que quer rememorar sua história, resgatando-o do esquecimento. Esse procedimento narrativo traz à tona não apenas a memória individual do personagem, mas possivelmente a memória coletiva de muitos ex-escravos. Lima Barreto não quis deixar que a lembrança de Manuel de Oliveira ficasse no esquecimento, escrevendo para lembrar, numa injunção, conforme Gagnebin, “ética e política”, em que a figura do narrador é “muito mais humilde, bem menos triunfante”. O narrador poderia ser comparado à ideia do “narrador sucateiro”, no sofrimento indizível dos mais humildes, em que a história não “pode ser o desenrolar tranquilo e linear de uma narrativa contínua”. Por esses motivos é que Lima promove importante encontro entre narração e história: “— esses mortos que o poeta e o historiador, nas palavras de Heródoto, não podem ‘deixar cair no esquecimento’”.⁸⁰

2.2.2 Carnavalização como redenção: “O moleque”

No conto “O moleque” o narrador nos apresenta os chamados “subúrbios”, além dos topônimos tupaicos: Guanabara/seio do mar; Niterói/água escondida. É a pobre nação indígena dizimada: “A pobre talha mortuária dos tambois é sacrificada impiedosamente”.⁸¹ Abre-se um abismo entre o antigo e o novo, entre a tradição e a modernidade. Tradição entendida como construção do passado e não como reconstrução: “O histórico, o passado, não interessa como reconstrução (do passado), mas como construção (do presente). O acento está no presente.”⁸² E a necessidade para novamente “apagar rastros”, conforme vimos na seção anterior: “Mesmo os nomes índios, como já foi observado, se apagam, vão se apagando, para dar lugar a nomes banais de figurões ainda mais banais [...]”.⁸³ O escritor instaura crítica ao sistema e também ao historicismo. Se fizermos um estudo dos nomes dos lugares, haverá uma clara distinção: dos antigos nomes tupaicos, paulatinamente, começam a aparecer nomes de militares, autocratas, ditadores e outros opressores históricos. Este é apenas um dos procedimentos que contribui para a manutenção do *status quo* da classe dominante.

⁸⁰GAGNEBIN, op. cit., p. 53-54. Grifos nossos.

⁸¹BARRETO, Lima. *Histórias e sonhos: contos*. São Paulo: Brasiliense, 1961, p. 37.

⁸²MATE, op. cit., p. 58.

⁸³BARRETO, op. cit., nota 81, p. 38.

Podemos lembrar ainda de que maneira o narrador em terceira pessoa fala sobre a religiosidade, numa espécie de sincretismo religioso que ocorre nos bairros mais pobres do Rio de Janeiro, no caso, o bairro de Inhaúma⁸⁴, que insiste em manter também viva a forma de religiosidade dos ancestrais:

Fogem para lá, sobretudo para os seus morros e escuros arredores, aqueles que ainda querem cultivar a Divindade como seus avós. Nas suas redondezas, é o lugar das macumbas, das práticas de feitiçaria *com que a teologia da polícia* implica, pois não pode admitir nas nossas almas depósitos de crenças ancestrais.⁸⁵

O que está em discussão não é senão o apagamento das diferenças religiosas, em favor de um catolicismo unificado que não atende aos anseios dos mais pobres. É a *teologia da polícia* que implica com os hábitos africanos, enquanto a cultura da tribo tupi vai desaparecendo. Pobres, pretos e da periferia dos subúrbios encontram-se nas mesmas condições da talha mortuária dos tamoios: são sacrificados impiedosamente. O narrador recorre aos mortos, aos que passaram pela história e são rapidamente esquecidos:

A gravidade de pensamento que todo esse espetáculo provoca e as lembranças históricas que acodem, fazem perguntar se a terra que não tem querido guardar na sua grandeza traços das vidas e das almas que por ela tem passado, ainda desta vez, não consentirá que fiquem vestígios, pegadas, impressões das atuais que, nela, hoje sofrem e mergulham, a seu modo, no Mistério que nos cerca, para esquecê-las soturnamente; e pensa-se isto sob a luz do sol, alegre, clara, forte e alta, que recorta no céu azul as montanhas que alongam para tocá-lo, tal como se vê nesse lugar de Inhaúma, antiga aldeia de índios [...].⁸⁶

⁸⁴O mesmo que anhumã: ave de plumagem alvinegra que representa o Estado de Goiás. Conforme HOUAISS, Antônio; SALLES, Mauro de. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009, p. 137.

⁸⁵BARRETO, op. cit., nota 81, p. 39. Grifos nossos.

⁸⁶Idem, *Ibidem*, p. 41

Não há dúvida de que a barbárie da civilização moderna quer apagar qualquer vestígio da cultura antiga, vencida, no caso, a dos tamoiros e a dos negros. Mas é também na antiga terra destes mesmos tamoiros que se instala a gente pobre dos subúrbios, que amanhã também terá “rastros apagados”, parafraseando, sempre a contrapelo, Bertolt Brecht. Por isso, a experiência da cultura dos mortos faz do conto reflexão fundamental para as condições materiais dos que vivem no presente, representadas, aqui, pela população pobre e humilde dos subúrbios do Rio de Janeiro. A análise descritiva e percuciente de um “barracão” ganha relevo, sem deixar de fazer, ainda e felizmente, parte da natureza intocável que sobrevive: “A guaxima cresce, e o capim, e a vassourinha, e o carrapicho e outros arbustos silvestres e tenazes.”⁸⁷ Há paralelo entre a cultura dos tamoiros, reduzida a topônimos, e a cultura da gente pobre e mais humilde. O que fazer para sobreviver? Além de todos estes aspectos, há ainda a operação de contrastes, algo que irá se agravar cada vez mais na cidade do Rio de Janeiro. Neste conto, há três personagens femininas, em condições paupérrimas:

O barracão de Dona Felismina era de um só aposento, mas o da vizinha, Dona Emerenciana, tinha dous. Eram ambos da primeira espécie. Dona Emerenciana era casada com o Senhor Romualdo, servente ou cousa que o valha em uma dependência da grande oficina do Trajano. *Era preta como Dona Felismina e honesta como ela.* Defronte ficava a residência da Antônia, uma rapariga branca, com dous filhos pequenos, sempre sujos e rotos. A sua residência era mais modesta: as paredes do seu barracão eram de taipa.

A vizinha, ao mesmo tempo que falava dela, tinha-lhe piedade:

— Coitada! Uma desgraçada! Uma perdida!⁸⁸

Duas personagens negras: Dona Felismina e Dona Emerenciana. Uma personagem branca e em situação de maior miserabilidade: Antônia, sem o “Dona”, com dois filhos “sujos e rotos”.

A condição social é pior para a branca Antônia que será descrita, mais adiante, como prostituta. Desde o início da narrativa, há o emprego

⁸⁷BARRETO, op. cit., nota 81, p. 41.

⁸⁸Loc. cit.

de adjetivos para definir categorias discriminadas, não pela população suburbana mais humilde, mas pelo caráter burguês e moralista dos comerciantes: “na venda do Antunes, e, na padaria do Camargo [...]”.⁸⁹ O narrador faz questão de defender o pudor da mulher Antônia que, entre o café, o açúcar da venda do Antunes e um pão da padaria do Camargo, afirma: “— que lhe teria custado quem sabe! Que profunda provação no seu pudor de mulher, para ganhá-lo.”⁹⁰ Está evidente que Antônia se prostitui para alimentar os filhos e a si mesma, abandonada à própria sorte pelo pai das crianças. Nessa época, não havia qualquer possibilidade jurídica para requerer algo do Estado e a situação de abandono tornava-se insustentável. Por que o narrador insere uma branca prostituta, mais miserável ainda que as negras Felismina e Emerenciana? Nos tempos modernos, a natureza da miséria não escolhe raça:

Todos da Rua dos Maricás — era este o nome daquele trilho de Inhaúma — conheciam-lhe a vida, mas com a piedade e compaixão próprias à ternura do coração do povo humilde pela desgraça, tratavam-na como outra fosse ela e a socorriam nas suas horas de maiores aflições. *Só o Antunes, o da venda, com o seu empedernido coração de futuro grande burguês*, é que dizia, se lhe perguntavam quem era:
— Uma vagabunda.⁹¹

Há, sem dúvida, distinção de classes: a dos burgueses e a dos miseráveis. O dinheiro permeando as relações em que a mulher, sendo prostituta por necessidade, se é compreendida pela população humilde de Inhaúma, não o é pelos comerciantes, que se aproveitavam da Antônia, pois esta tinha apenas o corpo como forma de pagamento. A propósito, em *Passagens*, Walter Benjamin cita Paul Lafargue, que assim se expressa acerca da burguesia:

É impossível esperar que um burguês algum dia possa compreender os fenômenos de distribuição das riquezas. Pois, à medida que se desenvolve a produção mecânica, a propriedade se

⁸⁹BARRETO, op. cit., nota 81, p. 42.

⁹⁰Loc. cit.

⁹¹Loc. cit. Grifos nossos.

despersonaliza e se reveste com a forma coletiva impessoal [...].⁹²

Se as relações passam a ser cada vez mais impessoais pelos pequenos ou futuros grandes burgueses, Antônia ganha humanidade conferida pelo narrador. A prostituta é vista com espírito mais humano, alguém que possui empatia pela natureza, apesar das dificuldades: “— não se esquecia nunca de colher pelo caminho uns ‘boas-noites’, umas flores de melão-de-são-caetano, de pinhão, de quaresma, de manacás, de maricás — o que encontrasse [...]”⁹³

O narrador atribui humanidade à prostituta e elenca as qualidades da personagem negra Dona Felismina: “Além de lavar para fora, tinha uma pequena pensão que lhe deixara o marido, guarda-freios da Central, morto num desastre. Era uma preta de meia idade, mas já sem atrativo algum.”⁹⁴ Em contraste com Dona Felismina, o narrador nos apresenta a Baiana, “rica” para os padrões do subúrbio, na chamada “Rua dos Espinhos”. Esta personagem encontra, um dia, um embrulho: “Era uma criança branca — uma menina.”⁹⁵ Adotada pela negra Baiana, é chamada de “Baianinha”. Os preconceitos geralmente vêm dos caixeiros. Crescida, quando “Baianinha” ia às compras na venda, dizia o caixeiro:

— “Baianinha”, tua mãe é negra.

A pequena arrufava-se e respondia com indignação:

— Negra é tu, “seu” burro!

A Baiana, porém, era “rica”, estava mais distante.⁹⁶

Verificamos que o narrador analisa diversos tipos de preconceitos como, por exemplo, os regionais, no vocábulo “baianinha”, diminutivo que explica bem a condição social do migrante; o preconceito social contra a prostituição no termo “vagabunda”; o preconceito racial como forma de xingamento em “tua mãe é negra”; o preconceito de gênero para os padrões culturais da época em “encontrou em uma calçada um embrulho um tanto grande. Era uma criança, branca — uma menina”. Há

⁹²LAFARGUE, Paul. “Die Ursachen des Gottesglaubens”, *Die Neue Zeit* XXIV, nº 1, Stuttgart, 1906, p. 512. In: BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009, p. 538.

⁹³BARRETO, op. cit., nota 81, p. 42.

⁹⁴Idem, *Ibidem*, p. 42.

⁹⁵Idem, *Ibidem*, p. 43.

⁹⁶Loc.cit.

superposição de inúmeros preconceitos e é dos comerciantes que advêm os piores. É neste universo de preconceitos que entra o filho de Dona Felismina:

Dona Felismina morava com o seu filho José, Zeca, um pretinho de pele de veludo, macia de acariciar o olhar, com a carapinha sempre aparada pelos cuidados de sua mãe, e também com as roupas sempre limpas, graças aos cuidados dela.⁹⁷

O narrador elenca as qualidades do menino Zeca: “obediente”; “resignado” e “cumpridor das ordens maternas”, mas quase todos os personagens são femininos: Dona Felismina, a mãe do Zeca; Dona Emerenciana, “preta e honesta”; Antônia, a prostituta por necessidade, com seus dois filhos; a Baiana “negra” e “rica” para os padrões do subúrbio e a filha branca encontrada num embrulho.

Dentro do subúrbio de Inhaúma, o menino Zeca e Dona Felismina passam a ser protagonistas. Entra em cena o protetor de Zeca: o coronel “Seu” Castro. A vontade deste era colocar o Zeca num internato, a fim de que este menino dedicado adquirisse instrução. O narrador entra numa análise sociológica:

Titubeou a rapariga e o velho funcionário [“Seu” Castro] compreendeu, pois desde há muito já tinha compreendido, na gente de cor, especialmente nas negras, esse amor, esse apego à casa própria, à sua choupana, ao seu rancho, ao seu barracão – *uma espécie de protesto de posse contra a dependência da escravidão que sofreram durante séculos*. Apesar da recusa, o Coronel Castro, em que a idade e as desgraças domésticas tinham mais enchido de bondade o seu coração naturalmente bom, nunca deixou de interessar-se pela criança, que o penalizava excessivamente.⁹⁸

Nos chamados “subúrbios” havia muita solidariedade, é o que somos levados a concluir das narrativas de Lima Barreto. Nesse conto, podemos citar a solidariedade das mulheres negras em relação à prostituta, em relação ao abandono de uma menina “branca” que é adotada por uma delas, ou ainda o carinho pelo menino Zeca, vindo do

⁹⁷BARRETO, op. cit., nota 81, p. 44.

⁹⁸Idem, Ibidem, p. 47. Grifos nossos.

paternal “Seu” Castro. Não por acaso, numa das vezes em que Zeca levou as roupas lavadas por Dona Felismina ao “Seu” Castro, este notou o silêncio e a tristeza do menino. Queria saber a razão. Mas o Zeca não falava. “Seu” Castro insistia:

— Dize Zeca. Dize que eu te darei uma vestimenta de “diabinho” no carnaval que está aí.

O pretinho levantou a cabeça e olhou com um grande e brusco olhar de agradecimento, de comovido agradecimento àquele velho de tão belos cabelos brancos.

Confessou; e Castro nada disse a ninguém da humildade e ingênua confissão do pretinho Zeca.⁹⁹

Ainda que a narrativa já tenha oferecido descrição e análise dos “subúrbios”, das formas de construções possíveis para a gente pobre e dos preconceitos emanados pela classe burguesa, nós, leitores, ficamos ansiosos, esperando qual teria sido a confissão do menino Zeca, instigados pela horrível máscara de “diabo” oferecida pelo “Seu” Castro. A pergunta é: por que oferecer a fantasia de diabo ao Zeca? Parece que o autor quer operar por contraste: a fantasia carnavalesca nada possui do menino bom e resignado. A desconfiança de Dona Felismina ao ver o menino carregando fantasia de “diabo” é bem oportuna para entendermos as relações sociais e o medo da população negra. A citação é longa, mas importante:

Dona Felismina veio para o interior do barracão; e pôs-se a arrumar a roupa seca e corada. Zeca distraído no outro extremo do aposento, não a viu entrar e, julgando-a lá fora, desembulhou os apetrechos carnavalescos. Sobre a humilde e tosca mesa de pinho estendeu uma rubra vestimenta de ganga rala e uma máscara, apavorante de olhos esbugalhados, língua retorcida e chifres agressivos, apareceu tão amedrontadora que se o próprio diabo a visse teria medo.

A mãe, ao barulho dos guizos, virou-se, e, vendo aquilo, ficou subitamente cheia de más suspeitas:

— Zeca, que é isso?

Uma visão dolorosa lhe chegou aos olhos, da casa de detenção, das suas grades, dos seus muros

⁹⁹BARRETO, op. cit., nota 81, p. 49.

altos... Ah! Meu Deus! Antes uma boa morte!... E repetiu ainda mais severamente:

— Que é isso Zeca? Onde você arranjou isso?

— Não... mamãe... não

— Você roubou, meu filho? ... Zeca, meu filho! Pobre, sim; mas ladrão não! Ah! Meu Deus!... Onde você arranjou isso Zeca?¹⁰⁰

Para a mãe de Zeca, *a priori*, a questão é vista com muita desconfiança, além da questão moral, do medo da polícia e da casa de detenção. Finalmente, Dona Felismina, sabendo ser presente do “Seu” Castro, passa a querer saber o porquê daquela fantasia. E a resposta do Zeca é a seguinte:

— Não lhe contei que há meses, diversas vezes, quando passava, para ir à casa de Dona Ludovina, diante do portão do Capitão Albuquerque, os meninos gritavam: “ó moleque! – ó moleque – ó negro! Ó gibi!” Não lhe contei?

— Contou-me e daí?

— Por isso quando o coronel me prometeu a fantasia, aceitei.

— Que tem uma coisa com a outra?

— Queria amanhã passar por lá e meter medo aos meninos que me vaiaram.¹⁰¹

Desde o início, o narrador nos mostra a dignidade destes humildes personagens e também desde o início os inúmeros preconceitos sociais a que estavam submetidos, expressos nas alcunhas dos mais diferentes espectros: “vagabunda”; “mãe negra”; “baianinha”; “negro”; “gibi” (negrinho). Personagens femininas que trabalham muito. Nesta acepção, o carnaval passa a representar o expurgo de todas as discriminações sofridas no subúrbio de Inhaúma. A fantasia de “diabo” oferecida ao menino “anjo” Zeca é bem significativa: a *redenção* não vem da religiosidade, mas do caráter profano e carnavalesco. Michael Löwy, acerca da discriminação, afirma:

¹⁰⁰BARRETO, op. cit., nota 81, p. 49-50.

¹⁰¹Idem, ibidem, nota 81, p. 50.

Pouco a pouco me dei conta também da dimensão universal das proposições de Benjamin, de sua importância para compreender – “do ponto de vista dos vencidos” – não só a história das classes oprimidas, mas também a das mulheres – a metade da humanidade -, dos judeus, dos ciganos, dos índios das Américas, dos curdos, dos negros, das minorias sexuais, isto é, dos párias – no sentido que Hannah Arendt dava a este termo – de todas as épocas e de todos os continentes.¹⁰²

No conto, o que aparece com muita precisão analítica é justamente uma história do ponto de vista dos vencidos: pobres mulheres mães com seus filhos. A dignidade e o trabalho de tais personagens invertem todo o discurso eugenista da época, tendo em vista a discriminação contra os negros. O subúrbio é constituído por gente com fibra e dignidade. Ao pretender escrever o “negrismo” na literatura brasileira, Lima Barreto em muito se aproxima do “materialismo histórico”, considerando a teoria de Walter Benjamin. Se não ocorre a redenção messiânica (*Erlösung*), entendida aqui do ponto de vista teológico e político e nos termos de salvação, libertação ou liberação, há uma inversão profana na fantasia do diabo do menino Zeca que espanta o preconceito racial, parecendo dizer em alto e bom tom: eu também tenho direito à felicidade (*Glück*), ao menos no período carnavalesco.

Os personagens do conto são vítimas da história social e econômica da escravidão e da burguesia. O medo do passado escravagista movimenta o presente de Dona Felismina. Ao mesmo tempo, acontece durante o período carnavalesco, não apenas para o menino Zeca, a *restitutio ad integrum* [restituição integral], operada aqui no sentido de dar a ele, paradoxalmente com a fantasia profana do diabo, o caráter religioso de respeito e integração à sociedade. Lima Barreto preocupa-se com a memória, com um passado pendente de justiça, construindo personagens que muito se aproximam do chamado “materialismo histórico”, dentro da teoria benjaminiana exposta. Se a força messiânica de tais personagens é ainda fraca, quase débil, o romancista assume a condição de olhar a geração anterior e construir uma narrativa que se inverte, colocando tais personagens como protagonistas, obrigando-nos, ainda, a olhá-los com mais atenção de análise o que afirma Walter Benjamin no final da Tese II: “Então nos foi

¹⁰²LÖWY, op. cit., p. 39.

dada, assim como a cada geração que nos precedeu, uma *fraca* força messiânica, à qual o passado tem pretensão. Essa pretensão não pode ser descartada sem custo. O materialista histórico sabe disso.”¹⁰³

No conto “O moleque” é possível, ainda, considerando o tema carnaval, anteciparmo-nos em relação à primeira frase da Tese VIII: “A tradição dos oprimidos nos ensina que o ‘estado de exceção’ no qual vivemos é a regra.”¹⁰⁴ O estado de exceção a que se refere Walter Benjamin, para os trabalhadores oprimidos, é a regra que, se pensarmos no período de carnaval, ganha diferenças importantes em relação ao período restante do ano. Há um expurgo das humilhações sofridas. Os oprimidos podem se expressar por meio da cultura popular, sem medo de serem discriminados. A diferenciação social, inclusive a racial, tende a diminuir parcialmente, sem prejuízo de distinções de classe. Terminado o desfile, cada participante volta para sua vida ordinária. O menino Zeca, vestido de diabo, quer ter restituída, no período do carnaval, sua integridade violada durante o ano pela discriminação racial. A fantasia do diabo ganha contornos de redenção. Portanto, grosso modo, o carnaval tem o poder de interromper o trajeto ordinário dos oprimidos. Michael Löwy comenta sobre o carnaval:

Esse “estado de exceção” utópico é prefigurado por todas as revoltas e sublevações que interrompem apenas por um breve momento o cortejo triunfante dos dominantes. Ele encontra também uma prefiguração lúdica – e até mesmo grotesca – em algumas festas populares, como o carnaval: Benjamin concorda, nesse caso, com Bakhtin. Em um conto dos anos de 1920, publicado em francês com o título “En regardant passer le corso” [Observando o corso passar], ele escreve: “O carnaval é um estado de exceção. Um derivado dos antigos saturnais durante os quais o superior e o inferior trocavam de lugar e em que os escravos eram servidos por seus senhores. Ora, um estado de exceção não pode ser definido precisamente, senão em oposição total a um estado ordinário.”¹⁰⁵

¹⁰³ BARRETO, op. cit., nota 81, p. 48. Grifo do autor.

¹⁰⁴ LÖWY, op. cit., p. 83.

¹⁰⁵ BARRETO, op. cit., nota 81, p. 85-86.

Quanto ao processo de carnavalização, entendido como “estado de exceção” em que, parcial e temporariamente, invertem-se as posições entre as classes sociais, Mikhail Bakhtin apresenta considerações acerca do carnaval europeu e do carnaval da Idade Média, os quais têm certas similaridades analíticas que, salvo engano, podem ser aplicadas ao período carnavalesco do conto, quando o menino Zeca “inverte” a ordem, considerada “natural”, do preconceito racial:

O carnaval é um espetáculo sem ribalta e sem divisão entre atores e espectadores. No carnaval todos são participantes ativos, todos participam da ação carnavalesca. Não se contempla e, em termos rigorosos, nem se representa o carnaval mas vive-se nele, e vive-se conforme as suas leis enquanto estas vigoram, ou seja, vive-se uma vida carnavalesca. Esta é uma vida desviada da sua ordem habitual, em certo sentido uma “vida às avessas”, um “mundo invertido”.¹⁰⁶

O menino Zeca inverte o discurso quando “quer meter medo aos meninos” que o vaiaram. É por isso que ele aceita a fantasia do diabo do “seu” Castro. É por isso também que ele “levantou a cabeça e olhou com um grande e brusco olhar de agradecimento, de comovido agradecimento [...]”. Para o personagem existe a possibilidade de restituição de sua dignidade, ofendida pelo preconceito racial dos outros meninos. Em sua humildade e ingenuidade, o “pretinho Zeca” quer espantar, com a fantasia do diabo, o estado permanente de exceção e o preconceito racial. O ordinário estado de exceção, para o menino Zeca, torna-se a possibilidade de se tornar “extra-ordinário”, ao menos no período carnavalesco. A fantasia do conto se reveste de outra fantasia, de outra possibilidade de integração à sociedade. Esta integração se opera na possibilidade de reação e, momentaneamente, de libertação do Zeca, em que ele se coloca num patamar de igualdade em relação aos demais meninos. Lima Barreto aproxima-se, com este personagem, do “materialismo histórico” entendido como narração baseada na luta histórica dos oprimidos, “dos negros [...] de todas as épocas e de todos os continentes”, conforme vimos na proposição de Michael Löwy acerca das teses de Walter Benjamin. O excluído se sente, ao menos neste

¹⁰⁶ BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitário, 1997, p. 122-123.

período, incluído num sistema de valores da cultura popular, valorizado na arte e, como afirma Bakhtin, num mundo invertido.

2.2.3 *Angelus Novus*: “Os negros (esboço de uma peça?)”¹⁰⁷

A pergunta é bem interessante porque o esboço tem, dentre outros significados, a ideia de algo inicial que não se completa. Não se pretende a totalidade, mas o início de algo que foge da lembrança. E não se quer esquecer, mas lembrar. A primeira epígrafe do drama é a frase do dramaturgo e socialista belga Maurice-Polydore-Marie-Barnard Maeterlink (1862-1949): “Segundo, ou antes, trilhando”, em que verbo “trilhar” pode indicar o trajeto de sofrimento dos negros escravos. A segunda epígrafe é do poema *Vozes d’África*, do “Poeta dos Escravos”, Castro Alves (1848-1871):

..... a dor poreja,
Quando o chicote do simum dardeja
O teu braço eternal.

A elisão do início do verso: “minha garupa sangra, a dor poreja” demonstra que Lima Barreto quer destacar que a barbárie não estava apenas no trajeto entre o continente africano e o americano, num apelo desesperado a Deus. A violência da escravidão e o grito do sujeito lírico, das vozes, no primeiro verso do poema: “Deus! Oh Deus! Onde estás que não respondes!”, é o desespero dos escravos, do vento quente e forte, frente à escuridão, às penedias e, dentro da teoria de Walter Benjamin, da grande tempestade que se aproxima. Esta tempestade é a dor que “poreja” e a morte que “dardeja”.

No conto, são sete personagens, sem-nome. São sete negros que são escravos fugidos. Sete pode ter significado religioso: sete dias da semana e, no caso dos negros, sem direito a descanso. Na acepção bíblica, trabalha-se seis dias e se descansa no sétimo. O “sete” pode indicar uma situação apocalíptica: “[...] sete são os espíritos que estão diante de Deus” (Apocalipse, 1:4).¹⁰⁸ Para os escravos a situação de barbárie era permanente: os negros eram examinados e comercializados como *commodities* do regime, constituindo-se como espécie de mercadoria, sem direito, em muitos casos, a qualquer mediação.

¹⁰⁷ Conto ou cena de peça? Tem data de 21 de setembro de 1905.

¹⁰⁸ *A Bíblia na linguagem de hoje*. Sociedade Bíblica do Brasil. São Paulo, 1988, p. 320.

No primeiro parágrafo, a “Cena nos tempos da escravidão”¹⁰⁹, é de rara intensidade. Segue-se a descrição de um penhasco em frente ao mar. Mas as ondas fecham as saídas, “interrompendo a praia durante muitos metros e fechando caminho para os lados.”¹¹⁰ A natureza se fecha em copas, com penedias, abismos, escuridão e tempestade, não há anjos salvadores, não há messias. Os caminhos possíveis são vigiados pela morte, o espaço físico torna-se sufocante e o tempo, dada à possibilidade de os negros serem capturados, é mínimo.

A descrição do “negro velho” é de fixidez:

Um negro velho, barbado, de barbas brancas, tendo o lanhudo cabelo branco emaranhado como algodão em pasta, está sentado sobre um pedaço de rocha. [...]. Os olhos estão parados nas órbitas; não há neles nem amor, nem ódio, nem esperança, nem temor. Movendo-os, fica rígido; é como se fosse uma tosca escultura talhada na adusta rocha em que se senta.¹¹¹

Alguns vocábulos aparecem, no texto, com a primeira letra grafada em maiúscula. Morte é um deles. O mar seria a saída para os sete negros? A lembrança dos navios negreiros torna-se mais uma lembrança terrível. E ao lado do negro velho: “Uma negra tem o filhinho ao colo, dormindo. Os traços grosseiros da criança, no sono, se adelgaçam, afinam-se e acabam por emanar a misteriosa beleza da ingenuidade, da inocência.”¹¹² O olhar fixo do negro velho e o tempo parecem anunciar o anjo da tempestade, o que nos remete a uma das principais teses de Walter Benjamin: a IX:

Tese IX

“Minha asa está pronta para o voo
De bom grado voltaria atrás
Pois permanecesse eu também tempo vivo
Teria pouca sorte.”
Gerhard Sholem, *Salut de l'ange* [Saudação do Anjo].

¹⁰⁹BARRETO, op. cit., nota 51, p. 306.

¹¹⁰Idem, Ibidem, p. 307.

¹¹¹Idem, ibidem, p. 307

¹¹²Loc. cit.

Existe um quadro de Klee intitulado “Angelus Novus”. Nele está representado um anjo, que parece estar a ponto de afastar-se de algo em que crava o seu olhar. Seus olhos estão arregalados, sua boca está aberta e suas asas estão estiradas. O anjo da história tem de parecer assim. Ele tem seu rosto voltado para o passado. Onde uma cadeia de eventos aparece diante de nós, ele enxerga uma única catástrofe, que sem cessar amontoa escombros sobre escombros e os arremessa a seus pés. Ele bem que gostaria de demorar-se, de despertar os mortos e juntar os destroços. Mas do paraíso sopra uma tempestade que se emaranhou em suas asas e é tão forte que o anjo não pode mais fechá-las. Essa tempestade o impele irresistivelmente para o futuro, para o qual dá as costas, enquanto o amontoado de escombros diante dele cresce até o céu. O que nós chamamos de progresso é essa tempestade.¹¹³

Para os escravos, a exemplo do anjo de Paul Klee, a ideia de volta ao continente africano é muito mais um risco, com pouca probabilidade de dar certo, considerando o sistema escravagista. O anjo com os olhos arregalados, olhar fixo, com as asas estiradas pelo cansaço, voltado para o passado, como no poema *Vozes d'África*, de Castro Alves, vê os escombros, os mortos e o “sísum” que como chicote “dardeja”. O que virá é a tempestade. A alegoria de Walter Benjamin pode se aplicar aos escravos oprimidos num regime de exceção permanente. O anjo bem que gostaria de “juntar os destroços”, mas o amontoado de “escombros humanos” cresce diante dele.

Entendemos ser importante abrir espaço para a compreensão do que Walter Benjamin chama de “imagens dialéticas”. Katia Muricy, em *Alegorias da dialética: imagem e pensamento em Walter Benjamin*, apresenta a seguinte definição:

A noção de *imagem dialética* é a grande novidade da epistemologia exposta no livro das Passagens (*sic*). Ela constitui-se pela articulação temporal que Benjamin encontrara nas alegorias de Baudelaire – o encontro do antigo e do moderno. A *imagem dialética* é a projeção, na atualidade,

¹¹³LÖWY, op. cit., p. 87.

das fantasias e desejos da humanidade – o encontro do Outrora e do Agora. A *imagem dialética*, isto é, a dialética parada, é ambivalente: é sonho e despertar, o arcaico e o atual. A tarefa do historiador é a de dialetizar essa relação, transformando a imagem arcaica, ou onírica, em conhecimento. Na *imagem dialética* a relação entre o passado e o presente é arrancada da continuidade temporal. Não há um desenrolar dialético, mas um salto que se imobiliza. É a produção de um conhecimento imediato sobre um objeto histórico constituído simultaneamente, por sua vez, nessa imobilização. O espaço desta imobilização é a linguagem – o *médium* das *imagens dialéticas*.¹¹⁴

Como ilustração, destacamos as seguintes *imagens dialéticas*: o autômato jogador de xadrez, de Johann Nepomuk Maelzel, de 1769, e o *Angelus Novus*, de Paul Klee, vide imagens nas páginas 55 e 56, adiante. A imagem dialética do autômato da Tese I foi inserida para que possamos compreender melhor seu alcance e sua importância, no que tem de associação paradoxal entre o “materialismo histórico” e a teologia. Lembremo-nos também que esta alegoria foi inspirada no conto “O jogador de xadrez de Maelzel”, de Edgar Allan Poe, traduzido por Baudelaire. Löwy nos oferece a seguinte explicação sobre o assunto:

Em primeiro lugar, o autômato: é um boneco, ou uma marionete, “chamado ‘materialismo histórico’”. O uso das aspas e o estilo da frase sugerem que esse autômato não é o “verdadeiro” materialismo histórico, mas aquele que se *costuma* chamar assim. Quem “costuma”? Os principais porta-vozes do marxismo de sua época, isto é, os ideólogos da II e da III Internacional. Aos olhos de Benjamin, o materialismo histórico torna-se efetivamente, nas mãos desses porta-vozes, um método que percebe a história como um tipo de máquina que conduz “automaticamente” ao triunfo do socialismo. Para

¹¹⁴MURICY, Katia. *Alegorias da dialética: imagem e pensamento em Walter Benjamin*. Rio de Janeiro: Nau, 2009, p. 237. Grifos da autora. Benjamin “não” define a função da linguagem como sendo apenas meio de transmissão de conteúdos. Há, também, um caráter transcendente que, ao invés do termo *meio*, passa a ser identificado com o termo *médium*.

esse materialismo mecânico, o desenvolvimento das forças produtivas, o progresso econômico e as “leis da história” levam necessariamente à crise final do capitalismo e à vitória do proletariado (versão comunista) ou às reformas que transformarão gradualmente a sociedade (versão social-democrata). Ora, esse autômato, esse manequim, esse boneco mecânico, não é capaz de ganhar a partida.

“Ganhar a partida” tem aqui um duplo sentido:

- a) Interpretar corretamente a história, lutar contra a visão da história dos opressores;
- b) Vencer o próprio inimigo histórico, as classes dominantes – em 1940: o fascismo.¹¹⁵

Lima Barreto interpreta a história do ponto de vista dos oprimidos, ao menos nos textos até aqui examinados. O anjo teológico mais o “materialismo histórico” podem ganhar a partida, unidos, contra os opressores. Importante se faz entender que nesta alegoria, a teologia só poderia agir de forma oculta, defendendo direitos humanos. A teologia se esconde dos opressores para ganhar as partidas e defender os oprimidos.

O anjo de Paul Klee, por sua vez, é instigante. Se entendermos uma das possíveis definições de arte como “aquele objeto em que não nos cansamos de olhar”, este quadro, para muitas pessoas, pode fixar-se como objeto de reflexão. É preciso considerá-lo extremamente coerente com a teoria de Walter Benjamin. Ainda que muitos digam que o anjo não tem o rosto voltado para trás, alegamos, em defesa, que o anjo olha o passado e está de costas para o futuro. O olho esquerdo está extremamente voltado para a esquerda e, salvo engano, a alegoria, em Walter Benjamin, centrou-se no olhar dividido entre a direita e a esquerda. A cor amarelada do quadro tem muitas leituras, uma delas é que ele, o anjo, apresenta luminosidade própria, além de também representar o medo, o temor e o desespero. As formas desproporcionais, como o tamanho maior da cabeça, demonstram a capacidade intelectual de discernimento e de análise. Normalmente, as imagens de anjos apresentam formas humanas proporcionais. O anjo de Klee é desproporcional: tem as asas abertas fixas e de tamanho bem próximo ao da cabeça. A parte superior, que começa na cintura, é maior, sobretudo a cabeça: olhos saltados, boca aberta e grandes ouvidos. A parte inferior é

¹¹⁵LÖWY, op. cit., p. 41-42. Grifos do autor.

menor. As pernas são curtas e nos pés há apenas três dedos: não pode correr? É importante ainda entender que as imagens dialéticas são alegóricas:

As “Teses” são construídas como alegorias. As alegorias de Benjamin são *imagens dialéticas*, onde passado e presente fulguram simultaneamente em um conhecimento instantâneo de ambos: “*A imagem dialética é como um relâmpago. Portanto deve-se reter a imagem do passado [...] como uma imagem fulgurante no agora do cognoscível. A salvação, que só desse modo e de nenhum outro, se consuma, só se deixa sempre ganhar através da percepção daquilo que se perde irremediavelmente.*” O caráter dialético da alegoria, a tensão dos extremos, havia sido proposto por Benjamin em seu estudo sobre o barroco. Nas “Teses” essa dialética é elaborada em toda a sua complexa originalidade. Sua relação com o trabalho sobre as Passagens (*sic*) é imprescindível.

As duas imagens mais importantes das teses são a do autômato e do anão, da tese 1, e a do anjo da história, da tese 9.¹¹⁶

Tais imagens aparecem também na análise de Flávio R. Kothe, no livro *Walter Benjamin: sociologia*.¹¹⁷ Olhando o quadro de Klee e a concepção de história proposta por Walter Benjamin, podemos encontrar o mesmo desespero nos personagens do drama de Lima Barreto. O negro velho, sendo o mais experiente personagem da cena, salvo engano, poderia nos remeter a algumas das características alegóricas do anjo da história, tendo o olhar fixo e demonstrando a mesma perplexidade diante do inevitável açoite ou da Morte:

Estamos no coração da tese ou, melhor, das Teses. Os escombros, as ruínas, os cadáveres que o anjo vê são os custos humanos e sociais do progresso, custos que são de fato sofrimentos infligidos ao homem.¹¹⁸

¹¹⁶MURICY, op. cit., p. 234-235. Grifos nossos.

¹¹⁷KOTHE, op. cit., p. 154 e p. 158, respectivamente.

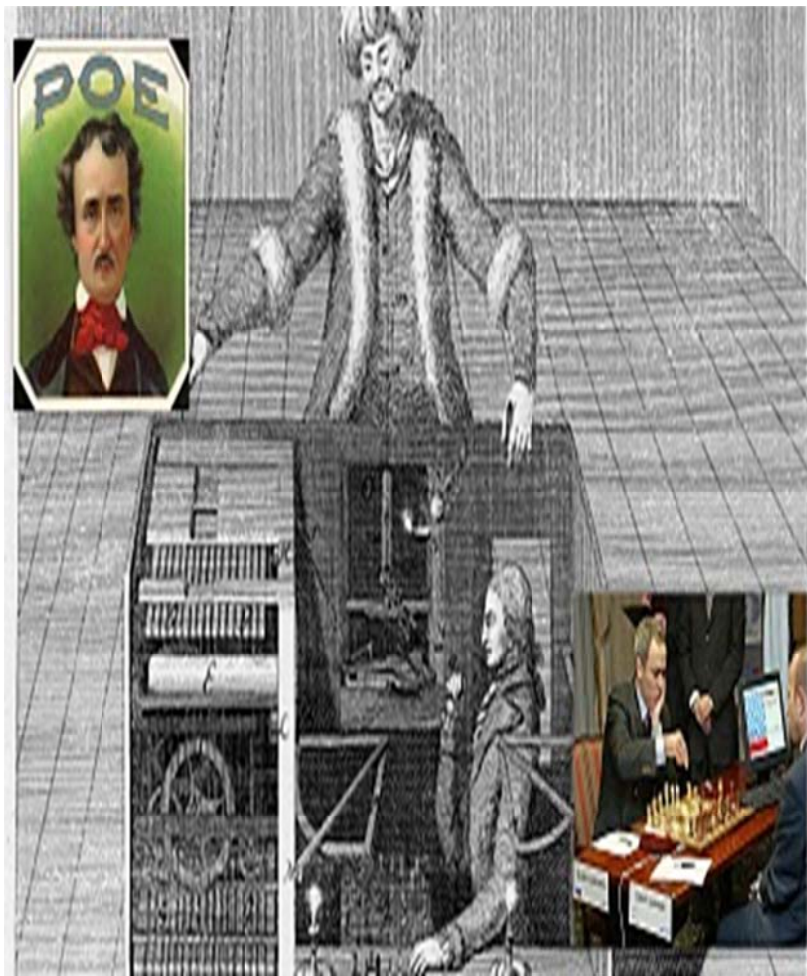
¹¹⁸MATE, op. cit., p. 217.

Os mortos somam destroços, além da barbárie do tráfico negreiro: “É boca da noite. Em breve ela cai seguida de segunda cúpula negra de tempestade, que se ergue vagamente dos cumes garfados do norte.”¹¹⁹

O anjo também é aquele que anuncia e vê no futuro a tempestade. Olhar estarecido diante da possibilidade de mais escombros humanos. O anjo da história mantém o olhar fixo. O ponto de interrogação é aplicado sobre um sistema que sustenta o esquecimento da história. Ambos, Lima Barreto e Walter Benjamin, interrogam a classe dominante sobre o conceito de progresso, muitas vezes “não” aplicado nas melhorias das condições de vida do ser humano.

¹¹⁹BARRETO, op. cit., nota 51, p. 307.

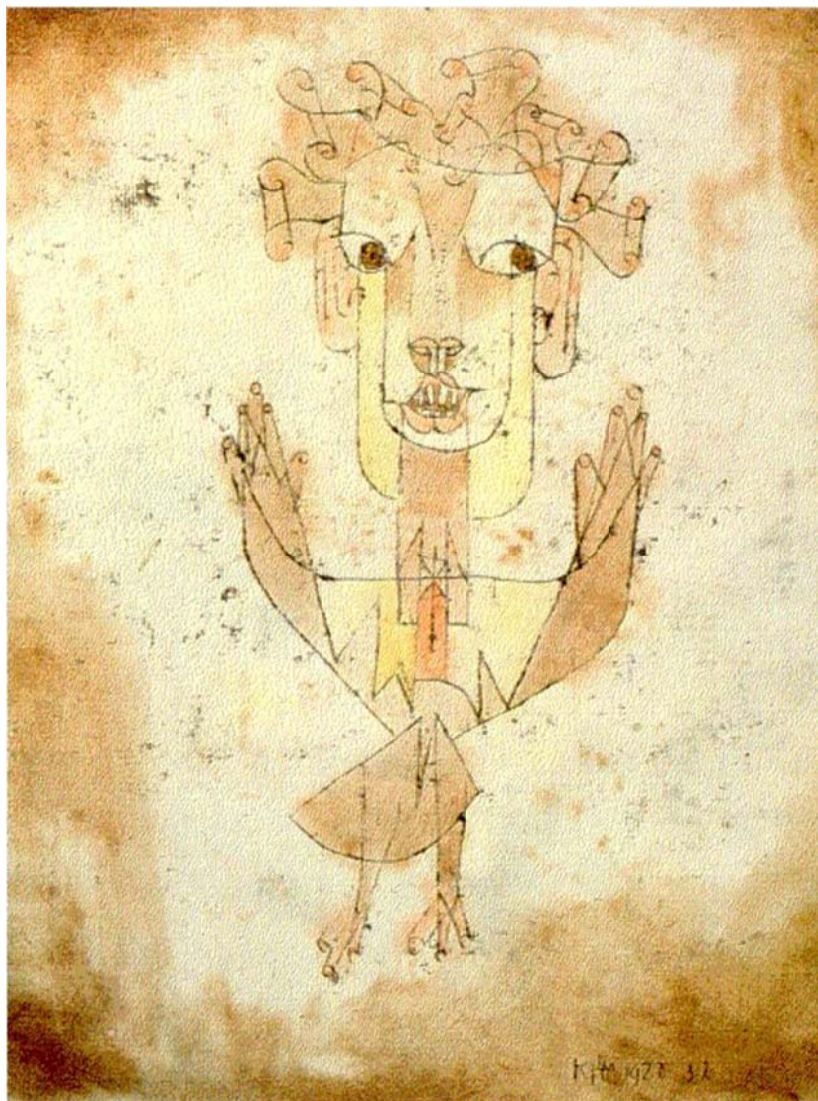
Figura 1: O jogador de Maelzel.



Fonte: Blog de Everardo Norões. Retábulo de Jerônimo Bosh. Disponível em: <http://retabulodejeronimobosch.blogspot.com/2010/02/mentes-mente-o-primeiro-automato.html>.

Acesso em: oito de março de 2012

Figura 2: *Angelus Novus* de Paul Klee.



Fonte: Walter Benjamin: *Sobre o conceito de história*.

Disponível em: <http://www.sfu.ca/~andrewf/CONCEPT2.html>

Acesso em oito de março de 2012.

O quadro de Paul Klee e a situação dos personagens em “Os negros (esboço de uma peça?)” não são muito diferentes de inúmeras situações de catástrofes provocadas por seres humanos. No caso, a cena descrita por Lima Barreto tem origem no sistema escravagista. O escritor escova a história a contrapelo, conforme a Tese VII que veremos adiante, tendo em vista o discurso eugenista da época: “As portas fechavam-se à sua frente, restando apenas frestas por onde os não brancos deveriam passar – pagando pedágio em dignidade e comportamento acrítico se quisessem ascender socialmente.”¹²⁰

No diálogo inicial dos personagens, o que se destaca é a fome:

1º NEGRO – Não há mais mariscos; a areia está vazia.

2º NEGRO – A areia está vazia! E a rocha, não tem ostras?

1º NEGRO – A rocha não tem mais nada. (Silêncio)¹²¹

Tudo parece contribuir para o sofrimento, a fome, o abandono completo dos personagens. A própria natureza, tão proclamada como símbolo do país, nada oferece além de espinhos e tempestade aterrorizante:

3º NEGRO – Virão sim. Custarão; procurarão aqui, ali e hão de nos achar.

NEGRA VELHA - Stamos muito longe da fazenda?

2º NEGRO – Muito, pois quase andamos quatro dias pelos matos. (A brisa começa a soprar)¹²²

O primeiro aspecto refere-se à procura dos escravos, efetuada pelos feitores, a serviço dos fazendeiros. Não tem jeito: os negros serão encontrados e voltarão para o açoite e para a chibata. Da negra velha vem a forma “Stamos”, referência intertextual com o poema *O Navio Negreiro*, de Castro Alves. Vejamos uma das estrofes:

'Stamos em pleno mar... Doudo no espaço
Brinca o luar — dourada borboleta;
E as vagas após ele correm... cansam

¹²⁰SILVA, op. cit., p. 22.

¹²¹BARRETO, op. cit., nota 51, p. 308.

¹²²Idem, ibidem, p. 308.

Como turba de infantes inquieta.¹²³

Se Castro Alves escreve em protesto contra a desumanidade do tráfico negreiro, proibido a partir de 1850, mas insistindo em prevalecer, quando mais de cinquenta por cento dos negros transportados morria no trajeto, Lima Barreto quer mostrar que a barbárie continua em terra firme. A forma “Stamos” é assim grafada em Castro Alves para manter os versos em decassílabo, do ponto de vista formal.

Há também discurso antibíblico, tendo em vista que a cobra para os africanos não tem o mesmo significado atribuído pelo cristianismo. Verificamos o tom messiânico e profano da narrativa: “NEGRO VELHO – Veneno de cobra cura-se.”¹²⁴ Neste trecho da narrativa, vem a lembrança da África:

3º NEGRO – Os navios, que não nos vejam eles... Quando vim da minha terra dentro deles... Que coisa! Era escuro, molhado... Estava solto e parecia que vinha amarrado pelo pescoço. Melhor vale a fazenda...

2º NEGRO – É longe a tua terra? Lá só há negro?

3º NEGRO – Não sei... Não sei... Era pequeno. Andei uma porção de dias. As pernas doíam-me, os braços, o corpo, e carregava muito peso. Se queria descanso, lá vinham uns homens com chicotes. Vinhamos muitos, de vários lugares. Cada qual falava uma língua. Não nos entendíamos. Todo o dia, morriam dois, quatro, e os urubus acompanhavam-nos sempre. Minha terra... Não sei... Era perto de um rio, muito largo, como o mar, mas roncava mais... Sim! Tudo era negro lá... Um dia, houve um grande estrépito, barulho, tiros e quando dei acordo de mim estava atado, amarrado e... marchei... Não sei... Não sei... (*Tudo agora é escuro. As nuvens fecharam-se. O luar não as pode mais atravessar*).¹²⁵

Não se sabe ao certo qual a pátria. Muitos países e inúmeras línguas: torre de babel entre os africanos. A barbárie da chegada e o tronco acompanham os negros:

¹²³ ALVES, Castro. *O navio negreiro*. Disponível em:

<<http://www.casadobruzo.com.br/poesia/c/castrobio4.htm>> Acesso em 12 dez. 2011.

¹²⁴ BARRETO, op. cit., nota 51, p. 308. Grifos nossos.

¹²⁵ Idem, Ibidem, p. 308-309. Grifos nossos.

NEGRA VELHA – E eu não sei nada mais donde vim. Foi dos ares ou do inferno? Não me lembro... Do que me lembro, foi do desembarque. Havia muito mar. Fomos para o barracão. Davam-nos uma gamela e nela comíamos todos, ao mesmo tempo. Depois vieram homens. Escolheram dentre nós alguns. Experimentavam os dentes, os braços, faziam abrir as pernas, examinavam a nós, com cuidado; e, ao fim, andávamos por muitas terras. Eu fui comprada pelo coronel. (Silêncio)

2º NEGRO – O coronel não é mau; mas o feitor... Tem o coração de pedra. Um dia me pôs no tronco... Eu respondi-lhe mal... Ele me deu uma ordem, eu não cumpri... Fiquei dois dias no tronco, a pão e água. No fim, parecia que não tinha mais pernas. Elas estavam tão dormidas, esquecidas! Quando me levantei, cambaleei... Caí...

1º NEGRO – O tronco... O tronco...¹²⁶

A narração demonstra o sofrimento dos negros. Escravos tratados como mercadorias, analisados como animais no barracão. A história, neste esboço de cena, ganha contornos quase completos, sem saída. O espaço e o tempo se fecham. Ela representa os negros esquecidos e a história apagada pela classe dominante. Lima Barreto quer recordar: “Vivemos numa cultura da amnésia e farão falta muitas energias para pensar a ética e a política, o direito e a justiça, a verdade e a beleza a partir da memória dos vencidos.”¹²⁷ Não havia saída possível entre o tronco e a Morte.

A negra velha possui um filho. Salvo engano, parece criar uma criança que não é a dela, mas de mãe já morta. Por que negra velha com criança pequena? Desse diálogo em que a criança imagina uma casa que não tem janelas, em que entra o vento, a chuva, a tempestade, poderíamos questionar: que casa é esta? Uma casa sonhada e esvaziada de tudo.

Os escravos imaginam como salvação uma baleia capaz de transportá-los para bem longe. Para onde? A tempestade chega e a criança, inocentemente, pergunta: “CRIANÇA – o teto está furado, mamãe? Chove dentro de casa...”¹²⁸ O medo se apodera dos negros: “1º

¹²⁶BARRETO, op. cit., nota 51, p. 309.

¹²⁷MATE, op. cit., p. 167.

¹²⁸BARRETO, op. cit., nota 51, p. 311.

NEGRO – Há passos, parece uma tropa em marcha... Espoucam tiros...”

¹²⁹ O desfecho é aterrador, pois sete negros não têm como fugir, não há possibilidade de saída frente a uma tropa com armas. O negro velho chamado de “tio” morre. A criança chora:

1º NEGRO – Tio! Tio! Que é isso? (*O negro velho caiu. A criança chora, chora muito*).

2º NEGRO – Tio! Tio!

3º NEGRO – Que é isso, tio, tio?

NEGRA MOÇA – Ele morre, ele morre... (Silêncio). Tio, tio... (*A criança chora cada vez mais*)

NEGRA VELHA – Tragam água... Ele morre... Tio... Tio... (*A criança chora. E, durante uma pausa, ouve-se um tiro próximo*)

21-9-1905 – *Laus Deo!*¹³⁰

A expressão latina *Laus Deo*, em sua extensão, tem o seguinte sentido: “*Laus Deo* – louvado seja Deus. Usado geralmente no fim de um livro, como expressão de religiosidade e em reconhecimento do autor para com Deus, por tê-lo ajudado na feitura da obra.”¹³¹ Lima Barreto utiliza-se da religião não apenas como discurso, mas como intervenção política. Escreve parte da história dos negros escravos do Brasil que nem sempre tiveram a possibilidade de mediação.

O recurso que Benjamin propõe na Tese I está na aliança entre marxismo e teologia, ou melhor: colocar a teologia a serviço do marxismo. Com este procedimento haveria de ganhar a partida, sempre. Lima Barreto colocou, senão a teologia, ao menos o discurso e as atitudes religiosas a seu serviço, utilizando-os com o intuito de pedir justiça, numa espécie de imagem dialética, nos termos propostos por Walter Benjamin:

É o encontro entre um sujeito necessitado e um passado solicitante. Por trás da imagem dialética há uma teoria do conhecimento que consta de um sujeito – que se sabe *não-sujeito* e que por isso busca sua subjetividade não como referência a grandes ideais, mas a grandes perdas, como o catador – e de um objeto que não está aí inerte,

¹²⁹ BARRETO, op. cit., nota 51, p. 311.

¹³⁰ BARRETO, op. cit., nota 51, p. 312. Grifos nossos.

¹³¹ HOUAISS, op. cit., p. 1161.

ainda que pareça história natural, mas que, como as ruínas e as caveiras, é a expressão de um projeto frustrado que clama por justiça.¹³²

O desfecho do drama é bem significativo em termos teológicos: “**TODOS** (exceto o **VELHO**) – Santa Bárbara! São Jerônimo! (Persignam-se).”¹³³ Santa Bárbara é a santa protetora contra os raios das tempestades. Nada é por acaso em Lima Barreto e em Walter Benjamin.

2.2.4 “O Escravo: memória”

Trata-se de conto incompleto em que Lima Barreto volta-se para a falta de memória, não apenas dos negros, mas também aquela impingida pela classe dominante. O escritor quer fazer o itinerário da barbárie, desde a chegada nos barracões, antigos locais de desembarque de escravos no Rio de Janeiro, onde ficavam os negros na chegada ao Brasil.

A questão da memória é extremamente pertinente neste conto. Lembremo-nos que Lima Barreto viveu aproximadamente sete anos de sua vida sob o regime escravagista e ficou atento ao pós-escravidão. Sempre foi crítico contumaz do sistema político brasileiro que insiste em manter uma sociedade estratificada, em que a classe dominante tem maior fatia na distribuição de riquezas. Ao evocar a memória, o autor o faz em nome do coletivo, com uma intuição que Maurice Halbwachs denomina de *sensível*:

Assim, na base de qualquer lembrança haveria o chamamento a um estado de consciência puramente individual que chamamos de *intuição sensível* – para distingui-lo das percepções que entram alguns elementos do pensamento social.¹³⁴

Mas vejamos o início da narrativa:

Desde que o negreiro o deixara pelas praias próximas do Rio, nunca mais os seus olhos se viram frente com a natureza. Desembarcado no barracão, espécie de mercado de escravos de

¹³²MATE, op. cit., p. 146. Grifos nossos.

¹³³BARRETO, op. cit., nota 51, p. 311.

¹³⁴HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006, p. 42.

primeira mão onde fora adquirido, muito molecote ainda, pela família onde se criara. E, aos poucos, ao crescer, sobre sua viagem aumentavam perguntas.¹³⁵

A aquisição do negro como mercadoria despertava no escravo a necessidade de pensar sobre seu próprio passado. Passado que ele quer lembrar: “mas o esquecimento ou a morte são componentes da política dos vivos contra os oprimidos.”¹³⁶ Passado que se quer morto pela classe dominante. Não por acaso, o escravo passa a fazer perguntas. Este escravo representa, por assim dizer, milhares de escravos que vieram ao Brasil e que estavam nas mesmas condições. Não tem nome e é definido em “o”, representando parte da coletividade de negros escravos vindos ao Brasil.

Das perguntas sem respostas, ficavam fragmentos de lembrança:

Forçava a memória. Voltava-se todo aos primeiros anos; e o esforço era vão. As reminiscências que lhe ficaram chegavam à consciência nevoentas, nubladas, confusas. Não sabia donde provinha.

Um dia, não sabia por que, amanheceu entre uma porção de gente, negros como ele muitos, outros mais claros, que pareciam mandar. Andavam de sol a sol, quase sem descanso. Às vezes davam-lhe um punhado de farinha. A que horas? Quem lhe dava, não sabia bem.¹³⁷

Quando a classe opressora não quer que ninguém se lembre de nada, ela consegue. Apaga da memória: “não se interessa”. Apagar a história dos negros tem sido constante no Brasil, ainda que tenha havido pequenos avanços na sociedade, parte dela continua e continuará sendo apagada, diariamente. É bem possível que houvesse pancadas na cabeça dos negros que insistissem em querer perguntar ou querer se lembrar de suas origens. Portanto, nós todos temos que forjar a memória, a força, se for preciso, a fim de restituir parte desta história. Lima Barreto em muito contribui para isto. São questões que atualizam o debate proposto na sua escritura e, de modo incomum, o de nos lembrar da barbárie da escravidão e o conceito eugenista posterior de divisão das raças. Mas e a

¹³⁵BARRETO, op. cit., nota 47, p. 590.

¹³⁶MATE, op. cit., p. 68.

¹³⁷BARRETO, op. cit., nota 47, p. 590. Grifos nossos.

memória? Lima, ainda menino, presenciou depoimentos de negros: “[...] temos de trazer uma espécie de semente da rememoração a este conjunto de testemunhos exteriores a nós para que ele vire consistente massa de lembranças.”¹³⁸

Mas a destruição dessa memória trazia mais sofrimento aos negros. Nem os mais velhos, ricos em experiências, conseguiam ajudar, relatando o que sabiam:

E a memória só lhe trazia isso. Da viagem por mar, nada, nada. Parecia-lhe agora que viera acorrentado dentro de barricas, não sabia bem como fora.

Procurava reforçar as suas recordações, indagando dos mais velhos coisas de sua terra.

- De que nação é?

- Cabinda d’água doce. Lá também há bois, gatos; é quase como aqui.

- Lá há casas de pedra?

- Não; são de palha. No porto, sim, há.

- E padre há?

- Não, não... há sim, mas não como os daqui.

E não se contentava com as informações do pai Matias, procurava indagar da sinhá-moça, que achava notícias da matéria. Guiava-o numa interrogação.¹³⁹

A memória é pouca. A nação Cabinda é doce como a água do rio. A religiosidade de lá não é a mesma do Brasil. Não é católica e o padre de lá é diferente. Matias, em hebraico, significa: “homem de Deus”. Mas nem mesmo este homem consegue contentar a fome de informações do escravo. Nem a sinhá-moça, talvez mais compreensiva, a procurar matérias sobre o assunto. O conto termina com a frase: “Guiava-o numa interrogação”.

Do ponto de vista benjaminiano, acontece a hipótese herética da “força messiânica” (*messianische Kraft*). O escravo coloca uma interrogação num passado que não deixou rastros, mas que pede reparação:

Todavia, a rememoração, a contemplação, na consciência das injustiças passadas, ou a pesquisa

¹³⁸ HALBWACHS, op. cit., p. 32-33.

¹³⁹ BARRETO, op. cit., nota 47, p. 590-591. Grifos nossos.

histórica, aos olhos de Benjamin, não são suficientes. É preciso, para que a redenção aconteça, a reparação – em hebraico, *tikkun* do sofrimento, da desolação das gerações vencidas, e a realização dos objetivos pelos quais lutaram e não conseguiram alcançar.¹⁴⁰

O negro mais velho, Matias, pede também justiça, e tem necessidade de mais informações sobre o passado. Não se pode aceitar, portanto, as injustiças do passado como algo consumado e sem reparação possível, como afirma Horkheimer: “A injustiça do passado está consumada e acabada.”¹⁴¹ Trata-se de ganhar a partida contra os adversários no presente. Neste aspecto, a teoria benjaminiana nos remete à reparação das injustiças do presente, por meio dos termos teológicos, como redenção e apocatástase:

A redenção é uma autorredenção, cujo equivalente profano pode ser encontrado em Marx: os homens fazem sua própria história, a emancipação dos trabalhadores será obra dos próprios trabalhadores.¹⁴²

Se a emancipação das classes oprimidas deverá ser conduzida por estas mesmas classes, caberá a cada um de nós também contribuir com o movimento de igualdade racial em nosso país, apoiando os movimentos negros. Além disso, se imaginarmos a possibilidade da ausência de Deus, teríamos que nos questionar sobre nossa tarefa messiânica no mundo, admitindo, inclusive, a possibilidade de o messias ser nós mesmos, conforme Löwy:

Deus está ausente, e a tarefa messiânica é inteiramente atribuída às gerações humanas. O único messias possível é coletivo: é a própria humanidade, mais precisamente, como veremos depois, a humanidade oprimida.¹⁴³

O escravo reivindica (*Auspruch*) a memória individual e coletiva perdidas. Tem fraca (*Schwach*) força messiânica e a redenção torna-se

¹⁴⁰LÖWY, op. cit., p. 51.

¹⁴¹Idem, Ibidem, p. 50.

¹⁴²Idem, ibidem, p. 52.

¹⁴³Loc. Cit.

apenas possibilidade que é preciso agarrar. O passado se faz presente por meio da rememoração e o presente pede ação redentora para que possa sofrer ativa transformação. É uma tarefa revolucionária. Nós somos esperados na terra para salvar do esquecimento os vencidos da história. A obra de Lima Barreto coaduna-se muito bem com este aspecto reivindicado por Benjamin e, por meio da escrita, registrou a necessidade de se repensar a história apagada.

O escritor força a memória de todos, não apenas a dos personagens, a do narrador em terceira pessoa, mas também a nossa. Recorre ao discurso bíblico para reivindicar igualdade de direitos e trazer à tona a história dos negros. É que o texto termina “numa interrogação”, como se perguntasse: onde está a nossa história? O que fizeram com ela? O texto também adquire caráter revolucionário e por este motivo é que, talvez, o próprio escritor tenha enfrentado inúmeras dificuldades para finalizá-lo. Ele não quer pensar no futuro, mas nas vítimas do passado e do presente. A “libertação” (*Erlösung*) dos escravos, nos termos propostos pela Lei Áurea, não lhes garantiu o direito ao trabalho livre, mas apenas agravou a situação, visto que muitos se viram abandonados pelo sistema econômico.

Consideramos importantes as observações de Horkheimer, em artigo sobre Bergson, publicado em 1934 na *Zeitschrift für Sozialforschung*, no qual Benjamin se baseou para desenvolver parte das teses:

O que aconteceu aos seres humanos que morreram, nenhum futuro pode reparar. Jamais serão chamadas para se tornarem felizes para sempre [...]. No meio dessa imensa indiferença, somente a consciência humana pode se tornar o altar onde a injustiça sofrida pode ser abolida/ultrapassada (*aufgehoben*), a única instância que não se satisfaz com aquela [...]. Agora que a fê na eternidade deve se decompor, a historiografia (*Historie*) é o único tribunal de justiça (*Gehör*) que a humanidade atual, ela própria passageira, pode oferecer aos protestos (*Anklagen*) que vêm do passado.¹⁴⁴

¹⁴⁴HORKHEIMER, Max. Traditionelle und Kritische Theorie (Frankfurt, Fisher, 1968), I, p. 198-9. In: LÖWY, op. cit., p. 49.

2.2.5 “No tronco”: cronista do horror e das atrocidades

Em “No tronco”, composto em julho de 1905, aparecem o horror (*Grauen*) e as atrocidades (*Greuel*) do regime escravagista. O narrador em terceira pessoa insere contraponto ao famoso “Era uma vez...” do contador tradicional de histórias: não era uma, eram várias:

Não era a primeira vez que ele sofria o suplicio do tronco; mas dessa feita o castigo foi multiplicado.

*Depois de lhe haverem assentado algumas dúzias de chibatadas, o Nicolas de mãos atadas às costas, e com as pernas, nos orifícios na altura dos tornozelos, cingidas pelos orifícios da pesada barra, a pão e água, testemunhara o decorrer de três dias. A sentença culminara oito dias e ele ouvira da boca do próprio patrão, que a pronunciara claramente, firmemente como se fizesse a coisa mais natural do mundo.*¹⁴⁵

Não bastasse o sofrimento, a fome, a pão e água, o tempo infinito e os orifícios provocados pelos equipamentos de tortura, comandados ironicamente pelo vocábulo *patrão*, tudo é executado da forma mais natural do mundo. Para a classe dominante, tais acontecimentos seriam de alguma forma naturalizados pelo sistema jurídico vigente. Da mesma maneira, o sistema jurídico não coloca os questionamentos necessários frente ao poder dominante. Tudo se passa como se não tivesse passado e a grande mídia, que será duramente criticada por Lima Barreto como veremos mais adiante, nada faz para esclarecer ou iluminar o presente, por meio da história. A mesma naturalização da barbárie acontece em nossos dias. Dentro da teoria de Walter Benjamin, existe a possibilidade do cronista, do contista e do romancista enfrentarem a classe dominante para defender a classe oprimida.

Recorremos à Tese III para entender melhor o que pretende Lima Barreto:

Tese III

O cronista narra profusamente os acontecimentos, sem distinguir grandes e pequenos, leva com isso

¹⁴⁵BARRETO, op. cit., nota 47, p. 596. Grifos nossos.

a verdade de que nada do que alguma vez aconteceu pode ser dado por perdido para a história. Certamente, só a humanidade redimida cabe o passado em sua inteireza. Isso quer dizer: só à humanidade redimida o seu passado tornou-se citável em cada um dos seus instantes. Cada um dos instantes vividos por ela torna-se uma *citation à l'ordre du jour* – dia que é justamente, o do Juízo final.¹⁴⁶

Já vimos que os textos de Lima Barreto, objeto de nossa análise, apresentam dúvidas quanto ao gênero. Benjamin utiliza o vocábulo *cronista* não apenas para designar aquele que escreve crônica, mas também citar outras modalidades de textos, desde que tragam em si, em alguma medida, a preocupação com a história, com tudo que pode ter acontecido na ordem do tempo. O que importa é que, a princípio, nada deve ser considerado perdido para o historiador benjaminiano. Lima Barreto coloca na ordem do dia a barbárie da escravidão. Neste aspecto, faz-se cronista moderno. É o passado visto em sua inteireza e na perspectiva de alcançar uma “humanidade redimida”. Se o cronista, o poeta, o dramaturgo, o romancista e outros não se preocupassem com os oprimidos, o que seria da história?¹⁴⁷ É possível que Benjamin tenha utilizado o cronista a título de ilustração, para que todos os detalhes e os acontecimentos históricos possam ser lembrados por outros, que não apenas o cronista. Sobre este tema, Löwy faz a seguinte argumentação:

O exemplo do cronista para ilustrar esta exigência pode parecer mal escolhido: não é ele a figura paradigmática daquele que escreve a história do ponto de vista dos vencedores, dos reis, dos príncipes, dos imperadores? Mas Benjamin parece ignorar deliberadamente esse aspecto: escolheu o cronista porque ele representa essa história “integral” que ele afirma ser seu desejo: uma história que não exclui detalhe algum, acontecimento algum, mesmo que seja

¹⁴⁶LÖWY, op. cit., p. 54.

¹⁴⁷Na presente análise, vemos que não apenas o cronista se preocupa com a história da escravidão em sua “inteireza”, mas especialmente o dramaturgo, o poeta e, neste caso, podemos citar Castro Alves e Paulo Eiró. Vale lembrar que Paulo Eiró teve parte de sua obra totalmente queimada a pedido da Igreja, quando seminarista. Mais uma vez o “Apague os rastros!”, de Bertolt Brecht, é bem pertinente.

insignificante, e para a qual nada está
“perdido”.¹⁴⁸

Em “No tronco” vemos claramente a preocupação do escritor em rememorar. Com este procedimento, o autor deixa suas marcas impressas a favor da história dos vencidos: a humanidade redimida. Metonimicamente: a parte pelo todo: “Enquanto os sofrimentos de um único ser humano forem esquecidos, não poderá haver libertação.”¹⁴⁹

Poder-se-ia contra-argumentar que o regime escravagista era natural para a época e que, portanto, o texto não ganha a dimensão libertadora proposta. A questão não é a defesa de uma jurisprudência discriminatória na época, mas sim a necessidade do *cronista* de não apagar da memória o sofrimento das gerações passadas. Com este procedimento, o autor, por intuição e sensibilidade, pede que os negros sejam redimidos pelos sofrimentos passados, que tenham direito à salvação final, sem exceção e, neste caso, o termo que melhor explica tal procedimento é mesmo apocatástase. Tratar-se-ia de apenas mais um escravo no tronco, a exemplo de tantos outros? Nada mais absurdo, pois até onde sabemos e, no plano de Deus, todos têm direito à salvação final:

A redenção, o Juízo Final da tese III, é então uma apocatástase no sentido de que cada vítima do passado, cada tentativa de emancipação, por mais humilde e ‘pequena’ que seja, será salva do esquecimento e ‘citada na ordem do dia’, ou seja, reconhecida, honrada, rememorada.¹⁵⁰

É o restabelecimento original do Paraíso pelo Messias, no sentido revolucionário dos termos. Não se trata de operação contemplativa e de resignação pelas vítimas do passado. Ao contrário: a escrita, no caso do cronista benjaminiano, torna-se ela mesma ação e intervenção política que muito deve ter incomodado. Vejamos o desfecho da narrativa: “— Meta, seu Mello, este negro no tronco, mas antes assente cinquenta chibatadas, das boas, ouviu seu Mello. Depois, acrescentara o coronel dirigindo-se ao negro, quero ver se você foge.”

Por que alguns contos, até aqui examinados, apresentam-se de forma incompleta e inacabada? Que importância histórica tem este

¹⁴⁸ LÖWY, op. cit., p. 54.

¹⁴⁹ Loc. cit.

¹⁵⁰ LÖWY, op. cit., p. 55.

aspecto? Embora a literatura de Lima Barreto não traga em seu bojo toda a teoria das teses desenvolvidas por Walter Benjamin, em “Sobre o conceito de história”, tais fragmentos podem ser considerados como uma espécie de *iluminação profana*, em que o escritor resgata tanto o aspecto humano quanto o transcendente, sem ser crente, não apenas pela densidade, mas pela abrangência da representação dos oprimidos. Uma luz que acende o passado e movimenta o presente. Não o presente homogêneo e vazio do *trem do mundo moderno*, mas o tempo cuidadosamente pensado na perspectiva da corveia esquecida e assassinada, em muitos casos, pelo regime. O escritor pensa no tempo enquanto aqui e agora (*jetzt*) e no mundo restituído de sua verdadeira naturalidade, integrando todos os seres humanos, sem segregação, pois “[...] a apocatástase significa também, a volta de todas as coisas a seu estado originário – no Evangelho, o restabelecimento do Paraíso pelo Messias.”¹⁵¹

2.2.6 Mágoa eterna: “Dentes negros e cabelos azuis”

Neste conto há dois narradores e esta técnica “pode” indicar a possibilidade de que a leitura de Lima Barreto da obra de Machado de Assis tenha ido além do que consta em sua biblioteca.¹⁵² Um dos narradores é o personagem Gabriel.¹⁵³ Dupla face de *Janus* que, cindida, traz à tona seu caráter ambíguo entre o ceticismo queixoso, anacoreta e o que ele tem de jovial em sua faceta gaiata. Ao mesmo tempo, ambos os narradores citam versos de Baudelaire do poema *Elévation*. Não se trata, portanto, de dois narradores ignaros, mas cultos.

Do ponto de vista benjaminiano, é um narrador rico em experiência autêntica (*Erfahrung*). Vejamos o primeiro parágrafo:

Era dos mais velhos, o conhecimento que eu mantinha com esse rapaz. Iniciadas na rua, nos

¹⁵¹ LÖWY, op. cit., p. 55

¹⁵² Na terceira prateleira da casa de Lima Barreto, Francisco de Assis Barbosa encontrou três obras de Machado de Assis: *Memórias Póstumas de Brás Cubas*; *Quicas Borba* e *Esau e Jacó*. Ver: BARBOSA, op. cit., p. 378. Na crônica “Manifestações Políticas” o narrador de Lima Barreto cita Machado de Assis com *Quicas Borba*: “— Ao vencedor, batatas.” In: *Coisas do Reino de Jambon*. São Paulo: Brasiliense, 1961, p.181. Em outra crônica, intitulada “Tenho esperança que...”, o narrador afirma: “Brás Cubas não transmitiu a nenhuma criatura o legado da nossa miséria; eu, porém, a transmitiria de bom grado.” In: BARRETO, op. cit., nota 3, p.61.

¹⁵³ Em hebraico o “homem forte de Deus”, o que anuncia a vinda do Messias ou, ainda, o anjo da morte.

ligeiros encontros dos cafês, as nossas relações se estreitavam dia a dia. Nos primeiros tempos, ele sempre me apareceu como uma pessoa inalteravelmente jovial, indiferente às pequeninas coisas do mundo, céptico a seu modo; mas, em breve sob essa máscara de polidez, fui percebendo nele um queixoso, um amargo a quem uma melancolia, provinda de fugitivas aspirações impossíveis, revestia de uma tristeza coesa. Depois o seu caráter e a sua organização muito concorriam para sua dorida existência. Muito inteligente para amar a sociedade de que saíra, e muito finamente delicado para se contentar de tolerado em outra qualquer, Gabriel vivia isolado, bastando-se a si e aos seus pensamentos, como um estranho anacoreta que fizesse do agitado das cidades, ermo para seu recolhimento.¹⁵⁴

Esta descrição de Gabriel, feita pelo narrador, coloca em evidência o isolamento do personagem, com inúmeras características: céptico, melancólico, queixoso, triste, dorida existência, isolado, anacoreta, recolhimento. Apesar das impressões iniciais, cai a máscara na convivência do cotidiano e dos encontros nos cafês. Gabriel vivia “muito além do sol, muito além do horizonte, muito além dos confins de esferas estreladas”¹⁵⁵ e, tentando manter o equilíbrio frente às adversidades da vida, falava por provérbios:

Um dia o encontramos, eu e mais alguns da roda, e a um deles que lhe perguntava: “Que tu vais fazer agora?” aludindo às consequências do último desastre da sua vida, Gabriel respondeu: — Nada! O soberano bem não é agir.¹⁵⁶

O provérbio “o soberano bem é não agir” soa estranhamente, pois Gabriel age diante dos desastres da vida. Vejamos o que o narrador afirma sobre a personalidade cindida de Gabriel:

Sua natureza era assim, dual, bifronte, sendo que os seus aspectos, por vezes, chocavam-se,

¹⁵⁴BARRETO, op. cit., nota 81, p. 222.

¹⁵⁵Tradução livre para os dois últimos versos do poema *Elevação*, de Charles Baudelaire: “par-delà du soleil, par-delà de l’ether, par-delà des confins de sphère étoilées.”

¹⁵⁶BARRETO, op. cit., nota 81, p. 223.

guerreavam-se sem nunca se colarem, sem nunca se justaporem, dando a crer que havia entre as duas partes um vazio, uma falha a preencher, que à sua união se opunha um forte obstáculo mecânico...

Esta maneira biface de organização, *a sua sensibilidade muito pronta e uma tentação delirante, para as satisfações materiais*, tinham transformado sua vida num acúmulo de desastres; pelo que, em decorrer dela, de todo se lhe fora aquela película cética, faceta, gaiata, ficando-lhe mais evidente a alegria e o sainete do filósofo pessimista, irônico, debicando a mentira por ter conhecimento da verdade, que é uma das povoadoras da imagem sem validade que é o mundo. Pelos seus trinta e quatro anos, eu o procurava em sua casa, uma pequena casinha, numa rua da ponta do Caju, junto daquele mar de morte que beija as praias desse arrabalde, olhando de frente o cinzelado panorama das montanhas.¹⁵⁷

As características de Gabriel parecem fazer parte do meio e a união da face bifronte, tendo um “obstáculo mecânico”, pode nos remeter, numa interpretação possível, salvo engano, às teorias da época como, por exemplo, o evolucionismo racial e o positivismo. O personagem procura lidar com as dificuldades assumindo a dupla face: ora gaiato e brincalhão, ora pessimista. O narrador faz ainda referência ao Cemitério do Caju com a expressão “mar de morte”. Ao lado desta localização geográfica, define a moradia de Gabriel:

Não vivia mal, o emprego exigia pouco e dava relativamente muito; e solteiro, habitava a casinha com um velho africano, seu amigo, seu oráculo e seu cozinheiro; e um desgraçado poetastro das ruas, semilouco e vagabundo.

Era uma colônia de *ratés* animados pela resignação africana.¹⁵⁸

Esta localização geográfica de africanos, da escória perante a sociedade da época, próxima do “mar de morte”, exemplifica bem a distinção social e geográfica em relação ao centro da cidade do Rio de

¹⁵⁷BARRETO, op. cit., nota 81, p. 223. Grifos nossos.

¹⁵⁸Idem, Ibidem, p. 223.

Janeiro. O narrador demonstra que Gabriel era afrodescendente e tinha emprego.

Vejam os a passagem do narrador inicial para a do narrador Gabriel:

O sábio não tem paixões para melhor contemplar a harmonia do universo. E depois dessa sentença, não sei de que filósofo hindu ou chinês, ele me leu o seguinte, escrito em letra miúda e irregular em duas dezenas de tiras de papel almaço, cheias de paixão.¹⁵⁹

Trata-se, portanto, não apenas de um seguidor da filosofia chinesa e espiritual de Lao Tsé, negro que vive com outros negros, inclusive outro africano que é seu oráculo e cozinheiro, possivelmente ex-escravo agregado, mas de alguém que lê e escreve sua própria história.

A narrativa de Gabriel não é diferente da face bifronte aludida pelo narrador, ao mesmo tempo cindida, com mágoa eterna. O ato de escrever não significa o *não agir* da pacífica proposta do espiritual chinês. Esta escritura revela muito mais a inconformidade com as condições sociais e com o massacre dos africanos em relação aos aspectos físicos, comparados pela antropometria com os brancos. Da cor à discriminação racial que se carrega na pele, dupla face do preconceito que se torna também social, aparece o arrabalde como espaço dos descendentes de escravos que: “Do homem ia aos cães, aos gatos, às aves, às plantas, à terra, em busca de confidente.”¹⁶⁰ Procura Gabriel um confidente para tirar um pouco da mágoa de ser negro com dentes também negros e cabelos azuis. Quem? O jeito é escrever e ler, não apenas a filosofia chinesa, mas também o poema *Elevação*, de Baudelaire.

Há uma frase importante no conto que nos pode remeter à Tese IV de Walter Benjamin: “não é só de espírito que vive o homem”.¹⁶¹ Ora, esta frase está em Mateus (4:1-11): “Nem só de pão vive o homem”, ou seja, no lugar do pão, o espírito. A Tese IV inicia com a seguinte epígrafe: “Buscai, primeiro, o que é de comer e vestir, e o reino de Deus vos advirá por si. (Hegel, 1807).”¹⁶² Há, nesta citação de

¹⁵⁹BARRETO, op. cit., nota 81, p. 224.

¹⁶⁰Idem, Ibidem, p. 323.

¹⁶¹Idem, Ibidem, p. 226.

¹⁶²LÖWY, op. cit., p. 58.

Hegel, uma inversão em relação à Bíblia: “O aspecto realmente notável dessa reflexão é este: se disso resulta que o ponto de partida é a comida e a vestimenta, isto é, satisfazer as necessidades materiais, o espiritual consiste em empenhar-se para que todos comam.”¹⁶³ Gabriel, paradoxalmente, faz o oposto da filosofia que prega: escreve e lê. É uma escritura que parte do campo filosófico e espiritual para o campo da matéria. Vimos que os discursos dominantes marcam de amargura e esquecimento o pensamento dos negros, na intenção de torná-los inferiores. Gabriel, ao fazer referência ao discurso bíblico, neste caso, não o faz apenas para contestar, mas para requerer direitos humanos, seja no plano espiritual, seja no plano material.

A frase de Hegel, citada por Benjamin, é uma inversão irônica do texto bíblico: “nada de salvação sem transformações revolucionárias da vida material.”¹⁶⁴ No conto de Lima Barreto, opera-se o mesmo: do texto bíblico à necessidade material e o texto é revolucionário como ação política que se produz pelo discurso. Trata-se da passagem em que Gabriel é assaltado. Vejamos:

— Olá! Passe o ‘bronze’ que tem.

Não tinha francamente grande prática desses encontros, contudo me portei na altura da delicadeza. Calmamente tirei das algibeiras o pouco dinheiro que tinha e, de mistura com alguns coupons de bonde, pálido, mas sem tremer, *entreguei-o ao opressor daquele minuto fugace.*

¹⁶⁵

O salteador torna-se o opressor no momento fugaz. A escritura torna-se memória: “A verdadeira imagem do passado passa célere e furtiva.”¹⁶⁶ Benjamin, possivelmente, está se referindo a estes momentos fugazes, ignorados pelos opressores, mas não pelos oprimidos. Neste exato momento, lampeja o agora da cognoscibilidade. Não seria, nesta história lida por Gabriel, uma luta por bens materiais em confronto com uma busca por bens espirituais? Seria apenas luta por coisas materiais? Ao mesmo tempo, o negro Gabriel não é o que está no fino plano espiritual da Tese benjaminiana? A condição de miséria não seria inerente a ambos: Gabriel e o salteador? Passamos do universo

¹⁶³MATE, op. cit., p. 134.

¹⁶⁴LÖWY, op. cit., p. 58.

¹⁶⁵BARRETO, op. cit., nota 81, p. 226. Grifos nossos.

¹⁶⁶LÖWY, op. cit., p. 62.

filosófico chinês e cristão para uma necessidade material: “Passe o bronze que tem”.

Não se trata, ainda, da luta de classes da proposta marxista, uma vez que não existe consciência de classe por parte dos personagens em relação ao trabalho. Mas é de se ressaltar que o salteador, sendo um imigrante espanhol, em contraste com Gabriel, forma uma cena que, após a proclamação da República, demonstra o caráter histórico das desigualdades que se formam no subúrbio da capital federal do Brasil e o desespero na obtenção do mínimo para sobrevivência. Vejamos a Tese IV de Walter Benjamin:

Tese IV

“Buscai primeiro, o de quê comer e vestir, e o reino de Deus vos advirá por si.”
Hegel, 1807.

A luta de classes, que um historiador escolado em Marx tem sempre diante dos olhos, é uma luta pelas coisas brutas e materiais, sem as quais não há coisas finas e espirituais. Apesar disso, estas últimas estão presentes na luta de classes de outra maneira que a da representação de uma presa que toca ao vencedor. Elas estão vivas nessa luta como confiança, como coragem, como humor, como astúcia, como tenacidade, e elas retroagem ao fundo longínquo do tempo. Elas porão incessantemente em questão cada vitória que couber aos dominantes. Como flores que voltam suas corolas para o sol, assim o que foi aspira, por um secreto heliotropismo, a voltar-se para o sol que está a se levantar no céu da história. Essa mudança, a mais imperceptível de todas, o materialista histórico tem que saber discernir.¹⁶⁷

No conto é flagrante a luta pelo bem material. Porém, o fato mais evidente não é apenas a luta de Gabriel por bens espirituais e a do salteador por bens materiais, mas a diferença de tratamento entre os dois:

¹⁶⁷LÖWY, op. cit., p. 58. Na crônica “Arte de Vatel”, *Careta*, 30-10-1921, o cronista afirma: “Brillat-Savarin diz: todos os homens comem, mas só o homem de espírito sabe comer.” In: BARRETO, op.cit., nota 152, p. 49.

O gesto foi belo e impressionou o bandido, a tal ponto que nem por sonhos desconfiou que eu poderia ter deixado algum oculto nos forros. Há, já se disse, mais ingenuidade nos grandes criminosos do que a gente em geral supõe. Quase com repugnância ele recebeu o maço que lhe estendia; e já se retirava quando a uma onda de luz que em um vaivém da chama de gás lançou-me, percebeu alguma coisa nos meus cabelos e com ironia indagou:

— Tens penas? És azul? Que diabo! Estes seus cabelos são especiais.¹⁶⁸

O plano material não saiu de cena, afinal, o assaltante quer o dinheiro. O enfrentamento torna-se a própria luta por bens materiais aludida na tese IV de Walter Benjamin, acrescentando-se a essa procura a imagem de comiseração e pena que o negro desperta no salteador. Gabriel estranhará a atitude do assaltante que, satisfeitas as condições materiais do assalto, ou seja, a apropriação do dinheiro, tem olhar de pena e comiseração. O imigrante espanhol representa boa parte do pensamento eugenista da época em relação aos negros:

— Pois até tu! Que mais queres de mim? Disse-lhe eu. Acaso além do dinheiro que trazem nas algibeiras, mais alguma coisa te interessa nos transeuntes? És também da sociedade? Movem-te as considerações dela?

Olhei-o interrogativamente. O homem tinha o ar mudado. Os lábios estavam entreabertos, trêmulos, pálidos, o olhar esgazeado, fixo, cravado no meu rosto. Olhava-me como se olhasse um duende, um fantasma. Contendo porém a comoção, pôde dizer:

— Dentes negros! Meu Deus! É o diabo! É uma alma penada, é um fantasma.¹⁶⁹

Gabriel faz questionamentos importantes para o assaltante. Ser da sociedade é ter o pensamento discriminatório em relação aos negros? Da espiritualidade ao inferno de Dante, opera-se na narrativa o encontro do

¹⁶⁸BARRETO, op. cit., nota 81, p. 226-227.

¹⁶⁹Idem, ibidem, p. 227.

arcanjo Gabriel, negro de cabelos azuis e dentes negros, com o assaltante. O olhar do salteador é quase “antropométrico”:

O gatuno analisava-me a fisionomia. Detinha-se nos meus olhos, no meu nariz, nos meus lábios, até as minhas mãos, os meus pés mereceram a análise do seu olhar inquieto. Foi por esse tempo que me lembrou reparar quem estava na minha frente. Era um homem alto, de largas espáduas, membrado, e que em “sotaque” espanhol, me falou ainda:

— Tu és poeta. Fantasias... Vês demais.¹⁷⁰

De um lado está a imagem do negro de cabelos azuis e dentes negros e de outro está um espanhol forte, alto, branco e europeu. Opera-se assim, por forte contraste de imagens, o espelho da discriminação racial, ainda que o negro Gabriel seja um artista, alguém que ande pelos cafés, pelos teatros. O que mais dói a Gabriel é a piedade do assaltante:

— Desculpa-me. Desculpa-me. Não sabia. Quem não sabe é como quem não vê.

E sem ligação continuou:

— Não me creias um miserável gatuno de estradas, um comum assaltante de ruas. Foi o momento que me fez. Emprego-me em mais altos “trabalhos”, mas preciso de uns miúdos e, para obtê-los, o meio se impunha. Se me demorasse, a ocasião perdia-se. Bem sabes, a vida é um combate; se não se fere logo, morre-se. Mas... Deus me ajudará. Toma o teu dinheiro. Arranjarei sem ele como iniciar meu grande “trabalho”, aquele que é a mira, o escopo de minha existência, que me vai dar, enfim, o descanso (resplandecia), a consideração dos meus semelhantes e o respeito da sociedade. Vai... Tu és sem esperança. Vai-te... Desculpa-me.¹⁷¹

O imigrante espanhol, na sua miserabilidade social e na falta de reconhecimento da sociedade, sente-se superior a Gabriel, porque este não tem esperança. Para o assaltante espanhol, o negro tem a marca de

¹⁷⁰BARRETO, op. cit., nota 81, p. 230.

¹⁷¹Idem, Ibidem, p. 228.

degeneração física. Tudo se passa no subúrbio e não no centro da cidade. O personagem Gabriel faz referência ao poema *O corvo*, de Edgar Allan Poe:

E entre todos os gritos soa mais alto o de um senhor de cartola, parece oco, *assemelhando-se a um grande corvo*, não voa, anda chumbado à terra, segue um trilho certo cravado no solo com firmeza – esse berra alto, muito alto: “Posso lhe afirmar que és um degenerado, um inferior, as modificações que ele apresenta correspondem a diferenças bastardas, desprezíveis de estrutura física; vinte mil sábios alemães, ingleses, belgas, afirmam e sustentam”...¹⁷²

A ciência dos alemães, dos ingleses, dos belgas sustenta a superioridade dos brancos em relação aos negros. E o subúrbio desperta, ante o olhar de misericórdia do assaltante e “mais fundo que essa incurável mágoa muito sofrida na mocidade, doeu-me à minha alma mais, muito mais a sincera piedade que inspirei àquele homem.”¹⁷³ É esta a mágoa eterna, ante a piedade e a superioridade do branco espanhol e da sociedade que discriminam os humanos pela cor da pele.

Poe nos apresenta a “ave feia e escura”. Em Lima Barreto há uma inversão. O corvo é o imigrante espanhol, branco e europeu, com sua cartola, suas teorias raciais e, na forma metafórica, “assemelhando-se a um grande corvo”:

[...]
 Abro a janela, e de repente,
 Vejo tumultuosamente
 Um nobre corvo entrar, digno de antigos dias.
 Não despendeu em cortesias
 Um minuto, um instante. Tinha o aspecto
 De um *lord* ou de uma *lady*. E pronto e reto,
 Movendo no ar as suas negras alas,
 Acima voa dos portais,
 Trepá, no alto da porta, em um busto de Palas;
 Trepado fica, e nada mais.

¹⁷²BARRETO, op. cit., nota 81, p. 231. Grifos nossos.

¹⁷³Idem, Ibidem, p. 232.

Diante da ave feia e escura,
Naquela rígida postura,
Com o gesto severo, — o triste pensamento
Sorriu-me ali por um momento,
E eu disse: "Ó tu que das noturnas plagas
Vens, embora a cabeça nua tragas,
Sem topete, não és ave medrosa,
Dize os teus nomes senhoriais;
Como te chamas tu na grande noite umbrosa?"
E o corvo disse: "Nunca mais".
[...].¹⁷⁴

¹⁷⁴POE, Edgar Allan. *O corvo*. Tradução de Machado de Assis. Trecho disponível em:
<[http://pt.wikisource.org/wiki/O_Corvo_\(tradu%C3%A7%C3%A3o_de_Machado_de_Assis\)](http://pt.wikisource.org/wiki/O_Corvo_(tradu%C3%A7%C3%A3o_de_Machado_de_Assis))>
Acesso em 12 dez. 2011.

3 DISCRIMINAÇÃO RACIAL, JORNALISMO E A CIDADE BIOGRAFADA

3.1 DO DISCURSO À PRÁTICA: *RECORDAÇÕES DO ESCRIVÃO ISAÍAS CAMINHA*

A parte inicial do romance *Recordações do escrивão Isaías Caminha* foi apresentada na revista *Floreal*, em 1907. Em 1909, é publicado na íntegra por uma editora de Lisboa, a Livraria Clássica Editora, de A. M. Teixeira & Cia. A segunda edição completa ocorreu em 1917, revista e aumentada, possivelmente com a “Breve notícia”, em que Lima Barreto nos fornece informações atualizadas sobre a biografia de Isaías Caminha:

O romance teve sua segunda edição em vida do Autor, revista e aumentada, no Rio de Janeiro, em 1917; e nova tiragem, também nesse mesmo ano. É nessa edição que aparece a “Breve Notícia” de Lima Barreto, na qual se transcreve o prefácio da que iria ser edição da *Floreal*. Essa segunda edição, feita sob as vistas do Autor, restaura a originalidade do livro, embora tudo nos permita supor que algumas das “contribuições” de Albino Forjaz de Sampaio tenham sido aceitas. Constitui, dessa forma, o texto por excelência do romance. As *Recordações do escrивão Isaías Caminha* tiveram, antes da presente, duas edições mais: a terceira, de O Livro do Bolso, São Paulo, s/d (1943), que não foi cotejada, e a quarta, Editora Mérito S.A., Rio de Janeiro, s/d (1949).¹⁷⁵

Trabalharemos, nesta tese, com a edição publicada em 1956, “Obras de Lima Barreto”, sob direção de Francisco de Assis Barbosa.

O romance é fortemente marcado pelo preconceito racial aplicado ao personagem Isaías Caminha. No *Diário íntimo*, Lima Barreto escreve: “Vai se estendendo, pelo mundo, a noção de que há umas certas raças superiores e umas outras inferiores, e que essa inferioridade, longe de ser transitória, é intrínseca à própria estrutura da raça.”¹⁷⁶ Também analisa, com propriedade, a chamada antropometria: “Era o preconceito;

¹⁷⁵BARRETO, Lima. *Recordações do escrивão Isaías Caminha*. Prefácio de Francisco de Assis Barbosa. São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 31-32.

¹⁷⁶BARRETO, op. cit., nota 6, p. 110.

hoje é o conceito. [...]. As mensurações idiotas são feitas, e, pelo complacente critério do sistema métrico, os grandes sábios estabelecem superioridades e inferioridades.”¹⁷⁷

Lembremo-nos de que Isaías, ao procurar emprego junto a um padeiro que o olha dos pés à cabeça, recebe a seguinte resposta:

O gordo proprietário esteve um instante a considerar, agitou os pequenos olhos perdidos no grande rosto, examinou-me convenientemente e disse por fim, voltando-me as costas com mau humor:

— Não me serve.

— Porque (*sic*)? Atrevi-me eu.

— Porque não me serve.¹⁷⁸

Lima Barreto constrói uma narrativa com forte teor religioso, apoiando-se no profeta Isaías, que tem discurso afiado contra a usura:

Ai de vocês que compraram casas e mais casas, que se tornam donos de mais e mais terrenos! Daqui a pouco não haverá mais lugar para os outros morarem, e vocês serão os únicos moradores do país. [...]. Ai de vocês que acham que são sábios, dos que pensam que sabem tudo!¹⁷⁹

Essa leitura profana do texto religioso, tendo em vista o nome do protagonista, indica que podemos considerar o narrador, inicialmente, como aquele que vive no interior do Brasil, possuindo valores mais solidários e familiares, indo para o Rio de Janeiro para realizar seu sonho de ser doutor, o que coloca o personagem num verdadeiro “calvário” de sofrimentos, pois tem aguda consciência crítica em relação aos valores que permeiam o jornalismo da época e, ao mesmo tempo, as relações duvidosas que o fazer jornalístico mantinham com o sistema oligárquico da República Velha. O fato de Isaías Caminha passar fome no Rio de Janeiro, além da discriminação racial, demonstra que suas ilusões se desfazem. Nem mesmo o fato de ser promovido a redator diminui o sentido crítico que ele tem do sistema de tráfico de influência, do sensacionalismo, da corrupção, ou seja, das relações promíscuas

¹⁷⁷ BARRETO, op. cit., nota 6, p. 111.

¹⁷⁸ BARRETO, op. cit., nota 175, p. 127.

¹⁷⁹ *A Bíblia na linguagem de hoje*. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1988, p.770.

entre o quarto poder, o jornalismo, e outras esferas da sociedade, como a política, a polícia, o público e o privado. Numa leitura mais extrema, poderíamos afirmar que o protagonista é “crucificado”, pois “não” se satisfaz com o sistema e muito menos com a solução parcial da discriminação racial ao ser considerado “doutor” por ser jornalista. Decepcionado com o jornalismo praticado no Rio de Janeiro, Isaías queria voltar o interior, constituir família, viver sossegado e retomar seus valores éticos e familiares.

Importante nos determos no texto chamado de “Breve Notícia” que se inicia com a seguinte epígrafe do filósofo e poeta francês Jean-Marie Guyau: “Mon coeur profond ressemble à ces voûtes d’église/ Où le moindre bruit s’enfle en une immense voix.” (Vers d’un philosophe. Guyau.)¹⁸⁰ Nesse prefácio ao romance, o protagonista aponta alguns motivos que o fizeram escrever suas recordações:

E foram tantos os casos dos quais essa minha conclusão ressaltava, que resolvi narrar trechos de minha vida, sem reservas nem perifrases, para de algum modo mostrar ao tal autor do artigo, que, sendo verdadeiras as suas observações, a sentença geral que tirava, não estava em nós, na nossa carne e nosso sangue, mas fora de nós, na sociedade que nos cercava, as causas de tão feios fins de tão belos começos.

[...]

Perdoem-me os leitores a pobreza de minha narração.

Não sou propriamente um literato, não me inscrevi nos registros da Livraria Garnier, do Rio, *nunca vesti a casaca* e os grandes jornais da Capital ainda não me aclamaram como tal – o que de sobra, me parece, são motivos bastante sérios, para desculparem a minha falta de estilo e capacidade literária.

Caxambi, Espírito Santo, 12 de julho de 1905.

Isaías Caminha

Escrivão da Coletoria.¹⁸¹

¹⁸⁰Tradução: “Meu coração profundo parece essas abóbodas de igreja/ Onde o menor ruído se amplia em uma imensa voz.” In: BARRETO, op. cit., nota 175, p. 39.

¹⁸¹BARRETO, op. cit., nota 175, p. 42. Grifos nossos.

Isaías afirma que tem um “triste e bastardo fim de escrivão de coletoria de uma localidade esquecida”. Não devemos afirmar que, ao escrever suas *Recordações*, o personagem Isaías Caminha se torne instrumento da classe dominante. Isso não acontece, pois o protagonista sai da cena de poder do Rio de Janeiro, sendo, inclusive, tachado de “tolo” pelo diretor do jornal, Ricardo Loberant, conforme veremos mais adiante. Com exceção do personagem imigrante Ivã Gregoróvitch Rostóloff, todos os outros jornalistas seguem a cortejo triunfal do vencedor, conforme também veremos na Tese VI, de Walter Benjamin.

Somente mais tarde, após dez anos, é que Isaías ascende socialmente, a um custo elevado, em que a própria consciência de si e da sociedade se esvai, vestindo a “túnica de Néssus da Sociedade”, espécie de felicidade vulgar do protagonista que aderiu, definitivamente, ao sistema:

Deus escreve direito por linhas tortas, dizem. Será mesmo isso ou será de lamentar que a felicidade vulgar tenha afogado, asfixiado um espírito tão singular? Quem sabe lá?

Para mim, no entanto, sem acreditar na intervenção de nenhuma Dejanira, sou de opinião que ele está vestindo a *túnica de Néssus da Sociedade*.

Todos os Santos, 31 de dezembro de 1916.

LIMA BARRETO.¹⁸²

No início, vemos o narrador Isaías Caminha partir para o Distrito Federal, Rio de Janeiro, querendo ser doutor. Teria ele nascido em Caxambi – Espírito Santo?¹⁸³ A ideia de escrever as *Recordações* surge da seguinte maneira:

Em me lembrei de escrever estas recordações, há dous anos, quando, um dia, por acaso, agarrei um fascículo de uma revista nacional, esquecida sobre o sofá de minha sala humilde, pelo promotor público da comarca.

Nela um dos seus colaboradores fazia multiplicadas considerações desfavoráveis da

¹⁸²BARRETO, op. cit., nota 175, p. 43. Grifos do autor.

¹⁸³Caxamby, nome de origem indígena, significa fecho, laço que amarra o capim; mato trançado. Vale ressaltar, conforme já afirmamos, que parte do romance já havia sido publicado na revista *Floreal*, pelos fins de 1907.

inteligência das pessoas do meu nascimento, notando a sua brilhante pujança nas primeiras idades, desmentida mais tarde, na madureza, com a fraqueza dos produtos, quando os havia, ou em regra geral, pela ausência deles.¹⁸⁴

Assim, as recordações do narrador são motivadas pela discriminação racial. Lima Barreto, em apresentação do livro e do narrador, conta que o personagem enviuvou, não tem filhos, “enriqueceu” e será deputado federal. O autor afirma que a criatura vestiu a túnica de Néssus, sem a intervenção de Dejanira, ou seja, sem a mediação da mitologia na forma mais completa, o que reforça a casaca, o verniz da “felicidade vulgar” da época:

Precisamos lembrar que Néssus foi um centauro malicioso e traiçoeiro que tentava violar Dejanira, esposa de Hércules. Este indignado, o mata. Antes de expirar, Néssus dá a Dejanira uma túnica envenenada, afirmando-lhe que aquela roupa teria a propriedade de garantir-lhe a felicidade do marido. A armadilha vingativa do centauro funciona. Dejanira coloca a túnica sobre Hércules, visando tê-lo só para si. Entretanto, Hércules começa a sentir dores horríveis, a túnica mortífera adere ao seu corpo de tal forma que, para arrancá-la, é preciso arrancar junto sua própria carne. Vencido pela dor, Hércules se suicida, lançando-se ao fogo.¹⁸⁵

No caso de Isaías Caminha, a túnica de Néssus está envenenada e fornece a ele a felicidade vulgar dos vencedores, conforme o que escreveu a “Lima Barreto”. Além disso, não obstante o aceno do autor ao romance, na “Breve notícia”, Isaías Caminha passará por uma transformação substancial: da ingenuidade de acreditar no trabalho intelectual, à sua não aderência ao quarto poder, no caso, ao jornalismo d’*O Globo*. Há intersecção entre o ser doutor e o jornalismo reinante na época. Jornalismo este feito como espetáculo para as classes dominantes: “Ah! Seria doutor! Resgataria o pecado original do meu

¹⁸⁴BARRETO, op. cit., nota 175, 1956, p. 40.

¹⁸⁵DIAS, Carmen Lydia de Souza. Prefácio. In: BARRETO, Lima. *Recordações do escrívão Isaías Caminha*. São Paulo: Ática, 2002, p. 10.

nascimento humilde, amaciaria o suplicio premente, cruciante e omnímodo de minha cor...”¹⁸⁶

O diploma seria a redenção do protagonista, numa espécie de salvação para angariar respeito da sociedade: de mulato a doutor. Além de tais considerações, mostra-se a origem humilde do protagonista, e, por outro lado, a sociedade de castas da República Velha, que vem claramente esboçada, como um painel social do início do século XX. É na viagem de sua terra natal para o Estado do Rio de Janeiro, no início do romance, que acontece o primeiro contato com o preconceito racial:

O trem parara e eu abstinha-me de saltar. Uma vez, porém, o fiz; não sei mesmo em que estação. Tive fome e dirigi-me ao pequeno balcão onde havia café e bolos. Encontravam-se lá muitos passageiros. Servi-me e dei uma pequena nota a pagar. Como se demorassem em trazer-me o troco reclamei: “Oh! Fez o caixeiro indignado e em tom desabrido. Que pressa tem você?! Aqui não se rouba, fique sabendo!” Ao mesmo tempo a meu lado, um rapazola alourado reclamava o dele, que lhe foi prazenteiramente entregue. O contraste feriu-me, e com os olhares que os presentes me lançaram, mais cresceu a minha indignação. Curti durante segundos, uma raiva muda, e por pouco ela não rebentou em pranto.¹⁸⁷

Também no início da narrativa, já no Rio de Janeiro, o personagem narra seu périplo pelas ruas centrais da cidade: Rua Direita, Largo do Paço, Rua do Ouvidor e adjacências. Com relação à Rua do Ouvidor, existe trecho interessante em que a mercadoria “fala”:

Parava diante de uma e de outra, fascinado por aquelas coisas frágeis e caras. As botinas, os chapéus petulantes, o linho das roupas brancas, as gravatas ligeiras, pareciam dizer-me: Veste-me, ó idiota! nós somos a civilização, a honestidade, a consideração, a beleza e o saber. Sem nós não há nada disso; nós somos, além de tudo, a majestade e o domínio.¹⁸⁸

¹⁸⁶BARRETO, op. cit., nota 175, p. 53.

¹⁸⁷Idem, ibidem, p. 60.

¹⁸⁸Idem, ibidem, p. 83.

A caminhada do protagonista é feita de desencontros, pois não encontra no Rio de Janeiro o Deputado Castro, indicado pela família para ajudá-lo: “— Você tem direito, seu Valentim... É... Você trabalhou pelo Castro... Aqui para nós: se ele está eleito, deve-o a mim e aos defuntos, e você que desenterrou alguns.”¹⁸⁹ O deputado Castro se elegeu com o voto dos defuntos. A ironia política, na literatura empenhada do escritor, ganha relevo nas palavras do personagem-protagonista e narrador: “Se os senhores algum dia quiserem encontrar um representante da grande nação brasileira, não o procurem nunca na sua residência. [...] o criado há de dizer-lhes secamente: Não está.”¹⁹⁰

Ainda com referência ao personagem Isaías Caminha, não devemos descartar a hipótese de que a narrativa, antes de sua ascensão, seja composta por *imagens dialéticas*, como as do autômato jogador de xadrez e do anjo de Paul Klee que, frequentemente, na união entre o “materialismo histórico” e a “teologia”, martelam em forma de crítica a própria classe dominante.

É preciso assinalar que, ao escrever suas *Recordações*, Isaías está no momento histórico em que se reconhece “numa imagem irrestituível do passado”. Podemos até arriscar, fundamentados na Tese V de Walter Benjamin, ser um instante de recognoscibilidade do narrador, em que o passado tem que ser “capturado” a fim de não desaparecer, sendo estas imagens furtivas, céleres e dialéticas.

Isaías Caminha, indo para o Estado do Espírito Santo para ser escrivão, não muda de ideia, ao menos, nessa época, não assimila a ideologia da classe dominante a respeito do jornalismo e não é meramente instrumento dessa mesma classe dominante. As imagens em forma de recordações, apresentadas pelo protagonista, são dialéticas por possuírem, em seu bojo, justamente as contradições, a fresta, a fenda em que ele próprio analisa seu presente, frente ao seu passado de menino pobre. É preciso ficar bem clara a seguinte ideia: Isaías Caminha não foi cooptado pela classe dominante no período em que esteve no Rio de Janeiro e no período em que escreve suas recordações. Também não se trata de um narrador volúvel ou não confiável. Em tese, tratar-se-ia, antes, de um narrador com muita tensão entre seus valores provincianos e os do Distrito Federal. Lembrando ainda de que, quem nos fala sobre ele, na “Breve notícia”, é a *persona* Lima Barreto e, neste caso, não devemos desconsiderar a verve ironista do autor implícito.

¹⁸⁹BARRETO, op. cit., nota 175, p. 52.

¹⁹⁰Idem, Ibidem, p. 85.

O narrador critica a República, a exemplo do que afirma o personagem fazendeiro Coronel Figueira: “Está tudo mudado: Abolição, República... Como isso mudou! Então de uns tempos para cá, parece que essa gente está doida; botam abaixo, derrubam casas, levantam outras, tapam umas ruas, abrem outras... Estão doidos!!!”¹⁹¹ As transformações do Rio de Janeiro tinham por objetivo aproximá-la de duas cidades importantes: Paris e Buenos Aires. Nas duas vertentes de civilização, estava a necessidade de mostrar ao estrangeiro uma nova face da cidade, sem negros, imitando Buenos Aires, com suas amplas avenidas, ou seja, à *la Haussmann*:

Nascera a questão dos sapatos obrigatórios de um projeto do Conselho Municipal, que foi aprovado e sancionado, determinando que todos os transeuntes da cidade, todos que saíssem à rua seriam obrigados a vir calçados. Nós passávamos então por uma dessas crises de elegância, que, de quando em quando, nos visita. Estávamos fatigados da nossa mediania, do nosso relaxamento; *a visão de Buenos Aires, muito limpa, catita, elegante, provocava-nos e enchia-nos de loucos desejos de igualá-la*. Havia nisto uma grande questão de amor-próprio nacional e um estulto desejo de não permitir que os estrangeiros, ao voltarem, enchessem de críticas a nossa cidade e a nossa civilização. *Nós invejávamos Buenos Aires imbecilmente*. Era como se um literato tivesse inveja dos carros e dos cavalos de um banqueiro. Era o argumento apresentado logo contra os adversários das leis voluptuárias que aparecem pelo tempo: “A Argentina não nos devia vencer; o Rio de Janeiro não podia continuar a ser uma estação de carvão, enquanto Buenos Aires era uma verdadeira capital europeia. Como é que não tínhamos largas avenidas, passeios de carruagens, hotéis de casaca, clubes de jogo?”¹⁹²

O embelezamento de fachada ignorava boa parte da população mais pobre. Todo esse embelezamento custava ao erário uma fortuna e,

¹⁹¹BARRETO, op. cit., nota 175, p. 90.

¹⁹²Idem, ibidem, p. 203-204. Grifos nossos.

ao invés de melhorar as condições sanitárias, pela construção de casas populares e outras medidas sociais importantes, a oligarquia estava preocupadíssima com a imagem do país no exterior. Há uma relação de promiscuidade entre o público e o privado que não cessa:

E os da frente, os cinco mil de cima, esforçavam-se por obter as medidas legislativas favoráveis à transformação da cidade e ao enriquecimento dos patrimônios respectivos com indenizações fabulosas e especulações sobre terrenos. Os Haussmanns pululavam. Projetavam-se avenidas; abriam-se plantas *squares*, delineavam-se palácios, e, como complemento, queriam também uma população catita, *limpinha, elegante e branca*: cocheiros irrepreensíveis, engraxates de libré, criadas louras, de olhos azuis, com o uniforme como se viam nos jornais de moda da Inglaterra. Foi esse estado de espírito que ditou o famoso projeto dos sapatos.¹⁹³

Essas imagens críticas do narrador é que podemos considerar como sendo dialéticas, mostrando a dificuldade de inserção social de ampla camada da população. O presente não reconhece o passado escravagista e faz tudo para apagar os rastros. Quer implantar a civilização com procedimentos bárbaros: a eliminação da raça negra, numa proposta de eugenia, capaz de limpar a cidade, as ruas e as raças. O passado sofre, permanentemente, a ameaça do desaparecimento. Isaias Caminha o resgata e o coloca na pauta do dia. Vejamos como se apresenta a questão na Tese V:

Tese V

A verdadeira imagem do passado passa célere e furtiva. É somente como imagem que lampeja justamente no instante de sua recognoscibilidade, para nunca mais ser vista, que o passado tem de ser capturado. “A verdade não nos escapará” – essa frase de Gottfried Keller indica, na imagem que o Historicismo faz da história, exatamente o ponto em que ela é batida em brecha pelo materialismo histórico. Pois é uma imagem

¹⁹³BARRETO, op. cit., nota 175, p. 204-205. Grifos nossos.

irrestituível do passado que ameaça desaparecer em cada presente que não se reconhece como nela visado.¹⁹⁴

Ao escrever suas *Recordações*, Isaías arranca de si mesmo o inconformismo e, como protagonista, “ateia ao passado a centelha da esperança”, não sucumbindo à tentação, não sendo cooptado pelo sistema, ao menos no que ele narra. O instante de perigo de Isaías, naquilo que ele narra, é sucumbir à felicidade vulgar dos vencedores, algo que ele não aceita. Sabemos ainda que o inimigo “não tem cessado de vencer”. Ao mesmo tempo, o narrador não articula o passado “tal como ele propriamente foi”, mas “captura” suas lembranças para demonstrar sua indignação contra a discriminação racial e contra o conluio entre o jornalismo, o “quarto poder” e a classe dirigente. O jornalismo era tão poderoso que era capaz de alterar o ânimo da população a favor ou contra a classe dirigente.

Isaías Caminha ativa o presente por meio de suas lembranças e por *imagens dialéticas* que analisam, entre tantos outros aspectos: o preconceito racial; a corrupção jornalística na direção d’*O Globo*, de Ricardo Loberant; a crítica literária do jornalista Frederico Lourenço Couto, o Floc; o gramático Lobo; o sensacionalismo; a relação corrupta do jornal com a polícia, entre outros.

O personagem carrega uma aguda consciência crítica. É bem possível, e aqui levantamos outra hipótese: que o protagonista só pôde fazer o discurso que fez no momento em que atingiu o *status quo* próprio da classe dominante. Suas recordações não têm medo de criticar a questão política da República Velha que ignorava o povo analfabeto e miserável:

E ficava assombrado que aquela gente não notasse o meu desespero, não sentisse a minha angústia... Imbecis! pensei eu. Idiotas que vão pela vida sem examinar, vivendo quase por obrigação, acorrentados às suas misérias como *galerianos à calceta*. Gente miserável que dá sanção aos deputados, que os respeita e prestigia! Por que não lhes examinam as ações, o que fazem e para que servem? Se o fizessem... Ah! se o fizessem! Que surpresa! Riem-se, enquanto do suor, da resignação de vocês, das privações de todos tiram

¹⁹⁴LÖWY, op. cit., p. 62.

ócios de nababo e uma vida de sultão... Veio-me um assomo de ódio, de raiva má, assassina e destruidora; um baixo desejo de matar, de matar muita gente, para ter assim o critério da minha existência de fato.¹⁹⁵

Lima Barreto, sem ter lido Walter Benjamin, constrói um narrador protagonista que parece escrever suas recordações a partir do que poderíamos chamar de *imagens dialéticas*, conceito abordado na Tese V, num procedimento de fatura que é também “fazer política”, pois como simples escrivão de uma Coletoria em Caxambi, Isaías Caminha estabelece um encontro entre seu “presente ativo” e seu “passado vivo”, na capital:

Há, portanto, uma conexão entre leitura do passado (escritura da história) e forma de fazer política: ambas pressupõem um encontro entre o passado vivo e o presente ativo. Benjamin chama esse encontro, conexão ou interação entre passado e presente de ‘imagem dialética’.¹⁹⁶

Considerando a teoria de Walter Benjamin, o “instante de perigo” no romance pode ser identificado em muitos momentos. Um deles ocorre quando Isaías Caminha é intimado pela polícia por ser um “mulatinho” e carrega, com isso, todo um sentimento de inferioridade. Ironicamente, Isaías significa, em hebraico, “Jeová é a salvação”, havendo aqui a redenção através do nome bíblico do personagem:

As lágrimas secaram-se-me nos olhos, antes que o inspetor me apresentasse ao Escrivão Viveiros. Olhou-me com olhar de entendido. Creio que sondava as minhas algibeiras detidamente, antes de me fazer esta pergunta:

— O senhor é o moço do Hotel Jenikalé?

— Sou um deles.

— Qual é a sua profissão?

— Estudante.

Houve algum espanto na fisionomia deslavada. Conteve-se e continuou-me a perguntar:

— Tem documentos?

¹⁹⁵BARRETO, op. cit., nota 175, p. 102. Grifos nossos.

¹⁹⁶MATE, op. cit., p. 143.

- Alguns.
- Ah! Pode-se justificar perfeitamente.
- Como?
- Com testemunhas e documentos.
- Se não conheço ninguém aqui no Rio...
- *Eu lhe arranjo.*
- Aceito e obrigado.
- Mas custa-lhe trinta mil-réis.
- Não posso pagar, capitão. Não tenho dinheiro.
- E o seu correspondente?
- Não tenho.
- Então meu caro... ¹⁹⁷

Discriminação racial e corrupção: se não tem dinheiro, “então meu caro...”. A chegada do delegado em nada alteraria a situação de Isaías Caminha, pois o interrogatório continua:

- Com ar escarninho perguntou:
- Então você é estudante?
- Dessa vez tinha-o compreendido, cheio de ódio, cheio de um santo ódio que nunca mais vi chegar em mim. Era mais uma variante daquelas tolas humilhações que eu já sofrera; era o sentimento geral da minha inferioridade, decretada *a priori*, que eu adivinhei na sua pergunta. E afirmei então com a voz transtornada.
- Sou, sim, senhor!
 - Pois então diga-me de quem é este verso: — “estava mudo e só na rocha de granito”?
 - Não sei, não senhor; não leio versos habitualmente...
 - Mas um estudante sempre os conhece, fez ele com falsa bonomia. É de admirar que o senhor não conheça... Sabe de quem é este outro: — “é o triunfo imortal da carne e da beleza”? ¹⁹⁸

É flagrante a falta de escrúpulos da polícia: prende-se, sem provas, um negro que é julgado como maior suspeito por um roubo no Hotel Jenikalé. Oferece-se a ele a possibilidade de se safar da pena por meio do pagamento de propina no valor de “trinta mil-réis” ou por meio

¹⁹⁷BARRETO, op. cit., nota 175, p. 111-112. Grifos nossos. Correspondente equivale a algum objeto que tivesse valor de trinta mil-réis.

¹⁹⁸Idem, ibidem, p. 116-117.

de algo que corresponda a esse valor e o delegado, simplesmente, foge totalmente ao inquérito, fazendo questionamentos esdrúxulos sobre versos de Guerra Junqueiro e de Olavo Bilac. Há muita ironia nesta parte da narrativa, tanto do ponto de vista da pátria, que ignora os negros, quanto da crítica ao parnasianismo e à forma de aprendizagem da poesia, sendo pose, declamação e retórica vazia. O desfecho demonstra a desfaçatez e a discriminação contra os negros: “Fui para o xadrez convenientemente escoltado. [...]. As lágrimas correram-me e eu pensei comigo: A pátria!”¹⁹⁹

Isaías foi libertado de forma irônica: bastou ter informado ao delegado que era amigo do russo Ivã Gregoróvitch Rostóloff e, veremos, de que maneira esse personagem jornalista é, na narrativa, independente em relação à imprensa da época. Isto sugere que a polícia, na figura do delegado, tinha medo da imprensa: “Era a imprensa, a Onipotente Imprensa, o quarto poder fora da Constituição.”²⁰⁰ Ainda que tenha ficado só algumas horas preso, Isaías sentiu na pele a discriminação. Nada tinha roubado, mas teve parte de sua dignidade violada por meio da tentativa de suborno e, principalmente, pela discriminação racial que julga os negros *a priori*.

O narrador-protagonista Isaías Caminha também ironiza o estado ou a mania de imitação de beleza das grandes cidades. Enquanto isso a população mais pobre refugia-se no cortiço:

Durante todo esse tempo, residi em uma casa de cômodos na altura do Rio Comprido. *Era longe*; mas escolhera-a por ser barato o aluguel. Ficava a casa numa eminência, a cavaleiro da Rua Malvino Reis e, atualmente, os dous andares do antigo palacete que ela fora, estavam divididos em duas ou três dezenas de quartos, onde moravam mais de cinquenta pessoas.

[...]

Admirava-me que essa gente pudesse viver, lutando contra a fome, contra a moléstia e contra a civilização; que tivesse energia para viver cercada de tantos males, de tantas privações e dificuldades. Não sei que estranha tenacidade a leva a viver e porque essa tenacidade é tanto mais forte quanto mais humilde e miserável. *Vivia na casa uma rapariga preta que suportava dias*

¹⁹⁹BARRETO, op. cit., nota 175, p. 118.

²⁰⁰Idem, Ibidem, p. 174.

*inteiros de fome, mal vivendo do que lhe dava uma miserável prostituição; entretanto à menor dor de dentes chorava, temendo que a morte estivesse próxima.*²⁰¹

Lima Barreto faz o que poderíamos chamar de contracartografia²⁰², quando contrasta o centro com o subúrbio. Para delimitar melhor as áreas expostas na obra, vamos considerar a saída de Isaías Caminha, aliás, um caminhante no próprio nome: “Vai Isaías! Vai... Isto aqui não te basta... Vai para o Rio!”²⁰³ Nessa contracartografia, entre bairros centrais e o subúrbio da época, há o bairro Rio Comprido, por exemplo, que guarda antigos palacetes transformados em cortiços. Nesse bairro, morou Isaías Caminha:

Região Central

Rua do Ouvidor
Praça da República (Campo de Santana)
Largo do Paço
Rua Direita
Largo São Francisco
Rua dos Voluntários (da Pátria)
Santa Teresa
Laranjeiras
Botafogo
Tijuca
Méier)
Largo do Machado (Catete)
Rio Comprido

Subúrbio

Andaraí
Vila Isabel
Bangu
Barra Mansa (Município)
Santa Cruz
São Marcos
Cascadura
Realengo
Campo Grande
Todos os Santos (depois do

Na obra também é possível verificarmos que a trama se passa na região central da cidade, sendo este igualmente o local da sede do jornal *O Globo*.²⁰⁴ Por outro lado, ao se tratar dos cortiços, a narrativa apresenta uma zona em decadência. Quando o assunto é policial, aparecem claramente as regiões dos “subúrbios”. Isaías Caminha se

²⁰¹BARRETO, op. cit., nota 175, p. 221 e p. 223, respectivamente. Grifos nossos.

²⁰²Se entendermos o vocábulo “cartografia”, numa de suas possíveis acepções, como sendo “descrição ou tratado sobre mapas”, conforme dicionário do Houaiss, nosso entendimento do termo contracartografia é de que Lima Barreto se preocupará com as áreas menos favorecidas do Rio de Janeiro, especialmente os chamados por ele de “subúrbios”, colocando-os como objeto de análise. Ver: HOUAISS, op.cit., p. 413.

²⁰³BARRETO, op. cit., nota 175, p. 47.

²⁰⁴Exceção ao passeio final na Ilha do Governador.

desloca entre a região Central e o cortiço, no Rio Comprido, então uma área em degradação e vimos que o narrador afirma que o bairro “era longe”.

O deslocamento dos jornalistas para regiões ainda mais distantes ocorre principalmente para descobrir o desfecho do assassinato de um casal decapitado: “— Em Santa Cruz, nos campos de São Marcos... Uma mulher e um homem foram encontrados mortos a facadas e decapitados... Vestiam com luxo... Parecem pessoas de tratamento... Um mistério!”²⁰⁵ Além disso, o médico legista, “doutor” Franco, forjou para que os assassinados fossem negros: “O laudo do doutor Franco, concluía que o homem era mulato, muito adiantado é verdade, um quarterão, mas ainda com grandes sinais antropológicos da raça negra.”²⁰⁶

Todas as conjecturas sobre os assassinados, inversão estranha do jornalismo, são documentos falsos forjados para, por meio de relação indireta, identificá-los como pertencentes à raça negra. Nesse caso, os mortos, “supostamente” negros, adquirem relevância para o inquérito policial que, perante a sociedade, precisa apresentar um “culpado” pelo assassinato. Ao forjar um laudo falso, identificando os mortos como negros, estes não são significativos para restabelecer a justiça, mas para contaminar a ideia de que a violência estaria vinculada aos negros. Com isso, o opressor não para de vencer, conforme destaca Reyes Mate:

[...] se quiser evitar, a segunda morte do assassinado, o crime hermenêutico, é necessário que a chispa do passado ilumine seu presente, é necessário que o passado não ‘esteja aí’ inerte, mas que se faça presente. Nela se diz: “e esse inimigo não parou de vencer”. Benjamin está dizendo que a insignificância dos mortos é obra do mesmo assassino.²⁰⁷

Além dos jornalistas, há o perambular do protagonista que pratica o que chamamos de contracartografia, percorrendo áreas distantes do

²⁰⁵BARRETO, op. cit., nota 175, p. 205.

²⁰⁶Idem, Ibidem, p. 218. “Quarterão” significa: aquele que tem um quarto de sangue negro. Em carta a Esmaragdo Freitas, em 15 de outubro de 1911, Lima Barreto afirma sobre o protagonista: “Há outra cousa no seu artigo que eu queria falar longamente: é sobre o casamento de Isaías. Ele se casou com uma rapariga branca, como o senhor supôs. Aceito e explico por diversos motivos: a) para que os filhos saíssem mais brancos que ele; b) porque, devido a causas sociais, os pais não se esmeram na educação das raparigas de cor, e não encontrou uma na altura de sua delicadeza.” In: *Correspondência ativa e passiva*. Tomo I. São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 239.

²⁰⁷MATE, op. cit., p. 156.

centro, morando no Rio Comprido que, como já assinalado, “era longe”. Podemos perceber ainda a necessidade do protagonista de conhecer a cidade, uma virtude em comparação com muitos moradores da elite que tinham horror aos bairros mais distantes:

Dei em passear de bonde, saltando de um para outro, aventurando-me por travessas afastadas, para buscar o veículo em outros bairros. *Da Tijuca ia ao Andaraí e daí à Vila Isabel*; e assim, passando de um bairro para outro, procurando travessas despovoadas e sem calçamento, conheci a cidade – tal qual os bondes a fizeram alternativamente povoada e despovoada, com grandes hiatos entre ruas de população condensada, e toda ela, agitada, dividida, convulsionada pelas colinas e contrafortes da montanha em cujas vertentes crescera. Jantava, uns dias; em outros, almoçava unicamente; e houve muitos que nem uma cousa ou outra fiz. Descobri a Biblioteca Nacional, para onde muitas vezes fui, cheio de fome, ler Maupassant e Daudet.²⁰⁸

Este caminhar pela cidade e a fome de leitura, muitas vezes sem uma única refeição diária, transmitem a miserabilidade inicial do protagonista no Rio de Janeiro, lugar em que tanto sonhou estudar e ser doutor.

Já o tratamento dado ao imigrante, nas recordações de Isaías Caminha, é interessante. Um personagem que foge das características dos parvos jornalistas d’*O Globo* é Ivã Gregoróvitch Rostóloff, bem caracterizado como antípoda das hipocrisias da classe dominante da época. Lima já esboça as preocupações com a linguagem e, principalmente, com o fato de que o imigrante pudesse compreender melhor a maneira de funcionamento de nossas engrenagens políticas, econômicas e sociais. Vejamos a visão de Gregoróvitch apresentada no romance: “Tinha cinquenta anos e sentia-se absolutamente sem pátria, livre de todas as tiranias morais e psicológicas que essa noção contém em si. Era capaz de aprender todas as línguas, escrevê-las, em três ou quatro meses.”²⁰⁹ Para uma época em que o imigrante começava a ser tratado como um intruso, atrapalhando a República em seus lemas

²⁰⁸BARRETO, op. cit., nota 175, p. 133-134. Grifos nossos.

²⁰⁹Idem, Ibidem, p. 106.

positivistas, entre a ordem, o progresso e o jacobinismo, só para ficarmos em alguns exemplos, parece-nos que o narrador tem uma visão bem diferente. Por meio do personagem nos chega um pensamento menos hipócrita e nos arriscamos a dizer: menos burguês. Ele, o personagem, possui linguagem revolucionária, numa crítica contundente aos que se apresentavam como verdadeiro Catão da nossa gramática, doidos por erros gramaticais, ironizados pelo narrador: “Unicamente Gregoróvitch não fazia carga sobre a revisão. Para ele, tanto se lhe dava sair ‘nós fomos’ como ‘nós foi’.”²¹⁰

A linguagem defendida pelo personagem russo é a fala das classes menos favorecidas, estas mesmas que ocupavam os cortiços e os subúrbios. Gregoróvitch não é apenas um contraponto a Loberant²¹¹, figura centralizadora e autoritária, mas também aos outros jornalistas e, principalmente, ao gramático Lobo, que enlouquecera na sua sina de corrigir os erros gramaticais: “Lobo enlouquecera e estava recolhido no hospício. A sua mania era não falar nem ouvir. Tapava os ouvidos e mantinha-se calado semanas inteiras, pedindo tudo por acenos.”²¹²

Lima escolheu Isaías por ser o profeta que quer acabar com a usura. Com o suicídio de Frederico Lourenço Couto, o Floc, Isaías entra para a seara jornalística e todo o preconceito racial a que estivera sujeito, em inúmeras passagens da obra, desaparece. Não obstante tudo isso, o narrador protagonista se apresenta como autor de *Clara dos Anjos*: “Cinco capítulos da minha *Clara* estão na gaveta, o livro há de sair...”²¹³ A frase aparece quando Isaías Caminha deixa de ser contínuo e passa a ser redator da seção “Marinha e Alfândega”. Uma mudança social fundamental, já que ser jornalista era ser “doutor” para todos os efeitos. Ao mesmo tempo, Isaías passou a reagir aos ataques, pois “é preciso o emprego da violência, do murro, do soco, para impedir que os maus e os covardes não nos esmaguem de todo.”²¹⁴ Paradoxalmente, esta transformação de Isaías se deve à sua entrada na sociedade que ele mesmo condena, o que gera uma tensão interna que o coloca em crise constante. Esta crise cessa apenas quando ele vai para o Estado do Espírito Santo, salvando-se desses “instantes de perigos” por meio de *imagens dialéticas* e num momento de recognoscibilidade, exatamente quando escreve suas *Recordações*.

²¹⁰BARRETO, op. cit., nota 175, p. 180-181.

²¹¹ Anagrama de Beltrano.

²¹²BARRETO, op. cit., nota 175, p. 279-280.

²¹³Idem, Ibidem, p. 274.

²¹⁴Idem, Ibidem, p. 276.

Lima escolhe o nome do protagonista com base no profeta Isaías para que este se contraponha às injustiças e, não por acaso, remete ao discurso bíblico em termos profanos e revolucionários, quando o profeta condena a usura e os donos do poder:

Reencontramos a ideia paradoxal – mas essencial à atitude intelectual de Benjamin – uma espécie de identidade entre certos conceitos teológicos e seus equivalentes profanos, revolucionários. Por outro lado, não convém perder de vista que a “intervenção salvadora” tem por objeto tanto o passado quanto o presente: a história e política, rememoração e redenção são inseparáveis.²¹⁵

O narrador em primeira pessoa trava uma verdadeira luta de consciência contra a “felicidade vulgar” da capital fluminense, apesar de terminar o romance ao lado do poderoso Loberant, o diretor do jornal *O Globo*. Mas é considerando a diferença entre o que o narrador afirma e o que acontece mais tarde, passados muitos anos, pelas notícias de Lima Barreto, que devemos entender que a história não termina no final da narração:

Insistiu várias vezes, mas recusei. Vim vagamente a pé até ao Largo da Carioca, sem seguir um pensamento. Vinha triste e com a inteligência funcionando par todos os lados. Sentia-me sempre desgostoso por não ter tirado de mim nada de grande, *de forte e ter consentido em ser um vulgar assecla e apaniguado de um outro qualquer*. Tinha outros desgostos, mas esse era o principal. Porque (*sic*) o tinha sido? Um pouco devido aos outros e um pouco devido a mim. Encontrei Loberant:

— Então? perguntou maliciosamente.

— Deixei-a em casa.

— Pois se eu me tinha separado de vocês de propósito... Tolo! Vamos tomar uma cerveja...

²¹⁵LÖWY, op. cit., p. 62. Vejamos a crônica intitulada “Levanta-te e Caminha”, publicada originalmente em *Argos*, Rio, nº 9-10, outubro e novembro de 1919, que tem a seguinte epígrafe da epístola de São Mateus: “Pois para que saibais que o Filho do Homem tem poder sobre a terra de perdoar os pecados, disse ele ao paralisado: Levanta-te, deixa teu leito, e vai para a tua casa.” In: *Impressões de leitura*. São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 152.

Antes de entrar, olhei ainda o céu muito negro,
muito estrelado, esquecido de que a nossa
humanidade já não sabe ler nos astros os destinos
e os acontecimentos. As cogitações não me
passaram... Loberant, sorrindo e olhando-me com
complacência, ainda repetiu:

— Tolo!

Todos os Santos, Rio de Janeiro – 1908 ²¹⁶

A ida do personagem para o Estado do Espírito Santo é para ele a “ressurreição”, ou seja, a tentativa de resgatar seus valores éticos e familiares parcialmente perdidos no Distrito Federal. Casa-se; tem um filho; é escrivão de coletoria em Caxambi; e, finalmente, resolve escrever suas *Recordações...*, ao fazer a leitura de um texto jornalístico e discriminatório. A morte da mãe, da mulher e do filho apenas corroboram as muitas decepções da sua vida. Isaías é crítico contumaz do sistema político e do jornalismo na República Velha, refugiando-se em Caxambi. Ele é filho de padre com mãe negra e, no Rio de Janeiro, não nos parece que usufrua de qualquer benesse em relação ao fato de ser jornalista e considerado “doutor”, e muito menos que esta promoção o coloque feliz a dormir o sono dos justos. Fugir do sistema de corrupção, em particular do político e do jornalístico, é para ele sua própria “ressurreição”.

Com tais argumentos, podemos então fazer o seguinte questionamento: por que a *persona* Lima Barreto insere, em 1916, o texto “Breve notícia” junto ao prefácio, informando que Isaías “escreveu” a ele que não será mais deputado estadual e que pretende se candidatar a deputado federal? Salvo engano, Lima Barreto quis colocar a “pimenta e o sal” num romance que parecia resolvido, ao menos em 1909, quando da primeira publicação.

Lucia Miguel Pereira, ainda que não responda ao nosso questionamento sobre o texto “Breve notícia”, afirma que Lima Barreto mudou o rumo da narrativa, exatamente no ponto em que Isaías Caminha entra para a redação do jornal *O Globo*, momento que “[...] de introspectiva [a narrativa] passa para a caricatural e se perde em minúcias da reportagem.” Além deste aspecto, a crítica ressalta a rapidez forçada com que ocorre a mudança do protagonista-narrador: “A transformação de Isaías, que de tímido e pundonoroso se faz grosseiro e

²¹⁶BARRETO, op. cit., nota 175, p. 288-289. Grifos nossos.

vaidoso, processa-se com rapidez forçada e torna inaceitável o seu posterior desgosto pelo jornal onde trabalhava.”²¹⁷

As *Recordações* não são apenas para mostrar que um negro pode aderir ao sistema, não sem antes passar por um “calvário”, mas também para mostrar uma “luta discursiva”, conforme afirma o crítico inglês brasilianista Robert J. Oakley²¹⁸, contra os poderosos: jornalistas, políticos, literatos e outros pertencentes à classe dominante da época. Ainda que Isaías Caminha, como nos informa “Lima Barreto”, tenha aderido ao sistema, ele mesmo afirma ao final do romance: “Sentia-me parasita, adulando o diretor para obter dinheiro...”²¹⁹ Não se trata, portanto, de relação mecânica entre a chamada superestrutura e a infraestrutura, mas de um narrador que recorda não apenas suas próprias contradições, mas também a possibilidade de denunciar o falso projeto democrático da República Velha que se instaura com a ajuda do quarto poder. Isaías Caminha faz discurso a contrapelo. Tem consciência muito clara sobre sua situação. Ao recordar, deixa de ser mero instrumento da classe dominante.

Robert Oakley relaciona ainda as *Recordações do escrivão Isaías Caminha* ao romance moderno, em sua linhagem picaresca com o *Lazarillo de Tormes* (1554). Além disso, afirma o crítico: “Isaías tenta selecionar aqueles restos de seu passado que explicam e justificam o presente.”²²⁰ Apoiando-se em Fernando Lázaro Carreter, sobre o romance picaresco, para Oakley, as *Recordações* são, grosso modo, a autobiografia de um fracasso em vida; os esforços do protagonista para ganhar a vida e se promover; e, por último, “a narrativa é a explicação ou confissão de seu fracasso definitivo e de um estado de desonra.”²²¹

O crítico Oakley também afirma que o romance *Recordações do escrivão Isaías Caminha* é “social, psicológico e existencial”. Para o crítico, a intenção de Lima Barreto era criar “um romance de ilusões perdidas”, ou seja, ser “o Balzac carioca”.²²² Ao passar para a categoria de “doutor”, embora não o sendo, Isaías diminui, parcialmente, a discriminação racial. Para Oakley essa divisão em duas partes demonstra

²¹⁷PEREIRA, Lucia Miguel. Lima Barreto. In: *Escritos da maturidade*: seleta de textos publicados em periódicos (1944-1959). Rio de Janeiro: Graphia Editorial, 1994, p. 230.

²¹⁸OAKLEY, R. J. *Lima Barreto e o destino da literatura*. São Paulo: Editora Unesp, 2011. Na crônica “Médicos e Gramáticos”, *Careta*, Rio, 11-11-1922, o narrador de Lima afirma: “Os médicos aqui dão em gramáticos — e que gramáticos.” In: BARRETO, op. cit., nota 152, p. 190.

²¹⁹BARRETO, op. cit., nota 175, p. 287.

²²⁰OAKLEY, op. cit., p. 78-79.

²²¹Idem, *Ibidem*, p. 78.

²²²BALZAC, Honoré de. *Ilusões perdidas*. Porto Alegre: Editora Globo, 1959.

que o livro passa a oferecer uma “perspectiva diferente” em relação ao jornalismo:

No decorrer do romance, Lima Barreto resume o fenômeno histórico do novo estilo de jornal até então desconhecido no Brasil: violento, sensacionalista, agressivo, populista, contestatário, e que os historiadores marxistas consideram como típico de uma sociedade capitalista emergente.²²³

O crítico Carlos Erivany Fantinati identifica, com muita propriedade, o período em que Isaías Caminha entra para a política como “redentorista e pós-literário”, num aspecto soteriológico fundamental, inclusive nas iniciais I.C.: “Referimo-nos a Iesus Christus, o justo sofredor, o ungido, o inocente, o mensageiro, o Profeta dos Profetas, cujos sofrimentos foram chamados para redimir e salvar a humanidade.”²²⁴ Há, ainda, conforme o crítico, uma reiterada manifestação do sagrado, operando-se pela “recuperação da memória [Recordações] do passado individual e da civilização brasileira até o Tempo primordial.”²²⁵

Quanto à promoção de Isaías Caminha a jornalista, esta só acontece por um lance de sorte, ou seja, por causa do suicídio do cronista literário d’*O Globo* e, também, ao flagrar o diretor Ricardo Loberant numa casa de prostituição. Se Isaías é filho de padre branco com mãe negra, sua função é ser mesmo o redentor da catástrofe de toda uma coletividade, segundo Carlos Erivany Fantinati:

A aproximação que opera Lima Barreto do destino político de Isaías com o vestir a túnica ensanguentada do centauro Néssus ou Hércules, *reitera a alternativa entre a redenção e a catástrofe*, vida e morte, que o escritor Isaías Caminha colocava como dois caminhos a trilhar a partir do presente pela humanidade. A adesão de Isaías ao meio urbano significa seu primeiro passo no sentido da catástrofe e da morte, não se configurando ele mais como vítima de um estado de cegueira, mas sim como um trapaceiro.

²²³OAKLEY, op. cit., p. 52.

²²⁴FANTINATI, op. cit., p. 131.

²²⁵Loc. cit.

Trapaceiro também é o meio urbano, ao rejeitá-lo. Tomam ambos em suas mãos um destino privado e dirigido para a busca da felicidade individual, em detrimento de uma procura social e coletiva de satisfação cujo termo é a probabilidade da catástrofe como punição justiceira.²²⁶

Carlos Erivany Fantinati também identifica muitas referências ao sagrado na obra de Lima Barreto, como, por exemplo, no caso do personagem russo Ivã, anagramaticamente “vai”, não por acaso doutor em “Exegese Bíblica”, num processo de estruturação e desestruturação do projeto inicial do protagonista:

Sua dinâmica tem por base a oposição dialética entre a proposição afirmativa, formada pela frase, cujo sujeito é o prenome “Isaías” e o predicado o sobrenome “caminha”, e a proposição negativa “Isaías não caminha”.²²⁷

No tópico anterior, examinamos uma leitura da tese IV de Walter Benjamin que introduz a necessidade do debate marxista da luta de classes, sobretudo na luta por bens materiais, sendo destacado que o marxismo benjaminiano não descarta o serviço da teologia na luta entre opressores e oprimidos, entre exploradores e explorados. Foi visto que Lima Barreto utiliza o texto bíblico para reivindicar condições de igualdade entre negros e brancos e que a escritura é sua forma de ação política. Ao mesmo tempo, o problema social brasileiro já não se restringia à miserabilidade apenas dos ex-escravos, mas também a dos imigrantes que, no caso do conto *Dentes negros e cabelos azuis*, opera por contrastes: o negro carrega duplo preconceito, o social e o racial, em relação ao imigrante espanhol. O discurso de piedade do “espanhol” torna-se irônico: a justificação do assaltante de que quer apenas uns “miúdos” para um “grande trabalho” soma mais contrastes, ou seja, pequenos trabalhos de um lado e grandes trabalhos do outro. No fundo da tela, o que vemos são duas categorias de excluídos: o negro e o imigrante.

Em *Recordações do escrivo Isaías Caminha* há também a luta por bens materiais e pela sobrevivência do protagonista, ao menos no início da narrativa. Embora Isaías vença a batalha do ponto de vista

²²⁶FANTINATI, op. cit., p. 128. Grifos Nossos.

²²⁷Idem, ibidem, p. 138.

financeiro, ele carrega uma forte consciência crítica ao sistema. Torna-se, por assim dizer, um vencedor, o que demonstra bem as mediações possíveis, pois nem sempre os negros saem derrotados.

O protagonista nasce no interior do Brasil, ascende socialmente no Estado do Rio de Janeiro, por meio do jornalismo, e, por se sentir um parasita, não vive a “felicidade vulgar” dos vencedores. Isaías Caminha caminhou, mas com claros objetivos: “Arrancar das mãos da reação os motivos (de sua ação) que tenham um valor próprio; penetrar no território inimigo para ocupar-se com essas motivações [...].”²²⁸ Em sua trajetória jornalística, inicia na função de contínuo e chega à função de redator. Tem consciência crítica não somente na sua relação com o jornalismo, mas também em sua relação com a classe dominante, sentindo-se, ao final, um parasita. Vai para o Estado do Espírito Santo para ser escrivão. Casa-se e tem um filho: “Não consegui realizar tudo isto. Casei-me, é verdade; mas o único filho que tive, acaba de morrer em tenra idade.”²²⁹ A esposa também morre. Após dez anos, estando no Estado do Espírito Santo, escreve a “Lima Barreto”, a quem afirma, conforme consta na “Breve notícia”, exatamente em 31 de dezembro de 1916, que fora eleito inicialmente deputado estadual e seria deputado federal:

Disse bem preconceitos, porque, após dez anos, tantos são os que vão da composição das *Recordações* aos dias que correm, o meu amigo perdeu muito da sua amargura, tem passeado pelo Rio com belas fadias, já foi ao Municipal, frequenta as casas de chá; e, *segundo me escreveu*, vai deixar de ser representante do Espírito Santo, na Assembleia Estadual, para ser, na próxima legislatura, deputado federal. Ele não se incomoda mais com o livro; tomou outro rumo. Hei de vê-lo em breve entre as encantadoras, fazendo o tal *footing* domingueiro, no Flamengo, e figurando nas notícias elegantes dos jornais. Isaías deixou de ser escrivão. *Enviuvou sem filhos, enriqueceu e será deputado. Basta.*²³⁰

Considerando-se nossa proposta de leitura do romance à luz da teoria desenvolvida por Walter Benjamin nas teses de “Sobre o conceito

²²⁸TAUBES, J. Die politische Theologie des Paulus. In: MATE, op. cit., p. 34.

²²⁹BARRETO, op. cit., nota 175, p. 282.

²³⁰Idem, Ibidem, p. 43. Grifos nossos.

de História”, não se deve deixar de esquecer que as possibilidades e as contradições são bem mais complexas do que indica a dicotomia entre vencedores e vencidos. Já vimos que o discurso bíblico, por exemplo, faz parte dos procedimentos de fatura na construção do romance. O que o autor insere, com muita propriedade, não é apenas o texto religioso como retórica, mas seu intento é o de aprofundar a discussão política acerca do jornalismo, particularmente em um sistema que reforça a assimetria entre a classe dirigente e os menos favorecidos e, para transitar entre uma classe e outra, muitas vezes, há que se abrir mão de valores éticos. Se a obra carrega esse paradoxo discursivo por um lado, por outro demonstra também que o protagonista não entra triunfante no sistema, mas amargurado e infeliz. Filho de padre com mãe negra, a caminhada de Isaías Caminha serve como importante análise das relações de poder entre o jornalismo e outras esferas da sociedade, especificamente a esfera política: “Dous meses antes era simples contínuo, limpava mesas, ia a recados de todos; agora, poderosas autoridades queriam as minhas relações e a minha boa-vontade.”²³¹

Isaías Caminha lutará com todas as forças para não modificar seus próprios valores, para não entrar nesse contexto que ele, quase sempre, condena; na qualidade de redator-jornalista, sabe que é capaz de agir politicamente. Se Isaías Caminha vai de explorado a explorador, a renúncia a essa vida de nababo é bem clara no sentido de que ele não aceita a aliança com o quarto poder, ou seja, o jornalismo aliado à classe dirigente, a fim de manter o *status quo* e proteger, muitas vezes, políticos corruptos.

A inserção de um negro no contexto acima demonstra que a ascensão social requer como sacrifício a perda de valores éticos que o personagem não aceita. Antes de ser um *roman à clef*, *Recordações do escrivo Isaías Caminha* quer provar que um negro não aceita as condições de aderência a um sistema corrupto, questionando a classe dominante que o mantém e, mais do que isso, abandonando esse sistema para retomar seus valores éticos, voltando para o interior do Brasil. Entre o prefácio do protagonista Isaías Caminha e o final do romance, há coerência no plano discursivo do narrador que, sentindo-se um parasita, volta para uma cidade do interior do Brasil. Nesse período é que decide escrever suas *Recordações*.

Como foi dito, na luta de classes, dentro da teoria de Walter Benjamin, é bem possível utilizar-se do discurso religioso para enfrentar a classe dominante. A crítica à teologia não pode e não deve descartar

²³¹ BARRETO, op. cit., nota 175, p. 273.

esse recurso como forma silenciosa de resistência. Isaías luta com todas as forças para manter seus valores éticos e religiosos, escrevendo suas *Recordações* para reivindicar menos discriminação racial e protestar contra a oligarquia no poder que é, incessantemente, ajudada no plano discursivo por jornalistas inescrupulosos.

Devemos destacar que, se o sujeito histórico em Marx é o proletariado, em Walter Benjamin ele passa a ser o oprimido em geral, o explorado qualquer, o lumpemproletariado, enfim, todo ser humano que sofre injustiças. Nesse aspecto, a luta de classes em Walter Benjamin, amplia-se. Referindo-se à luta de classes, o crítico Osman Lins, em *Lima Barreto e o espaço romanesco*, afirma:

Ademais, a sua ficção, povoada de figuras advindas do subúrbio e de Botafogo, polos opostos da sociedade que agudamente analisa, não vai configurar-se como uma ficção de luta de classes. Há consciência da miséria, mas não consciência de classe nos seus pobres e, além disso, algumas de suas personagens aparecem como figuras intermediárias.²³²

O sujeito histórico não é apenas o proletariado na “luta de classes” da teoria de Walter Benjamin, sendo o que ele afirma no início da Tese IV: “A luta de classes, que um historiador escolado em Marx tem sempre diante dos olhos, é uma luta pelas coisas brutas e materiais, sem as quais não há coisas finas e espirituais.”²³³ Se considerarmos a luta de classes dentro da teoria marxista, estritamente, concordamos com Osman Lins, uma vez que os personagens dos romances de Lima Barreto não têm, realmente, consciência de classe. Ao mesmo tempo, lutam por melhorias nas suas condições reais de existência como seres humanos. O próprio Osman Lins, em trecho imediatamente anterior, constatou o seguinte na obra do escritor:

Este, portanto, o seu campo de observação e de ação, ele não sonha alterar os destinos do mundo, mas espera ao menos inquietar, no seu país, os donos do poder e os usuários de posições – e

²³²LINS, Osman. *Lima Barreto e o espaço romanesco*. São Paulo: Ática, 1976, p. 23-24. Grifos nossos. Constatação semelhante possui Marcos Vinícius Scheffel em sua tese de doutorado. Ver: SCHEFFEL, Marcos Vinícius. *Estações de passagem da ficção de Lima Barreto*. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, 2011, p. 136.

²³³LÖWY, op. cit., p. 58.

*contribuir para despertar, entre os oprimidos e explorados, entre os recusados, uma consciência crítica.*²³⁴

Considerando que o protagonista Isaías Caminha luta para melhorar suas condições reais de existência, ou seja, procurando sobreviver após passar fome, ele se torna um sujeito histórico que estabelece uma luta que é material, sem perder seus valores éticos e, arriscamos dizer, também espirituais. É nesta acepção que podemos estabelecer uma relação com a teoria de Walter Benjamin, ampliando o entendimento sobre a “luta de classes”, fundamentados em Marx:

Existe, então, em Benjamin, uma dialética do material e do espiritual na luta de classes que vai além do modelo bem mecanicista da infraestrutura e da superestrutura: *o que está em jogo na luta é material*, mas a motivação dos atores sociais é espiritual. Se não fosse estimulada por algumas qualidades morais, a classe dominada não conseguiria lutar por sua libertação.²³⁵

Nas *Recordações do escrivo Isaías Caminha*, o protagonista quer atingir objetivos mundanos que, no início do romance, assumem a forma do que Lima Barreto chamou de “doutomania”: “Ah! Seria doutor!”.²³⁶ O motivo das *Recordações...* de Isaías é, inicialmente, para reivindicar, protestar contra a discriminação racial e o jornalismo da época.

A ironia, no romance, se dá pelo inverso. No Rio de Janeiro, como jornalista, Isaías não faz coro ao cortejo dos vencedores. A tensão do protagonista é característica essencial, tendo em vista que ele transita, embora com enormes dificuldades, inclusive passando fome, entre os extremos da sociedade brasileira da República Velha.

²³⁴LINS, op.cit., p. 21-22. Grifos nossos. Em carta a Corinto da Fonseca, em 14-7-1909, Lima Barreto afirma: “Lembras-te bem que para se introduzir a criada ou criado na literatura foi preciso grande revolução e que, durante muito tempo, só as pessoas de condição real e soberana, ou os heróis extraordinários, podiam interessar às artes.” In: BARRETO, op. cit., nota 206, p. 190.

²³⁵LÖWY, op. cit., p. 59. Grifos nossos.

²³⁶BARRETO, op. cit., nota 175, p. 53. A introdução da “Breve notícia”, em 1916, pode ter sido causada pela crítica efetuada por José Veríssimo, que em carta a Lima Barreto, em 1910, afirma acerca de Isaías Caminha: “A sua amargura, legítima, sincera, ressumbra de mais no seu livro, tendo-lhe faltado a arte de esconder quanto talvez a arte exija. E seria mais altivo não a mostrar tanto.” In: BARRETO, op. cit., nota 206, p. 205.

Ao querer provar que um negro pode ascender e aderir ao sistema, Lima Barreto critica veementemente os carreiristas de plantão, independente de raça, uma vez que o protagonista, apoiando-se numa constelação de amigos influentes, ascende ao jornalismo. Mas a diferença é que o negro Isaías, à medida que se desenvolve essa ascensão, também tem forte consciência crítica da realidade, não se coadunando com os valores burgueses. Ele é bem diferente dos arrivistas, de acordo com sua narrativa. Normalmente, a ascensão social por meio do jornalismo seria o trampolim para se atingir objetivos próprios e individuais, o que não acontece com o personagem Isaías Caminha.

Ao se dirigir para Caxambi, Isaías quer retomar seus valores éticos parcialmente perdidos. Desiste de ser jornalista, renunciando a tais privilégios. O coletivo, nesta acepção, não fica retido apenas no passado onde nasceu o protagonista, pois Isaías tenta resgatar seus valores, voltando às suas raízes.

Considerando a teoria de Walter Benjamin, o narrador-protagonista transita entre uma cidade do interior do Brasil e o Distrito Federal, numa ascensão materialmente constituída para criticar o vencedor em sua “acédia benjaminiana” e, mais importante, essa luta cria uma tensão entre os valores da província, mais solidários, subjetivos e familiares, e os valores burgueses da capital federal, mais individualistas, impessoais e objetivos. O romance espelha tais tensões que se inserem, numa espécie de conflito interno, em Isaías. Com efeito:

Embora quase todos os marxistas se refiram à luta de classes, poucos lhe dão uma atenção tão apaixonada, tão intensa, tão exclusiva quanto Walter Benjamin. O que lhe interessa, no passado, não é o desenvolvimento das forças produtivas, a contradição entre forças e relações produtivas, as formas de propriedade ou do Estado, a evolução dos modos de produção – temas essenciais da obra de Marx – mas a luta até a morte entre opressores e oprimidos, exploradores e explorados, dominantes e dominados.²³⁷

Para fins de análise, podemos dividir o romance *Recordações do escrivo Isaías Caminha* nas seguintes etapas:

²³⁷LÖWY, op. cit., p. 59.

- a) A primeira delas como é sua vida no interior do Brasil, em que ele se vê fortemente influenciado pelo pai, pároco, e pela mãe negra, numa sociedade com princípios mais solidários. Apesar disso, seu sonho é ser doutor, tudo convergindo para “vai Isaías”;
- b) Em seguida, temos o forte preconceito racial a que é submetido assim que inicia sua viagem ao Rio de Janeiro, inclusive, sendo discriminado no trajeto. Já na Capital Federal, é preso como maior suspeito por um roubo no Hotel Jenikalé e interrogado, à revelia, pela polícia;
- c) Se Isaías possuía antes uma revolta parcialmente velada em relação à discriminação racial, chamando inclusive o delegado de “imbecil”, ao conhecer Ivã Gregoróvitch Rostóloff, o russo, passa a reagir aos ataques e, por meio desse jornalista e imigrante, entra para o ramo jornalístico como contínuo;
- d) Com o suicídio do jornalista Floc, Frederico Lourenço Couto, Isaías ascende à função de redator por um lance de sorte: flagra o diretor Loberant num prostíbulo. Sua promoção, poderíamos afirmar, é uma espécie de “cala a boca”, a fim de evitar um escândalo;
- e) No papel de narrador, analisa de forma profunda o fazer jornalístico, o sensacionalismo, a corrupção, o conluio com o poder, a crítica literária, a gramática normativa e outros aspectos, sentindo-se mal, não praticando, neste momento, a acédia, conforme veremos na Tese VI de Walter Benjamin, ou seja, no sentido daqueles que seguem o cortejo triunfal do vencedor. Ao contrário, vai para Caxambi para retomar seus valores éticos perdidos e constituir família;
- f) Casa-se e tem um filho, tornando-se “mero” escrivão de Coletoria. Decide escrever suas *Recordações* ao ler um artigo fortemente marcado pelo preconceito racial e, num contra-ataque, essa escritura seria sua forma de manifestação e resistência, o que o crítico Oakley denomina de “luta discursiva”;
- g) Em 1905, Isaías entrega à *persona* “Lima Barreto”, para publicação na revista *Floreal* (1907), os primeiros capítulos de suas *Recordações* e com seu prefácio, sem o texto “Breve notícia”, coerente no plano discursivo, entre o que ele narra, ou seja, seu fim de escrivão e de não cortejo aos vencedores de turno, para utilizarmos expressão de Walter Benjamin;
- h) O livro é finalizado em 1908 e se mantém dessa forma, apenas com o discurso do narrador, de 1909 a 1916, quando o autor implícito “Lima Barreto”, a quem Isaías escreveu, informa-nos

que ele não seria mais Deputado Estadual, mas sim candidato a Deputado Federal. Lima Barreto insere esse texto na “Breve notícia”. Aquele que narrou sua história em primeira pessoa decide entrar para o cortejo dos vencedores, pois enviuvou, enriqueceu e está à beira-mar com lindas mulheres e vestindo roupas elegantes.

Para fins de análise, o livro vai muito além de um *roman à clef*, pois o que fica evidente é a relação entre o narrador Isaías Caminha e sua forte consciência crítica, não se deixando arrastar pelos vencedores. Esse aspecto, com muita pertinência, demonstra que o mulato Isaías quer criticar a classe dirigente e seu conluio com o que ele chama de “quarto poder”: o jornalismo.

Inserimos a Tese V de Walter Benjamin e procuramos demonstrar que o narrador Isaías, ao escrever suas *Recordações*, tem um “instante de recognoscibilidade”, em que suas lembranças foram analisadas, salvando o passado com *imagens dialéticas*, sem fazer o que Walter Benjamin denomina de “historicismo”, considerando que o discurso de Isaías Caminha, no momento em que o redige em primeira pessoa, não se rende ao cortejo dos vencedores.

Vimos claramente a tensão do protagonista, entre seus valores éticos advindos de uma cidade provinciana, e suas inúmeras decepções na Capital. Ele, como escritor, não narra o passado, na célebre frase de Ranke, citado por Benjamin, “tal como ele propriamente foi”. Ao escrever suas *Recordações* ele não está “nas mãos das classes dominantes”, mas sim como escrivão de Coletoria do Estado do Espírito Santo.

No entanto, em 1916, o personagem Isaías Caminha escreve a “Lima Barreto” afirmando que enviuvou, enriqueceu e pretende ser Deputado Federal. Ora, o fato de seguir a carreira política não o colocaria em estado de suspeição quanto a aderir à classe dominante. Mas o fato de ser Deputado Estadual e rico coloca um novo ingrediente ao romance: Isaías Caminha entra, finalmente, para a “felicidade vulgar” dos vencedores. Desistiu da carreira jornalística, foi para Caxambi - ES, resgatando seus valores éticos, mas ao final de tudo, conforme nos informa “Lima Barreto”, entra “triunfante” para a carreira política. Este ingrediente muda toda a recepção crítica do romance e o torna bem mais dialético, porque as informações modificam todo o discurso que o narrador fizera anteriormente, colocando uma nova interrogação, senão inúmeras. Por ora, fiquemos com algumas delas: por que Lima Barreto inseriu o texto “Breve notícia” apenas em 1916? A par da ironia, a

persona Lima Barreto teria outros objetivos? Quais seriam estes objetivos? Certeza é algo que nem sempre temos e carregar questionamentos nunca é demais.

3.2 CLARA DOS ANJOS: A PRIMEIRA NEGRA PROTAGONISTA DA “PROSA” FICCIONAL BRASILEIRA

Trabalharemos, para fins de comparação, com a edição inacabada do romance, a primeira versão incompleta, com data de 1904, que consta no volume *Diário Íntimo*, e com a segunda versão, com data de 1922, ambas publicadas em “Obras de Lima Barreto”, em 1956, sob a direção de Francisco de Assis Barbosa. Por uma questão de delimitação, trataremos apenas pontualmente do conto do mesmo nome, publicado pela primeira vez em 1920 no livro de contos *Histórias e sonhos*. Francisco de Assis Barbosa, em “Nota Prévia” à terceira edição, afirma:

O romance *Clara dos Anjos* – que não se deve confundir com o conto do mesmo nome, nem com o *Clara dos Anjos* (Primeira Versão Incompleta), só agora deixado de ser inédito com a publicação, nesta coleção, no volume *Diário Íntimo* – veio à luz em dezesseis números da *Revista Souza Cruz*, de janeiro de 1923 a maio de 1924. Trata-se, pois, de uma edição póstuma. O primeiro capítulo deste *Clara dos Anjos* apareceu, contudo, ainda em vida do autor, na revista *O Mundo Literário*, de maio de 1922, sob o título “O carteiro (página inédita do romance Clara dos Anjos a sair brevemente).”
238

Sendo obra póstuma, importante se faz citar outro apontamento de Francisco de Assis Barbosa:

De toda a obra de Lima Barreto, o texto deste *Clara dos Anjos* é, seguramente, o menos fidedigno, melhor fora dizer, *o mais infidedigno*. É que, havendo-se extraviado, ao que parece

²³⁸ BARRETO, Lima. *Clara dos Anjos*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1969, p. 17. Sobre a obra, o cronista em “Será sempre assim?” afirma: “Bem cedo, porém, consolei-me com os meus livros e até dei começo a um romance – *Clara dos Anjos* – que, há perto de um ano, prometi ao amigo Moses, a fim de ser publicado na Revista Sousa Cruz. Ele vai bem adiantado...” *A.B.C.*, Rio, 7-1-1922. In: BARRETO, op. cit., nota 53, p. 170.

irremediavelmente, o original manuscrito, que deveria ter sido entregue à redação da *Revista Sousa Cruz*, e não tendo o texto nesta publicado merecido uma revisão, sequer sumária – é provável que se esteja distante, não pouco, do original vazado pelo escritor.²³⁹

Infelizmente, quando se trata da história de negros, muitos textos desaparecem, como já apontamos acerca da queima dos arquivos sobre a escravidão. De qualquer forma e em todos os casos, seja na versão incompleta, seja no conto e na segunda versão, o romance destaca a problemática relação de gênero numa sociedade altamente patriarcal, em que há assimetria de poder entre homens brancos e mulheres negras. O tema do romance torna-se, assim, não apenas um problema racial, mas também um problema de gênero. A crítica Sueli Carneiro assim se manifesta sobre o assunto:

São suficientemente conhecidas as condições históricas que construíram a coisificação dos negros em geral e das mulheres negras em particular. E sabemos que em toda situação de conquista e dominação de um grupo humano sobre outro é a apropriação sexual das mulheres do grupo derrotado pelo vencedor que melhor expressa o alcance da derrota. É a humilhação definitiva imposta ao derrotado e momento emblemático de superioridade do vencedor.

[...]

No decorrer do século XX, persiste essa visão que limita a mulher negra a ser destinada ao sexo, ao prazer, às relações extraconjugais. Para as mulheres negras consideradas como destituídas de atrativos reserva-se a condição de “burro de carga”, como se entrevê no dito popular: “*Preta para trabalhar, branca para casar e mulata para fornicar*”. Essa é a definição de gênero/raça, instituída por nossa tradição cultural, patriarcal e colonial para as mulheres brasileiras; além de estigmatizar as mulheres em geral, ao hierarquizá-las do ponto de vista do ideal patriarcal de mulher,

²³⁹BARRETO, op. cit., nota 238, p. 17. Grifos nossos.

introduz contradições no interior do grupo feminino.²⁴⁰

O narrador em terceira pessoa do romance ataca o positivismo reinante como ideologia no Brasil ao querer inserir uma história neutra, focada na pretensão dos fatos “reais”: “Sendo a ciência – também a histórica – baseada em fatos, é fácil entender o incômodo que lhe causa uma concepção do passado que privilegia o que poderia ter sido ou o que não chegou a ser.”²⁴¹ A negra e a mulata são objeto sexual de homens, patriarcas e brancos. A mulher já enfrentava forte assimetria nas relações de gênero. A negra e a mulata, em muitas ocasiões e no pós-escravidão, estavam bem mais vulneráveis, sem condições de empregabilidade, grávidas e sem legislação que oferecesse a elas respaldo jurídico.

Na versão incompleta temos o “suposto” abolicionista e padrinho de Clara dos Anjos: Carlos Alves da Silva. Depois de declamar o poema de Castro Alves, *Vozes d’África*, e de ter atuado com o pai de Clara, Manuel Antônio dos Anjos, na Guerra do Paraguai, recusa, em princípio, o convite para ser padrinho de Clara. O que está em jogo não é o que o personagem afirma, ou seja, o fato de ser contra a Igreja. São os valores burgueses e individualistas que aparecem no fundo da tela. O discurso do personagem vem ancorado no positivismo, mas o motivo real é não se envolver com a família de Clara e não querer ter uma afilhada negra:

— Filho, teria muito prazer, mas, tu sabes, com essa canalha de padres não quero conversa.

— Seu Silva, obtemperou-lhe o contínuo, a coisa dura instantes, é rápida, num segundo a menina está batizada. O senhor marca um domingo, nós vamos à igreja, e em menos de meia hora está realizada a cerimônia.

— Oh! Manuel! Não é lá pela demora, retrucou o amanuense. São outros motivos. Indo batizar, terei que me ajoelhar, que rezar, não é? ... e isso constitui uma quebra de opinião. Sou contra padres, como tu bem sabes, foi dizendo ele, erguendo um tanto a voz – e compreendes que,

²⁴⁰CARNEIRO, Sueli. Gênero e raça. In: BRUSCHINI, Cristina e UNBEHAUM, Sandra G. (Orgs.). *Gênero, democracia e sociedade brasileira*. São Paulo: Fundação Carlos Chagas/Ed. 34, 2002.

²⁴¹MATE, op. cit. p. 155.

homem de responsabilidades futuras como sou, devo ter uma inflexível linha de conduta. Devo pôr de acordo os meus atos com os meus pensamentos. Não, filho, não. Que dirão os meus inimigos mais tarde, sabendo que fui rezar a uma igreja? Que dirão? Hein? ²⁴²

Todo o discurso abolicionista do pretendido padrinho vai por água abaixo. Lima Barreto sabia que entre a teoria e a prática tem muita água. Na morte do pai de Clara dos Anjos, na miséria e na fome das três mulheres negras, a mãe Dona Florência, a protagonista Clara e a personagem babá africana, o que responde o padrinho? “— Paciência, comadre. Paciência. As coisas hão de se arranjar com o tempo. É triste, eu sei, a morte de um chefe de família, mas o que se há de fazer.” ²⁴³ Que belo padrinho fora arranjar o Manuel Antônio dos Anjos para a filha Clara: belo declamador de *Vozes d’África* e que se diz abolicionista, mas incapaz de ajudar as três mulheres famintas: “[...] na vida das três mulheres havia fome.” ²⁴⁴

Nesta versão incompleta, mais próxima do período escravagista, uma das personagens interessantes é, sem dúvida, a Babá, negra, ex-escrava e agregada da família de Clara:

A Babá, ao saber que a escravatura ia acabar, se admira, não acredita, acha impossível e diz que o mundo vai acabar. Clara retruca-lhe que não, e porque ela (a Babá) indaga quem vai trabalhar nas fazendas:

- Os livres, os que quiserem.
- Qual! Qual!
- Mas porque (*sic*)? Na Inglaterra, na França, não há escravos e há fazendas!
- Mas é que lá não há negros (Babá). ²⁴⁵

A comparação entre o escravo e a mercadoria está estampada, nesta primeira versão, no trecho: “O tráfico de escravos imprimiu ao Valongo e aos morros da Saúde alguma coisa de cubata africana, e a

²⁴²BARRETO, Lima. Clara dos Anjos: primeira versão incompleta de 1904. In: *Diário Íntimo*: memórias. Op. cit. p. 230.

²⁴³BARRETO, op. cit., nota 242, p. 261.

²⁴⁴Idem, Ibidem, p. 258.

²⁴⁵Idem, Ibidem, p. 265.

tristeza do cais dos Mineiros é saudade das ricas faluas [...]”²⁴⁶ Uma das antigas portas de entrada dos escravos pelo cais de Valongo não existe mais. Nesta mesma versão, o pai de Clara, o velho mulato Manuel Antônio dos Anjos é contínuo da Secretaria da Agricultura. A mãe se chama Dona Florência e temos, como vimos, a babá de origem africana. As lembranças da escravidão estão mais vivas. O narrador nos mostra que houve maior aproximação entre brancos e negros por conta da Guerra do Paraguai:

A guerra, pondo em apertado contacto senhores e recentes escravos, fazendo-os sofrer os mesmos perigos e as mesmas agruras, aproximou-os, dando nascimento a uma mútua simpatia entre eles e a uma melhor compreensão das suas necessidades. Com o pleno sucesso das armas imperiais, espalharam-se por todos os recantos do país gente tomada de generosos sentimentos pelos escravos, e essa foi a sementeira donde brotou mais tarde a árvore da abolição.²⁴⁷

Nesta versão, o sedutor é um jovem adolescente, sem indicação de nome, que deixa a personagem Clara alcoolizada para ter com ela relações sexuais. Além disso, esse mesmo adolescente promete casamento. Satisfeitas suas condições e seus desejos sexuais, o tratamento dado à Clara é violento: “— Despe-te. Anda.”²⁴⁸ Num desses encontros, quase se consuma um estupro. No momento em que o jovem adolescente sai, entra outro adolescente:

Saindo o rapazote, Clara nem sequer lembrou-se de fechar a porta, pôs-se em frente ao espelho do lavatório de ferro a dar a última mão no penteado. Quando ela punha o último grampo, ela sentiu que lhe entravam no quarto, virou-se e deu com um rapaz na sua frente:

— Não se assuste benzinho. Não se assuste.

[...]

— Vá, sua negra. Deixe-se disso.

[...]

²⁴⁶ BARRETO, op. cit., nota 242, p. 222.

²⁴⁷ Idem, ibidem, p. 226.

²⁴⁸ Idem, Ibidem, p. 277.

Clara pôs-se a gritar por socorro; gritou uma, duas, três, seis vezes, ao fim das quais, violentamente empurrada, a porta do quarto se abriu, e algumas pessoas entraram e levaram os dois até o rodante e daí para a subdelegacia.²⁴⁹

Se Clara acreditou na promessa de casamento do adolescente, branco e filho de “boa” família, fica explícito que este mesmo adolescente arranjara para que, além da sedução dele, outros pudessem efetuar, possivelmente, um premeditado abuso sexual.

Lima capta muito bem o sentido histórico do pós-escravidão: negra, pobre, do subúrbio e sem pai. Esta situação tornava as mulheres negras, ou mulatas, ainda mais vulneráveis em relação a jovens brancos e inescrupulosos, que agiam como se a data de 1888 não tivesse existido. Muitas mulatas e negras tornavam-se prostitutas para sobreviver. Clara conseguiu, apesar de tudo, ter um subemprego, após passar fome. Nas duas versões apresentadas, a violência e a impunidade estavam bem próximas. No final, o pai do adolescente é que o protege e pede ao major:

— Oh! Isso absolutamente não, disse ele com um imperceptível ‘isso’. Não se compreende que a lei obrigue a se casar gentes de situações diferentes, de cores, de educação, só porque se encontraram...
— Vossa Excelência...²⁵⁰

Lima Barreto, se pensarmos na teoria de Walter Benjamin, procurava “salvar o passado no presente”²⁵¹, transformando os dois e não deixando que ambos ficassem no esquecimento. A justiça em relação às mulheres negras, mulatas e até brancas em condição econômica inferior, deve ser restabelecida. Por isso, a Tese V de Walter Benjamin se apoia no verso de Dante que diz: “Trata-se de uma imagem única, insubstituível, do passado, que se esvaiu com cada presente que não soube se reconhecer visado por ela.”²⁵² Walter Benjamin, duas décadas depois, aproximadamente, sob o cerco nazista, escreve suas teses de “Sobre o conceito de história” com forte conexão política,

²⁴⁹BARRETO, op. cit., nota 242, p. 281-282.

²⁵⁰Idem, ibidem, p. 283.

²⁵¹GAGNEBIN, J. M. Walter Benjamin ou a história aberta. In: BENJAMIN, op. cit., p. 16. (Obras escolhidas I).

²⁵²LÖWY, op. cit., p. 62.

representando “uma intervenção salvadora (*rettenden Einfall*) da humanidade.”²⁵³

Podemos inserir a seguinte frase da Tese VI de Walter Benjamin: “E esse inimigo não tem cessado de vencer”.²⁵⁴ De fato, os inimigos da protagonista, nas duas versões de *Clara dos Anjos*, são homens brancos que, apoiados pela família e pelo sistema jurídico da impunidade, engravidavam negras, mulatas, brancas e as abandonavam. Ficavam, portanto, impunes, visto que as famílias mais pobres não tinham condições econômicas de contratar um advogado. O estupro é elemento importante nesta versão, além de outros aspectos passíveis de análise como, por exemplo: a sedução de Clara pelo jovem adolescente; a gravidez indesejada; a tentativa de estupro por outro personagem da gangue do antagonista; a ajuda financeira oferecida pelo pai do jovem para corromper a polícia, com argumentos de um sistema de castas, a fim de coibir o casamento; e, por último, a negação de qualquer ajuda à protagonista, grávida.

Na segunda versão, Lima Barreto abandona a tentativa de estupro da primeira versão. Por quê? Levantamos a hipótese de serem épocas diferentes: a primeira versão incompleta é de 1904 e a segunda ocorre entre 1921 e 1922, sendo esta última uma época bem mais distante do espectro da escravidão que rondava os negros. A impunidade permanece, pois os antagonistas jovens são protegidos pelo pai, na primeira versão, e pela mãe, na segunda versão. Mas a pergunta persiste: por que Lima Barreto não continuou a história a partir da tentativa de estupro? Outra hipótese: é bem possível que Lima, ao escrever a segunda versão, entre dezembro de 1921 e janeiro de 1922, já não quisesse causar escândalo. Por isso, a sedução de uma mulata por um branco poderia ser mais verossímil, sem que o antagonista a oferecesse de banquete aos de sua gangue, como aconteceu na primeira versão. Além disso, a primeira versão parece estar bem mais próxima ao período que vai da Guerra do Paraguai até ao período pós-libertação dos escravos, em 1888. Na segunda versão, a narrativa se aproxima mais da década de 1920: “Falaram sobre as festas próximas do centenário da Independência, sobre a crise financeira, mas Cassi em nada disso pensava.”²⁵⁵

Da primeira para a segunda versão, Lima Barreto muda a epígrafe: do determinismo social de Taine para o historiador João

²⁵³BENJAMIN, Walter. In: LÖWY, op. cit., p.62.

²⁵⁴LÖWY, op. cit., p. 65.

²⁵⁵BARRETO, op. cit., nota 238, p. 85.

Ribeiro, mudança significativa que pode indicar uma necessidade histórica de lançar um olhar transversal sobre o passado das mulheres negras. Além disso, na segunda versão, Lima faz dedicatória à mãe. O jovem adolescente, que não tinha nome, passa a ter nome ianque: Cassi Jones de Azevedo. Tais aspectos não devem passar despercebidos. As versões não são iguais e possuem diferenças estruturais que não devem ser ignoradas.

Na primeira versão: a Babá negra e ex-escrava é agregada da família; aparecem os versos de *Vozes d'África*, de Castro Alves; o discurso abolicionista de fachada do padrinho de Clara, mostra que a teoria na prática é outra; a Guerra do Paraguai serve como forma de aproximação dos extremos na relação entre brancos e negros; o positivismo é questionado em seus dogmas, axiomas; e, finalmente, a tentativa de estupro efetuada por outro personagem que não o jovem sedutor adolescente.

Na segunda versão: o olhar de Lima Barreto passa a ser mais contracartográfico²⁵⁶, no sentido que já apontamos quando da abordagem das *Recordações do escrivo Isaias Caminha*, ou seja, quando o narrador analisa o subúrbio carioca; o adolescente passa a ter nome ianque: Cassi Jones de Azevedo, numa postura anti-ianque e anticapitalista; aparece a figura da protetora e madrinha da personagem Clara dos Anjos, a teuto-eslava Dona Margarida; há a proteção da mãe de Cassi Jones, Dona Salustiana; destaca-se o lado picaresco de Cassi Jones de Azevedo, entre a ordem e a desordem, conforme a teoria proposta por Antonio Candido no ensaio “Dialética da Malandragem”, a propósito do romance *Memórias de um sargento de milícias*, de Manuel Antônio de Almeida²⁵⁷; percebe-se a banalização da violência no assassinato do padrinho de Clara dos Anjos, Marramaque; e, por último, a constatação final, no romance, contida na frase de Clara à mãe: “— Nós não somos nada nesta vida.”²⁵⁸

É importante ressaltar que esta segunda versão de *Clara dos Anjos* é o romance em que Lima Barreto analisa os chamados “subúrbios”. É também nesse romance que o escritor analisa de forma

²⁵⁶Para fins de análise do subúrbio ver: BELCHIOR, Pedro. *Tristes subúrbios*: literatura, cidade e memória na experiência de Lima Barreto (1881-1922). Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, 2011. Ver, ainda, a importância da análise do subúrbio carioca efetuada pelo narrador de Lima Barreto, reconhecida pelo professor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo: VILLAÇA, Flávio. *Espaço intraurbano no Brasil*. São Paulo: Studio Nobel: FAPESP; Lincoln Institute, 2001, p. 232-233.

²⁵⁷CANDIDO, Antonio. *O discurso e a cidade*. 2 ed. São Paulo: Duas Cidades, 1998.

²⁵⁸BARRETO, op. cit., nota 238, p. 166.

mais aprofundada o que denominamos de contracartografia. Não vamos adentrar nesse tema, pois não é este nosso objetivo, mas a título de exemplo, inserimos o que o narrador define como sendo o subúrbio carioca:

O subúrbio propriamente dito é uma longa faixa de terra que se alonga, desde o Rocha ou São Francisco Xavier, até Sapopemba, tendo para eixo a linha férrea da Central.

Para os lados não se aprofunda muito, sobretudo quando encontra colinas e montanhas que tenham a sua expansão; mas, assim mesmo, o subúrbio continua invadindo, com as suas azinhagas e trilhos, charnecas e marrotes. Passa-se por um lugar que supomos deserto, e olhamos, por acaso, o fundo de uma grota, donde brotam ainda árvores de capoeira, lá damos com um casebre tosco que, para ser alcançado, torna-se preciso descer uma ladeirota quase a prumo; andamos mais e levantamos o olhar para um canto do horizonte e lá vemos, em cima de uma elevação, um ou mais barracões, para os quais não topamos logo da primeira vista com a ladeira de acesso.

Há casas, casinhas, casebres, barracões, choças, por toda a parte onde se possa fincar quatro estacas de pau e uni-las por paredes duvidosas. Todo o material para essas construções serve: são latas de fósforos distendidas, telhas velhas, folhas de zinco e, para as nervuras das paredes de taipa, o bambu, que não é barato.

Há verdadeiros aldeamentos dessas barracas, nas coroas dos morros, que as árvores e os bambuais escondem aos olhos dos transeuntes. Nelas, há quase sempre uma bica para todos os habitantes e nenhuma espécie de esgoto. Toda essa população, pobríssima, vive sob a ameaça constante de varíola e, quando ela dá para aquelas bandas, é um verdadeiro flagelo.²⁵⁹

Outras diferenças estruturais poderiam ser apontadas. Se há semelhança, esta ocorre entre o conto “Clara dos Anjos”, publicado em *Histórias e Sonhos* em 1920, e a segunda versão do romance. Mesmo no

²⁵⁹BARRETO, op. cit., nota 238, p. 93.

conto a última frase de Clara é: “— Mamãe, eu não sou nada nesta vida.”²⁶⁰ O “eu” deste conto passa para o coletivo “nós” na segunda versão do romance. A reparação ou a redenção, nos termos profanos propostos por Walter Benjamin, passa a ser em nome do coletivo e não mais do individual. Além desses aspectos, Lima Barreto mostra onde está a miséria: nos subúrbios, mapeando o que denominamos de contracartografia. Miséria que, seguindo o antropólogo Marc Augé, poderíamos chamar de “não lugares”²⁶¹. Esta é uma distinção estrutural entre a primeira e a segunda versão:

Toda essa gente, que vai morar para as bandas de Maxambomba²⁶² e adjacências, só é levada a isso pela relativa modicidade do aluguel de casa. Aquela zona não lhes oferece outra vantagem. Tudo é tão caro como no subúrbio, propriamente. *Não há água [...] não há esgotos; não há médicos, não há farmácias.*²⁶³

Clara dos Anjos, personagem, será a primeira negra protagonista a ser representada na “prosa” ficcional brasileira. Se *A escrava Isaura*, personagem de Bernardo Guimarães, era branca para todos os efeitos, a ponto de desfilar para a aristocracia do Recife, a mulata Clara dos Anjos é abandonada à própria sorte, sem qualquer amparo social por parte da República que se instaurou em 1889, muito distante dos lemas de igualdade, fraternidade e liberdade, pregados pela Revolução Francesa. Não por acaso, os negros e mulatos presentes no romance são, em sua maioria, autodidatas. É o caso do pai da protagonista, Joaquim dos Anjos:

Apesar disso, na sua simplicidade de nascimento, origem e condição, Joaquim dos Anjos acreditava-se músico de certa ordem, pois, além de tocar flauta, compunha valsas, tangos e acompanhamentos de modinhas.²⁶⁴

²⁶⁰BARRETO, op. cit., nota 81, p. 191.

²⁶¹Fazemos referência ao livro *Não lugares*: introdução a uma antropologia da supermodernidade de Marc Augé. Tradução de Maria Lúcia Pereira. Campinas, SP: Papirus.

²⁶²Antiga estação hoje denominada Nova Iguaçu. Maxambomba é um rio e Iguaçu significa em tupi-guarani: rio do meio.

²⁶³BARRETO, op. cit., nota 238, p. 96-97. Grifos nossos.

²⁶⁴Idem, Ibidem, p. 23.

Nesta segunda versão, Clara tem dezessete anos: “Eram casados há quase vinte anos, e esta Clara, sua filha, sendo o orgulho do casal, orçava pelos *dezessete anos*.”²⁶⁵ Referindo-se às façanhas do antagonista, o narrador afirma sobre Cassi Jones de Azevedo: “O Senhor Cassi Jones de tão pouca idade, relativamente, contava perto de *dez defloramentos* e a sedução de muito maior número de senhoras casadas.”²⁶⁶

A discriminação racial vem estampada no olhar da mãe de Cassi, Salustiana Baeta de Azevedo, pois “repugnava-lhe ver o *filho casado com uma criada preta*, ou com uma pobre mulata costureira, ou com moça branca lavadeira e analfabeta.”²⁶⁷ Não será exclusivamente Clara dos Anjos vítima de Cassi, mas um grupo de mulheres negras, mulatas e brancas, abandonadas e grávidas. Entre elas está Nair, também com dezoito anos, de *amorenado sombrio*, nas palavras do narrador:

Enfim, a pequena Nair, inexperiente, em plena crise de confusos sentimentos, sem ninguém que a pudesse orientar, acreditou nas lábias de Cassi e deu o passo errado. A mãe veio a descobrir-lhe a falta, que se denunciava pelo estado de seu ventre.
²⁶⁸

Cassi tinha uma espécie de gangue, formada não apenas por brancos. Havia o Ataliba do Timbó, mulato claro e faceiro; Zezé de Mateus, um verdadeiro imbecil e branco; o Franco e Sousa, que se intitulava advogado, malandro mais apurado que enganava roceiros e viúvas simplórias. O último da trupe era Arnaldo, *tout court*: “A sua profissão consistia em furtar, no trem, chapéus-de-sol, bengalas, embrulhos de passageiros que estivessem a dormir ou distraídos.”²⁶⁹

Já o personagem Leonardo Flores é poeta, negro, alcoólatra e delirante. É interessante notar a visão do povo acerca do poeta: “É ‘cosa’ feita! Foi inveja da ‘inteligência’ dele! [...]. Gente a nossa ‘cô’ não pode ‘tê inteligência’! Chega logo os ‘marvado’ e lá vai reza e ‘fetiço’, ‘pa perdê’ o homem – arrematava a preta velha.”²⁷⁰

²⁶⁵BARRETO, op. cit., nota 238, p. 29. Grifos nossos.

²⁶⁶Idem, Ibidem, p. 35. Grifos nossos.

²⁶⁷Loc. cit. Grifos nossos.

²⁶⁸Idem, ibidem, p. 88.

²⁶⁹Idem, Ibidem, p. 45.

²⁷⁰Idem, Ibidem, p. 75.

É através do pseudodentista José Castanho de Meneses, com mais de setenta anos e vivendo na miséria, que Cassi envia cartas para Clara dos Anjos. Considerando os procedimentos de fatura do romance, essa característica epistolográfica critica a forma romântica com que as mulheres encaravam o enlace matrimonial, com certa ingenuidade. Além disso, Meneses era o cupido: recebeu dinheiro para incentivar Leonardo Flores, o poeta, a compor versos românticos e, na recusa deste, ele mesmo compôs, tudo para não passar fome com sua irmã, Etelvina. Aliás, a “fala” do poeta Leonardo Flores lembra muito a vida de Lima Barreto:

Nasci pobre, nasci mulato, tive uma instrução rudimentar, sozinho completei-a conforme pude; dia e noite lia e relia versos e autores; dia e noite procurava na rudeza aparente das cousas achar a ordem oculta que as ligava, o pensamento que as unia; o perfume, a cor, o som aos anseios de mudez [...] executei a minha missão: fui poeta! Para isto fiz todo o sacrifício. A arte só ama quem a ama inteiramente, só e unicamente; e eu precisava amá-la, *porque ela representava, não só a minha Redenção, mas de todos meus irmãos, na mesma dor*. Louco? ²⁷¹

A “fala” do personagem Leonardo Flores reivindica a redenção não apenas dele, o poeta, mas também de “todos” seus irmãos. Nesse trecho a narrativa não apenas destaca o “sacrifício” e a “missão” da literatura, que devia ser amada “inteiramente”, mas também destaca que ela representava a salvação, a “Redenção”, em maiúscula, de outros “na mesma dor”. Estes aspectos nos remetem à Tese II de Walter Benjamin:

Em outras palavras, na representação da felicidade vibra conjuntamente, inalienável, a [representação] da redenção. Com a representação do passado, que a História toma por sua causa, passa-se o mesmo. O passado leva consigo um índice secreto pelo qual ele é remetido à redenção. ²⁷²

²⁷¹ BARRETO, op. cit., nota 238, p. 111. Grifos nossos.

²⁷² LÖWY, op. cit., p. 48.

Por outro lado, se a visão do pai de Clara, Joaquim dos Anjos, é ingênua em relação ao pretendido enlace dela com Cassi Jones de Azevedo, a do padrinho Marramaque é o oposto: “Você não vê que, se ele quisesse casar, não escolheria Clara, *uma mulatinha pobre, filha de um simples carteiro?*”²⁷³ Não por acaso, a proteção da afilhada custaria sua própria vida:

O que havia, era simples: Cassi premeditava simplesmente, friamente, cruelmente, o assassinato de Marramaque. Quando ele falou a respeito a Arnaldo, limitou-se a dizer: “Vamos dar-lhe uma surra.” “Por quê?” perguntou o outro. Ele respondeu: “Esse velho está abusando de ser aleijado para me insultar. Merece uma surra.” Não iam sová-lo, sabia um dos desalmados; iam matá-lo...²⁷⁴

Se na primeira versão a violência está na tentativa de estupro e na gravidez de Clara, na segunda se configura no assassinato de Marramaque, na sedução de Clara, por Cassi Jones de Azevedo, e sua gravidez. Nesta segunda versão, sabemos quem são os dois assassinos: Cassi e Arnaldo. Este último, Arnaldo, é assim apresentado pelo narrador: “Um crioulo, muito negro, forte, com grandes ‘peitorais’ salientes [...]”²⁷⁵

O antagonista Cassi Jones de Azevedo, branco sardento, de condição social ligeiramente superior à da protagonista Clara dos Anjos, pratica diversos desvirginamentos, com a proteção da mãe, Salustiana Baeta de Azevedo, engravidando negras, mulatas e brancas pobres por meio da sedução e da promessa de casamento. Por isso, a polícia na maioria das vezes, nada fazia para prendê-lo e, além disso, um advogado era caríssimo para as famílias das vítimas, então paupérrimas.

Nas duas versões de *Clara dos Anjos*, os antagonistas são protegidos pelo sistema jurídico, em virtude das custas a serem pagas a um advogado serem caríssimas para as famílias menos favorecidas economicamente. Por esse motivo, sobravam mulheres negras, mulatas e brancas, grávidas de filhos não reconhecidos legalmente, moradoras de um “intrincado labirinto” no subúrbio e que, no caso de um enterro, enfrentavam inúmeras dificuldades:

²⁷³ BARRETO, op. cit., nota 238, p.128. Grifos nossos.

²⁷⁴ Idem, Ibidem, p. 130.

²⁷⁵ Idem, Ibidem, p. 137.

Nem lhes facilita a morte, isto é, o acesso aos cemitérios locais.

Para o de Inhaúma, procurado por uma vasta zona suburbana, os caminhos são maus, e pior do que isto: dão voltas inúteis, que poderiam ser evitadas sem grandes despesas. Os enterros da gente mais pobre são feitos a pé, e é fácil imaginar como chegam, os que carregam o morto, no campo-santo municipal. Quem passa por aqueles caminhos, quase sempre topa com um. Os de “anjos” são carregados por moças e os destas também pelas da sua idade. Não há, para elas, nenhuma *toilette* especial. Levam a mesma que para os bailes e mafuás; e lá vão de rosa, de azul-celeste, de branco, carregando a pobre amiga, debaixo de um sol inclemente, e respirando uma poeira de sufocar; quando chove, ou choveu recentemente, carregam o caixão aos saltos, para evitar atoleiros e poças d’água.²⁷⁶

A situação dos mortos, sem direito a um enterro digno, e os cemitérios localizados em ruas esburacadas, também corroboram o estado de abandono do subúrbio carioca. Mas Lima Barreto ainda mantém sua verve de ironista no seguinte trecho:

Houve, porém, uma ocasião que o corpo não chegou a seu destino. Beberam tanto que o esqueceram no caminho. Cada qual que saía da venda, olhava o caixão e dizia: “Eles que estão lá dentro, que o carreguem.” Chegaram ao cemitério e deram por falta do defunto. “Mas não era você que vinha carregando?” – perguntava um. “Era você” – respondia o outro; e, assim, cada um empurrava a culpa para o outro. Estavam cansadíssimos e semi-embriagados (*sic*). Resolveram alugar uma carroça e ir buscar o camarada falecido, que já tinha duas velas piedosas a arder-lhe à cabeceira. E o pobre homem, que devia receber dos amigos aquela tocante homenagem, dos camaradas levarem-no a pé ao cemitério, só a recebeu a meio, pois o resto do caminho para a última morada, ele a fez graças

²⁷⁶BARRETO, op. cit., nota 238, p. 95.

aos esforços de dous burros, que estavam habituados a puxar carga bem diferente e muito menos respeitável.²⁷⁷

Os momentos de abandono social dessas mulheres negras, mulatas ou brancas são tratados pelo historicismo como situações provisórias e contingenciais, ocultando ou diminuindo sua negatividade. Para Lima Barreto, o tema é de fundamental importância e ele não esconde os momentos negativos do período pós-escravagista. A Tese VI, de Walter Benjamin, problematiza este aspecto:

Tese VI

Articular o passado historicamente não significa conhecê-lo “tal como ele propriamente foi”. Significa apoderar-se de uma lembrança tal como ela lampeja num instante de perigo. Importa ao materialismo histórico capturar uma imagem do passado como ela inesperadamente se coloca para o sujeito histórico no instante do perigo. O perigo ameaça tanto o conteúdo dado da tradição quanto os seus destinatários. Para ambos o perigo é único e o mesmo: deixar-se transformar em instrumento da classe dominante. Em cada época é preciso tentar arrancar a transmissão da tradição ao conformismo que está na iminência de subjugá-la. Pois o Messias não vem somente como redentor; ele vem como vencedor do Anticristo. O dom de atear ao passado a centelha da esperança pertence somente àquele historiador que está perpassado pela convicção de que também os mortos não estarão seguros diante do inimigo, se ele for vitorioso. E esse inimigo não tem cessado de vencer.²⁷⁸

Lima Barreto captura imagens do passado, sem conformismo, atando a esse passado a *centelha da esperança*, analisando o abandono social dos subúrbios e, pior ainda, constatando que “esse inimigo não tem cessado de vencer”. Para os subúrbios não existe um processo positivo de inserção social, mas um “estado de exceção” que é

²⁷⁷BARRETO, op. cit., nota 238, p. 96.

²⁷⁸LÖWY, op. cit., p. 65.

permanente para as mulheres negras e mulatas. Sobre a Tese VI, afirma Reyes Mate:

O pensamento político chegou a ver e denunciar ao longo dos séculos casos de escravidão, exploração e dominação, mas os explicou como parte de um processo que em seu conjunto é positivo. O que o pensamento fez foi fixar a atenção no conjunto do processo e relativizar os momentos negativos, declarando essa negatividade como não essencial, algo provisório, contingente, secundário. Só quem hoje representa o preço do progresso pode fazer uma leitura do processo em seu conjunto. Esse ou esses podem dizer que uma parte da *sociedade-que-progride* viveu em um estado de exceção que não é excepcional ou provisório, mas permanente.²⁷⁹

Podemos destacar, na segunda versão de *Clara dos Anjos*, os seguintes aspectos: os subúrbios como representação espacial da cidade em oposição ao centro, numa espécie de contracartografia; a inserção da modinha como aspecto de sedução; a banalização da violência, no caso do assassinato de Marramaque, padrinho de Clara; a gravidez impingida às mulheres pobres, negras ou não; a proteção da polícia e da família a homens brancos; a dificuldade de trânsito no centro da cidade, por personagens suburbanos; a errância dos personagens mais pobres; o poeta e suas dificuldades, no caso de Leonardo Flores; a dignidade e distinção dos pais de Clara; os varais de oferta de emprego; a fezinha no jogo do bicho, na esperança depositada em bilhetes da loteria; a política do favoritismo, ampliando seu espaço, cada vez mais, para a representação política, agora sob o efeito republicano; a miserabilidade dos personagens; e, por último, o caso do personagem João Castanho de Meneses, que servirá de pombo-correio para o personagem Cassi Jones junto à Clara dos Anjos, a fim de obter alguns trocados, pois “A sua miséria lhe falava.”²⁸⁰

Confirmando a Tese VI de Walter Benjamin, é possível interpretar a epígrafe de João Ribeiro, na segunda versão, da seguinte maneira: o sistema jurídico e o *éthos* cultural favorecem os brancos, num estado de exceção que é permanente: “Alguns as desposavam [as

²⁷⁹MATE, op. cit., p. 162. Grifos do autor.

²⁸⁰BARRETO, op. cit., nota 238, p. 105.

índias]; outros, quase todos, abusavam da inocência delas, como ainda hoje das mestiças, reduzindo-as por igual a concubinas e escravas. João Ribeiro. *História do Brasil* [...].”²⁸¹

Lima utiliza a memória (*Eingedenken*) para contar a história de muitas mulheres em situação de miséria e perigo. O escritor não se limita a narrar os fatos, mas a analisá-los. Poderíamos inferir que, para um estudioso como Reyes Mate, as versões ora apresentadas, tanto a versão inacabada quanto a segunda versão, têm por objeto a ação política e não apenas a denúncia:

O olhar do historiador benjaminiano se aparenta ao do alegorista barroco que não considera as ruínas e cadáveres como natureza morta, mas como vida frustrada, uma pergunta que espera pela resposta de quem contempla essa vida frustrada. *Essa atenção ao fracassado, ao descartado pela lógica da história é profundamente inquietante e subversiva*, tanto do ponto de vista epistêmico quanto do político, porque questiona a autoridade do fático.²⁸²

Lima Barreto coloca e analisa na ordem do dia a discriminação contra as mulheres, em particular as negras e as mulatas. Além disso: “A redenção é uma autorredenção, cujo equivalente profano pode ser encontrado em Marx: os homens fazem sua própria história, a emancipação dos trabalhadores será obra dos próprios trabalhadores.”²⁸³ Lima Barreto constrói uma narrativa a contrapelo, em que cada vítima do passado “será salva do esquecimento e ‘citada na ordem do dia’, ou seja, reconhecida, honrada, rememorada.”²⁸⁴

²⁸¹BARRETO, op. cit., nota 238, p. 21.

²⁸²MATE, op. cit., p. 159-160. Grifos nossos.

²⁸³LÖWY, op. cit., p. 54.

²⁸⁴LÖWY, op. cit., p. 55. O cronista, em “Sobre a carestia”, afirma: “Só com a violência os oprimidos têm podido se libertar de uma *minoria opressora*, ávida e cínica; e, ainda, infelizmente, não se fechou o ciclo de violências.” *O Debate*, Rio, 15-9-1917. In: BARRETO, op. cit., nota 51, p. 193. Grifos nossos.

3.3 A CIDADE BIOGRAFADA: *VIDA E MORTE DE M. J. GONZAGA DE SÁ*

O romance *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá* era uma alternativa de publicação para Lima Barreto em 1909. O escritor preferiu *Recordações do escrивão Isaías Caminha* com o intuito de causar escândalo na imprensa, conforme “Nota prévia”, de Francisco de Assis Barbosa:

Em carta a Gonzaga Duque, de 1909, Lima Barreto deixa bem claro que preferia mandar para o prelo o *Recordações do escrивão Isaías Caminha* em vez do *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá*. Este já estaria concluído, evidentemente. Mas, como o romancista desejava aparecer com “escândalo”, optara pelo livro que ele próprio julgava “desigual, propositalmente mal feito, brutal por vezes, mas sincero “sempre”, ou seja, o *Isaías Caminha*, deixando na gaveta o “cerebrino” Gonzaga de Sá, por ser “muito calmo e solene, pouco acessível portanto”.²⁸⁵

Esta obra teve sua primeira edição em 1919, impressa pela *Revista do Brasil* por meio de Monteiro Lobato. No ano seguinte houve a segunda edição, em que a capa trazia o nome do autor, o título da obra e a indicação: “menção honrosa da Academia Brasileira de Letras”. Aparecerão mais duas edições na década de quarenta: uma em 1943 e outra em 1949. Na presente tese trabalharemos com a quinta edição, publicada sob a direção de Francisco de Assis Barbosa, em 1956.

Gonzaga de Sá é mesmo um dos mais cerebrinos personagens de Lima Barreto. Obra bem acabada, mantém calma e solenidade meramente na aparência, pois o protagonista é cético em relação às transformações da cidade do Rio de Janeiro. O livro não deixa de ser também uma declaração de amor à cidade. Gonzaga de Sá é descendente dos portugueses fundadores da cidade, um deles é Mem de Sá e, não por acaso, um dos sobrenomes de D. Pedro II é também “Gonzaga”, aliás, o último do extenso sobrenome. Esta leitura reforça a tese de que Gonzaga de Sá possa fazer referência a D. Pedro II e, também, à dificuldade deste em enfrentar o novo regime. Mas esta seria apenas uma leitura da

²⁸⁵ BARRETO, Lima. *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*. São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 19.

origem do nome, pois não há indicação, na obra, de simpatia pelo regime monárquico, sendo mais para destacar a importância dos portugueses em nossa formação.

Ao mesmo tempo, o biografado também carrega um aspecto teológico nos nomes portugueses: Manuel, que significa “Deus está conosco”, e Joaquim, que significa “elevado de Deus, elevação do Senhor”. No romance, para o personagem Gonzaga de Sá e considerando a teoria de Walter Benjamin, essa elevação tem caráter profano que se estende para a aeronave e para o poema “Elevação”, de Baudelaire.

O romance nos remete ainda à questão da modernidade, do vazio científico e das ciladas que as máquinas nos preparam. Lembremo-nos que o texto “O inventor e a aeronave”, conto de Gonzaga de Sá, é o primeiro capítulo do livro. Neste, a narração de Augusto Machado em primeira pessoa sai de cena:

Contudo, como já disse, vou publicar a página de almaço encontrada por mim, entre os papéis que ele me deixou, no fito de dar uma módica ideia do que verdadeiramente era o meu Gonzaga de Sá, oficial da Secretaria dos Cultos. Ei-la:²⁸⁶

A narração que vem a seguir é em terceira pessoa e não na primeira. Quem nos garante que o personagem da página de almaço seja Gonzaga de Sá? A narração entre aspas começa assim: “Desde dez anos não havia segundo que ele não pensasse na máquina.”²⁸⁷ Por que Gonzaga de Sá teria feito uma narração em terceira pessoa e não na primeira? Em nenhum momento o texto afirma que o personagem “ele” seja Gonzaga de Sá. Nossa hipótese é a de que o texto é irônico, não em relação a Gonzaga de Sá, mas com um suposto “ele” que acredita demais na ciência. Augusto Machado afirma: “Não compreendi imediatamente a significação dessa fantasia [...]”²⁸⁸

Luiz Silva destaca o seguinte trecho na “fala” do personagem Gonzaga de Sá: “Tenho desgosto de mim, da minha covardia... Tenho desgosto de não ter procurado a luz, as alturas, de me ter deixado ficar covardemente entre tais patos, entre tais perus [...]”²⁸⁹ Não devemos descartar a possibilidade de Gonzaga de Sá sentir-se assim em relação

²⁸⁶BARRETO, op. cit., nota 285, p. 43.

²⁸⁷Idem, Ibidem, p. 44.

²⁸⁸Idem, Ibidem., p. 46.

²⁸⁹Idem, Ibidem, p. 149.

ao serviço burocrático que fazia. Lima Barreto criou um personagem inventor para desmontar e desconstruir a fé cega na ciência da máquina, que esquece o Acaso: “É um perigo que se ri desse *Homo scientificus* que pensara ter chegado à consoladora conclusão de que a ciência cura tudo.”²⁹⁰ Esta visão será completada por Augusto Machado na sua descoberta da “divisão do trabalho”, que é questão cardeal para a modernidade e impulsora da luta de classes, entendida em nosso contexto pela teoria de Walter Benjamin.

Gonzaga de Sá estava dentro do processo burocrático do Império quando veio a República. O texto “O inventor e a aeronave” é uma narração: obra dentro da obra. O que acontece é o que o simples oficial da Secretaria dos Cultos escreve e ironiza: “A máquina não subiu.”²⁹¹ Augusto Machado é discípulo do mestre e afirma: “o meu camarada intelectual e mestre.”²⁹² Há uma intervenção do personagem muito mais política: Gonzaga de Sá está na contramão do entusiasmo que a República provocou. Não por acaso, vai trabalhar normalmente no dia 15 de novembro: “*Seu* Gonzaga, hoje não se trabalha; o Deodoro, de manhã proclamou a República [...]”²⁹³

Ele, Gonzaga de Sá, poderia ter sido muita coisa e não foi, nem doutor, nem hipócrita, nem quis pistolões e muito menos solenidades. Não é um passadista, mas um crítico feroz da modernidade, quando esta ignora a tradição autêntica. Ele está mais para a tradição da oralidade: “A sua inteligência não sabia dar logo um pulo da cabeça para o papel; e só a sua *palavra viva*, assim mesmo em palestra camarária, era capaz de dizer dele tudo o que lhe era próprio e profundamente seu.”²⁹⁴ Não estaríamos diante da rica tradição da oralidade, analisada por Walter Benjamin? Veremos que o termo “tradição”, conforme a Tese VIII, não é meramente transmissão, mas a tradição dos oprimidos, dos que sofrem e de outros segmentos da sociedade: “Precisamos chegar a um conceito de história que dê conta disso”.²⁹⁵ Augusto Machado, o narrador biografista, por meio de Gonzaga de Sá, está atento a esse momento histórico, entre as ruínas do antigo sistema que movimentam o presente, influenciando sobremaneira sobre o povo humilde “dos subúrbios”:

²⁹⁰MATE, op. cit., p. 154.

²⁹¹BARRETO, op. cit., nota 285, p. 45.

²⁹²Idem, Ibidem, p. 43.

²⁹³Idem, Ibidem, p. 48.

²⁹⁴Idem, Ibidem, p. 43. Grifos nossos.

²⁹⁵LÖWY, op. cit., p. 83.

Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá deve sua estrutura à política externa de Rio Branco [no romance, Juca Paranhos] e à demolição do Rio colonial: o chamado *Bota-baixo* (*sic*). Lima Barreto usa o *Bota-baixo* fugazmente em *Recordações*, mas em *Vida e morte* sua função é mais abrangente e muito mais complexa.²⁹⁶

Lima Barreto constrói um personagem que está na contramão, sem se importar com o novo regime, ou seja, o republicano. Há uma obsessão no “tradicionalismo” que crê, algumas vezes de forma cega, na máquina e, muitas vezes, num sistema político que, inicialmente, não corresponde às expectativas. Não se trata de negar a importância da República, mas de analisá-la. A leitura que Gonzaga de Sá faz do passado não seria uma quebra do tradicionalismo? A propósito, afirma Reyes Mate:

O ponto conflitivo entre essas duas leituras do passado é a tradição. Impôs-se uma ideia de tradição – e isso dá a medida de quem manda – que a associa a continuísmo, repetição do passado, imobilidade. Por isso, associamos tradicional com tradicionalismo. Ele diz, nos rascunhos das Teses: “Enquanto a imagem do *continuum* nivela tudo por baixo, a imagem do *discontinuum* é a base da tradição autêntica”.²⁹⁷

Além disso, Gonzaga de Sá faz duras críticas à sociedade republicana da época. Para reforçar esta tese, recorremos ao trecho em que ambos, Gonzaga de Sá e Augusto Machado, entram no Lírico, o local em que a elite desfilava:

Ópera ou circo? Entretanto, eu estava no ponto mais elegante do Brasil; no ponto para que converge tudo que há de mais fino na minha terra. Era pra brilhar ali que nós todos brigávamos, matávamos, e roubávamos, por sobre os oito milhões de quilômetros do Brasil. Não se acredita! [...].

²⁹⁶OAKLEY, op. cit., p. 152.

²⁹⁷MATE, op. cit., p. 155.

— Bela Casa! Disse eu ao ouvido de Gonzaga de Sá.

— *Chic*, rica! A metade não pagou entrada...²⁹⁸

Também há muita ironia aplicada ao personagem Xisto Beldroegas, o oposto de Gonzaga de Sá, conforme o narrador Augusto Machado: “Beldroegas não podia compreender que o número de dias em que chove no ano não pudesse ser fixado; e se ainda não o estava, em aviso ou portaria, era porque Congresso e os ministros não prestavam.”²⁹⁹

Outro equívoco, salvo engano, é encarar Gonzaga de Sá como personagem que não age. Os dois protagonistas agem. Augusto Machado é o narrador-biografista. Gonzaga de Sá é o biografado, rico em experiência, em oralidade e em tradição autêntica. Escrever é ação política dos dois personagens. Gonzaga de Sá com o conto “O inventor e a aeronave” e Augusto Machado com a biografia do próprio Gonzaga de Sá. Não é somente na escritura que se estabelece a ligação entre os dois personagens, mas principalmente na convivência entre ambos, no olhar deles para a cidade que se transforma e na pertinente reflexão sobre a tradição autêntica, não apenas naquela de contar histórias orais, considerando Walter Benjamin, mas nas inúmeras reflexões sobre o antigo e o novo, o arcaico e o moderno.

Augusto Machado, com pensamentos parecidos aos do mestre Gonzaga de Sá, desconstrói a teoria das raças:

Depois da estação do Rocha, quando aquela obtusa vizinhança desembarcou, e se veio sentar no banco ao lado, um jovem par de namorados, os vizinhos em frente se puseram a conversar. A princípio, não ouvi bem o que diziam, mas por fim, *entendi que discutiam a grande tese das raças*. Dizia um com um grande anel simbólico no indicador:

— Tem a capacidade mental, intelectual limitada, a ciência já mostrou isso.

E o outro, mais moço, ouvia religiosamente tão transcendente senhor. As ferragens do comboio faziam ruído de ensurdecer; nada mais escutei. Chegamos ao Engenho Novo. O trem parou. O

²⁹⁸BARRETO, op. cit., nota 285, p 154.

²⁹⁹Idem, Ibidem, p. 143.

mais moço então perguntou, olhando os fios de transmissão elétrica:

— Por que será que os passarinhos tocam nos fios e não são fulminados?

— É que de dia a comunicação está fechada.

E se não fossem os graves pensamentos que me assoberbavam naquela hora, *ter-me-ia rido daquele sábio de capacidade mental ilimitada.*³⁰⁰

Na advertência, Lima Barreto afirma, em abril de 1918: “Encarregou-me o meu antigo colega de escola, e, hoje, de ofício, Augusto Machado, de publicar-lhe esta pequena obra.”³⁰¹ Lima afirma ainda sobre a biografia: “Faltam-lhe, para isso, a rigorosa exatidão de certos dados, a explanação minuciosa de algumas passagens da vida do principal personagem e as datas indispensáveis em trabalho que queira ser classificado de tal forma [...]”³⁰² O que Lima quer mesmo é desestruturar o esquema tradicional das biografias e, não por acaso, esta se inicia pela morte do biografado: “Ao chegar ao jardim de sua casa, que olhava para a Lapa, para a Glória, para a Armação, para Niterói, contemplou o mar insondável, abaixou-se para colher uma flor que me oferecera, mas caiu e morreu.”³⁰³

Considerando que Gonzaga de Sá mora no tradicional bairro de Santa Teresa, percebemos o olhar panorâmico sobre a cidade do Rio de Janeiro e não há dúvida: *é uma obra de amor à cidade*, para contar a história não mais da maneira convencional das grandes datas ou de grandes personagens, apesar de Gonzaga de Sá ser descendente de Mem de Sá e Salvador de Sá, dois portugueses importantes na fundação da cidade do Rio de Janeiro: “Sabes bem que não tenho superstição de raça, de cor, de sangue, de casta, de coisa alguma. Para mim, só há indivíduos e eu, mais do que ninguém, pois descendo dos Sás que fundaram esta minha cidade [...]”³⁰⁴

Gonzaga de Sá também faz severa crítica à discriminação racial: “Olha que ninguém quer ser negro no Brasil!...”³⁰⁵ Já o mulato Augusto Machado afirma: “[...] também com orgulho que verifiquei nada ter

³⁰⁰BARRETO, op. cit., nota 285, p. 111. Grifos nossos.

³⁰¹Idem, Ibidem, p. 27.

³⁰²Idem, Ibidem, p. 2.

³⁰³Idem, Ibidem, p. 43.

³⁰⁴Idem, Ibidem, p. 57.

³⁰⁵Loc. cit.

perdido de meus vós, desde que se desprenderam de Portugal e da África.”³⁰⁶

A obra quer mostrar como a cidade do Rio de Janeiro deve ser também biografada. Esta questão é fundamental, pois é o Rio de Janeiro que ganha dimensão poética: “O poeta tinha razão: era verdadeiramente a grandiosa Guanabara que eu via!”³⁰⁷

Augusto Machado, biógrafo e espelho do biografado, escreve para mostrar que a cidade vive nele e ele vive na cidade: “Saturrei-me daquela melancolia tangível, que é o sentimento primordial da minha cidade. Vivo nela e ela vive em mim!”³⁰⁸ Lima Barreto quer mostrar a importância do antigo para a constituição do presente, do moderno. Os protagonistas não olham de forma contemplativa as ruínas da cidade. Eles se elevam a uma missão para enfrentar as dificuldades da vida e para criticar nossa falta de memória. Augusto Machado, no papel de biógrafo, sofrerá influência intelectual de Gonzaga de Sá e este saberá também contagiar, de maneira positiva, aquele. Não há dúvida de que é o encontro de um descendente de português com um mulato. O que Lima Barreto pretende é valorizar nossas raízes.

O bairro escolhido para a morada da tradição carioca, à época aqui evocada, é Santa Teresa, que possui visão panorâmica sobre a Lapa, a Glória e para Niterói, entre outros lugares. O narrador quer uma visão panorâmica da cidade acompanhada de uma visão panorâmica dos nossos problemas e de nossas mazelas. Gonzaga de Sá não deixará de criticar as maneiras importadas dos ingleses: “— Não posso suportar esses ingleses! Que pressa têm em andar! [...]. Não se corre nem para a morte a quem amo... Vamos jantar em casa, embora minha tia não esteja em casa.”³⁰⁹ Além disso, Gonzaga de Sá, ao final da narrativa, está “[...], solitário, sem filhos, membro de família a extinguir-se, a quem iria dar a sua glória?”³¹⁰ Se o sonho de voar do personagem de Gonzaga de Sá, na página de almanaque encontrada por Augusto Machado, não deu certo, pois a máquina não subiu, o descendente dos fundadores da cidade fica imerso na burocracia da República.

Gonzaga de Sá é leitor de autores franceses: “Contou-me ele que, na própria manhã de 15 de novembro, estivera lendo o seu *Fustel de Coulanges*, justamente no ponto referente à significação aristocrática do

³⁰⁶BARRETO, op. cit., nota 285, p. 40.

³⁰⁷Idem, *ibidem*, p. 39.

³⁰⁸Idem, *Ibidem*, p. 40.

³⁰⁹Idem, *Ibidem*, p. 42.

³¹⁰Idem, *Ibidem*, p. 51.

tratamento cidadão.”³¹¹ Sobre o historiador francês Fustel de Coulanges e a Tese VII, de Walter Benjamin, afirma Reyes Mate:

Benjamin recorre à polémica para continuar perfilando sua ideia de história. Se na tese anterior ajustou contas com os historiadores que pretendem “conhecer o passado tal como ele verdadeiramente foi”, crentes de que a história é uma ciência, agora ele confronta este vasto mundo ocupado por historicistas bem representados por um autor hoje perfeita e injustamente esquecido, Fustel de Coulanges. Ele sublinha a ideia deste, segundo ela: “quem quiser reviver uma época que tire da cabeça tudo o que sabe sobre o que ocorreu depois”. *O que o historiador francês realmente diz é que quem quiser conhecer bem o passado deve estudá-lo desinteressada e apaixonadamente, isto é, à margem dos interesses com que o passado chegou até nós.*³¹²

Também em “Explicação Necessária”, Augusto Machado fala sobre a lei da divisão do trabalho que, aplicada no Brasil, é satirizada, por exemplo, quando se discute para saber quantas salvas de tiros mereceria um Bispo. Crítica à “burrocracia” que coloca o descendente dos fundadores da cidade a investigar quantas flechas deveria ter a imagem de São Sebastião. Essa burocracia contrasta com a figura inteligente de Gonzaga de Sá: “Vi logo nele um velho inteligente [...]”.³¹³ Tudo, também, para contrastar com a chamada República Velha. Gonzaga adota a religião, apesar do positivismo, sem ter o comum interesse dos arrivistas:

Além disso, era céptico, regalista, voltariano. Usava, como vim a verificar mais tarde, para estar em dia com o seu Deus, dele, frequentar as cerimônias religiosas; e não, como a burguesia republicana, para firmar-se nos frades, padres, freiras e irmãs de caridade e enriquecer-se ignobilmente, criminosamente, cinicamente, sem

³¹¹ BARRETO, op. cit., nota 285, p. 48.

³¹² MATE, op. cit., p. 175. Grifos nossos.

³¹³ BARRETO, op. cit., nota 285, p. 36.

caridade e amor, senão aquelas de aparato. *Era antimonástico, mas não maçom.*³¹⁴

Olhar a cidade não é apenas olhar para o que está aparentemente vivo. É também se lembrar dos mortos, por isso a referência ao nome do protagonista, descendente dos Sás, e a constante reverência à cidade. O que está morto na cidade não guarda nenhum morto: “Flaubert tinha razão: para dar vida a uma cidade destruída como Cartago foi necessário empenhar todas as energias contra esses realistas *que não deixam de dizer que o morto está morto.*”³¹⁵ Gonzaga de Sá está muito distante da acédia, conforme vimos na Tese VI, ou seja, no sentido de empatia pelos vencedores. Ele é crítico com relação à plutocracia republicana.

Ao olhar as edificações do Rio de Janeiro, Gonzaga de Sá dialoga com Augusto Machado sobre o que está morto na cidade e em ruínas que, paradoxalmente, não guarda nenhum morto. Ainda fazendo referência às edificações, o que está vivo e alegre tem mortos. Enquanto as ruínas dos casarões antigos não guardam nenhum morto, o convento de Santa Teresa, aos olhos de Gonzaga, preserva os mortos. É o aspecto religioso/teológico. Se a política trata dos vivos; a teologia trata dos mortos:

Gonzaga me perguntou, apontando o convento de Santa Teresa:

— Sabes quem mora ali?

— Freiras.

— Mora também um conde, e creio princesas.

— Mortas?

— Sim, mortos! Vês lá o sinal da morte?

— Não; está sorridente e alegre.

— E este casarão ali?

— Está aqui, está desabando.

— Morto, não é? Sabes porque (*sic*)? Porque não guarda nenhum morto.³¹⁶

O casarão desabando em frente ao convento é parte histórica da cidade. Não é apenas a simples comparação entre o novo brasão da

³¹⁴BARRETO, op. cit., nota 285, p. 37. Grifos nossos. Sobre a burocracia, ver a crônica “Coisas Administrativas”: “Há tantos registros, tantos protocolos, tantas portarias, assim como memorandos, ‘papagaios’, que até navios de guerra se perdem nesse oceano de papel.” In: BARRETO, op. cit., nota 152, p.34.

³¹⁵MATE, op. cit., p. 173. Grifos nossos.

³¹⁶BARRETO, op. cit., nota 285, p. 42-43.

República e o antigo brasão da cidade do Rio de Janeiro: é a própria memória. Neste aspecto, há interessante contraponto ao jacobinismo reinante no regime republicano e na falta de memória para com os portugueses, fundadores da cidade marítima no Largo do Paço, hoje Praça XV de Novembro, com seu chafariz: “— Este chafariz é feio, é massudo; mas a esfera armilar que o encima, dá-lhe certa grandeza, certa majestade... Mas já foi bonito...”³¹⁷ Este “já foi” é crítica a uma burguesia republicana que insiste no projeto de esquecer o passado.

Para a história desinteressada e apaixonada, de acordo com Walter Benjamin, há a necessidade de caminhar pela cidade e olhá-la não apenas com olhos de basbaque, mas analisar os monumentos históricos e compará-los com outros, além de verificar a situação de abandono a que estão relegados. É como se a cidade quisesse apagar o que há de cultura portuguesa em seus monumentos:

Eram quatro horas e nós tínhamos vindo por deleite até ao Pedregulho. Ao olhar, lá para as bandas do Jóquei, a estação da Leopoldina, Gonzaga lembrou:

— Vamos ao Engenho da Penha?

— Onde é?

— Vocês só conhecem a Tijuca e o Botafogo. O Rio tem mais coisas belas... É ali.³¹⁸

Andar pela cidade é um deleite desde que se olhe para os monumentos e para as construções. Este olhar é benjaminiano e, não por acaso, Gonzaga cita La Fontaine: “— *Tens que andar um pouco a pé ... Já dizia La Fontaine: ‘Auncun chemin de fleurs ne conduit à la gloire’...*”³¹⁹ Por isso, o discurso de Gonzaga de Sá é contra a burguesia que se quer estrangeira, branquinha e catita: “— Fugi dessa gente de Petrópolis, porque, para mim, eles são estrangeiros, invasores, as mais das vezes sem nenhuma cultura e sempre rapinantes, sejam nacionais ou estrangeiros.”³²⁰

O olhar de Gonzaga é um mergulho no passado e este ilumina o tempo presente. O tempo passado modifica o presente:

³¹⁷BARRETO, op. cit., nota 285, p. 54.

³¹⁸Idem, Ibidem, p. 58.

³¹⁹Idem, ibidem, p. 59. “Nenhum caminho de flores conduz à glória”. Tradução livre. Grifos nossos.

³²⁰Loc. cit.

Gonzaga de Sá andava metros, parava em frente a um sobrado, olhava, olhava e continuava. Subia morros, descia ladeiras, devagar sempre, e fumando voluptuosamente, com as mãos atrás das costas, agarrando a bengala.³²¹

A memória ganha contornos, não para grandes episódios, mas para os do cotidiano ordinário e comum. É a riqueza da oralidade de um historiador. Neste aspecto, Augusto Machado traz à tona tais memórias por meio da história oral: “Era um historiador artista e, ao modo daqueles primevos poetas da Idade Média, *fazia história oral*, como eles faziam as epopeias.”³²² Gonzaga de Sá é daqueles ricos narradores em experiência, aquele que dá conselhos e ama a cidade acima de tudo. Por isso, implica com o apagamento histórico:

— Pense que toda a cidade deve ter sua fisionomia própria. Isso de todas se parecerem é gosto dos Estados Unidos; e Deus me livre que tal peste venha a pegar-nos. O Rio, meu caro Machado, é lógico com ele mesmo, como a sua baía o é com ela mesma, por ser um vale submerso. A baía é bela por isso; o Rio o é também porque está de acordo com o local em que se assentou. Reflitamos um pouco.³²³

O pedido de Gonzaga de Sá é para reflexão e, ao mesmo tempo, para a não uniformização na forma das construções e no planejamento das cidades no mundo, a exemplo dos Estados Unidos. Sabemos bem o que isso significa: somente valorizando a cultura local é que esta pode se diferenciar de outras. Ao mesmo tempo, Gonzaga reclama da falta de transporte para acelerar a conexão entre os bairros: “Se quiséssemos fazer o levantamento da cidade com mais detalhes, seria fácil mostrar que há meia dúzia de linhas de comunicação entre os arrabaldes e o centro efetivo da cidade.”³²⁴

O Rio de Janeiro é uma cidade espontânea, imprevista e não pré-fabricada: “O quilombola e o corsário projetaram um pouco a cidade; e, surpreendida com a descoberta das lavras de Minas, de que foi

³²¹BARRETO, op. cit., nota 285, p. 63.

³²²Idem, Ibidem, p. 64. Grifos nossos.

³²³Idem, Ibidem, p. 65.

³²⁴Idem, ibidem, p. 66.

escoadouro, a velha São Sebastião aterrou apressada alguns brejos [...].”³²⁵

Não estamos na arquitetura de perpendiculares e oblíquas, no pensamento/reflexão de Gonzaga de Sá estamos na sinuosidade, nas imprevistas dilatações, nas praias e nos arredores cheios de encanto. Não deixa de afirmar também, a par das belezas naturais, o triste retorno à época em que os escravos se confundiam com as mercadorias:

O tráfico de escravos imprimiu ao Valongo e aos morros da Saúde alguma coisa de aringa africana; e a melancolia dos cais dos Mineiros é saudade das ricas faluas, peçadas de mercadorias, que não lhe chegam mais de Inhomirim e da Estrela.
“C’est le triste retour”...³²⁶

A entrada do bonde não melhorou as características topográficas e de comunicação da cidade, ao contrário, piorou a separação entre o centro e o arrabalde e, por conseguinte, piorou a separação entre ricos e pobres. No entanto, Gonzaga de Sá tem visão poética: “Mas, se a sua topografia criou essa dificuldade, deu à nossa cidade essa moldura de poesia, de sonho e de grandeza. É o bastante!”³²⁷

Gonzaga de Sá não se ilude com a moda dos vestidos, mas com outros assuntos considerados mais importantes: “Detesto a antropologia e amo a crítica religiosa.”³²⁸ Relativamente a esta citação do personagem, retomamos a análise de Reyes Mate sobre a teologia, presente na Tese I, de Walter Benjamin:

E a teologia? Não é com Deus que ele está preocupado, mas com o modo como ficou gravada nela a história do homem. Na religião estão os rastros de todas as experiências humanas, tanto as cotidianas quanto as extremas. A teologia teve que debater-se com todas elas e fazer-se de desentendida quanto à possibilidade de todos esses interrogantes equivalerem a um grande empobrecimento do saber.³²⁹

³²⁵BARRETO, op. cit., nota 285, p. 66.

³²⁶Idem, Ibidem, p. 67.

³²⁷Idem, Ibidem, p. 68.

³²⁸Idem, Ibidem, p. 75.

³²⁹MATE, op. cit., p. 67.

Vamos olhar mais de perto o que faz de Gonzaga de Sá o cronista da Tese III a que se refere Walter Benjamin. Ele não lê os grandes jornais, prefere os pequenos, como *A Pesquisa* de Cascadura, e explica por quê:

— Um jornal, dos grandes, tu bem sabes o que é: uma empresa de gente poderosa, que se quer adulada e só tem certeza naquelas inteligências já firmadas, registradas, carimbadas, etc. etc. Demais, o ponto-de-vista limitado e restrito dessas empresas, não permite senão publicações para os leitores medianos, que querem política e assassinatos. Os seus proprietários fazem muito bem, dão o que lhes pede o público... Se não consultam as médias, têm que lisonjear os potentados, os graúdos, porem-se a serviço deles — gente, em geral, perfeitamente estranha ao tênue espírito brasileiro *e que não quer saber de coisas do pensamento desinteressado...*³³⁰

Gonzaga de Sá não adota o pensamento da classe dominante e muito menos é instrumento manipulável. A escolha de jornais e revistas obscuros reforça o caráter do olhar histórico, dentro da teoria de Walter Benjamin, contra a ditadura econômica dos fortes e a favor da débil força messiânica dos fracos e oprimidos. Seja em relação ao agregado, negro Inácio, a quem ama, seja em relação à maneira como lê a vida, a literatura, a história, as construções e a cidade do Rio de Janeiro. Ao mesmo tempo, é o rico narrador a dar conselhos: “Não queiras nada com a justiça, pois quase sempre é a única herdeira.”³³¹ Augusto Machado se vê atraído pela tradição autêntica. É bem benjaminiano o que ele afirma:

Pelas oito horas despedi-me e vim descendo a ladeira devagar. *Tinha penetrado no passado, no passado vivo, na tradição.* Em presença daqueles velhos bons que me falavam das coisas brilhantes de sua mocidade, tive instantaneamente a percepção nítida dos sentimentos e das ideias das gerações que me precederam. Em torno daquele legendário “Provisório”, grotesco e formalista, que eles evocaram, *pude ver os trabalhos e as*

³³⁰BARRETO, op. cit., nota 285, p. 89. Grifos nossos.

³³¹Idem, Ibidem, p. 95.

virtudes dos antepassados e, também, seus erros e seus crimes. Vim descendo... Lançara mais uma raiz; estava mais firme contra as pressões externas, senti que sorvera também uma gota de veneno. Tomei o elétrico. No primeiro banco sentei-me, e me pus a mastigar ideias. Atravessei a rua do Catete e muito animado, o rocôco Largo da Glória. Vi o velho Passeio regurgitando. Tinha mastigado ideias... *Não há civilização isenta de crimes e de erros – concluí.* Estava na estação. Saltei.³³²

O biografado por Augusto Machado é o cronista benjaminiano que não se preocupa exclusivamente com os que sobem, com os que ele chama de gente feliz, sem história e com pouca fantasia. Tem o compadre Romualdo de Araújo nos chamados subúrbios. Quando Romualdo morre, adota seu filho, Aleixo Manuel, oferecendo ao menino educação. Afirma, ainda, que as revistas não são diferentes dos jornais, tendo a mais somente fotografias: “Sofriam o nosso pensamento, porque, quem não aparece no jornal, não aparecerá nem no livro, nem no palco, nem em parte alguma – morrerá. *É uma ditadura.*”³³³ É crítica à ditadura econômica, em que a publicidade invade até a política, ou melhor, o regime republicano é a própria plutocracia: “— O público é maleável, é dirigível; os autores, estes sim têm culpa.”³³⁴

Diante do exposto, consideramos importante avançarmos para a Tese VII de Walter Benjamin:

Tese VII

“Considerai a escuridão e o frio intenso
Neste vale, onde ressoam lamentos.”
Brecht, *A ópera dos três vinténs*.

Ao historiador que quiser reviver uma época, Fustel de Coulanges recomenda banir da sua cabeça tudo o que saiba do curso ulterior da história. Não se poderia caracterizar melhor o procedimento com o qual o materialismo histórico rompeu. É um procedimento de identificação

³³²BARRETO, op. cit., nota 285, p. 102. É um salto fora do progresso. Grifos nossos.

³³³Idem, ibidem, p. 90. Grifos nossos.

³³⁴Idem, Ibidem, p. 90.

afetiva. Sua origem é a indolência do coração, a acedia (*sic*), que hesita em apoderar-se da imagem histórica autêntica que lampeja fugaz. Para os teólogos da Idade Média ela contava como fundamento originário da tristeza. Flaubert, que bem a conheceu, escreve: “Peu de gens devineront combien il a fallu être triste pour ressusciter Carthage.”³³⁵ A natureza dessa tristeza torna-se mais nítida quando se levanta a questão de saber com quem, afinal, propriamente o historiador do Historicismo se identifica afetivamente? A resposta é, inegavelmente: com o vencedor. Ora, os dominantes de turno são os herdeiros de todos os que, algum dia, venceram. A identificação afetiva com o vencedor ocorre, portanto, sempre, em proveito dos vencedores de turno. Isso diz o suficiente para o materialismo histórico. Todo aquele que, até hoje, obteve a vitória, marcha junto no cortejo de triunfo que conduz os dominantes de hoje [a marcharem] por cima dos que, hoje, jazem por terra. A presa, como sempre de costume, é conduzida no cortejo triunfante. Chamam-na bens culturais. Eles terão de contar, no materialismo histórico, com um observador distanciado, pois o que ele, com seu olhar, abarca como bens culturais atesta, sem exceção, uma proveniência que ele não pode considerar sem horror. Sua existência não se deve somente ao esforço dos grandes gênios, seus criadores, mas, também, à corveia sem nome de seus contemporâneos. Nunca há um documento da cultura que não seja, ao mesmo tempo, um documento da barbárie. E, assim como ele não está livre da barbárie, também não o está o processo de sua transmissão, transmissão na qual ele passou de um vencedor a outro. Por isso, o materialista histórico, na medida do possível, se afasta da transmissão. Ele considera como sua tarefa escovar a história a contrapelo.³³⁶

³³⁵“Poucas pessoas serão capazes de imaginar como foi preciso estar triste para ressuscitar Cartago.”

³³⁶LÖWY, op. cit., p. 70.

Temos, nesta Tese VII, o conceito de empatia (*Einfühlung*) e o de *acedia*, este último um termo latino que significa meditação profunda e melancólica própria de quem se vê atraído pela majestade solene do cortejo dos poderosos, conforme vimos nas palavras esclarecedoras de Michael Löwy.

Gonzaga de Sá representa a fundação do Rio de Janeiro pelos portugueses da família dos Sás e, como vimos, assume a *tarefa de escovar a história a contrapelo*, afastando-se do processo de transmissão entre vencedores de turno. A maioria estaria no cortejo dos valores propostos pela República. Gonzaga de Sá muda a consciência histórica de Augusto Machado. Consciência esta que analisa a tradição autêntica e a modernidade. Ele analisa também as construções, a demolição, as ruínas, os rastros deixados pela história. A memória opera no sentido de reflexão e não meramente como contemplação: “[...] a história vista não como um *continuum*, mas sujeita a pontos de contato entre *presente* e *passado*, podendo ser revelada em pequenos dados do cotidiano.”³³⁷

O biografado “não” é um conformista e não reclama os direitos de um aristocrata, mas os de um pensador que não quer apagar o passado e, por isso, analisa: os selos; os brasões da cidade do Rio com os da República, comparando-os; os jornais e as revistas; a moda; as construções, entre outros. Em pleno período dos jacobinos, ele não transmite a Augusto Machado a história dos vencedores. Ao contrário: fará Augusto Machado questionar o conceito de civilização no que este tem de violência e crime contra o passado. A República está preocupada com o futuro; Gonzaga de Sá, com o presente e o passado. Não diz sempre “sim” aos vencedores, mas reflete. Não faz parte da carruagem elegíaca hindu em homenagem aos vencedores, chamada de *Juggernaut*. Se a comemoração é a República, embora o personagem não negue sua importância, faz também reflexões importantes sobre a cidade do Rio de Janeiro. No que se refere à cidade é como se ele perguntasse: quem a construiu? Vejamos o que Löwy afirma sobre a Tese VII:

A dialética entre a cultura e a barbárie vale também para muitas outras obras de prestígio produzidas pela “corveia sem nome” dos oprimidos, desde as pirâmides do Egito, construídas pelos escravos hebreus até o palácio da Ópera, erguida no império de Napoleão III

³³⁷SCHEFFEL, op. cit., nota 232, p. 133. Grifos do autor.

pelos operários vencidos em junho de 1848. Encontramos, nesta tese, a imagem invertida de um tema caro a Nietzsche: as grandes obras de arte e de civilização – exatamente do mesmo modo que as pirâmides – *somente podem ser feitas à custa dos sofrimentos e da escravidão da multidão*. [...]

Ao escrever esse texto, sem dúvida, Benjamin pensava no poema irônico e irreverente de Brecht “Perguntas de um operário que lê” (1935):

*Quem construiu a Tebas de sete portas?
Nos livros estão nomes de reis.
Arrastaram eles os blocos de pedra?
E a Babilônia várias vezes destruída –
Quem a reconstruiu tantas vezes? (...)
A grande Roma está cheia de arcos do triunfo.
Quem os ergueu? Sobre quem
Triunfaram os Césares? (...)
Cada página uma vitória.
Quem cozinhava o banquete?
A cada dez anos um grande homem.
Quem pagava a conta?
Tantas histórias.
Tantas questões.*³³⁸

Quem são os vencidos na cidade do Rio de Janeiro? Que significado tem o personagem-mulato Augusto Machado para Gonzaga de Sá? Quem construiu a cidade do Rio de Janeiro? Gonzaga de Sá nega o progresso no que este tem de segregacionismo, separando claramente os ricos e os pobres. É como se os “novos” vencedores quisessem negar nossa origem portuguesa, numa espécie de supressão (*Aufhebung*) da história, sem esquecer que os próprios portugueses também foram vencedores um dia: “É preciso lutar para impedir que a classe dominante apague as chamas da cultura passada, e para que elas sejam tiradas do conformismo que as ameaça (tese VI).”³³⁹

Para Gonzaga de Sá, os vencedores mudaram de turno, utilizando a expressão de Walter Benjamin na Tese VII, e se antes eram os portugueses, agora são os de outras nações, de modo especial os ingleses e os norte-americanos, apesar de Gonzaga de Sá acreditar que, se o

³³⁸LÖWY, op. cit., p. 77. Grifos nossos.

³³⁹Idem, Ibidem, p. 80.

Brasil tivesse mantido o dominador português, teria havido mais entendimento. Mas o discurso e os conselhos de Gonzaga de Sá ganham importância quando fazem referência, com muita clareza, aos novos dominadores:

Esses quatrocentos anos... Resumindo, continuou Gonzaga, *vocês arranjaram novos dominadores*, com os quais vocês não se poderão entender nunca; e expulsaram os antigos com os quais, certamente, se viriam a entender um dia. Erraram, e profundamente.³⁴⁰

Temos, mais uma vez, a narração de perdas e do insulamento dos protagonistas. Esta é uma das características dos romances de Lima Barreto que, como bem observou Osman Lins:

Lima Barreto inaugura na ficção brasileira, sem dar-se conta disto, segundo tudo indica, o tema da incomunicabilidade, tão caro à arte contemporânea, surgindo como um antecipador, um anunciador do nosso tempo e das nossas criações.³⁴¹

A cidade do Rio de Janeiro passa por um processo de mudança radical. Mas a pergunta é: será que ela “civiliza-se”? Lembremo-nos de um dos principais lemas do positivismo: ordem e progresso. Gonzaga de Sá tem consciência de que os novos dominadores, inclusive por meio do que se denomina de jacobinismo, perseguiram os portugueses, destruíram boa parte do que havia sido construído, apagando parte da memória da nação. A presa, conforme a Tese VII de Benjamin, não são apenas os chamados bens culturais como as novas avenidas, os novos edifícios, os novos brasões, mas é o próprio conceito de fazer História que está em debate. Por isso, o questionamento de Gonzaga de Sá é fundamental: será novo tudo isso? O que é novo não traz nenhuma novidade, mas apaga o que era uma tradição. A pressa dessa transformação automatiza as relações. Nesse sentido, o biografado marca presença e deixa, por escrito, sua manifestação de ironia em relação à ditadura econômica e científica: “a máquina não subiu”.

³⁴⁰BARRETO, op. cit., nota 285, p. 157. Grifos nossos.

³⁴¹LINS, op.cit., p. 34-35.

Lima Barreto, aproximadamente duas décadas antes de Walter Benjamin, critica os termos ordem e progresso, ainda que por meio da ironia. Já Walter Benjamin desenvolve nas suas teses de “Sobre o conceito de História” um ataque crucial aos vencedores de turno, à transmissão do historicismo, na marcha dos vencedores que pisam sobre os que jazem por terra. Se o historiador do chamado historicismo sente empatia pelo vencedor, o materialista histórico irá se preocupar com a corveia sem nome, com os documentos “da cultura que não seja, ao mesmo tempo, um documento da barbárie”, conforme a Tese VII. Não estamos livres da barbárie e nem de sua transmissão, agora sob o amparo de modernos equipamentos tecnológicos, capazes de filmar a morte dessa mesma corveia sem nome e transmiti-la, com prazer, aos novos dominadores.

A cidade do Rio de Janeiro é que permanece com paisagem exuberante. Os seus fundadores pedem para não nos curvamos diante dos novos dominadores. Morreu Mem de Sá, mas seu descendente, Gonzaga de Sá, clama por justiça: “E sou Sá, sou o Rio de Janeiro, com seus tamoios, seus negros, seus mulatos, seus cafuzos e seus “galegos” também...”³⁴²

³⁴²BARRETO, op. cit., nota 288, p. 59. O cronista em “Nossa situação” afirma: “Estes quinze anos de República têm mostrado, mais do que o passado regímen, além da incapacidade dos dirigentes para guiar a massa da população na direção de um relativo bem-estar, a sua profunda desonestidade, os baixos ideais de sua política que, em presença de propinas e gorjetas, lucros ou quais sejam a moeda, não trepidam em lançar na miséria, na mendicância, no alcouce, na taverna os seus patrícios, mesmo atirá-los à aventura de uma guerra, quando o *pourboire*, estrangeiro em geral, é de encher os olhos.” In: *Bagatelas*. São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 293.

4 A TEMPESTADE DO PROGRESSO

4.1 ORDEM E PROGRESSO: *TRISTE FIM DE POLICARPO QUARESMA*

No capítulo anterior vimos o personagem Gonzaga de Sá declarar seu amor à cidade do Rio de Janeiro, dentre outras questões. Vimos, ainda, a necessidade da classe dominante para apagar os rastros da história do negro escravo no Brasil. Gonzaga de Sá é leitor de Fustel de Coulanges que recomenda “descartar tudo o que se aprendeu do passado [...]”.³⁴³ Na Tese VII, Walter Benjamin critica Fustel de Coulanges justamente por que “recomenda banir da sua cabeça tudo o que saiba do curso ulterior da história”. Nesse sentido, o materialismo histórico rompe com esse procedimento para evitar o chamado “historicismo” que apresenta a história universal e, grosso modo, naturaliza as vítimas do passado como uma necessidade da humanidade rumo a um suposto “ponto ômega”.³⁴⁴ Walter Benjamin, diante da acédia e da empatia aos vencedores, propõe organizar o pessimismo: “Para alguém tão dado ao pessimismo como Benjamin, a tristeza paralisante paradoxalmente acabava sendo insuportável. O seu assunto era ‘organizar o pessimismo’ [...]”.³⁴⁵

O grande sucesso de Lima Barreto é o romance *Triste fim de Policarpo Quaresma*, publicado em folhetins do *Jornal do Comércio*, edição da tarde, em 1911. A primeira edição em livro será em 1915, única em vida do autor, impressa pela Revista dos Tribunais. A segunda edição será impressa por “O Livro do Bolso”, em 1943. A terceira edição será lançada pela Gráfica Editora Brasileira, 1948, São Paulo. A quarta edição será pela Editora Mérito S.A., também em 1948. Trabalharemos, nesta tese, com a quinta edição do romance, a de 1956, sob a direção de Francisco de Assis Barbosa.

O romance é a história contada do ponto de vista do vencido, em que o narrador apresenta a epígrafe de Marc-Aurèle Renan, alertando o leitor de que o homem superior, diferentemente do vulgar e rotineiro, aquele que procura os princípios do ideal e do ser íntegro, termina sendo julgado de maneira que as qualidades se tornam defeitos.

Em contraste com a epígrafe de Renan, o protagonista Policarpo Quaresma, no início da narrativa, é de costumes bem rotineiros, quase

³⁴³MATE, op. cit., p. 172.

³⁴⁴Idem, Ibidem, p. 177.

³⁴⁵Idem, ibidem, p. 179.

um relógio: “Alice, olha que são horas; o Major Quaresma já passou.”
 346

Policarpo passará por muitas transformações até ser fuzilado pela ditadura florianista. Se ingênuo por um lado, por outro é extremamente corajoso. Todo seu patriotismo inicial, bem sólido, escorre pelos dedos, *desmanchando no ar*³⁴⁷:

Era onde estava bem. No meio de soldados, de canhões, de veteranos, de papelada inçada de quilos de pólvora, de nomes de fuzis e termos técnicos de artilharia, aspirava diariamente aquele *hálito de guerra*, de bravura, de vitória, de triunfo, *que é bem o hálito da Pátria*.³⁴⁸

A defesa da pátria está fortemente ancorada na apologia à guerra. O protagonista, na sua ânsia de constante procura por coisas genuinamente nacionais, será adepto do violão, tendo aulas com o personagem Ricardo Coração dos Outros:

A velha irmã de Quaresma não tinha grande interesse pelo violão. A sua educação que se fizera, vendo semelhante instrumento entregue a escravos ou gente parecida, não podia admitir que ele preocupasse a atenção de pessoas de certa ordem. Delicada, entretanto, suportava a mania de Ricardo, mesmo porque já começava a ter uma ponta de estima pelo famoso trovador dos suburbanos. Nasceu-lhe essa estima pela dedicação com que ele se houve no seu drama familiar. Os pequenos serviços e trabalhos, os passos para ali e para aqui, ficaram a cargo de Ricardo, que os desempenhara com boa vontade e diligência.³⁴⁹

Substituir o *petit-pois* pelo guando; valorizar a manteiga de leite; valorizar os cálices de parati e os vinhos do sul do Brasil, além da modinha e do violão, não são aspectos apenas de ironia, mas também de

³⁴⁶BARRETO, Lima. *Triste fim de Policarpo Quaresma*. São Paulo: Brasiliense, 1959, p. 27.

³⁴⁷BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

³⁴⁸BARRETO, op. cit., nota 346, p. 33. Grifos nossos.

³⁴⁹Idem, Ibidem, p. 105.

crítica à nossa exagerada mania de importação de bens materiais. O olhar de Ricardo Coração dos Outros sobre o violão é arquetípico:

— Major, o violão é o instrumento da paixão. Precisa de peito para falar... É preciso encostá-lo, mas encostá-lo com macieza e amor, como se fosse a amada, a noiva, para que diga o que sentimos...³⁵⁰

O protagonista deve ser analisado no que ele apresenta de riqueza cultural, de tradição, de cor local, de amor ao folclore e, primordialmente, na sua coragem pela defesa dos direitos humanos. Se no início ele é extremamente patriota, mas não alienado dos problemas nacionais, no decorrer da narrativa ele ganha dimensão humana incomensurável, num país em que um general, o personagem Albernaz, é assim descrito:

O general nada tinha de marcial, nem mesmo o uniforme que talvez não possuísse. Durante toda a sua carreira militar, não viu uma única batalha, não tivera um comando, nada fizera que tivesse relação com a sua profissão e o seu curso de artilheiro. Fora sempre ajudante de ordens, assistente, encarregado disso ou daquilo, escriturário, almoxarife, e era secretário do Conselho Supremo Militar, quando se reformou em general. Os seus hábitos eram de um bom chefe de secção e a sua inteligência não era muito diferente dos seus hábitos. Nada entendia de guerras, de estratégia, de tática ou de história militar; a sua sabedoria a tal respeito estava reduzida às batalhas do Paraguai, para ele a maior e a mais extraordinária guerra de todos os tempos.

³⁵¹

Somos levados a pensar que o pretenso general teria sido um herói da guerra do Paraguai, mas nela não esteve presente: “Não pude. Adoei e vim para o Brasil, nas vésperas. Mas soube pelo Camisão, pelo Venâncio que a cousa esteve preta.”³⁵² Portanto, o General não esteve

³⁵⁰BARRETO, op. cit., nota 346, p. 41.

³⁵¹Idem, ibidem, p. 46-47.

³⁵²Idem, Ibidem, p. 47.

na guerra, voltou antes e sua única preocupação “era casar as cinco filhas a arranjar ‘pistolões’ para fazer passar o filho nos exames do Colégio Militar.”³⁵³

Os negros aparecem na narrativa ligados à cultura popular, a exemplo da negra e ex-escrava Maria Rita:

Quaresma fez com a cabeça sinal afirmativo e a preta velha, talvez com grandes saudades do tempo em que era escrava e ama de alguma grande casa, farta e rica, ergueu a cabeça, como para melhor recordar-se, e entoou:

*É vem tutu
Por detrás do murundu
Pra cumê sinhozinho
Cum bucado de angu.*³⁵⁴

Em alguns casos, a procura pela cultura, genuinamente nacional, torna hilário o personagem Policarpo Quaresma:

Desde dez dias que se entregava a essa árdua tarefa, quando (era domingo) lhe bateram à porta, em meio de seu trabalho. Abriu, mas não apertou a mão. Desandou a chorar, a berrar, a arrancar os cabelos, como se tivesse perdido a mulher ou um filho. A irmã correu lá de dentro, o Anastácio também, e o compadre e a filha, pois eram eles, ficaram estupefatos no limiar da porta:

— Mas que é isso, compadre?

— Que é isso, Policarpo?

— Mas, meu padrinho...

Ele ainda chorou um pouco. Enxugou as lágrimas e, depois, explicou com a maior naturalidade:

— Eis aí! Vocês não têm a mínima noção das cousas da nossa terra. Queriam que eu apertasse a mão. Isto não é nosso! Nosso cumprimento é chorar quando encontramos os amigos, era assim que faziam os tupinambás.³⁵⁵

³⁵³ BARRETO, op. cit., nota 346, p. 47.

³⁵⁴ BARRETO, op. cit., nota 346, p. 51. Tutu é bicho-papão; murundu é espécie de cupinzeiro e o famoso angu é farinha e água, possivelmente mistura da cultura indígena com a africana.

³⁵⁵ Idem, ibidem, p. 55-56. Há dois momentos da Revolta Armada: o primeiro entre 1891-1892, com a renúncia do Marechal Deodoro da Fonseca (1891) e a assunção de Floriano Peixoto (1892); e o segundo: o período que aparece no romance, entre 1893-1894.

Se o conceito de pátria de Policarpo torna-se problemático, pois “aspirava diariamente aquele hálito de guerra”, não o é quando assume a cultura dos vencidos no tocante: à cultura popular, como o arbusto manacá e o instrumento musical inúbia; à língua tupi-guarani; ao folclore africano presente nas modinhas; e, por último, em relação ao violão. Por detrás da ingenuidade de Policarpo Quaresma, o narrador em terceira pessoa insere o discurso em favor dos vencidos. A ironia do narrador recai sobre a cultura de fachada e sobre os ideais nacionalistas do protagonista, no início da narrativa. Tais ideais de Policarpo, ao final do romance, passam a ser superiores e autênticos, rodeado por muitos personagens que, senão ignaros, estavam mais preocupados em: ocupar cargos; arrivistas de plantão; em casar bem as filhas; ou em fazer guerra, como a Revolta Armada em dois momentos, entre 1891 e 1894.

Há que se considerar que Policarpo é, ao menos no início da narrativa, personagem com certas manias como, por exemplo, sua ingênua crença no militarismo. Esse painel inicial do protagonista formará um impressionante contraste com o Policarpo Quaresma transfigurado e totalmente mudado, sem esperanças, sem crenças e sem saída, ao final da narrativa. As perdas de suas crenças iniciais transformam-se, por assim dizer, em ganhos que o tornam incondicional defensor dos direitos humanos.

Policarpo Quaresma também lê o historiador francês Fustel de Coulanges que, conforme vimos na Tese VII, recomenda: “[...] ao historiador que queira reviver uma época, que tire da cabeça tudo que sabe sobre o que ocorreu depois.”³⁵⁶ Neste sentido, a consciência que o protagonista tem no início da narrativa passa por um processo de transformação de ideias, sem tirar da cabeça o que veio depois:

E, bem pensando, mesmo na sua pureza, o que vinha a ser a Pátria? Não teria levado toda a sua vida norteador por uma ilusão, por uma ideia a menos, sem base, sem apoio, por um Deus ou uma Deusa cujo império se esvaía? Não sabia que essa ideia nascera da amplificação da credence dos povos grego-romanos de que os ancestrais mortos continuariam a viver como sombras, e era preciso alimentá-las para que eles não perseguissem os descendentes? *Lembrou-se do seu Fustel de Coulanges...* Lembrou-se de que essa noção nada é para os Menenanã, para tantas pessoas...

³⁵⁶MATE, op. cit., p. 169.

Pareceu-lhe que essa ideia como que fora explorada pelos conquistadores por instantes sabedores das nossas subserviências psicológicas, no intuito de servir às suas próprias ambições...

*Reviu a história; viu as mutilações, os acréscimos em todos os países históricos e perguntou de si pra si: como um homem que vivesse quatro séculos, sendo francês, inglês, italiano, alemão, podia sentir a Pátria?*³⁵⁷

Todas as decepções de Policarpo Quaresma, no seu triste fim, nos levam a ter por ele simpatia e carinho. Rimos com ele e nos entristecemos, pois para nós não se justifica seu fuzilamento pelo Marechal de Ferro, Floriano Peixoto, simplesmente por ter encaminhado carta solicitando mais humanidade no tratamento aos presos políticos.

O memorial em que pede que a língua oficial do Brasil seja o tupi-guarani não justifica as reações de seus colegas de repartição, servindo de piada a muitos, recebendo, por conta disso, o apelido de Ubirajara. As alucinações e o seu internamento no hospício, durante seis meses: “Não havia três meses que viera habitar aquela casa, naquele ermo lugar, a duas horas do Rio, por estrada de ferro, *após ter passado seis meses no hospício da Praia das Saudades*. Saíra curado?”.³⁵⁸ Também não se justifica o enredamento político a que Policarpo é submetido no Município de Curuzu, sendo uma espécie de sacrifício, justamente para ele, que não tinha interesses políticos.

Policarpo Quaresma segue em sua trajetória de autoconsciência e necessidade de olhar para trás e não mais para o futuro. Além dele, há outros personagens antológicos: Ricardo Coração dos Outros, separado do seu violão durante a Revolta; a afilhada Olga, no seu enfrentamento junto aos patriarcas; Ismênia, criada para casar e que, abandonada pelo futuro noivo, Cavalcanti, morre definhada e pede para ser enterrada vestida de noiva; e, por fim, também Coleoni, imigrante italiano que, no Rio de Janeiro, recebeu ajuda de Policarpo no início de sua trajetória profissional.

Fuzilado, Policarpo Quaresma faz parte da corveia humana de assassinados por regimes ditatoriais e, nas palavras do próprio ditador, é mesmo um visionário, capaz de ver que outras ditaduras acontecerão no Brasil e que teremos mais vítimas, mais vencidos:

³⁵⁷BARRETO, op. cit., nota 346, p. 286. Grifos nossos.

³⁵⁸Idem, Ibidem, p. 116.

O vencido sabe melhor do que ninguém que o que de fato ocorre não é a única possibilidade da história. Há outras, como aquela pela qual ele lutou, que estão na lista de espera. O vencido pode, portanto, converter a experiência frustrada em expectativa da história. O vencedor não tem essa possibilidade, porque, para ele, a realidade se esgotou no fato, no sido. Como se vê, Benjamin busca insistentemente fracionar a identificação entre histórico e fático. *A história é mais do que o ocorrido.*³⁵⁹

O narrador onisciente, em terceira pessoa, faz questionamentos que comprovam a enorme tensão interior do protagonista, decorrente da sua progressiva conscientização das vítimas da história. Policarpo Quaresma torna-se o vencido que fica praticamente isolado. Apenas a afilhada Olga e seu pai Coleoni, além de Ricardo Coração dos Outros, é que lhe oferecem apoio no final do romance. Todos os outros tinham medo do vencedor, no caso o ditador Floriano Peixoto. Este, por sua vez, não media esforços para assassinar, oprimir, torturar e adotar outras práticas totalitárias, comuns em regimes autocráticos. A relevância com que o narrador em terceira pessoa vai tecendo a história de Policarpo Quaresma leva-nos a sentir simpatia pelo protagonista e a fazer uma reflexão fundamental sobre o “histórico e fático” no Brasil. Policarpo vencido “pode, portanto, converter a experiência frustrada em expectativa da história.”

Podemos ir em direção à Tese VIII de Walter Benjamin, a fim de analisarmos, sob outros aspectos, o romance *Triste fim de Policarpo Quaresma*:

Tese VIII

A tradição dos oprimidos nos ensina que o “estado de exceção” no qual vivemos é a regra. Precisamos chegar a um conceito de história que dê conta disso. Então surgirá diante de nós nossa tarefa, a de instaurar o real estado de exceção; e graças a isso, nossa posição na luta contra o fascismo tornar-se-á melhor. A chance deste consiste, não por último, em que seus adversários o afrontem em nome do progresso como se este

³⁵⁹MATE, op. cit., p. 180. Grifos nossos.

fosse uma norma histórica. O espanto em constatar que os acontecimentos que vivemos “ainda” sejam possíveis no século XX não é *nenhum* espanto filosófico. Ele não está no início de um conhecimento, a menos que seja o de mostrar que a representação da história donde provém aquele espanto é insustentável.³⁶⁰

As reflexões de Policarpo Quaresma, preso injustamente, atestam que o estado de exceção, em regimes ditatoriais, é a regra. O real estado de exceção, na proposta de Walter Benjamin, é o restabelecimento da justiça para todos, sem exceção, ou seja, “a abolição da dominação, a sociedade sem classes”³⁶¹, melhorando, com isso, nossas condições materiais de existência e nossa consciência histórica, dentre outros aspectos que poderiam ser apontados. Se a Revolta Armada, para muitos historiadores, foi apenas um butim, para o protagonista Policarpo Quaresma há que se desconfiar do soberano e ditador Floriano Peixoto: “A tese anterior nos mostrava como, na primeira forma de história, a leitura dos vencedores reduz a experiência dos vencidos a um butim arrastado pelo cortejo triunfal da história.”³⁶² Não se trata apenas do fascismo ou do nazismo, mas de regimes totalitários que se instalam em qualquer época e em qualquer lugar. Campo não é apenas o “campo de concentração” ou a indústria da morte que o progresso da guerra instaura. É, também, a Ilha das Cobras, em que os presos políticos se veem isolados: “Nesta tese, Benjamin dirige seu olhar aos esmagados ou, melhor, quer ver as coisas com o olhar dos oprimidos.”³⁶³

A associação mais relevante neste trecho do romance está no conluio entre o progresso e a guerra. Se não estamos, ainda, na mais completa tradução do termo progresso, ao menos compreendemos que o estado de exceção é permanente no período em que vive Policarpo Quaresma, considerando estar em plena vigência o lema positivista e republicano da *ordem e do progresso*. A Revolta da Marinha em relação ao Exército é apenas a ponta do *iceberg* de um ditador que, assumindo a presidência, devido à renúncia do Marechal Deodoro, não convoca eleições, conforme a Constituição, e rechaça os revoltosos que querem o restabelecimento das normas constitucionais.

³⁶⁰LÖWY, op. cit., p. 83.

³⁶¹Idem, Ibidem, p. 85.

³⁶²MATE, op. cit., p. 188. Butim é tudo aquilo que se toma do inimigo numa guerra: “conjunto de bens materiais, escravos e prisioneiros.” In: HOUAISS, op. cit., p. 341.

³⁶³Idem, Ibidem, p. 188.

Se Lima Barreto escreve *Triste fim de Policarpo Quaresma* entre janeiro e março de 1911, ou seja, em apenas três meses, não há dúvida de que estava atento aos acontecimentos históricos. Voltar no tempo, entre 1892 e 1894, e recontar a história a partir do vencido e do fuzilado, frente ao positivismo, coloca o escritor numa tarefa semelhante à do materialista histórico que se afasta da “transmissão na qual ele passou de um vencedor a outro. Por isso, o materialista histórico, na medida do possível, se afasta da transmissão.”³⁶⁴ Por isso, ainda, “Ele considera como sua tarefa escovar a história a contrapelo.”³⁶⁵, conforme vimos na Tese VII, de Walter Benjamin.

As riquezas naturais do Brasil estariam a serviço de “medidas progressivas”³⁶⁶ na visão do protagonista. Vejamos a petição e/ou requerimento de Policarpo Quaresma:

Policarpo Quaresma, cidadão brasileiro, funcionário público, certo de que a língua portuguesa é emprestada ao Brasil; certo também de que, por esse fato, o falar e o escrever em geral, sobretudo no campo das letras, se veem na humilhante contingência de sofrer continuamente censuras ásperas dos *proprietários da língua*; sabendo, além, que, dentro do nosso país, os autores e os escritores, *com especialidade os gramáticos, não se entendem no tocante à correção gramatical*, vendo-se, diariamente, surgir azedas polêmicas entre os mais profundos estudiosos do nosso idioma – usando do direito que lhe confere a Constituição, vem pedir que o Congresso Nacional decrete o tupi-guarani, como língua oficial e nacional do povo brasileiro.

O suplicante, deixando de parte os argumentos históricos que militam em favor de sua ideia, pede vênica para lembrar que a língua é a mais alta manifestação da inteligência de um povo, é a sua criação mais viva e original; e, portanto, a emancipação política do país requer como complemento e consequência a sua emancipação idiomática.

Demais, Senhores Congressistas, o tupi-guarani, língua originalíssima, aglutinante, é verdade, mas

³⁶⁴LÖWY, op. cit., p. 70.

³⁶⁵Loc. cit.

³⁶⁶BARRETO, op. cit., nota 346, p. 32. Grifos nossos.

a que o polissintetismo dá múltiplas feições de riqueza, é a única capaz de traduzir as nossas belezas, de pôr-nos em relação com a nossa natureza e adaptar-se perfeitamente aos nossos órgãos vocais e cerebrais, por ser criação de povos que aqui viveram e ainda vivem, portanto possuidores da organização fisiológica e psicológica para que tendemos, *evitando-se dessa forma as estéreis controvérsias gramaticais*, oriundas de uma difícil adaptação de uma língua de outra região à nossa organização cerebral e ao nosso aparelho vocal – *controvérsias que tanto empecem o progresso da nossa cultura literária, científica e filosófica*.

Seguro de que a sabedoria dos legisladores saberá encontrar meios para realizar semelhante medida e cômescio de que a Câmara e o Senado pesarão o seu alcance e utilidade

P. e E. deferimento. ³⁶⁷

Nosso propósito, ao transcrever o requerimento de Policarpo Quaresma na íntegra, é analisá-lo de forma mais completa. Ora, logo de saída, esse brasileiro, funcionário público, critica veementemente os chamados “proprietários da língua” que impingem aos que falam e escrevem, de forma geral, “censuras ásperas”. O estado totalitário aplica “censuras” à linguagem falada e escrita da população, de forma geral, quando os chamados “gramáticos não se entendem no tocante à correção gramatical”.

No primeiro parágrafo da petição o mais importante é: acabar com as “azedas polêmicas entre os mais profundos estudiosos do nosso idioma”. Estas são as explicações necessárias e “visionárias” da petição e, neste aspecto, Lima Barreto se antecipa não somente quanto aos modernistas, mas também em relação aos estudos linguísticos que se estabelecerão de vez no Brasil. Até mesmo o tupi-guarani, que tanta gargalhada provocou na população em geral, será um dos pilares para se preservar a própria língua, no que esta tem de formação de vocábulos e de estudos filológicos, considerando-se a linguística. Além disso, sendo cidadão brasileiro, lembra Policarpo Quaresma que o ato de requerer algo é um “direito que lhe confere a Constituição”.

No segundo parágrafo da petição, o “suplicante” retoma “os argumentos históricos”, lembrando que “a emancipação política do país

³⁶⁷BARRETO, op. cit., nota 346, p. 81. Grifos nossos.

requer como complemento e consequência a sua emancipação idiomática”. Mencionando mais uma vez o crítico literário Robert Oakley, trata-se de uma “luta discursiva”³⁶⁸. Com o requerimento, o que Policarpo deseja é a emancipação social e política no plano interno em relação aos “proprietários da língua”, estes que querem se diferenciar, “sobretudo no campo das letras”, do falar e do escrever da população em geral.

Nessa linha de pensamento é que o protagonista revela amplo conhecimento linguístico, o que o distancia de qualquer característica irresponsável ou da galhofa. É que muitos, em especial a imprensa e os colegas de repartição do protagonista, não leem a petição na íntegra e se atêm, tão somente, à frase “decrete o tupi-guarani como língua oficial e nacional do povo brasileiro”. Nesta acepção de entendimento, restrito a apenas uma frase, a petição possui um sentido de independência linguística da língua portuguesa que “é emprestada ao Brasil”. Esta “luta discursiva” poderia ser aplicada também, dentro da proposta do crítico Oakley, em relação a Portugal. Não é apenas um problema interno do Brasil que, devido aos gramáticos, não se entende, gerando uma língua oficial e outra falada e escrita à sua maneira pelo povo em geral, sendo julgada como “vulgar” e “ignorante” pela classe dominante.³⁶⁹ A pirâmide de concentração cultural é mantida pela elite que “sabe falar e sabe escrever bem”, enquanto a maior parte da população não sabe ler a própria petição de Policarpo. Este fato é constatável no romance, sendo Policarpo ironizado na repartição pública em que trabalha. O *leitmotiv* do protagonista para a escrita da petição são as divergências entre os gramáticos, que não se entendem.

No terceiro parágrafo, a petição afirma que o tupi-guarani é língua “originalíssima [...] criação de povos que aqui viveram e ainda vivem”. O protagonista adota a língua dos vencidos e não a do vencedor, transcendendo, ainda, esta dicotomia: a língua do vencedor não é a língua portuguesa “emprestada ao Brasil”, mas a dos gramáticos que geram celeumas “azedas” com “estéreis controvérsias gramaticais”. Portanto, o objetivo principal do requerimento não seria unicamente o de adotar a língua tupi-guarani, mas o de acabar com as controvérsias gramaticais que “tanto empecem o progresso da nossa cultura literária, científica e filosófica”. O primeiro campo de batalha é, portanto, o de

³⁶⁸OAKLEY, op.cit., p. 152.

³⁶⁹Para análise mais aprofundada do tema ver: BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico: o que é e como se faz*. São Paulo: Edições Loyola, 1999. Ver ainda: SILVA, Fábio Lopes da; MOURA, Heronides Maurílio de Melo. *O direito à fala: a questão do preconceito*. Florianópolis: Insular, 2000.

valorizar a fala e a escrita do povo em geral, em contraste com a “escrita dos gramáticos”. Tudo a favor, num primeiro plano, do “progresso da nossa cultura literária”. A questão é muito mais séria. O riso de boa parte dos leitores, na época, apenas indica o grau de incompreensão, pois a petição aparece num momento político de grande tensão.

Policarpo Quaresma está na contramão do progresso positivista, pois adota a história dos vencidos quando redige a petição e/ou requerimento mencionado. A adoção da língua tupi-guarani e as canções populares de origem africana demonstram que Policarpo passará por inúmeras transformações, adquirindo consciência de que suas pretensões iniciais de progresso nada modificaram o estado vigente dos vencedores, ou seja, da classe dirigente. Antes, serviram de escárnio e de motivo para o riso contagioso da população de maneira geral. Torna-se, ele mesmo, folclórico para o senso comum.

É necessário entendermos a função do narrador em terceira pessoa: ele restabelece o equilíbrio crítico na defesa incondicional do personagem diante da sociedade, enriquecendo-o com qualidades. O narrador nos leva a sentir profunda simpatia pelo nacionalismo de Policarpo. Mas que nacionalismo é esse? É um questionamento importante: Policarpo Quaresma não adota o nacionalismo xenófobo em relação às pessoas, tanto que tem por compadre o personagem italiano Coleoni. O nacionalismo do protagonista utiliza-se do idioma tupi-guarani mais para fazer ironia aos chamados por ele de “proprietários da língua”, ou seja, aos gramáticos que encaram a norma culta de linguagem como marca de distinção social, em detrimento da escrita e da fala simples do povo em geral, julgadas como “vulgar”. As chamadas “censuras” ressoarão pelo tempo e, salvo engano, apesar dos avanços nos estudos linguísticos, ainda pisa e esmaga muitas “florezinhas pelo caminho”.³⁷⁰

Há contrastes que se formam entre o patriota Policarpo e a grandiosa publicidade que a petição adquire:

Tudo isto irritava profundamente Quaresma. Vivendo há trinta anos quase só, sem se chocar com o mundo, adquirira uma sensibilidade muito viva e capaz de sofrer profundamente com a menor cousa. Nunca sofrera críticas, nunca se atirou à publicidade, vivia imerso no seu sonho,

³⁷⁰ Frase atribuída a Hegel quando diz que a história avança pisoteando as florzinhas na beira do caminho. In: MATE, op.cit., p. 30. Há, ainda, a versão de Darwin quando diz que só sobrevivem os melhores e os mais fortes.

incubado e mantido vivo pelo calor dos seus livros. Fora deles, ele não conhecia ninguém; e, com as pessoas com quem falava, trocava pequenas banalidades, ditos de todo o dia, cousas com que sua alma e o seu coração nada tinham que ver.³⁷¹

O requerimento de Quaresma é, basicamente, linguístico. Seu patriotismo público volta-se para a linguagem, em especial para os gramáticos. Sabemos que o nacionalismo do protagonista se expande para outras áreas como, por exemplo, na utilização de produtos nacionais. O protagonista escreve, age e, afinal, a petição é um risco ao se tornar pública, trazendo mais decepções e nenhuma compreensão da classe dirigente política ou da população em geral. É possível que somente o compadre Coleoni, a afilhada Olga e Ricardo Coração “dos Outros” terão entendimento mais humano, não atribuindo às ações do personagem qualquer loucura.

O nacionalismo em *Triste fim de Policarpo Quaresma* aborda questões econômicas, sociais e políticas quando trata da linguística e não apenas da adoção do tupi-guarani, pois o “suplicante” ultrapassa esse viés quando critica o gramático de plantão. Esse nacionalismo de Policarpo é diferente daquele desenvolvido pelo fascismo e pelo nazismo, nas Teses de Walter Benjamin, em que se está baseado muito mais num princípio de consanguinidade. Por outro lado, Policarpo Quaresma, ao defender o tupi-guarani como língua oficial do Brasil, se alinha aos chamados pela suposta “civilização” de povos primitivos, sendo esse um dos motivos da pilhéria que sofre o requerimento na visão da população em geral, especificamente na repartição pública em que trabalhava:

A centralidade do sangue e da terra, na hora de definir a espiritualidade do homem, aponta na direção do racismo. Se o espírito do homem é dado pela pertença ao sangue e à terra, por que não organizar socialmente os homens tendo como referência a consanguinidade? O hitlerismo propõe isso sem corar. O que convém deixar bem claro é que, ao fazê-lo, *não se alinha com os povos primitivos*, mas com os seus contemporâneos.³⁷²

³⁷¹BARRETO, op. cit., nota 346, p. 82.

³⁷²MATE, op. cit., p. 196. Grifos nossos.

Para Policarpo Quaresma, a noção de pátria é modificada ao longo do romance: se no início é um defensor incondicional, ao final terá mais questionamentos e a consciência de que essa noção foi plantada não para igualar, mas para distinguir povos inteiros, superiores no que diz respeito ao progresso científico, literário, filosófico e também a um suposto conceito de raça.

A “apocatástase”, conforme vimos na Tese III, de Walter Benjamin, no sentido de que “significa também, a volta de todas as coisas a seu estado originário – no Evangelho, o restabelecimento do Paraíso pelo Messias”³⁷³, pode ser aplicada igualmente ao romance e ao requerimento de Policarpo Quaresma, que procura restabelecer o estado natural da língua, no caso, o tupi-guarani, fazendo reverência ao vencido e utilizando *ad hoc* argumentos perfeitamente válidos: acabar com a distinção social da linguagem e evitar a propriedade privada dessa mesma linguagem por um suposto grupo eleito, superior, afastado daqueles de raça “inferior”. Não apenas os da tribo tupi-guarani, mas qualquer cidadão que não tenha na ponta da língua o que prescrevem os gramáticos, considerando-se ainda a forte situação de analfabetismo e exclusão social existente no país logo após a proclamação da República.

A validade da petição de Policarpo Quaresma também se transforma no que ela subentende de extinção da suposta classe superior em relação aos inferiores, ou seja, os que não detêm a propriedade da língua. Nesse caso, ter é reter e a língua, como produto social, podendo ser compreendida como um “bem material simbólico” e, numa possível analogia, ser comparada à “mercadoria”. Policarpo também critica o que não está presente, ou seja, a língua portuguesa “emprestada ao Brasil”: a população que sabe falar e escrever “bem”, para os gramáticos, é aquela que viaja para o exterior e volta com vocabulário capaz de denotar distinção social em relação aos autóctones. Analisar a petição “apenas” como pilhéria ou facécia é retirar o que ela tem de mais sério: a extinção de classes, ao menos no plano da linguagem. Para o protagonista, a “civilização” quer se diferenciar dos bárbaros da linguagem. Salvo engano, Quaresma parece efetuar os seguintes questionamentos: por que o progresso não considera, então, a língua tupi-guarani como a mais natural e mais coerente? Onde estariam os bárbaros da linguagem? Lima Barreto é um moderno e, por meio do narrador do *Triste fim de Policarpo Quaresma*, pede para ser livre:

³⁷³LÖWY, op. cit., p. 55.

Recordemos que a Modernidade se libertou do poder normativo do passado para sentir-se livre: livre para avançar cientificamente sem os preconceitos religiosos que faziam da Bíblia o manual da medicina ou da astronomia; livre para progredir na construção de uma cidade mais habitável; livre para propor uma moral ao alcance de todos. No progresso, haviam se depositado as esperanças de uma época convencida de que, seguindo esse curso, o homem se afastava da barbárie da qual procedia, ao mesmo tempo que alcançava a realização de seus sonhos mais humanitários. Como jogar agora tudo ao mar e proclamar a barbárie do progresso?³⁷⁴

Em *Triste fim de Policarpo Quaresma*, o narrador em terceira pessoa faz inúmeros questionamentos sobre a ideologia da ordem e do progresso. No final da narrativa, as reivindicações do protagonista e sua defesa incondicional dos presos políticos, além das mudanças pelas quais ele passa, transformam-no praticamente num mártir. Já na petição inicial, a par da ironia do requerente para com os gramáticos normativos, podemos observar com mais detalhes que, à medida que a barbárie aumenta, mais humano ele se torna, mais coerente com suas convicções, mais verossímil com ele mesmo. Essa coerência interna do romance permitirá a Lima Barreto usufruir relativamente, em vida, de certo prestígio como escritor:

Como lhe parecia ilógico com ele mesmo estar ali metido naquele estreito calabouço. Pois ele, o Quaresma plácido, o Quaresma de tão profundos pensamentos patrióticos, merecia aquele triste fim? De que maneira sorrateira o Destino o arrastara até ali, sem que ele pudesse pressentir o seu extravagante propósito, tão aparentemente sem relação com o resto da sua vida? Teria sido ele com os seus atos passados, com as suas ações encadeadas no tempo, que fizera *com que aquele velho deus* docilmente o trouxesse até à execução de tal desígnio? Ou teriam sido os fatos externos, que venceram a ele, Quaresma, e fizeram-no escravo da sentença da onnipotente divindade?

³⁷⁴MATE, op. cit., p. 213.

Ele não sabia, e, quando teimava em pensar, as duas cousas se baralhavam, se emaranhavam e a conclusão certa e exata lhe fugia.³⁷⁵

O “deus” a que se refere o narrador tanto pode ser o ditador Floriano Peixoto, quanto o “progresso”³⁷⁶, este que leva a suposta “civilização” à barbárie. O que se revela na narrativa é o regime totalitário, o estado de exceção permanente dos oprimidos, neste caso, a população humilde incitada pelo arsenal da Marinha e, provavelmente, por muitos soldados que, sem generalizar, nem sabiam o que estavam fazendo durante a Revolta Armada.

Quaresma representa a plácida nação brasileira, não a dos vencedores, mas a dos humildes e humilhados. Humilhado ele próprio por reivindicar o que para muitos é anacrônico: a adoção da língua oficial como sendo a tupi-guarani, a fim de acabar com as azedas controvérsias dos gramáticos. É como se o narrador nos perguntasse: aquele velho deus, tão doce, quem é? Seria o Destino? Seria o progresso? Seria o ditador Floriano Peixoto? Ao mesmo tempo, o saber gramático normativo torna-se um bem cultural, arrastado pelo país afora, apagando a cultura indígena que tanto contribuiu para nossa formação. O princípio de “redenção” na forma religiosa se aplica aos índios mortos e, de forma profana, aos índios vivos. O embate passa da “luta discursiva”, sempre por meio de documentos, como a petição inicial ou a carta a Floriano Peixoto, até ao alistamento militar voluntário do “major” Quaresma, para o campo da batalha política, em que o protagonista ingenuamente se insere na tempestade de uma guerra e, mais tarde, vê-se numa situação de enfrentamento com o poder dominante. Ele, que no início da narrativa “aspirava o *hálito da guerra*”, experimentará na pele o poder autocrático de um ditador. Não há dúvida ser esta uma das transformações fundamentais no romance de Lima Barreto.

Com tais considerações, podemos passar para a Tese X, lembrando que Policarpo Quaresma, no início da narrativa, acreditava no progresso como se este fosse o dínamo propulsor da sociedade, capaz de melhorar as relações entre os seres humanos, e também no militarismo em direção a esse progresso, à ordem e à guerra:

³⁷⁵ BARRETO, op. cit., nota 349, p. 283. Grifos nossos.

³⁷⁶ “O mal do progresso é o esquecimento”. In: MATE, op. cit., p. 52.

Tese X

Os objetos que a regra monacal propunha aos monges para a meditação tinham a tarefa de torná-los avessos ao mundo e à sua agitação. O curso de pensamento que aqui perseguimos emergiu de uma determinação semelhante. Num instante em que os políticos, em quem os adversários do fascismo tinham colocado as suas esperanças, jazem por terra e reforçam sua derrota com a traição à própria causa, esse curso de pensamento se propõe a desvencilhar os filhos políticos deste século dos liames com que os políticos os tinham enredado. Partimos da consideração de que a crença obstinada desses políticos no progresso, sua confiança em sua “base de massa” e, finalmente, sua submissão servil a um aparelho incontrolável, foram três aspectos de uma única e mesma coisa. Essa consideração procura dar uma ideia do quanto *custa* a nosso pensamento habitual elaborar uma concepção da história que evite toda e qualquer cumplicidade com aquela a que esses interesses políticos continuam a se apegar.³⁷⁷

Os políticos, em sua crença “obstinada no progresso”, confiantes em sua “base de massa” e na sua “submissão servil a um aparelho incontrolável”, assumem os aspectos de cumplicidade aos quais os “interesses políticos continuam a se apegar”. Ainda que a Tese X faça referência ao nazismo e ao fascismo, ela bem pode ser aplicada ao ditador Floriano Peixoto que, guardadas as diferenças no tempo e no contexto histórico brasileiros, levou as massas a acreditarem no conceito de “pátria militarizada”, em tempos de aço e de ferro, arrastando os bens culturais necessários para a manutenção do *status quo* da classe dirigente, inclusive a política, por meio da “grei florianista”.

A primeira frase desta Tese X se aplica muito bem ao Policarpo Quaresma que, após a publicidade e o escárnio da sociedade, refugia-se no sítio “Sossego”. O narrador fala em “tempestade” anterior, quando Quaresma permanece no manicômio por seis meses: “Quaresma saiu envolvido, penetrado da tristeza do manicômio.”³⁷⁸ Retirar-se ao sítio Sossego, ao estilo monacal da Tese X, poderia funcionar como um

³⁷⁷LÖWY, op. cit., p. 96. Grifos nossos.

³⁷⁸BARRETO, op. cit., nota 346, p. 117.

lenitivo para o seu desespero, embora o significado, para Walter Benjamin, seja o de manter distanciamento crítico, para melhor compreensão histórica: “Entrava-se, viam-se uns homens calmos, pensativos, meditabundos, *como monges em recolhimento e prece.*”³⁷⁹ No caso de Policarpo Quaresma, era para fugir do escárnio da sociedade que o perseguia desde a elaboração da petição: “Uma ilustração semanal publicou-lhe a caricatura e o major foi apontado na rua.”³⁸⁰ Além disso, a repartição pública em que trabalhava “ficou furiosa”³⁸¹, pois, por engano e inconscientemente, Policarpo redigiu um documento no idioma tupi:

Quaresma nem levantou os olhos do papel. Fosse pelas palavras em tupi que se encontravam na minuta, fosse pela alusão do funcionário Carmo, o certo é que ele insensivelmente foi traduzindo a peça oficial para o idioma indígena.³⁸²

Atarefado e distraído por outros, Policarpo “esqueceu-se e o ofício em tupi seguiu com os companheiros. O diretor não reparou, assinou e o tupinambá foi dar ao ministério.”³⁸³ Esta é outra tempestade que o assola, sendo suspenso pelo diretor: “Considere-se suspenso, até segunda ordem.”³⁸⁴ Sequestrado a um terrível manicômio, no Pinel e no Esquirol, vivendo numa “sepultura em vida”, é que posteriormente Policarpo Quaresma se refugia no sítio Sossego, sem ambição de fortuna, mas por um projeto de “trabalho agrícola”:

E foi obedecendo a essa ordem de ideias que comprou aquele sítio, cujo nome – “Sossego” – cabia tão bem à nova vida que adotara, *após a tempestade* que o sacudira durante quase um ano. Não ficava longe do Rio e ele o escolhera assim mesmo maltratado, abandonado, para melhor demonstrar a força e o poder da tenacidade, do carinho, no trabalho agrícola. Esperava grandes colheitas de frutas, de grão, de legumes; e do seu exemplo, nasceriam mil outros cultivadores,

³⁷⁹BARRETO, op. cit., p. 96. Grifos nossos.

³⁸⁰Idem, Ibidem, p. 81.

³⁸¹BARRETO, op. cit., nota 346, p. 83.

³⁸²Idem, Ibidem, p. 91

³⁸³Loc. cit.

³⁸⁴Idem, Ibidem, p. 93.

estando em breve a grande capital cercada de um verdadeiro celeiro, virente e abundante a dispensar os argentinos e europeus.³⁸⁵

A petição, com a adoção do tupi-guarani como língua oficial do Brasil, tornou-se a ironia, o sarcasmo, a troça, a pilhéria, a discriminação e o isolamento, pois para a maioria da população Policarpo Quaresma era um louco e tinha delírios de perseguição. Era preciso interná-lo.

Após a saída do manicômio, Policarpo refugia-se no sítio Sossego, levando consigo a crença e agindo para que o progresso científico, aplicado ao campo, à lavoura, ao cultivo da mãe terra, mãe dos frutos e dos seres humanos, funcionasse. E é o que nos afirma o narrador sobre a agricultura, o policarpir do protagonista, tornando-se a capital “cercada de um verdadeiro celeiro”, próspero e “virente”, verdejante, dispensando as importações dos “argentinos e europeus”. O Brasil é um celeiro agrícola para Quaresma, que procura paz e trabalho no sítio “Sossego”. Assim, ficam estabelecidos contrastes entre a cidade e o campo “depois de ter sofrido a miséria da cidade e o emasculamento da repartição pública, durante tanto tempo!”³⁸⁶

Um dos principais contrastes, no sítio Sossego, se produzirá entre a leitura autodidata de Quaresma e a aprendizagem pragmática do negro agregado Anastácio, ex-escravo. Novamente, a “luta discursiva” se trava entre a cultura livresca e a sabedoria popular. A inversão proposta é esta: o negro Anastácio tem muito a ensinar ao autodidata Quaresma. Quem ensina é o ex-escravo e não os livros, inversão fabulosa do romance. É também um campo de luta em que a cultura pertence ao negro. Os negros fogem para o campo como possibilidade de redenção profana, dentro da teoria de Walter Benjamin, logo após os acontecimentos de 1888:

Às primeiras semanas que passou no “Sossego”, Quaresma as empregou numa exploração em regra da sua nova propriedade. Havia nela terra bastante, velhas árvores frutíferas, um capoeirão grosso com camarás, bacurubus, tinguacibas, tibibuias³⁸⁷, munjolos, e outros espécimens. Anastácio que o acompanhara, apelava para as suas recordações de antigo escravo de fazenda, e

³⁸⁵BARRETO, op. cit., p. 119. Grifos nossos.

³⁸⁶BARRETO, op. cit., nota 346, p. 120.

³⁸⁷Deve se referir a tabebuias, espécie de ipês: amarelo, roxo e outras cores.

*era quem ensinava os nomes dos indivíduos da mata a Quaresma muito lido e sabido em cousas brasileiras.*³⁸⁸

Outra relação que podemos estabelecer com a Tese X é a “crença obstinada desses políticos no progresso, sua confiança em sua ‘base de massa’ e, por último, sua submissão servil a um aparelho incontrolável, foram três aspectos de uma única e mesma coisa.” Para Policarpo Quaresma, os acontecimentos históricos a que ele se vê exposto parecem incontroláveis, como no caso do enredamento político executado pelo escrivão da coletoria, Antonio Dutra:

O serventuário do fisco ficou espantado. Havia no mundo um homem que, sabendo e morando no município de Curuzu, não se incomodasse com a briga do Senador Guariba com o governador do Estado! Não era possível! Pensou e sorriu levemente. Com certeza, disse ele consigo, este malandro quer ficar bem com os dous, para depois arranjar-se sem dificuldade. *Estava tirando sardinha com mão de gato...* Aquilo devia ser um ambicioso matreiro; era preciso cortar as asas daquele “estrangeiro”, que vinha não se sabe donde!³⁸⁹

Aos olhos do escrivão, Quaresma é um estrangeiro em seu próprio país. Mas o narrador afirma sobre o protagonista, diante das contendas republicanas: “O sufrágio universal pareceu-lhe um flagelo.”³⁹⁰ É no sítio Sossego que Policarpo Quaresma começa a desenvolver crítica severa ao sistema político e, ainda que esteja apenas no início, há um esboço de consciência crítica do personagem que se refugia, a exemplo dos monges da Tese X, meditando, analisando e observando o sistema social, político e econômico do município de Curuzu. Desde seu sequestro junto ao manicômio, Policarpo inicia um distanciamento crítico necessário, ainda que não tenha perdido totalmente o seu *hálito de guerra e de Pátria*.

Na visita da afilhada Olga e do seu marido, Armando Borges, ao sítio “Sossego”, constatamos muito bem a distinção de classe, pois a afilhada de Quaresma, filha de Coleoni, casara-se com homem arrivista

³⁸⁸ BARRETO, op. cit., nota 346, p. 120-121. Grifos nossos.

³⁸⁹ Idem, Ibidem, p. 128-129. Grifos nossos.

³⁹⁰ Idem, ibidem, p. 129.

e “cavador” e não caberia a esse “homem” qualquer relação com um “sujeito sem título”, como Quaresma que, além de louco, é visto com desdém:

O marido tinha resistido muito em acompanhá-la até ali. Não lhe parecia bem aquela intimidade com um sujeito sem título, sem posição brilhante e sem fortuna. Ele não compreendia como o seu sogro, apesar de tudo um homem rico, de outra esfera, tinha podido manter e estreitar relações com um pequeno empregado de uma repartição secundária, e até fazê-lo seu compadre! Que o contrário se desse, era justo; mas como estava a coisa parecia que abalava toda a hierarquia da sociedade nacional.³⁹¹

Além disso, o que Policarpo lê no hebdomadário situacionista, chamado *O Município*, apresenta-se quase em forma de poesia e/ou música, espécie de marchinha carnavalesca com tom africano, marcando-lhe profundamente o corpo, depois de tanto trabalho no campo, em que emerge a policultura, caracterizando o Brasil como “país celeiro”. Essa espécie de modinha tem elementos africanos e é uma resposta do jornal situacionista ao distanciamento crítico e político de Policarpo Quaresma, utilizando-se de expressões, como “curuzu”, que pode ser entendido como excremento ou terreno cheio de pedregulhos, e “cocumbi” ou “cucumbi”, que numa de suas acepções poderia ser entendido como dança africana, própria da puberdade. A ironia de Lima Barreto se dá pela “luta discursiva” que, no município de Curuzu, assume tons africanos. No fundo do painel, o narrador retoma a junção de dois eixos fundamentais de nossa formação linguística: nossas raízes ameríndias e nossas raízes africanas. A ironia narrativa se estabelece, ainda, em duas frentes: pela petição, contra os chamados *proprietários da língua*, e pela modinha/poema, contra a política local de Curuzu.

Quais as pretensões de Lima Barreto com essa espécie de canção poema? Podemos levantar a seguinte hipótese: a política de Curuzu é a política do excremento em terreno cheio de pedregulho e Quaresma deve deixar o campo e voltar à sua habitual mania de redigir em tupi. Os adversários políticos de Quaresma querem, considerando que ele não entra para o cortejo triunfal em homenagem aos vencedores da política local, que ele saia do campo e volte para a cidade. As tentativas

³⁹¹BARRETO, op. cit., nota 346, p. 157-158.

efetuadas por Quaresma para incrementar a agricultura são violentamente vilipendiadas pelos corruptos de plantão que só serão interrompidos pela luta maior, em favor do ditador Floriano Peixoto. Saúvas na agricultura; excremento e cascalhos na política. “Ao vencedor, as batatas”:

POLÍTICA DE CURUZU
 Quaresma, meu bem, Quaresma!
 Quaresma do coração!
 Deixa as batatas em paz,
 Deixa em paz o feijão.
 Jeito não tens para isso
 Quaresma, meu cucumbi!
 Volta à mania antiga
 De redigir em tupi.
 OLHO VIVO.³⁹²

Quaresma se vê, assim, exposto ao ridículo perante a sociedade local do município de Curuzu. Foi para o sítio “Sossego” para se esquecer da tempestade anterior e, agora, aparece-lhe outra, tão corrosiva quanto. Não bastasse tudo isso, em forma de degradação moral do personagem perante a sociedade do seu tempo, o escritor Antônio Dutra, o Antonino, que estivera no sítio “Sossego” a pedir contribuição financeira, o chamado óbolo, espalha a seguinte notícia pela cidade:

Acreditavam todos que o major viera para ali no intuito de fazer política, tanto assim que dava esmolas, deixava o povo fazer lenha no seu mato, distribuía remédios homeopáticos... O Antonino afirmara que havia de desmascarar semelhante tartufo.³⁹³

Quaresma se vê, portanto, enredado pela política, sem jamais ter tido a pretensão de fazer parte dela. Não fora traidor e não pactuou com qualquer partido ou regime político. *Uma ferroada no peito do pé* é expressão do narrador em meio a milhares de saúvas:

³⁹²BARRETO, op. cit., nota 346, p. 159. Curuzu significa excremento numa primeira acepção e, numa segunda acepção, “amontoado de cascalhos de mineração”. Já cucumbi significa instrumento musical de origem africana, utilizado em festas da puberdade. Conforme: HOUAISS, op. cit., p. 589 e p. 581, respectivamente.

³⁹³Idem, ibidem, p. 160.

Abriu a porta; nada viu. Ia procurar nos cantos, quando sentiu *uma ferroadada no peito do pé*. Quase gritou. Abaixou a vela para ver melhor e deu com uma enorme saúva agarrada com toda a fúria à sua pele magra. Descobriu a origem da bulha. Eram formigas que, por um buraco no assoalho, lhe tinham invadido a despensa e carregavam as suas reservas de milho e feijão, cujos recipientes tinham sido deixados abertos por inadvertência. O chão estava negro, e carregadas com os grãos, elas, em pelotões cerrados, mergulhavam no solo em busca da sua cidade subterrânea.³⁹⁴

Se fugir para o sítio “Sossego” poderia ter o significado de fugir da tempestade anterior e vestir o talante de monge, com muito trabalho, dentro da proposta crítica de história por Walter Benjamin, também significava manter o distanciamento crítico em relação ao que ele mesmo estava passando, ou seja, suas dificuldades de entendimento com o escrivão Antonino, com os políticos locais ou ainda com as saúvas. Ele tem fé cega no progresso da lavoura, no comércio dos produtos agrícolas, na terra do Brasil, nos governos, no trabalho como fonte de distribuição de alimentos. São muitas as decepções de Quaresma.

Um dos problemas de Policarpo é acreditar na guerra, no furacão do progresso como panaceia de todos os males, esquecendo-se, como o próprio progresso se esquece, dos direitos universais humanos, das teias políticas e das saúvas:

Era de vê-lo, coberto com um chapéu de palha de coco, atracado a um grande enxadão de cabo nodoso, ele, muito pequeno, míope, a dar golpes sobre golpes para arrancar um teimoso pé de guaximba. A sua enxada mais parecia uma draga, um escavador, que um pequeno instrumento agrícola. Anastácio, junto ao patrão, olhava-o com piedade e espanto. Por gosto andar naquele sol a capinar sem saber?... Há cada cousa neste mundo! E os dous iam continuando. O velho preto, ligeiro, rápido, raspando o mato rasteiro, com a mão habituada, a cujo impulso a enxada resvalava sem obstáculo pelo solo, destruindo a erva má; Quaresma, furioso, a arrancar torrões de terra

³⁹⁴BARRETO, op. cit., nota 346, p. 166. Grifos nossos.

daqui, dali, demorando-se muito em cada arbusto e, às vezes, quando o golpe falhava e a lâmina do instrumento roçava a terra, a força era tanta que se erguia uma poeira infernal, fazendo supor que por aquelas paragens passara um pelotão de cavalaria. Anastácio, então, intervinha humildemente, mas em tom professoral:

— Não é assim, “seu majó”. Não se mete a enxada pela terra adentro. É de leve, assim.³⁹⁵

O trabalho para Policarpo não é tanto para produzir riquezas, pois o protagonista não é ambicioso, mas por sua crença e entusiasmo no conceito de progresso: “Havia em Quaresma um entusiasmo sincero, entusiasmo de ideólogo que quer pôr em prática a sua ideia.”³⁹⁶ Ao mesmo tempo, o tom “professoral” de Anastácio, que conhece muito mais a terra e não tem formação livresca, ensina o “douto” Policarpo Quaresma o que é a práxis da lavoura, de não arrancar, de não machucar a terra inutilmente. Contraste em que o continente africano vem representado pelo trabalho empático em relação à natureza, não como mera transmissão, mas como a tradição autêntica, dentro da proposta de Walter Benjamin, conforme também apontamos no romance *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá*.

Quaresma possui crença ingênua no trabalho como *redentor* de seus sofrimentos, não imaginando que outras tempestades virão. É como se ele acreditasse não apenas no progresso, no regime republicano, mas também em seus lemas positivistas. No entanto, a relação que se estabelece entre ele e o contexto gera uma enorme tensão, sendo visto pela população como um ser anacrônico. Vejamos alguns desses acontecimentos: o requerimento linguístico para acabar com as contendas dos gramáticos e para que se adotasse o tupi-guarani; a possibilidade da extinção de classes com sua proposta; a publicidade e o escárnio em relação a Policarpo Quaresma, na grande imprensa ou na Secretaria de Guerra, em que ele recebera a alcunha de Ubirajara; a internação como louco; o refúgio no sítio “Sossego”; a aprendizagem com o negro Anastácio, derruindo sua leitura de mundo a partir dos livros: “Os azares de leituras tinham-no levado a estudar as ciências naturais e o furor autodita dera a Quaresma sólidas noções de Botânica, Zoologia, Mineralogia e Geologia.”³⁹⁷ Além desses aspectos, temos

³⁹⁵ BARRETO, op. cit., nota 346, p. 122-123.

³⁹⁶ Idem, Ibidem, p. 124.

³⁹⁷ Idem, Ibidem, p. 121.

outros: o não sossego na visita do político Antônio Dutra e do arrivista Armando Borges, marido de Olga; o enredamento político, ainda que ele não quisesse; a opinião pública; as cobranças da irmã Adelaide para que ele fosse “normal”:

A velha irmã, atarantada, atordoada, sem direção, sem saber que alvitre tomar. Educada em casa sempre com um homem ao lado, o pai, depois o irmão, ela não sabia lidar com o mundo, com negócios, com as autoridades e pessoas influentes.

³⁹⁸

Podemos elencar ainda: a cobrança abusiva de taxas e emolumentos; as saúvas; os impostos; a cobrança e a obrigação de tomar partido ou cortejar o partido situacionista; a crença no progresso, seja no campo, seja na cidade; a crença no positivismo republicano; e, finalmente, a Revolta Armada. Estes são alguns dos processos que desencadeiam uma severa transformação e consciência política do protagonista que se apresentava, desde o início da narrativa, com não sendo um conformista, mas como um inconformista com a falta de nacionalismo no Brasil, embora não fosse um xenófobo. Sua crença no nacionalismo não retirou a superioridade das coisas nacionais em detrimento das de outras nações, supervalorizando o conceito de pátria, acreditando que tudo funcionaria às mil maravilhas com trabalho e renda. Os prejuízos não serão apenas os financeiros no sítio “Sossego”, mas serão principalmente psicológicos para Policarpo. Entrar no campo político, numa transformação que da “luta discursiva”, dentro da proposta do crítico Oakley, passa para uma “luta política”, ainda que inicialmente seja para defender o ditador, em que o protagonista fica parecido com a irmã “atarantada, atordoada, sem direção, sem saber que alvitre tomar”, embora mais pragmático.

No entanto, sua ingenuidade é flagrante, considerando suas ideias sobre o conceito de pátria e de poder. Tanto que irá se arriscar a defender o suposto lema positivista da *ordem e progresso*, sem discernimento do risco a que estará submetido, levando-se em conta sua longa trajetória de humanidade, de internação no hospício, que ele chamou de “sequestração”.

³⁹⁸BARRETO, op. cit., nota 346, p. 97.

No silêncio, no desespero do hospício e na falta de compreensão da sociedade e da própria irmã Adelaide, esta que não entende suas atitudes de desespero, espécie de incompreensão geral, estão suas inúmeras decepções e seus inúmeros fracassos, que podem explicar boa parte de sua transformação. Além disso, Policarpo Quaresma é frequentemente interpelado pela sociedade, apontado na rua, colocado na berlinda pela imprensa. Isso tudo a partir do requerimento/ofício a que ele tem direito, de acordo com a Constituição do país. Não é paradoxal um direito que a Constituição estabelece e que não possa ser exercido? Do ponto de vista político, algumas destas características estão presentes na Tese XI, de Walter Benjamin:

Tese XI

O conformismo que, desde o início, sentiu-se em casa na social-democracia, adere não só à sua tática política, mas também às suas ideias econômicas. Ele é uma das causas do colapso ulterior. Não há nada que tenha corrompido tanto o operariado alemão quanto a crença de que ele nadava com a correnteza. O desenvolvimento técnico parecia-lhe o declive da correnteza em cujo sentido acreditava nadar. Daí era um só passo até a ilusão de que o trabalho fabril, que se inserisse no sulco do progresso técnico, representaria um feito político. A velha moral protestante do obrar celebrava, em forma secularizada, a sua ressurreição entre os operários alemães. O programa de Gotha em si já traz as marcas dessa confusão. Ele define o trabalho como “a fonte de toda riqueza e de toda cultura”. Pressentindo funestas consequências, Marx replicou que o homem que não possui outra propriedade a não ser sua força de trabalho “tem que ser escravo dos outros homens que (...) se fizeram proprietários.” Malgrado essa advertência, a confusão continua a difundir-se e, pouco depois, Joseph Dietzgen proclama: “Trabalho chama-se o salvador dos tempos recentes... No (...) aperfeiçoamento (...) do trabalho consiste a riqueza, que pode, agora, consumir o que nenhum redentor até hoje consumou.” Esse conceito marxista vulgar do que é o trabalho não se detém

muito na questão de como os trabalhadores tiram proveito do seu produto enquanto dele não podem dispor. Esse conceito só quer se aperceber dos progressos da dominação da natureza, mas não dos retrocessos da sociedade. Ele já mostra os traços tecnocráticos que serão encontrados, mais tarde, no fascismo. A esses pertence um conceito de natureza que, de maneira prenunciadora de sinistros, se destaca do conceito de natureza das utopias socialistas do Pré-Março [de 1848]. O trabalho, como será compreendido a partir de então, se resume na exploração da natureza, que é, assim, com satisfação ingênua, contraposta à exploração do proletariado. Comparadas com essa concepção positivista, as fabulações de um Fourier, que deram tanta margem para escarnecê-lo, revelam o seu surpreendente bom-senso. Segundo Fourier, o trabalho social bem organizado deveria ter por consequência que quatro luas iluminassem a noite terrestre, que o gelo se retirasse dos polos, que a água do mar não fosse mais salgada e que os animais de rapina se pusessem a serviço do homem. Tudo isso ilustra um trabalho que, longe de explorar a natureza, é capaz de dar à luz as criações que dormitam como possíveis em seu seio. A esse conceito corrompido de trabalho pertence, como seu complemento, a natureza que, segundo a expressão de Dietzgen, “está aí grátis”.³⁹⁹

Em linhas gerais, sabemos que o positivismo republicano é transformado em religião por seus adeptos, algo de que Lima Barreto terá horror, não conjugando com a igreja da evolução e do progresso a qualquer custo.

O positivismo é forte aliado da ditadura republicana em *Triste fim de Policarpo Quaresma*. A ideologia do progresso, no romance, é totalmente destituída de significado, tendo em vista que a vítima torna-se alguém que acaba por ficar na contramão do sistema político, principalmente em relação ao Marechal Floriano Peixoto.

O narrador faz questão de mostrar a corveia de mortos como, por exemplo, na festa de casamento da personagem Quinota. Ela é filha do

³⁹⁹LÖWY, op. cit., p. 100.

general Albernaz que, numa cena dessa festa, participava de uma conversa com o almirante Caldas e o major Inocêncio Bustamante. O assunto é sobre a guerra:

O general, o almirante e o major enchiam de pasmo aqueles burgueses pacíficos, *contando batalhas em que não estiveram e pugnas valorosas que não pelejaram.*

Não há como um cidadão pacato, bem comido, tendo tomado alguns vinhos generosos, para apreciar as narrações de guerra. Ele só vê a parte pitoresca, a parte por assim dizer espiritual das batalhas, dos encontros; os tiros são os de salva e se matam é cousa somenos.

*A Morte mesmo, nas narrações feitas assim, perde a sua importância trágica: três mil mortos, só!!*⁴⁰⁰

No Brasil, a República tratará de se aliar ao poderio militar para manter a ordem e o progresso. A Revolta Armada de 1893-1894 aconteceu por conta de brigas internas dos militares, entre a Marinha e o Exército, em que a massa de soldados, em muitos casos, nem sabia do que se tratava e, em outros casos, brigava pelo restabelecimento do regime monarquista, mas todos, quando presos, ficaram abandonados à mercê do vencedor:

Os prisioneiros se amontoavam nas antigas salas de aulas e alojamentos dos aspirantes. Havia simples marinheiros; havia inferiores; havia escreventes e operários de bordo. Brancos, pretos, mulatos, caboclos, gente de todas as cores e todos os sentimentos, gente que se tinha metido em tal aventura pelo hábito de obedecer, gente inteiramente estranha à questão em debate, *gente arrancada à força aos lares ou à calaçaria das ruas*, pequeninos, tenros, ou que se haviam alistado por miséria; gente ignara, simples, às vezes cruel e perversa como crianças inconscientes; às vezes, boa e dócil como um cordeiro, mas, enfim, gente sem responsabilidade, sem anseio político, sem vontade própria, simples

⁴⁰⁰BARRETO, op. cit., nota 346, p. 142. Grifos nossos.

autômatos nas mãos dos chefes e superiores que a tinham abandonado *à mercê do vencedor*.⁴⁰¹

Vemos que os chamados pelo narrador de “simples autômatos”, sem qualquer sentido revolucionário, nos fazem lembrar a Tese I que, sem o “materialismo histórico”, estavam abandonados à mercê do vencedor, este que não para de vencer.

Policarpo Quaresma é mais um patriota iludido pela construção de um sentido de pátria que nos remete a um sentido quase vazio, tendo em vista que os recrutados, “ignaros”, não tinham noção exata do que se tratava. A noção de Policarpo era muito mais no sentido de que um presidente republicano pudesse instituir a ordem e o progresso.

A Revolta Armada, hipocritamente, uniu forças para o chamado *tempo de aço*, para utilizar expressão de Walter Benjamin:

A revolta tinha tido sobre a política local efeito pacificador. Todos os partidos se fizeram dedicadamente governistas, de forma que, entre os dous poderosos contendores, o doutor Campos e o Tenente Antonino, houve um traço de união que os reconciliou e os fez entenderem-se. Ao osso que ambos disputavam encarniçadamente, chegou um outro mais forte que pôs em perigo a segurança de ambos e eles se puseram em expectativa, um instante unidos.⁴⁰²

O conformismo com a República transforma-se, por assim dizer, na defesa do sentido de “pátria”, não apenas para demarcar o Brasil em relação a outras nações, mas muito mais para reafirmar o espírito republicano, representado pelo Marechal de Ferro, Floriano Peixoto, que, mesmo inconstitucionalmente, tinha amplo apoio da população.

O estado de exceção permanente dos oprimidos da Tese VIII, de Walter Benjamin, aparece claramente no trecho:

Bastava a mínima crítica, para se perder o emprego, a liberdade – quem sabe? – a vida também. Ainda estávamos no começo da revolta, mas o régimen já publicara o seu prólogo e todos estavam avisados. O chefe da polícia organizara a lista dos suspeitos. Não havia distinção de posição

⁴⁰¹ BARRETO, op. cit., nota 346, p. 279. Grifos nossos.

⁴⁰² Idem, Ibidem, p. 264.

e talentos. Mereciam as mesmas perseguições do governo um pobre contínuo e um influente senador; um lente e um simples empregado de escritório. Demais surgiam as vinganças mesquinhas, a revide de pequenas implicâncias... Todos mandavam; a autoridade estava em todas as mãos.⁴⁰³

Esses aspectos não serão diferentes da noção de “pátria”, do mandonismo político autocrático, considerando as duas guerras mundiais, estando ainda na origem do fascismo e do nazismo como regimes que têm seus asseclas, têm seus delatores e fazem o cortejo triunfal do vencedor.

A versão militar do major “Quaresma”, nas suas idas e vindas, apenas apregoa as desilusões próprias do personagem com o regime do ditador Floriano Peixoto, num sentido histórico que transcende a própria obra literária. Esta é das maiores qualidades do escritor: saber inserir fatos históricos de relevância com críticas aprofundadas, fazendo-nos entender o presente e iluminar o passado. Não o passado dos vencedores, mas o do oprimido. Lima Barreto, com o protagonista Policarpo Quaresma, *escova a história a contrapelo*, em contraste com a figura autoritária de Floriano Peixoto, que representa o republicanismo e o positivismo, conceitos capazes de ser a religião dos tempos iniciais da República, numa espécie de equação matemática de sentido autômato:

Os militares estavam contentes, especialmente os pequenos, os alferes, os tenentes e os capitães. Para a maioria a satisfação vinha da convicção de que iam estender a sua autoridade sobre o pelotão e a companhia, a todo esse rebanho de civis; mas, em outros muitos havia sentimento mais puro, desinteresse e sinceridade. Eram os adeptos desse nefasto e hipócrita positivismo, um pedantismo tirânico, limitado e estreito, que justificava todas as violências, todos os assassinios, todas as ferocidades *em nome da manutenção da ordem, condição necessária, lá diz ele, ao progresso* e também ao advento do régimen normal, a religião da humanidade, a adoração do grão-fetichismo, com fanhosas músicas de cornetins e versos detestáveis, o paraíso enfim, com inscrições em

⁴⁰³BARRETO, op. cit., nota 346, p. 192. Grifos nossos.

escritura fonética e eleitos calçados com sapatos
de sola de borracha!...⁴⁰⁴

O narrador onisciente de Lima Barreto, em terceira pessoa, vai desmontar paulatinamente essa matemática positivista. Se pensarmos na Tese I, é como se o espectador desmontasse toda a máquina do enxadrista de Maelzel e descobrisse que, por dentro dela, havia um anão articulando, manejando o autômato para vencer todas as partidas. Esta alegoria de Walter Benjamin também nos permite abrir um campo de análise para a capacidade do opressor em transformar a política em algo matemático e positivista, em uma religião, aproximando-se do próprio sentido capitalista de regimes totalitários, quando os interesses e privilégios da classe dominante convergem para a “suposta” manutenção do conceito de desenvolvimento técnico sem limites: o progresso.

O trabalho aplicado ao campo ou à cidade, para Policarpo Quaresma, dentro de um governo autocrático, poderia ingenuamente nos levar a um país melhor. O progresso dos positivistas não tem em mira a melhoria das condições sociais, mas a manutenção do poder de uma classe, neste caso, o da oligarquia militar, juntamente com a sociedade republicana da época. A barbárie de Floriano Peixoto, aos olhos desses mesmos positivistas republicanos, era compreensível e necessária, imbuídos que estavam de interesses individuais e particulares, em detrimento de interesses coletivos:

Essa concepção evolucionista/positivista da história “só quer se aperceber dos progressos da dominação da natureza, mas não dos retrocessos da sociedade”. Encontramo-la, mais tarde, sob outra forma, na ideologia tecnocrática do fascismo. Ao contrário de tantos outros marxistas, Benjamin percebera claramente o aspecto moderno, tecnicamente “avançado” do nazismo, *associando os maiores “progressos” tecnológicos – principalmente no domínio militar – aos mais terríveis retrocessos sociais*. O que foi somente sugerido na tese VIII é, aqui, explicitamente afirmado: o fascismo, apesar de suas manifestações culturais “arcaicas”, é uma manifestação patológica da modernidade industrial/capitalista, que se apoia nas grandes conquistas técnicas do século XX. O que,

⁴⁰⁴BARRETO, op. cit., nota 346, p. 192-193. Grifos nossos.

obviamente, não quer dizer que, para Benjamin, a modernidade não possa tomar outras formas, ou que o progresso técnico seja necessariamente nefasto.⁴⁰⁵

A teoria de Walter Benjamin muito se aplica ao narrador de Lima Barreto, que tem discurso equilibrado contra o positivismo e chega a falar em holocausto, numa severa crítica ao sentido do progresso nacionalista e republicano:

Mas, como é que ele tão sereno, tão lúcido, empregara sua vida, gastara o seu tempo, envelhecera atrás de tal quimera? *Como é que não viu nitidamente a realidade, não a pressentiu logo e se deixou enganar por um falaz ídolo, absorver-se nele, dar-lhe em holocausto toda a sua existência?* Foi o seu isolamento, o seu esquecimento de si mesmo; e assim é que ia para a cova, sem deixar traço seu, sem um filho, sem um amor, sem um beijo mais quente, sem nenhum mesmo, e sem sequer uma asneira!⁴⁰⁶

O tempo de Policarpo Quaresma adquire o sentido de questionamentos, em que o narrador nos leva a seguir suas pegadas. Ele deixa rastros propositadamente, a fim de que os oprimidos possam fazer severa reflexão sobre o vencedor e o opressor:

Contudo, *quem sabe se outros que lhe seguissem as pegadas não seriam mais felizes?* E logo respondeu a si mesmo: mas como? Se não se fizera comunicar, se nada dissera e não prendera o seu sonho, dando-lhe corpo e substância? E esse seguimento adiantaria alguma cousa? E essa continuidade traria enfim para a terra alguma felicidade? Há quantos anos vidas mais valiosas que a dele, se vinham oferecendo, sacrificando e as cousas ficaram na mesma, a terra na mesma miséria, *na mesma opressão, na mesma tristeza.*⁴⁰⁷

⁴⁰⁵ LÖWY, op. cit., p. 103. Grifos nossos.

⁴⁰⁶ BARRETO, op. cit., nota 346, p. 286-287. Grifos nossos.

⁴⁰⁷ Idem, ibidem, p. 287. Grifos nossos.

As reflexões do narrador são bem benjaminianas em relação ao *estado de exceção permanente* e ao nacionalismo positivista que, posteriormente, culminarão em duas guerras mundiais. São os sacrificados pela história dos vencedores e estes continuam vencendo. O narrador é o *Angelus Novus* da Tese IX, de costas para o futuro, olhar fixo e aterrorizante sobre o passado, com as asas fixas, relembrando as vítimas da história:

E ele se lembrava que há bem cem anos, ali, naquele mesmo lugar onde estava, talvez naquela mesma prisão, homens generosos e ilustres estiveram presos por quererem melhorar o estado de cousas de seu tempo. Talvez só tivessem pensado, mas sofreram pelo seu pensamento. Tinha havido vantagem? *As condições gerais tinham melhorado? Aparentemente sim; mas, bem examinado, não.*

Aqueles homens, acusados de crime tão nefando em face da legislação da época, tinham levado dous anos a ser julgados; e ele, que não tinha crime algum, nem era ouvido, nem era julgado: seria simplesmente executado!

Fora bom, fora generoso, fora honesto, fora virtuoso – ele que fora tudo isso, ia para a cova sem o acompanhamento de um parente, de um amigo, de um camarada...⁴⁰⁸

Policarpo Quaresma recebe intimação ilógica para alguém que não quer se meter em política: é um preço a pagar. A política interpela o protagonista e não o deixa viver livre no sítio “Sossego”, numa rede de “saúvas políticas” que o enreda, de forma imparável. Não basta apenas produzir, tem que participar da vida política e cortejar a oligarquia vencedora:

Em virtude das posturas e leis municipais, rezava o papel, o Senhor Policarpo Quaresma, proprietário do sítio “Sossego” era intimado, sob as penas das mesmas posturas e leis, a roçar e capinar as testadas do referido sítio que confrontavam com as vias públicas.

⁴⁰⁸BARRETO, op. cit., nota 346, p. 287. Grifos nossos.

O major ficou um tempo pensando. Julgava impossível uma tal intimação. Seria mesmo? Brincadeira... Leu de novo o papel, viu a assinatura do doutor Campos. Era certo... Mas que absurda intimação esta de capinar e limpar estradas na extensão de mil e duzentos metros, pois seu sítio dava de frente para um caminho e de um dos lados acompanhava outra na extensão de oitocentos metros – era impossível!?

A antiga corveia!... Um absurdo! Antes confiscassem-lhe o sítio. Consultando a irmã, ela lhe aconselhou que falasse ao doutor Campos. Contou-lhe então Quaresma a conversa que tivera com ele dias antes.

— Mas és tolo, Policarpo. Foi ele mesmo...⁴⁰⁹

A leitura paralela do narrador reforça o caráter verdadeiro do protagonista, fornecendo-lhe condição humana ímpar no sentido de acreditar em tudo e, por outro lado, decepcionar-se com frequência diante dos vencedores. Ele viu, ainda, que a condição de trabalho, no campo ou na cidade, não é capaz de proteger homens com ideais superiores, conforme a epígrafe de Renan e a tempestade que se aproxima: o trabalho não é capaz de produzir riquezas numa sociedade em que o pequeno agricultor não consegue acompanhar as taxações e os emolumentos das autoridades públicas. O campo passa a ser desolador:

Pelos seus olhos passaram num instante aquelas faces amareladas e chupadas que se encostavam nos portais das vendas preguiçosamente; viu também aquelas crianças maltrapilhas e sujas, d'olhos baixos, a esmolar disfarçadamente pelas estradas; viu aquelas terras abandonadas, improdutivas, entregues às ervas e insectos daninhos; viu ainda o desespero de Felizardo, homem bom, ativo e trabalhador, sem ânimo de plantar um grão de milho em casa e bebendo todo o dinheiro que lhe passava pelas mãos – este quadro passou-lhe pelos olhos com a rapidez e o *brilho sinistro do relâmpago*; e só se apagou de todo, quando teve que ler a carta que a sua afilhada lhe mandara.⁴¹⁰

⁴⁰⁹BARRETO, op. cit., nota 346, p.181-182.

⁴¹⁰Idem, Ibidem, p. 182. Grifos nossos.

À medida que a consciência de Quaresma cresce, ele continua sendo esmagado pela autoridade pública do município de Curuzu. É mesmo uma perseguição para um cidadão que pratica a agricultura com desvelo e capricho. O discurso progressista é um na teoria e outro na prática:

Recebeu o papel e leu. Não vinha mais da municipalidade, mas da coletoria, cujo escrivão, Antonino Dutra, conforme estava no papel, intimava o Senhor Policarpo Quaresma a pagar quinhentos mil-réis de multa, por ter enviado produtos de sua lavoura sem pagamento dos respectivos impostos.

Viu bem o que havia nisso de vingança mesquinha; mas o seu pensamento voou logo para as cousas gerais, levado pelo seu patriotismo profundo.

A quarenta quilômetros do Rio, pagavam-se impostos para se mandar ao mercado umas batatas? Depois de Turgot, da Revolução, ainda havia alfândegas interiores?

Como era possível fazer prosperar a agricultura, com tantas barreiras e impostos? Se ao monopólio dos atravessadores do Rio se juntavam as exações do Estado, como era possível tirar da terra a remuneração consoladora?⁴¹¹

Nós poderíamos ter a expectativa de que o protagonista esquecesse seu conceito inicial de pátria, de nação, a par dos questionamentos do narrador, e passasse a agir de forma diferente. Mas não: Policarpo continua irreduzível na sua ingenuidade: “Chegou ao telégrafo e escreveu: ‘Marechal Floriano, Rio. Peço energia. Sigo já. — Quaresma.’”⁴¹²

O crítico Oliveira Lima soube, com pertinência, ver em Policarpo Quaresma o nosso Dom Quixote nacional, pois o sentido de justiça do personagem está na contramão do ditador Floriano Peixoto. Por forte contraste e pelas inúmeras decepções, torna-se o protagonista quixotesco, ao mesmo tempo em que sua generosidade frente aos sofrimentos humanos termina por questionar seus próprios axiomas, que vão sendo desmanchados:

⁴¹¹BARRETO, op. cit., nota 346, p. 184.

⁴¹²Idem, ibidem, p. 185.

Entretanto o Major Quaresma viverá na tradição, como um Dom Quixote nacional. Ambos são tipos de optimistas incuráveis, porque acreditam que os males sociais e sofrimentos humanos podem ser curados pela mais simples e ao mesmo tempo mais difícil das terapêuticas, que é a aplicação da justiça da qual um e outro ser arvoram paladinos. Um levou sovas por querer proteger os fracos; o outro foi fuzilado por querer na sua bondade salvar inocentes. Visionários ambos: assim tratou o marechal de ferro o seu amigo Quaresma e trataria Dom Quixote, se houvesse lido Cervantes.⁴¹³

Não há dúvida de que Oliveira Lima, em 1916, conseguiu uma proeza: ver o grande escritor que é Lima Barreto, com um dos personagens mais marcantes da literatura brasileira e para a época, *mais uma ferroadada no peito do pé* da crítica literária.

As decepções do protagonista vêm muito bem explicitadas pelo narrador e, numa leitura a partir de Walter Benjamin, questionam e martelam o discurso do vencedor em relação ao conceito de “pátria” e de nacionalismo.

Ao final da narrativa, Policarpo Quaresma adota a perspectiva dos vencidos. Além disso, o narrador demonstra a desconfiança do protagonista quanto à sua própria concepção de história, do folclore, das noções da grandeza dos rios, das saúvas atacando o campo, numa alegoria muito próxima da que vimos na teoria de Walter Benjamin. O narrador desmitifica todos os sonhos do protagonista que, positivista no início da narrativa, embarca de corpo e alma, na crença religiosa de que o progresso seria a panaceia da humanidade, ancorado nesse mesmo positivismo, esquecendo-se dos interesses particulares de um ditador:

Desde dezoito anos que o tal patriotismo lhe absorvia e por ele fizera a tolice de estudar inutilidades. Que lhe importavam os rios? Eram grandes? Pois que fossem... *Em que lhe contribuiria para a felicidade saber o nome dos heróis do Brasil?* Em nada... O importante é que ele tivesse sido feliz. Foi? Não. Lembrou-se das suas cousas de tupi, do *folk-lore*, das suas

⁴¹³ LIMA, Oliveira. Prefácio. In: BARRETO, op. cit., nota 346, p. 9-10.

tentativas agrícolas... Restava disso tudo em sua alma uma satisfação? Nenhuma! Nenhuma!

O tupi encontrou a incredulidade geral, o riso, a mofa, o escárnio; e levou-o à loucura. Uma decepção. E a agricultura? Nada. As terras não eram ferazes e ela não era fácil como diziam os livros. Outra decepção. E, quando o seu patriotismo se fizera combatente, o que achara? Decepções. Onde estava a doçura de nossa gente? Pois ele não a viu combater como feras? Pois não a via matar prisioneiros, inúmeros? Outra decepção. A sua vida era uma decepção, uma série, melhor, um encadeamento de decepções.

A pátria que quisera ter era um mito; era um fantasma criado por ele no silêncio do seu gabinete. Nem a física, nem a moral, nem a intelectual, nem a política que julgava existir, havia. A que existia de fato, era a do Tenente Antonino, a do doutor Campos, a do homem do Itamarati.⁴¹⁴

Além da voz do narrador e das reflexões de Policarpo Quaresma, ao final do romance, outras vozes se rebelarão contra o patriarcalismo da época, em particular Olga, a afilhada de Policarpo Quaresma e filha do italiano Coleoni que, adquirindo discurso com tons feministas, é capaz de desarticular os discursos machistas do próprio marido, Armando Borges:

O marido pareceu acalmar-se. Acreditou que, com meios suasórios, poderia evitar que a mulher desse passo tão perigoso para os seus interesses e ambições. Falou docemente:

— Fazes mal.

— Porque (*sic*)? Perguntou ela com calor.

— Vais comprometer-se. Sabes que...

Ela não lhe respondeu logo e mirou-o um instante com os seus grandes olhos cheios de escárnio; mirou-o um, dous minutos; depois, riu-se um pouco e disse:

— É isto! “Eu”, porque “eu”, porque “eu” é só “eu” para aqui, “eu” para ali... Não pensas noutra cousa... A vida é feita para ti, todos só devem

⁴¹⁴BARRETO, op. cit., nota 346, p. 285. Grifos nossos.

viver para ti... Muito engraçado! De forma que eu (agora digo “eu” também) não tenho direito de me sacrificar, de provar a minha amizade, de ter na minha vida um traço superior? É interessante! Não sou nada, nada! Sou alguma coisa como um móvel, um adorno, não tenho relações, não tenho amizades, não tenho caráter? Ora!...⁴¹⁵

A personagem torna-se, assim, o contrário de personagens masculinos autômatos, filhos da guerra, abordados no livro com o seguinte refrão: “O alferes coxo, no ensaboador pátio da antiga estalagem, continuava na sua faina de instrutor dos novos recrutas. Om – brooo... armas! Mei – ãã volta!”⁴¹⁶

Olga também serve de contraponto a outra personagem totalmente criada dentro dos preceitos patriarcalistas da época: Ismênia. Já não se trata de casar a filha bem, no pensamento de consórcio do general Albernaz, mas no fato de encaminhar todas as filhas para um enlace matrimonial de submissão e coisificação. Não por acaso, frente às tragédias, tais filhas continuam discutindo o valor das mercadorias referentes ao casamento. A morte de Ismênia, vestida de noiva, num olhar a partir das Teses de Walter Benjamin, também interrompe esse automatismo histórico e progressista, numa das mais belas cenas da literatura brasileira:

Contemplando aqueles tristes restos, Quaresma viu o caixão do coche parar na porta do cemitério, atravessar pelas ruas de túmulos – uma multidão que trepava, se tocava, lutava por espaço, na estreiteza da várzea e nas encostas das colinas. Algumas sepulturas como se olhavam com afeto e se queriam aproximar; em outras, transparecia repugnância por estarem perto. Havia ali, naquele mudo laboratório de decomposições, solicitações incompreensíveis, repulsões, simpatias e antipatias; havia túmulos arrogantes, vaidosos, orgulhosos, humildes, alegres e tristes; e de muitos, resumava o esforço, um esforço extraordinário, para escapar ao nivelamento da morte, ao apagamento que ela traz às condições e às fortunas.

⁴¹⁵BARRETO, op. cit., nota 346, p. 294-295.

⁴¹⁶Ibidem, p. 290.

Quaresma ainda contemplava o cadáver da moça e o cemitério surgia aos seus olhos com as esculturas que se amontoavam, com vasos, cruzes e inscrições, em alguns túmulos; noutros, eram pirâmides de pedra tosca, retratos, caramanchões extravagantes, complicações de ornatos, cousas barocas (*sic*) e delirantes, para fugir ao anonimato, ao fim dos fins.

As inscrições exuberam: são longas, são breves; têm nomes, têm datas, sobrenomes, filiações, toda a certidão de idade do morto que, lá em baixo, não se pode mais conhecer e é lama pútrida.⁴¹⁷

Para o narrador, a morte interrompe o tempo de barbárie da ditadura republicana, nivelando os seres humanos. Os mortos, com suas tumbas, transmitem o efêmero da ambição, com sentimentos comuns aos seres humanos: repulsões, simpatias e antipatias. Estabelece-se estudo sociológico a partir das diferenças sociais entre as próprias sepulturas, em que muitos seres humanos imaginam levar para dentro das covas as mesmas condições sociais estabelecidas na sociedade. Mas ironicamente, com tantos túmulos “arrogantes, vaidosos, orgulhosos” existem, também, os túmulos “humildes, alegres e tristes”. É como se as sepulturas “falassem”, aproximando-se, em afeto, umas das outras ou, mais ironia, pela repugnância em meio àquela multidão de esquifes que “trepava, se tocava, lutava por espaço”. Nessa cena do cemitério, o que se estabelece é a guerra por espaço, semelhante à guerra por espaço na sociedade, com os mesmos sentimentos. Nalguns túmulos, a religiosidade em “vasos, cruzes e inscrições”; noutros, as “pirâmides de pedra tosca, retratos, caramanchões extravagantes, complicações de ornatos, coisas barrocas e delirantes”. Tudo para fugir ao anonimato, ao fim dos fins? Tudo em vão, já que a morte a tudo interrompe e por mais inscrições que se apresentem nas lápides como, por exemplo, “datas, sobrenomes, filiações, toda a certidão da idade do morto”, nada resolve o inevitável da morte, pois fica o eterno sentimento de que “lá em baixo, não se pode mais conhecer e é lama pútrida”. Todo esse cenário serve para questionar a sociedade da época, a guerra, o vazio das relações sociais. O narrador *organiza o pessimismo* do protagonista, na feliz expressão de Walter Benjamin, e mostra o nivelamento da morte que a todos atinge, sem distinção. Não adianta ser marechal, major ou ter qualquer outro cargo militar. Não adianta tanto arrivismo. Os túmulos

⁴¹⁷BARRETO, op. cit., nota 346, p. 259-260.

seguem a mesma lógica da sociedade, com a diferença de que lá embaixo o próprio historicismo vazio das datas e dos documentos da civilização nada representa, a não ser “lama pútrida”.

Com esse olhar sobre o cemitério, sobre a morte de Ismênia e sobre a morte em geral, o narrador quer, pela rica consciência que transforma Policarpo Quaresma, questionar a própria sociedade. Todas as características dos túmulos se estendem para os humanos, para os homens em tempos de aço, para os arrivistas de plantão, para a indiferença e a arrogância. Toda uma sabedoria de fachada se estabelece, esquecendo-se e procurando se distanciar da morte. Essa será uma das características fundamentais do sistema capitalista em que o novo já nasce em ruínas, em favor de outra novidade, instrumento tecnológico que sobra a uma natureza “suplicante” que Walter Benjamin, ironicamente, a partir da expressão de Dietzgen, na Tese XI, afirma que “está aí grátis” e em que o trabalho se resume na exploração *ad nauseam* dessa mesma natureza. Aos que questionam tais crenças, sobrarão o escárnio, a exemplo de Fourier, que será tachado de utópico por procurar a harmonia ideal entre a sociedade e a natureza. O que se vê é uma concepção que assassina (*mörderische*) frequentemente a natureza, sem reconciliação com a terra fértil, sem qualquer equilíbrio. Sobram vivos e mortos, sem espaços de mediação.

O aspecto epistolográfico de requerimentos e correspondências, sobretudo o da carta de Policarpo para a irmã Adelaide, ganha importância para definir, com precisão, o que é a vida em tempos de guerra. O *Angelus Novus* da Tese IX volta para questionar a “civilização” e a barbárie. A citação é longa, mas importante:

“Querida Adelaide. Só agora posso responder-te a carta que recebi há quase duas semanas. Justamente quando ela me chegou às mãos, acabava de ser ferido, ferimento ligeiro é verdade, mas que me levou à cama e trar-me-á uma convalescença longa. Que combate, minha filha! Que horror! Quando me lembro dele, passo as mãos pelos olhos como para afastar uma visão má. *Fiquei com um horror à guerra que ninguém pode avaliar...* Uma confusão, um infernal zunir de balas, clarões sinistros, imprecações – e tudo isto no seio da treva profunda da noite... Houve momentos que se abandonaram as armas de fogo: batíamos-nos à baioneta, a coronhadas, a machado, a facão. Filha: um combate de trogloditas, uma

cousa pré-histórica... Eu duvido, eu duvido, duvido da justiça disso tudo, duvido da sua razão de ser, duvido⁴¹⁸ que seja certo e necessário ir tirar do fundo de nós todos a ferocidade adormecida, aquela ferocidade que se fez e se depositou em nós nos milenários combates com as feras, quando disputávamos a terra a elas... Eu não vi homens de hoje; vi homens de Cro-Magnon, do Neanderthal armados com machados de sílex, sem piedade, sem amor, sem sonhos generosos, a matar, sempre a matar... Este teu irmão que estás vendo, também fez das suas, também foi descobrir dentro de si muita brutalidade, muita ferocidade, muita crueldade... Eu matei, minha irmã; eu matei! E não contente de matar, ainda descarreguei um tiro quando o inimigo arquejava a meus pés... Perdoa-me! Eu te peço perdão, porque preciso de perdão e não sei a quem pedir, a que Deus, a que homem, a alguém enfim... Não imaginas como isto faz-me sofrer... Quando caí embaixo de uma carreta, o que me doía não era a ferida, era a alma, era a consciência; e Ricardo, que foi ferido e caiu ao meu lado, a gemer e pedir – “capitão, meu gorro, meu gorro!” – parecia que era o meu próprio pensamento que ironizava o meu destino...

Esta vida é absurda e ilógica; eu já tenho medo de viver, Adelaide. Tenho medo, porque não sabemos para onde vamos, o que faremos amanhã, de que maneira havemos de nos contradizer de sol para sol...

O melhor é não agir, Adelaide; e desde que o meu dever me livre destes encargos, irei viver na quietude, na quietude mais absoluta possível, para que do fundo de mim mesmo ou do mistério das cousas não provoque a minha ação o aparecimento de energias estranhas à minha vontade, que mais me façam sofrer e tirem o doce sabor de viver...

Além do que, penso, que todo este meu sacrifício tem sido inútil. Tudo o que nele pus de pensamento não foi atingido; e o sangue que derramei, e o sofrimento que vou sofrer toda a vida, foram empregados, foram gastos, foram

⁴¹⁸Policarpo Quaresma tem sempre a chamada “hermenêutica da dúvida”.

estragados, foram vilipendiados e desmoralizados em prol de uma tolice política qualquer... Ninguém compreende o que quero, ninguém deseja penetrar e sentir; passo por doido, tolo, maniaco e a vida se vai fazendo inexoravelmente com a sua brutalidade e fealdade.”⁴¹⁹

A transcrição completa da carta de Policarpo para a irmã Adelaide, citando o Ricardo Coração dos Outros, é imprescindível para entendermos que o protagonista matou e acabou por se questionar: qual o sentido da guerra? Este questionamento adquire um aspecto histórico na dicotomia entre a barbárie e a civilização, pois não se trata de personagem estável em suas verdades, mas instável e que se transforma, repensando seus próprios ideais e os da sociedade em que vive. Sabemos que por trás da guerra estão os positivistas de plantão, arguindo a necessidade de um governo forte. A guerra é o alicerce da ala progressista e republicana que, antes de defender interesses coletivos, defende interesses ditatoriais e individualistas. A classe oprimida é a que luta, sem saber ao certo o que está fazendo. No controle, está o ditador Floriano Peixoto.

A prisão, em condições de extrema miserabilidade, faz parte do espírito da guerra. O inimigo tem que ser trucidado, sem piedade. Temos, com isto, a imagem dos escravizados e dos vencidos. Trata-se da corveia humana a que fazem alusão as teses de Walter Benjamin, é a classe de subalternos que aceita a guerra como defesa de princípios questionáveis. A consciência que se transforma em *Triste fim de Policarpo Quaresma*, nesta acepção, *escova a história a contrapelo*. O protagonista sofre, muito. A quantidade de miseráveis recrutados à revelia, bem como o estado de exceção, como retirada de qualquer direito, suspende a vida dos soldados para engrandecer a vida de autoridades, de arrivistas que querem ascensão social. Com tais procedimentos, a classe dominante tem interesse em criar um inimigo ao sistema que deve ser vencido a qualquer custo. Os inimigos de Floriano Peixoto eram a insurgente Marinha, exigindo o direito à Constituição, e os Monarquistas, decepcionados com a República. Lembremo-nos de que Floriano Peixoto recebeu apoio dos norte-americanos:

O que mais metia medo era o famoso canhão de dinamite, do “Niterói”, uma espalhafatosa invenção americana, instrumento terrível, capaz

⁴¹⁹BARRETO, op. cit., nota 346, p. 270-271. Grifos nossos.

de causar terremotos e de abalar os fundamentos das montanhas graníticas do Rio.

As crianças e as mulheres, mesmo fora do alcance de seu poder, temiam ouvir o seu estrondo; entretanto, esse fantasma *yankee*, esse pesadelo, essa quase força da natureza, foi morrer abandonado num cais, desprezado e inofensivo.⁴²⁰

O que nos interessa é olhar que a leitura do “materialista histórico” de Walter Benjamin trabalha com a construção do passado para modificar o presente. Em certo sentido, as reflexões do narrador de *Triste fim de Policarpo Quaresma* nos levam a um beco sem saída. O sistema capitalista já estoura na sociedade republicana da época, na noção de progresso a qualquer custo, com base no lema positivista. As classes vingadoras das gerações passadas, monarquistas ou não, reclamam por direitos constitucionais, não sendo instrumentos da classe dominante. A questão se torna emblemática pela transformação redentora do personagem, salvo por uma autoconsciência ativa que se interroga e interroga sobre os fins da guerra. Este procedimento é ação revolucionária, *a posteriori*. O exemplo do *Angelus Novus*, que não consegue mexer suas asas, tendo o olhar fixo, em muito se aproxima do personagem Policarpo Quaresma, que também olha o passado e vê a montanha de escombros humanos, espalhados pela sua memória, suas angústias e suas dúvidas.

Seu *Triste fim...*, não por acaso, carrega consigo o mesmo sistema de *vigiar e punir*⁴²¹, sendo recorrente como instrumento de um estado totalitário que mantém o sistema graças ao sangue dos vencidos, em *tempos de aço*, a militarização do estado e a guerra constituem ponto fundamental da obra do escritor. Podemos, então, passar para a Tese XII de Walter Benjamin:

Tese XII

“Precisamos da história, mas precisamos dela de outra maneira que o mimado caminhante ocioso no jardim do saber.”

⁴²⁰BARRETO, op. cit., nota 346, p. 278.

⁴²¹“Mas o corpo também está diretamente mergulhado num campo político; as relações de poder têm alcance imediato sobre eles; elas o investem, o marcam, o dirigem, o supliciam, sujeitam-nos a trabalhos, obrigam-no a cerimônias, exigem-lhe sinais.” In: FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: história da violência das prisões*. 22. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000, p. 24-25.

Nietzsche, Segunda consideração intempestiva: da utilidade e desvantagem da história para a vida.

O sujeito do conhecimento histórico é a própria classe oprimida, a classe combatente. Em Marx ela se apresenta como a última classe escravizada, a classe vingadora que, em nome de gerações de derrotados, leva a termo a obra de libertação. Essa consciência que, por pouco tempo, se fez valer ainda uma vez no “Spartacus”, desde sempre scandalizou a social-democracia. No decurso de três decênios, a social-democracia quase conseguiu apagar o nome de um Blanqui, cujo som de bronze abalara o século anterior. Ela teve prazer em atribuir à classe trabalhadora o papel de redentora de gerações futuras. Com isso ela lhe cortou o tendão da melhor força. Nessa escola a classe trabalhadora desaprendeu tanto o ódio quanto a vontade de sacrifício. Pois ambos se nutrem da visão dos ancestrais escravizados, e não do ideal dos descendentes libertados.⁴²²

As teses do texto “Sobre o conceito de história” oferecem uma visão sobre o ideal de guerra da classe dominante que é apoiada pela indústria da morte e por países que estimulam esta indústria, no caso, os EUA, facilmente verificável em *Triste fim de Policarpo Quaresma* que cita os chamados “yankees”. E o narrador não olha a história a partir do vencedor, mas a partir da transformação de consciência de Policarpo Quaresma, fuzilado ao final da narrativa.

Numa leitura, baseada em Walter Benjamin, o inimigo opressor não para de vencer. Policarpo Quaresma viveu a opressão. O romance procura a recordação dos humilhados, sobretudo a dos presos políticos e da morte. Se não estamos ainda no limiar do “materialismo histórico” mais forte, Lima Barreto já é capaz de perscrutar a filosofia de Nietzsche, “que encabeça esta tese para dar o tom de sua ideia de história: necessitamos da história, mas daquela que sirva para compreender o que está acontecendo conosco.”⁴²³

Não por acaso o romance *Triste fim de Policarpo Quaresma* torna-se um libelo contra o discurso dominante e contra o cortejo

⁴²²LÖWY, op. cit., p. 108.

⁴²³MATE, op. cit., p. 260. Estudo mais específico poderia indicar melhor a recepção de Lima Barreto em relação a Nietzsche.

triumfal dos vencedores, num viés que adota a memória muito mais no sentido da coletividade, dos vencidos e da barbárie da guerra como instrumento da classe dirigente. A tese do romance é mesmo contra os discursos positivistas, os ideais de progresso e também contra a apologia aos vencedores:

A memória coletiva dos vencidos se distingue de diversos panteões estatais para a glória dos heróis da pátria, não só pela natureza dos personagens, sua mensagem e sua posição no campo do conflito social, mas também porque, aos olhos de Benjamin, ela simplesmente tem uma dimensão subversiva à medida que não é instrumentalizada a serviço de qualquer poder.⁴²⁴

A guerra torna os seres humanos autômatos, frios e frívolos, reinando a tempestade da violência e da barbárie, em que documentos civilizados, como o requerimento de Policarpo Quaresma e suas correspondências tornam-se documentos que “não” justificam a galhofa e a barbárie do fuzilamento, num regime ditatorial sem liberdade de expressão, muito longe do discurso republicano. Não seria essa uma característica do estado de exceção da classe oprimida? Não é esse um estado de exceção permanente? Tudo é permitido dentro das normas de manutenção de poder da classe dominante, em que o direito, muitas vezes, torna-se a suspensão dos direitos. A ferocidade, nessa tempestade, ganha contornos altamente desumanizadores:

Quaresma, porém, enganava-se em parte. Ricardo soubera de sua prisão e procurava soltá-lo. Teve notícia do exato motivo dela; mas não se intimidou. Sabia perfeitamente que corria grande risco, pois a indignação no palácio contra Quaresma fora geral. A vitória tinha feito os vitoriosos inclementes e ferozes, e *aquele protesto* soou entre eles como um desejo de diminuir o valor das vantagens alcançadas. Não havia mais piedade, não havia mais simpatia, nem respeito pela vida humana; o que era necessário era dar o exemplo de um massacre à turca, porém clandestino, para que jamais o poder constituído fosse atacado ou mesmo discutido. Era a filosofia

⁴²⁴LÖWY, op. cit., p. 111.

social da época, com forças de religião, com os seus fanáticos, com os seus sacerdotes e pregadores, e ela agia com a maldade de uma crença forte, sobre a qual fizéssemos repousar a felicidade de muitos.⁴²⁵

O narrador, sobre a última carta de Policarpo Quaresma a Floriano Peixoto, afirma:

Não se pudera conter. Aquela leva de desgraçados a sair assim, a desoras, escolhidos a esmo, para uma carniçaria distante, falara fundo a todos os seus sentimentos; pusera diante dos seus olhos todos os seus princípios morais; desafiaria a sua coragem moral e a sua solidariedade humana; e ele escrevera a carta com veemência, com paixão, indignado. Nada omitiu do seu pensamento; falou claro, franca e nitidamente.⁴²⁶

A propósito do romance, afirma Lucia Miguel Pereira: “A sociedade, já não mais vista exclusivamente do ângulo do mestiço, é apreciada de modo mais amplo. O drama se alarga, é agora do homem puro e bom, possuído por uma ideia generosa que, tornando-se fixa, causa desvarios.”⁴²⁷ Este personagem “puro e bom”, salvo engano, será um dos motivos de sucesso do romance.

4.2 A ESCRITURA DOS VENCEDORES E O ÓCIO MATRIMONIAL: *NUMA E A NINFA*⁴²⁸

Nesse romance de Lima Barreto, o primeiro dos aspectos a chamar a atenção é a dedicatória a Irineu Marinho Coelho de Barros, então proprietário do jornal *A Noite*, de Niterói e, posteriormente, também fundador do jornal *O Globo*, em 1925. Lima Barreto publica o romance primeiro em folhetins no jornal *A Noite*, de Irineu Marinho, em 1915:

⁴²⁵ BARRETO, op. cit., nota 346, p. 288. Grifos nossos.

⁴²⁶ Idem, Ibidem, p. 284.

⁴²⁷ PEREIRA, op. cit., p. 232.

⁴²⁸ A lenda afirma que o projeto de reforma política e religiosa de Roma aplicado por Numa Pompílio, então imperador, fora ditado pela ninfa Egéria, que se apaixonou por ele ao ponto de fazê-lo seu esposo. A referência é clara a Numa Pompílio, 2º rei de Roma. Já na epígrafe, retirada de Plutarco, em *Vida de Numa*, parece-nos claramente que a figura da ninfa Egéria está consubstanciada na personagem Edgarda, mulher do personagem Numa Pompílio de Castro.

O romance *Numa e a Ninfa* foi publicado pela primeira vez em folhetins do jornal *A Noite*, do Rio de Janeiro, de 15 de março a 26 de julho de 1915. Essa composição serviu para a feitura de um folheto, em páginas de duas colunas, com data de 1915, mas vindo à circulação somente em 1917.

[...]

O romance teve sua terceira edição pela Gráfica Editora Brasileira Limitada, São Paulo, s/d (1950).⁴²⁹

Vale ressaltar que nesta tese trabalharemos com a quarta edição, na publicação da obra de Lima Barreto em 1956, com direção de Francisco de Assis Barbosa.

Vimos, no tópico anterior, que Lima Barreto traçou o perfil de personagem interessante e até certo ponto feminista da literatura brasileira: Olga, do *Triste fim de Policarpo Quaresma*. Do mesmo modo, em *Numa e a Ninfa*, é bem possível que Lima Barreto quisesse sugerir que a influência da mulher já não estivesse mais restrita ao mundo doméstico, tendo invadido o campo político e, nesse romance, em conluio com o amante. A protagonista Edgarda é capaz de se casar com Numa, parvo e ignaro, interesseiro ao extremo e com objetivos arrivistas, unicamente para formar com ele um dos pilares do poder republicano.

Há certa ambiguidade na complicada personagem Edgarda. Para os críticos, a exemplo do prefaciador João Ribeiro, essa personagem nada mais representa do que os interesses de políticos da classe dominante. Educada pela irmandade para um bom casamento, numa espécie de consórcio, deveria procurar alguém ambicioso e, de forma estratégica, conduzi-lo ao poder político e financeiro.

Lima Barreto, em *Numa e a Ninfa*, contrasta, de um lado, os poderosos políticos, e do outro, o povo em sua miserabilidade e constante espera. Os vencedores praticam a acédia, conforme a Tese VII de Walter Benjamin, numa empatia (*Einfühlung*) atraída pela majestade solene do cortejo dos poderosos, conforme Michael Löwy. É a chamada empatia pelos vencedores. Tais aspectos não se restringem apenas aos documentos, mas também aos chamados *bens culturais*. Podemos citar

⁴²⁹BARBOSA, Francisco de Assis. In: BARRETO, Lima. *Numa e a Ninfa*. São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 15. O conto do mesmo nome vem publicado no volume *Marginália*. In: BARRETO, op. cit., nota 51, p. 284.

como exemplo o trecho em que o protagonista, Numa, compra livros para a mulher:

Passava frequentemente pelas livrarias, comprava um e outro, dava-os à mulher que sempre tivera o hábito de ler. *E ela lia poetas, lia os romances, e foi alargando o campo de leitura.* Deste e daquele modo foi completando a sua instrução, adquirindo essa segunda que as mulheres, no dizer de Balzac, só adquirem com um homem.⁴³⁰

Edgarda não deve ser considerada apenas como personagem que trama os discursos do marido, juntamente com o amante Benevenuto. Ela lê poetas e romances, adquirindo cultura capaz de fazer os discursos vitoriosos e programados para o inepto marido. Há uma inversão: a mulher é quem comanda e o marido passa a ser simples marionete em suas mãos.

Conforme a epígrafe de Bossuet no romance, escritor absolutista e católico francês, a função da política é tornar a vida cômoda e feliz para as pessoas, e a de Plutarco, em *Vida de Numa*, é justamente a de atestar as funções da ninfa Egéria na política: tornar o homem feliz e sábio. Nos dois casos, Lima Barreto satiriza a política brasileira, seja pela deformação e corrupção, seja pelo viés da retórica clássica ou greco-latina, reforçando a ignorância da maioria da população em prol das classes dominantes.

Na política, por exemplo, nada mais irrisório do que a votação de um novo estado, o de Guaxupé.⁴³¹ O que está em jogo é muito mais a distribuição de cargos:

Em torno do projeto, interesses de toda a ordem gravitavam. Um grande número de cargos políticos e administrativos iam ser criados; e, se

⁴³⁰ BARRETO, op. cit., nota 429, p. 64. Grifos nossos. Estamos em 1910 com a possibilidade de eleição, novamente, de um militar: o Marechal Hermes Rodrigues da Fonseca, sobrinho do Marechal Deodoro da Fonseca. Não por acaso, Hermes da Fonseca se destacou em 1892 na revolta da Armada por defender Floriano Peixoto. Vale ressaltar, ainda, que Floriano Peixoto venceu os revoltosos com a ajuda dos EUA, a chamada “Esquadra Flint”, com mercenários estadunidenses.

⁴³¹ “Caminho das Abelhas”, significado indígena da palavra Guaxupé, é a versão mais aceita para a denominação que ficou até hoje. Disponível em:

< <http://camaraguaxupe.mg.gov.br/o-municipio/historia-de-guaxupe/>>. Acesso em: 9 ago. 2012.

bem que a passagem do projeto de lei não fosse para já, os chefes, chefetes, subchefes, ajudantes, capatazes políticos se agitavam e pediam, e desejavam, e sonhavam com este e aquele lugar para este ou aquele dos seus apaniguados.

De resto, além desse resultado palpável do projeto, havia nele outro alcance que só os profissionais da política entreviam. Com a criação de um novo Estado nasceria naturalmente uma nova bancada de representação nacional no Senado e na Câmara; *e o partido dominante, republicano radical, temia não eleger a totalidade dela.*⁴³²

A República, aqui considerada e analisada pelo narrador, utiliza-se do conceito de progresso para justificar os conluíus políticos e as maracutaia. A população, a maioria analfabeta, tinha ausência de iniciativa, induzida à passividade e ao imobilismo.

A classe dirigente republicana, com o lema positivista da ordem e do progresso, tudo fez para que nada mudasse e os projetos eram, em sua maioria, para distribuição de cargos políticos. O romance escancara uma das faces mais corruptas do Brasil com sua classe dirigente que, na iminência do poder, fazia qualquer “maracutaia”, não tendo quase nenhuma preocupação social. Neste aspecto, a atualidade do romance de Lima Barreto é impressionante. O escritor João Antônio, posteriormente, sofrerá forte influência do escritor carioca:

Tudo de Lima é atual, de uma atualidade alarmante. Diante de seus livros, um patrimônio social – quatro romances do maior peso, *Isaías Caminha*, *Policarpo Quaresma*, *Numa e a Ninfia* e *Clara dos Anjos* e alguns contos são fundamentais para quem se meta a conhecer literatura brasileira -, nos embasbacamos. E uma pergunta nos vem, antes de outras. Mas que diabo, que bruzundanga; será possível que este País, em essência, não mudou um milímetro nos últimos cinquenta e quatro anos?⁴³³

⁴³²BARRETO, op. cit., nota 429, p. 23. Grifos nossos. Na crônica “Palavras de um simples”, o narrador afirma: “Desde menino, pobre e oprimido, que vejo a ‘política’, do Brasil ser justamente o contrário. Ela tende para tornar a vida incômoda e os povos infelizes. Todas as medidas que os políticos lançam mão são nesse sentido.” *Hoje*, Rio, 22-7-1922. In: BARRETO, op. cit., nota 51, p. 58.

⁴³³ANTÔNIO, João. *Calvário e porres do pingente Afonso Henriques de Lima Barreto*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977, p. 13-14.

O romance *Numa e a Ninfa*, muito diferente de todos os romances até aqui analisados, possui poucos momentos de tensão, ou melhor, quase não os têm. Os personagens parecem esvaziados de humanidade. Lima Barreto constrói uma narrativa extremamente política: “Sempre que a relevância do discurso entra em jogo, a questão torna-se política por definição, pois é o discurso que faz do homem um ser político.”⁴³⁴

O romance torna-se, assim, a escritura dos vencedores que têm por objetivo, entre outros, o de demonstrar como os documentos de cultura tornam-se também os de barbárie, considerando as teses de Walter Benjamin. A epígrafe de Joseph Dietzgen, na Tese XIII, por exemplo, é uma ironia de Walter Benjamin aplicada à social-democracia.

Walter Benjamin analisa a ânsia de poder, em que pese as diferenças de texto e de contexto entre o sistema republicano brasileiro e a formação da social-democracia na Europa. A propósito, vejamos a Tese XIII:

Tese XIII

“Nossa causa, com certeza, torna-se a cada dia mais clara e o povo mais inteligente.” *Joseph Dietzgen*,

La philosophie social-démocrate [*A filosofia social-democrata*].

A teoria social-democrata, e, mais ainda, a sua prática estavam determinadas por um conceito de progresso que não se orientava pela realidade, mas que tinha uma pretensão dogmática. O progresso, tal como ele se desenhava na cabeça dos social-democratas, era, primeiro, um progresso da própria humanidade (e não somente das suas habilidades e conhecimentos). Ele era, em segundo lugar, um progresso interminável (correspondente a uma perfectibilidade infinita da humanidade). Em terceiro lugar, ele era tido como um progresso essencialmente irresistível (como percorrendo, por moto próprio, uma trajetória reta ou em espiral). Cada um desses predicados é

⁴³⁴ ARENDT, Hannah. A condição humana. Rio de Janeiro: Forense, 1981, p. 11. In: RESENDE, Beatriz. *Lima Barreto e o Rio de Janeiro em fragmentos*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; Editora UNICAMP, 1993, p. 29.

controverso, e cada um deles oferecia flanco à crítica. Mas essa, se ela for implacável, tem de remontar muito além de todos esses predicados e dirigir-se àquilo que lhes é comum. A representação de um progresso do gênero humano na história é inseparável da representação do avanço dessa história percorrendo um tempo homogêneo e vazio. A crítica à representação desse avanço tem de ser a base crítica da representação do progresso em geral.⁴³⁵

O tempo, no romance, apresenta-se como similar àquele referido na Tese XIII de Walter Benjamin, homogêneo e vazio, carregado de objetivos arrivistas. Há uma pretensão dogmática do conceito de progresso que entra para a política, na votação do projeto de privatização de uma ferrovia, em que Lima Barreto se antecipa, em muito, ao que será um axioma do capitalismo no Brasil. Em muitos casos, os projetos em votação escondem interesses de uma oligarquia econômica e política, em detrimento da coletividade.

Se a época do romance é 1910, o que temos é a disputa política entre Rui Barbosa, apoiado por Lima Barreto, além de outros intelectuais, e o militar Marechal Hermes da Fonseca: “Vieram por fim as eleições, com a derrota de Rui Barbosa e o reconhecimento de Hermes da Fonseca.”⁴³⁶

Utilizar-se de componentes históricos e transformá-los numa sátira, em forma de romance, é a proposta de Lima Barreto em *Numa e a Ninfa*. Sobre a relação entre a obra e o ambiente, afirma Antonio Candido:

Hoje sabemos que a integridade da obra não permite adotar nenhuma dessas visões dissociadas; e que só a podemos entender fundindo texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra, em que tanto o velho ponto de vista que explicava pelos fatores externos, quanto o outro, norteado pela convicção de que a estrutura é virtualmente independente, se combinam como momentos necessários do processo interpretativo. Sabemos, ainda, que o *externo* (no caso, o social) importa, não como

⁴³⁵LÖWY, op. cit., p. 116.

⁴³⁶BARBOSA, op. cit., p. 214.

causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, *interno*.⁴³⁷

O progresso não necessariamente melhora as relações humanas, em alguns casos, pode até levar à desumanização. Walter Benjamin não quer negar os benefícios que o progresso pode trazer à humanidade. Tampouco Lima Barreto tem essa pretensão. Ambos, cada um a seu tempo, estão mais preocupados em olhar para o progresso que não melhora as condições humanas e, pior ainda, para aquele que nos leva, permanentemente, a um estado de exceção permanente ou à guerra.

Se Lima Barreto ataca, como já vimos, o ditador republicano Floriano Peixoto, no *Triste fim de Policarpo Quaresma*, em *Numa e a Ninfa* fará o mesmo com o Marechal Hermes da Fonseca. Walter Benjamin, nas teses aqui abordadas, ataca os regimes fascista e nazista, não apenas no que estes têm de autoritários, mas também na sua base discursiva, geralmente enganosa:

A epígrafe de Dietzgen – escolhido mais uma vez como exemplo típico do “progressismo” social-democrata medíocre e limitado – ilustra uma visão otimista linear da história, alimentada por uma leitura superficial do *Aufklärung*: desenvolvimento irresistível e ininterrupto da “clareza” e da “inteligência”.⁴³⁸

Essa ideologia progressista, no romance *Numa e a Ninfa*, vem acompanhada por todo um aparelho de estado, de modo especial o jurídico e o discursivo, que ampara as decisões que interessam a uma minoria. Há um permanente estado de exceção de direitos, violados por uma plutocracia de *coloração populista*, utilizando expressão de Löwy que explica, ainda, três aspectos fundamentais da tese XIII:

1. É preciso distinguir entre o progresso dos conhecimentos e das habilidades (*Fähigkeiten*) e o progresso da própria humanidade: este implica uma dimensão moral, social e política que não é redutível ao progresso científico e técnico. O movimento da história é necessariamente

⁴³⁷CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*: estudos da teoria e história literária. 6ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1980, p. 4. Grifos do autor.

⁴³⁸LÖWY, op. cit., p. 116.

heterogêneo – desigual e combinado, diria Trotski no livro *A história da Revolução Russa*, que Benjamin conhecia bem – e os avanços em uma dimensão da civilização podem ser acompanhados de regressões na outra (como já constatará a tese XI);

2. Quando se quer um “progresso da própria humanidade” não se pode confiar em um processo de aperfeiçoamento gradual e infinito, mas é preciso lutar por uma ruptura radical: o fim da história milenar da opressão – o fim da pré-história na linguagem de Marx. Cabe acrescentar que o próprio Benjamin não utiliza a expressão “fim da pré-história”, mas se refere – de maneira bem elíptica, é preciso dizer – ao possível surgimento do “verdadeiro estado de exceção”. Esta problemática escapa do evolucionismo e da teologia, uma vez que se trata de um objetivo pelo qual se luta e de uma possibilidade objetiva, mas nunca do inevitável resultado das “leis da história”. Como escreve Benjamin, em uma das formulações mais marcantes de *Das Passagen-Werk*: “A experiência de nossa geração: que o capitalismo não morrerá de morte natural”;

3. Não há, portanto, progresso “automático” ou “contínuo”; a única continuidade é a da dominação e o automatismo da história simplesmente reproduz esta (“a regra”). Os únicos momentos de liberdade são interrupções, descontinuidades, quando os oprimidos se sublevam e tentam se autoemancipar.⁴³⁹

O que se estabelece em *Numa e a Nínfa* é o poder sob a égide dos vencedores, em detrimento da maior parte da população. Não existe a perspectiva, ao menos no romance, do que Walter Benjamin chama de *verdadeiro estado de exceção*, mas sim a suspensão do estado de direito, avalizada pelas leis e pelos discursos dominantes.

A classe dirigente está em constante estado de alerta para aprovar projetos que não interessam ao país, pregando uma ideologia de progresso que leva boa parte da população, ainda espantada com o

⁴³⁹LÖWY, op. cit., p. 116-117. Na crônica “Falta de Numerário”, o narrador afirma: “É sempre assim, o governo só protege os que não precisam; aos pequeninos, aos fracos, aos oprimidos, ele oprime mais.” *Careta*, Rio, 25-10-1919. In: BARRETO, op. cit., nota 51, p. 96.

chamado “Bota Abaixo” do prefeito Pereira Passos e com a *haussmanização* do Rio de Janeiro, à falta de iniciativa, à passividade e ao imobilismo, características de uma população, na sua maioria, analfabeta.

O narrador aponta para uma das maiores mazelas do Brasil: o nepotismo e a doutrina clientelista. Além disso, também é constante a necessidade, por parte de qualquer governante, de ter maioria na Câmara ou no Senado, o que o instiga à distribuição de cargos de toda a natureza. É a política do *favoritismo*: “O favor, ponto por ponto, pratica a dependência da pessoa, a exceção à regra, a cultura interessada, remuneração e serviços pessoais.”⁴⁴⁰

O personagem Bastos⁴⁴¹, *leader* da bancada, encarna a chefia, sendo o oligarca da política nacional. Todos devem segui-lo em suas votações, feitas por cambalachos e mascateação, ou seja, a política se torna bancada de comércio do “toma lá, dá cá”:

Dizia-se à boca pequena que o projeto tinha por fim acrescer a representação federal de jeito que, na próxima legislatura, tivesse o Congresso os dous terços necessários para rejeitar o “veto” ao projeto de venda de um dos mais importantes próprios nacionais. Cochichavam que tal influência receberia tanto; que tal outro já havia recebido metade da gratificação prometida; que a esposa de um diplomata também tinha interesse no negócio, além de apontarem outros padrinhos, já conhecidos por todos, como protetores de tais cambalachos.⁴⁴²

É sobre este projeto, o de numeração 224-A, que o personagem Numa inicia sua gloriosa afirmação no mundo da oratória política: “Numa caminhava acanhado, de cabeça baixa, trôpego um tanto, mas a mulher, Dona Edgarda, pisava com segurança, muito naturalmente, e

⁴⁴⁰SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas*: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro. 6ª ed. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2012, p. 17. Na crônica “As Enchentes”, o cronista Lima Barreto afirma: “Infelizmente, porém, nos preocupamos muito com os aspectos externos, com as fachadas, e não com o que há de essencial nos problemas de nossa vida urbana, econômica, financeira e social”. *Correio da Noite*, Rio, 19-1-1915. In: BARRETO, op.cit., nota 3, p. 77.

⁴⁴¹Referência a Pinheiro Machado (1815-1915). Era chamado de o “Contestável da República”, fundador do Partido Republicano Conservador. In: BARBOSA, op. cit., p. 217.

⁴⁴²BARRETO, op. cit., nota 429, p. 24.

com a fisionomia cheia de alegria contida.”⁴⁴³ Numa é visto, antes de receber seus discursos prontos, como um idiota, autômato e previsível nos *arraiais políticos*, por seguir sempre o poderoso líder Bastos em suas votações.

Outro aspecto importante, que já aventamos, é a ignorância de Numa frente à sua ninfa Edgarda, pois era assim que ele estudava:

Demais, pode dizer-se que nunca vira um livro. Todo o seu curso fora feito estudando nas apostilas, cadernos e pontos, organizados por outrem. Decorava aqueles períodos mastigados, triturados e os repetia palavra por palavra ao lente.”⁴⁴⁴

A história do Numa personagem se faz por apologia ao vencedor:

Aos poucos, *com aquele seu faro de adivinhar onde estava o vencedor* – qualidade que lhe vinha não de uma sagacidade natural e própria, mas de uma ausência total de emoção, de imaginação e orgulho inteligente – foi subindo até juiz de Direito.⁴⁴⁵

O que ocorre na narrativa de Lima Barreto não é a mera indignação, mas a vitória da ideologia do *eterno retorno do mesmo*, quando se trata de confiar, cegamente, na ideologia do progresso. A esse respeito, afirma Reyes Mate:

Para começar, é preciso diferenciar bem a crítica. Não podemos perder de vista que a ideia de progresso nos habita. Associamos a ideia do tempo com a felicidade. Se, na ordem privada, esperamos que os problemas pessoais se solucionem com a queda da folhinha (do calendário), *no social e político confiamos que as novas investigações encontrem remédios para as enfermidades de que padecemos, e que as novas técnicas melhorem as condições materiais de vida*. A crítica ao progresso não pode significar

⁴⁴³BARRETO, op. cit., nota 429, p. 28.

⁴⁴⁴Idem, Ibidem, p. 31.

⁴⁴⁵Idem, Ibidem, p. 32. Grifos nossos.

renunciar a essas expectativas baseadas na experiência, tão generalizada, de que estamos melhorando cada vez mais. Não se trata, portanto, de voltar para as cavernas, nem de cair nos braços do obscurantismo tradicionalista que nega a fé iluminista nas capacidades do homem.

De que se trata, então? Da caricatura do progresso iluminista tão bem expressa na frase de Joseph Dietzgen, que Benjamin cita com uma pitada de sarcasmo. Dizer, em 1940, que a causa socialista estava mais clara do que nunca e que o povo que havia votado em Hitler ficara mais inteligente, era algo demolidor... para o autor do diagnóstico. A razão dessa sequência de erros residia numa concepção dogmática do progresso. Converter o progresso em dogma ou norma consiste em colocá-lo como objetivo da humanidade. Naturalmente, o progresso é indispensável sem a humanidade, mas, como já dissemos, *tomar a humanidade como meio para alimentar e servir ao deus do progresso não é o mesmo que submeter o potencial instrumental do progresso aos interesses da humanidade.*⁴⁴⁶

Quando sugerimos que a sátira de Lima Barreto opera em inúmeros sentidos, podemos afirmar que um deles é colocar a mulher não mais como sendo manejada pelo homem. Neste romance, há operação inversa: a mulher é a cabeça, é quem comanda, ajudada pelo personagem Benevenuto, seu amante.⁴⁴⁷

É por meio de contrastes entre os interesses de uma minoria e a população paupérrima que a sátira tem importância. Lima Barreto ainda quer alfinetar nossa mania de imitar os EUA:

Ao certo, o que havia em torno da proposição parlamentar, *o grosso público não sabia*; e que ela podia trazer no bojo tudo o que se dizia, era admissível. A imitação do regime político dos Estados Unidos não ficou restrita à Constituição; aos poucos, como consequência ou não, conscientemente ou sem pensamento anterior, a

⁴⁴⁶MATE, op. cit., p. 280. Grifos nossos.

⁴⁴⁷Referência a Antônio Noronha dos Santos. In: BARBOSA, op. cit., p. 217.

imitação se estendeu aos seus escusos processos de traficâncias em votos e medidas de governo.⁴⁴⁸

O jornalismo é quase sempre atacado por meio do personagem Fuas Bandeira⁴⁴⁹. O retrato deste é o do jornalista amigo dos poderosos e interesseiros, capaz de se imiscuir nas relações promíscuas entre o público e o privado, no caso, a venda de uma estrada de ferro.

Fuas procura Numa para que vote pela rejeição ao “veto” da venda da estrada de ferro. Numa quer saber a opinião do povo e Fuas Bandeira responde ironicamente:

— O povo! O povo! Que tem o povo com estas questões? Por acaso ele pode raciocinar sobre finanças? Creio que não, meu caro doutor. Não é a sua opinião?

— *Dizem que o governo gastou cem mil contos e vai vender pela metade.*

— Não é certo; mas, se o fosse, valia a pena contar também com o *deficit* que ela dá. A operação, meu caro doutor, traz desafogo para o governo, não só para já, como para o futuro. *O meu interesse, como republicano, é facilitar meios de vida à república e também educar o Brasil no caminho da iniciativa particular.*⁴⁵⁰

Para os objetivos republicanos do jornalista Fuas Bandeira era preciso ter organização, beneficiando a “iniciativa particular”. No romance, personagens que não fazem parte dessa minoria dirigente vêm representados, por exemplo, por Lucrécio Barba-de-Bode, um mulato, capanga político e eleitoral:

Lucrécio, ou melhor: Lucrécio Barba-de-Bode, por sua alcunha, que tão intempestivamente interrompia o almoço do Deputado Numa Pompílio, não era propriamente um político, mas fazia parte da política e tinha o papel de ligá-la às classes populares. *Era um mulato moço, nascido*

⁴⁴⁸BARRETO, op. cit., nota 432, p. 24. Grifos nossos.

⁴⁴⁹Referência a João Laje, diretor do jornal *O País*. In: BARBOSA, op. cit., p. 217. Sobre o jornalismo, o cronista Lima Barreto em “Os nossos jornais”, *Gazeta da Tarde*, Rio, 20-10-1911, afirma: “Os nossos jornais diários têm de mais e têm de menos; têm lacunas e demasias.” In: BARRETO, op. cit., nota 3, p. 53.

⁴⁵⁰BARRETO, op. cit., nota 429, p. 53. Grifos nossos.

por aí, carpinteiro de profissão, mas de há muito que não exercia o ofício. Um conhecido, certo dia, disse-lhe que ele era bem tolo em estar trabalhando que nem um mouro; que isso de ofício não dá nada; que se metesse em política. Lucrécio julgava que esse negócio de política era para os graúdos, mas o amigo lhe afirmou que todos tinham direito a ela, estava na Constituição.

⁴⁵¹

Das personagens mulheres, participantes da classe dirigente, além da ninfa Edgarda, outra é Dona Ana Forfaible, esposa do general Manuel Forfaible, ironicamente praticante do “ócio matrimonial” pela Rua do Ouvidor, tramando comissões de todos os gêneros: “*Sua jovem mulher empregava o ócio matrimonial fazendo visitas, correndo casas de modas, assistindo a sessões cinematográficas.*” ⁴⁵²

Ao retomar o militarismo do quadriênio de Hermes da Fonseca, Lima Barreto quer demonstrar que há retrocesso social e político na eleição de um militar. O direito a voto era exercido por pequena parcela da população masculina e ainda assim, ficando excluídos do pleito as mulheres, os analfabetos, os negros, os militares e os religiosos. Sendo o voto aberto, havia necessidade dos chamados “capangas políticos”, para influenciar e controlar os eleitores. O regime tornava-se bárbaro, a exemplo do que havia acontecido na época de Floriano Peixoto: “A cidade estava apreensiva e angustiada. É que ela conhecia essa espécie de governos fortes, conhecia bem essas aproximações de *ditadura republicana.*” ⁴⁵³

A cidade surge, então, por meio de contrastes entre o espaço central e os bairros mais distantes, em que o autor volta a tratar do que denominamos de contracartografia. O centro é o lugar da impessoalidade, da pressa, do efêmero e da indiferença:

Lucrécio cumprimentou Benevenuto e seguiu com os companheiros em direitura ao Largo de São Francisco. Anoitecia e o largo tinha um maior movimento. Os sinos da igreja soavam *Angelus*; soavam quase sem ser ouvidos pelos transeuntes apressados, correndo atrás deste ou daquele bonde. *A igreja, porém, continuava imóvel, a*

⁴⁵¹ BARRETO, op. cit., nota 429, p. 58-59. Grifos nossos.

⁴⁵² Idem, Ibidem, p. 69. Grifos nossos.

⁴⁵³ Idem, ibidem, p. 78. Grifos nossos.

anunciar, como fazia há séculos e tanto, as ave-marias. Barba-de-Bode lembrou-se de ir para casa, jantar e voltar. Uma força estranha o prendia no centro da cidade.⁴⁵⁴

Os imigrantes formavam a mão de obra capaz de substituir os escravos e, ao mesmo tempo, satisfaziam aos ideais de eugenia. Há forte processo de miscigenação e mudança na formação social, política e econômica na capital do país, não sem antes padecerem os imigrantes como escravos incrustados nas zonas mais pobres do Rio de Janeiro. Referindo-se ao bairro Cidade Nova, afirma o narrador:

As mesmas razões que levaram a população de cor, livre, a procurá-la, há sessenta anos, levou também a população branca necessitada, de imigrantes e seus descendentes, a ir habitá-la também.

Em geral, era e ainda é, a população de cor, composta de gente de fracos meios econômicos, que vive de pequenos empregos; tem, portanto, que procurar habitação barata, nas proximidades do lugar onde trabalha e veio daí a sua procura pelas cercanias do aterrado; desde, porém, que a ela se vieram juntar os imigrantes italianos ou de outras procedências, vivendo de pequenos ofícios, pelas mesmas razões eles a procuraram.⁴⁵⁵

A situação financeira de Lucrécio Barba-de-Bode também denota as dificuldades da população mais pobre, inclusive a de não conseguir pagar sua dívida junto ao vendeiro e, ainda, estar com três meses de aluguel atrasados:

— Não vá lá... Você tem um filho, homem de Deus!

Desvencilhou-se da mulher; ela, porém, ainda o deteve na sala de visitas, quase chorando:

— Não vá lá, Lucrécio! Não Vá!

— Deixe-me! Deixe-me! *Vocês não sabem o que é ser mulato!* Ora, bolas!⁴⁵⁶

⁴⁵⁴BARRETO, op. cit., nota 429, p. 81. Grifos nossos.

⁴⁵⁵Idem, Ibidem, p. 84. Grifos nossos.

⁴⁵⁶Idem, Ibidem, p. 90. Grifos nossos.

Na época evocada pelo romance de Lima Barreto, o que se evidencia é o cortejo triunfal dos vencedores. Os discursos são alinhavados, não por importância de conteúdo, mas para impressionar e pressionar o voto aberto nas plenárias da Câmara ou do Senado. Voto que deveria seguir o líder do partido.

A sátira do romance *Numa e a Ninfa*, baseada na constatação do que fazia a política no Brasil, vem aplicada na perspectiva de que grande parte da população estava apartada das benesses do progresso. Opera-se uma inversão da epígrafe de Bossuet, presente no romance:

Havia de toda a gente; pobres homens desempregados que vinham ali ganhar uma espórtula; vagabundos notáveis, entusiastas ingênuos, curiosos e agradecidos: todas as cores. Os vestuários eram os mais engraçados e inesperados. Havia um preto com uma sobrecasaca cor de vinho, calçado com uma bota preta e outra amarela; um rapaz louro, com umas calças bicolor, uma perna preta e outra cinzenta; fraques antediluvianos, calças de cáqui, blusas, dólãs, coletes sarapintados.

Vendo essa gente miserável, degradada física e moralmente, tão contente com a política, parecia que ela não tinha por fim fazer os povos felizes...

Os admiradores comprimiram-se, os móveis foram arredados e Canto Ribeiro começou a falar. Durante vinte minutos, expectorou as mais sórdidas banalidades sobre a república e a pátria.

⁴⁵⁷

Os discursos marcam diferenças sociais e a sátira quer atingir o chefe de polícia, Juca Chaveco. A cena do vômito de Lucrécio Barba-de-Bode é representativa na aproximação das classes subalternas e das classes de dirigentes políticos. Nessa mesma cena, o dialeto do chefe de polícia é sátira e caricatura, a fim de descredenciar tão eminente Aparelho Ideológico do Estado⁴⁵⁸.

Ao ver tanta gente à sua roda, animou-se e continuou: Senhor Senador – mas não pôde

⁴⁵⁷ BARRETO, op. cit., nota 429, p. 130. Grifos nossos.

⁴⁵⁸ ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos Ideológicos de Estado*: notas sobre os Aparelhos Ideológicos de Estado. Rio de Janeiro: Edição Graal, 1985.

acabar. Veio-lhe um forte vômito e, antes que pudesse correr à janela, despejou-o ali mesmo, borrifando o peitilho do famoso senador e a barra das saias daquelas grandes damas. Lançou, lançou tudo o que tinha no estômago.

O triste final do discurso causou hilaridade, mas houve quem se indignasse. Entre estas pessoas a que mais se zangou foi o doutor Chaveco. Logo que soube, correu à sala do *buffet*:

— Tá bebo... Chama aí um poliça... Mete ele no xadrez.⁴⁵⁹

Esta mesma polícia tem forte preocupação com o anarquismo, em particular no trecho, do romance, em que o russo Bogóloff quer entrar no Brasil: “Disse-lhe o russo então que não era, nem nunca tinha sido, mas o homem não acreditou, insistiu: - *Se você não é ‘cáften’, é anarquista.*”⁴⁶⁰

Lima Barreto questiona os conceitos de “ordem” e de “progresso”. Podemos constatar isso na afirmação do republicano e conservador Inácio Costa:

— Os conselheiros tinham banido esse santo distico, mas agora... Estamos na República... *Implicam também com – Ordem e Progresso.* Porque(sic)? *Vocês não querem “ordem”?* *Vocês não querem “progresso”?* A ordem é a condição do progresso.⁴⁶¹

Os lemas *saúde e fraternidade* não são características que acompanham a República, na visão do personagem e doutor Grégory Petróvitch Bogóloff. Este personagem é alguém que analisa melhor os aspectos internos do país:

Ele – que mal conhecia a história daquelas águas e a das terras que banhavam – *só se lembrou que estava ali o mar da escravidão moderna*, o mar dos negreiros; que assistira durante três séculos o

⁴⁵⁹BARRETO, op. cit., nota 429, p. 134. Sobre a polícia, ver a crônica “A polícia suburbana”: “Os jornais, com aquele louvável senso de sempre, aproveitaram a oportunidade para reforçar as suas reclamações contra a falta de policiamento nos subúrbios.” In: BARRETO, op.cit., nota 3, p. 61.

⁴⁶⁰Idem, ibidem, p. 138. Grifos nossos.

⁴⁶¹Idem, Ibidem, p. 148. Grifos nossos.

drama de sangue, de opressão e de morte, o sinistro drama do aproveitamento das terras da América pelas gentes da Europa.

Das dores de tantos milhões de seres, das suas agruras, dos seus padecimentos, da sua morte, só aquelas unidas e mudas águas guardavam memória e só elas evocavam o drama de que foram palco.⁴⁶²

O progresso, então, passava por dois componentes entendidos como símbolos essenciais da imagem do país no exterior: o primeiro como sendo o de um país cientificamente desenvolvido; o segundo como sendo o de um país racialmente branco.

No primeiro caso, a sátira recai sobre a ciência, apresentada nos projetos do personagem russo Bogóloff. Tais projetos são satíricos e exemplificam a compreensão dos mecanismos de ascensão política: “— É verdade. Estudei um método de criar peixes a seco.”⁴⁶³ No Brasil, nada melhor que projetos ilógicos, não apenas nesse exemplo, mas em outros, como os de conseguir porcos do tamanho de bois e bois do tamanho de elefantes.

No segundo caso, a sátira recai sobre a questão racial, acompanhada de melhorias sociais que não correspondiam à realidade, principalmente na extinção das doenças e na exposição de um Brasil racialmente branco:

Os diplomatas e jornalistas que se sentiam ofendidos com verdade tão simplesmente corriqueira, esqueciam tristemente que por sua vez a sua zanga ofendia os seus compatriotas de cor; que essa rezinga *queria dizer que estes últimos eram a vergonha do Brasil e o seu desaparecimento uma necessidade.*

Os viajantes estipendiados, dessa ou daquela forma, pelo Tesouro, nas obras e artigos que publicavam, *tinham sempre o cuidado de dizer que não havia mais febre amarela e o preto desaparecia.* Um houve que teve imensas alegrias quando não viu negros no porto de Santos e levou

⁴⁶²BARRETO, op. cit., nota 429, p. 150. Grifos nossos. O personagem russo é recorrente na obra de Lima Barreto, aparecendo em outros romances, como vimos nas *Recordações do escrivo Isaias Caminha*.

⁴⁶³Idem, Ibidem, p. 164.

essa novidade ao mundo inteiro, por intermédio de seu livro.⁴⁶⁴

As nossas instituições políticas caminhavam mais para a ditadura, para o nepotismo e para o despotismo:

Bogóloff, velho anarquista, compreendia que se pusesse em dúvida a lei, que se a condenasse; *mas querer o Estado sem lei, admitir o despotismo como progresso*, não querer restringir o governo, era absurdo que não compreendia em inteligências tão medrosas da palavra rei ou imperador.⁴⁶⁵

Dentre as personagens inseridas em *Numa e a Ninfa*, destacamos a personagem idosa Dona Florinda Seixas. Se Bentes, na narrativa, é Hermes da Fonseca, seu tio, o marechal Deodoro da Fonseca, é representado, no romance, pelo Almirante Constâncio. Dona Florinda Seixa funda uma sociedade comemorativa do falecimento de Almirante Constâncio e, dentre as funções dessa entidade, estava o ensino do guarani. O narrador nos oferece diálogos hilários, explorando a ignorância da pretensa professora Dona Florinda:

Começou a professora por asseverar que o guarani era a língua mais antiga, mais bela do mundo; e exemplificou:

— Meus senhores, vejam só esta frase: *amané saçu enacá pinaié*. Sabem o que quer dizer?

O auditório ficou suspenso e Dona Florinda explicou:

— O peixe vive no mar.

— “Tá eado” gritou Tupini.⁴⁶⁶

Não se trata apenas de variações linguísticas que procuram demonstrar as diferenças sociais, étnicas e/ou raciais. Muitos são doutores e professores de fachada. Além desses aspectos, a “imunidade parlamentar” é analisada pelo romancista, de forma que tudo tem como justificativa o poder da classe dirigente política. A pergunta: “Sabe com

⁴⁶⁴BARRETO, op. cit., nota 429, p.168. Grifos nossos.

⁴⁶⁵Idem, Ibidem, p. 201. Grifos nossos. Ver crônica “A propósito...”: “O governo é o Deus menos milagroso que há e, quando faz milagres, pesa sobremodo nas nossas algibeiras.” In: BARRETO, op.cit., nota 3, p. 65.

⁴⁶⁶Idem, Ibidem, p. 221.

quem está falando?”, no romance, apresenta forte componente de compreensão antropológica por parte do autor:

— *Sabe com quem está falando?*

O comandante disse que não sabia, mas que não havia necessidade de sabê-lo, pois se tratava de medida de suas atribuições, sendo ali a sua autoridade em tudo soberana.

— *Pois bem, disse o homem, tenho imunidades, sou o Senador Leiva, amigo de Bastos.*⁴⁶⁷

Sobre a primeira frase da citação acima, utilizamo-nos da análise do antropólogo Roberto Da Matta:

Além dessas condições gerais, o “sabe com quem está falando?” tem inúmeras variantes, seus equivalentes: “Quem você pensa que é?”, “Onde você pensa que está?”, “Recolha-se à sua insignificância!”, “Mais amor e menos confiança”, “Vê se te enxerga!”, “Você não conhece o seu lugar?”, “Veja se me respeita!”, “Será que não tem vergonha na cara?”, “Mais respeito!” etc. As expressões podem realizar o mesmo ato expressivo e consciente que, na sociedade brasileira, parece fundamental para o estabelecimento (ou restabelecimento) da ordem e da hierarquia.⁴⁶⁸

Toda vez que o personagem Numa tentava ser “franco” em seus discursos, quando se dizia honrado em sua adesão ao General Bentes (Hermes da Fonseca), gerava-se um mal estar político. A tensão estava entre o que ele pensava e o que ele devia discursar. A honradez e a ética não eram partes constituintes do discurso esperado. Tudo tinha que ser previamente planejado, a fim de evitar surpresas. Nesse sentido, a personagem Edgarda é capaz de responder aos anseios discursivos dos aliados em termos de retórica política:

Pensou em ir ver a mulher; em ir agradecê-la com um abraço o trabalho que estava tendo por ele.

⁴⁶⁷BARRETO, op. cit., nota 429, p. 241-242. Grifos nossos.

⁴⁶⁸DA MATTÁ, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis*: para uma sociologia do dilema brasileiro. 6. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997, p. 196.

Calçou as chinelas e dirigiu-se vagarosamente, pé ante pé, até ao aposento onde ela estava. Seria uma surpresa. As lâmpadas dos corredores não tinham sido apagadas. Foi. Ao aproximar-se, ouviu um cicio, vozes abafadas... Que seria? A porta estava fechada. Abaixou-se e olhou pelo buraco da fechadura. Ergueu-se imediatamente... Seria verdade? Olhou de novo. Quem era? Era o primo... Eles se beijavam, deixando de beijar, escreviam. As folhas de papel eram escritas por ele e passadas logo a limpo pela mulher. Então era ele? Não era ela? Que devia fazer? Que descoberta! Que devia fazer? A carreira... o prestígio...senador...presidente... Ora bolas! E Numa voltou, vagarosamente, pé ante pé, para o leito, onde sempre dormiu tranquilamente.⁴⁶⁹

O personagem Numa dorme, não o sono dos justos, mas o sono de quem se conforma com a traição da mulher, a fim de atingir seus próprios interesses, quais sejam, o poder político e o prestígio social. A sátira atinge, assim, a camada dirigente da política nacional, que usufrui de privilégios que os cidadãos comuns não têm. É o que poderíamos chamar, ironicamente, de “progresso” das instituições políticas do Brasil.

Lima Barreto, em todos os seus romances, não quer fazer meramente denúncia. A riqueza das obras do escritor não está apenas nas denúncias que têm imenso valor, mas muito mais na análise e na complexidade da formação do regime republicano e capitalista no Brasil. São problemas que surgem com a mudança do regime. Se pensarmos nos casos de despotismo, de clientelismo, de favoritismos, de ditadura militar, entre outros problemas que poderiam ser citados, entendemos que parte das teses de Walter Benjamin pode ser aplicada na crítica literária aos romances do escritor.

Em *Numa e a Ninfa* entendemos ser uma etapa inicial procurar a “chave” do romance. Mas se efetuássemos apenas esta operação, descobrindo os personagens reais, a obra teria vida curta. O que nos parece é que muitos dos romances de Lima Barreto exigem cuidado em relação a esse aspecto. Podemos destacar o seguinte trecho em nota de Francisco de Assis Barbosa: “[...] *Benevenuto sou eu* (Benevenuto não fazia versos nem coisa alguma. A sua preocupação era mesmo não fazer

⁴⁶⁹BARRETO, op. cit., nota 429, p. 264-265.

nada... e tudo o que se segue); a Sociedade Comemorativa do Falecimento do Almirante Constandcio é em cima da *grei florianista*.”⁴⁷⁰

Para nossos objetivos e, superada a etapa de descobrir “chaves” do romance, tão importante quanto esta procura incessante entre seres reais e seres fictícios é verificarmos o ambiente da época na expressão “grei florianista”. O estado de exceção é permanente para os oprimidos, na proposta da Tese VIII de Walter Benjamin, estando presente em muitos dos romances de Lima Barreto, como já expusemos. Em *Numa e a Ninfa*, a “grei florianista” tudo fará para colocar novamente um militar no poder. Fazendo referência à obra de arte e à sua influência sobre o social, ou vice-versa, afirma Antonio Candido:

Neste ponto, surge uma pergunta: qual a influência exercida pelo meio social sobre a obra de arte? Digamos que ela deve ser imediatamente completada por outra: qual a influência exercida pela obra de arte sobre o meio? Assim poderemos chegar mais perto de uma interpretação dialética, superando o caráter mecanicista das que geralmente predominam. Algumas das tendências mais vivas da estética moderna estão empenhadas em estudar como a obra de arte plasma o meio, cria o seu público e as suas vias de penetração, agindo no sentido inverso ao das influências externas.⁴⁷¹

Se as preocupações iniciais da crítica literária eram relativas à influência do meio social sobre a arte de Lima Barreto, que não deixam de ser importantes, há também outra preocupação, apontada pelo crítico Antonio Candido: qual a influência da obra de arte sobre o meio social? Esta influência, tendo em vista a qualidade dos romances do escritor, não se encerra, mas se renova e nos permite reler os romances com novos instrumentos de análise, a exemplo do que estamos fazendo com as teses de Walter Benjamin.

Os romances de Lima Barreto destacam os problemas do meio social, político e econômico do Brasil. Podemos ir mais além: o passado contido na ficção dos romances de Lima Barreto continua a atuar no presente. Se pensarmos na expressão “grei florianista”, entendida como

⁴⁷⁰ BARBOSA, op.cit., p. 217. Depoimento de Antônio Noronha dos Santos em carta ao livreiro Carlos Ribeiro. Ver nota de número 10 no capítulo “Primavera de Sangue”. Grifos nossos.

⁴⁷¹ CANDIDO, op. cit., nota 437, p. 18-19.

um cortejo triunfal em homenagem a um militar no poder, dentro das características de um déspota, a análise histórica de *Numa e a ninfa* nos abre um campo de análise mais amplo, pois os problemas são estruturais na formação da República no Brasil e tendem a se reproduzir no tempo, guardadas as diferenças de texto e de contexto. Não se trata mais, portanto, de defender o romancista Lima Barreto e muito menos o de reafirmar suas denúncias, mas de entender como a obra de arte do escritor continua a nos devolver, em forma de análise dialética, boa parte dos problemas que vivenciamos no presente:

É curioso observarmos que os aspectos mais vulneráveis à crítica nos primeiros anos da República são os mesmos que ainda hoje aparecem como os mais mobilizadores da opinião pública: a corrupção, o abuso do poder, a má administração, a malversação do dinheiro público, tudo isso se transformando numa falta de confiança nos homens públicos e, mais do que isso, na própria política.⁴⁷²

Lucrécio Barba-de-Bode não é apenas um personagem secundário do sistema republicano brasileiro. O personagem fictício invade o meio social, age e nos permite compreendê-lo de maneira dialética, conforme o que podemos depreender da análise de José Murilo de Carvalho:

É outra vez Lima Barreto que nos dá, através do personagem Lucrécio Barba de Bode, descrição viva desse tipo de empresário político. Lucrécio era mulato e fora carpinteiro, um artesão honesto. Ao entrar em contato com políticos, abandonou a profissão e tornou-se agenciador de manifestações políticas produzidas com participantes pagos, organizador de claque e vaia nas galerias da Câmara, garantidor de vitórias eleitorais, libertador de presos. A proteção política colocava-o acima da lei [...].⁴⁷³

⁴⁷²RESENDE, op.cit., p. 46-47.

⁴⁷³CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 88.

5 MEMÓRIA COMO INTERRUPÇÃO DA LÓGICA DOMINANTE

5.1 MOMENTOS DE PERIGO: *DIÁRIO DO HOSPÍCIO E CEMITÉRIO DOS VIVOS*

As obras inacabadas de Lima Barreto, *Diário do hospício e Cemitério dos vivos*, são importantes para explicarem a forma de construção literária, pois a memória do escritor procura transformar em romance o período em que ele ficou no hospício:

O primeiro capítulo d'*O Cemitério dos Vivos* foi publicado ainda em vida do autor na *Revista Sousa Cruz* (número 49, janeiro de 1921), com o título *As Origens*. Mas Lima Barreto não pôde concluir o romance, que seria talvez sua obra-prima, cujos fragmentos incorporamos ao *Diário do Hospício*, série de apontamentos tomados por ocasião da segunda estada do escritor no sombrio casarão da Praia Vermelha, ou seja, de 25 de dezembro de 1919 a 2 de fevereiro de 1920.⁴⁷⁴

É interessante o subtítulo d'*O Cemitério dos vivos* na edição de 1956 das obras editadas sob a direção de Francisco de Assis Barbosa: *memórias*. Lima Barreto dá um “salto dialético”, conforme veremos na Tese XIV, em sua própria escritura que, nesse caso, estabelece-se de forma fragmentada, por meio de apontamentos ou de fragmentos da obra inacabada. É preciso esclarecer que primeiro Lima Barreto escreveu *Diário do hospício* de dentro do manicômio e, posteriormente, reelaborou essa escritura, transformando-a no romance inacabado *O Cemitério dos vivos*. É o primeiro capítulo deste, e não daquele, que é publicado pela primeira vez na *Revista Souza Cruz*, em 1921.

Em 31 de janeiro de 1920, Lima Barreto concedeu ao jornal *A Folha*, do Rio de Janeiro, “Uma Entrevista”. As impressões são um importante documento literário do jornalista sobre o escritor, como bem afirma Francisco de Assis Barbosa:

Lima Barreto, o romancista admirável de *Isaías Caminha*, está no Hospício. Boêmio incorrigível,

⁴⁷⁴ BARBOSA, Francisco de Assis. Nota Prévia. In: BARRETO, Lima: *O Cemitério dos vivos: memórias*. São Paulo: Brasiliense, 1956, p.25.

os desregramentos da vida abateram-lhe o ânimo de tal forma, que se viu obrigado a passar uns dias na Praia da Saudade, diante do mar, respirando o ar puro desse recanto ameno da cidade. Lá está seguramente há um mês. É verdade que não está maluco, como a princípio se poderá cuidar; apenas um pouco excitado e combalido. O seu espírito está perfeitamente lúcido, e a prova disso é que Lima Barreto, apesar do ambiente ser muito pouco propício, tem escrito muito. Ainda há dias, numa rápida visita que lhe fizemos, tivemos ocasião de verificar a sua boa disposição e de ouvi-lo sobre os planos de trabalho que está construindo mentalmente, para realizar depois que se libertar das grades do manicômio. *Lima Barreto apareceu-nos vestindo a roupa de zuarte, usada no estabelecimento, os cabelos desgrehados e os dedos sujos de tinta, sinal evidente de que escrevia no momento em que fora chamado.*⁴⁷⁵

As impressões do jornalista de *A Folha* são fundamentais para entendermos qual era, pelo menos no citado jornal, a visão que se tinha do escritor Lima Barreto. Mais importante ainda é ele ser pego com as mãos sujas de tinta, exatamente por escrever, e muito. Escrever ou ler forma o agulhão de que o escritor se apropria para enfrentar as adversidades. A roupa de interno, roupa de zuarte, as grades do manicômio, o estado de excitação e de combalido não retiram seu plano de trabalho: escrever sobre o manicômio. O livro que Lima Barreto pretendia escrever é: “Leia *O Cemitério dos Vivos*. Nessas páginas contarei, com fartura de pormenores, as cenas mais jocosas e as mais dolorosas que se passam dentro destas paredes inexpugnáveis. Tenho visto cousas interessantíssimas.”⁴⁷⁶

Poderíamos imaginar, quando o escritor utiliza o vocábulo “jocosas”, que o romance planejado que estava sendo escrito teria também cenas cômicas. De fato, nos apontamentos do *Dário do hospício* aparecem cenas hilárias, como a que está presente no capítulo X: “Um maluco vendo-me passar com um livro debaixo do braço, quando ia para o refeitório, disse: — Isto aqui está virando colégio.”⁴⁷⁷

⁴⁷⁵ BARRETO, op. cit., nota 474, p. 257-258. Grifos nossos.

⁴⁷⁶ Idem, Ibidem, p. 258

⁴⁷⁷ Idem, Ibidem, p. 99.

O favoritismo, o clientelismo, o pistolão e outras formas de conluíus espúrios à sociedade também farão parte de suas preocupações:

— Mas não te reconheceu ninguém?
 — Até então, não. Nem eu fiz por isso. Queria, ao contrário, passar despercebido, para observar melhor e mesmo para verificar, por experiência própria, a maneira como eram tratados os loucos desprotegidos e sem dinheiro – que no Hospício também predomina o “pistolão”, é preciso que se note. Logo que me soltaram, entretanto, deram-me uma vassoura e mandaram-me varrer o “pavilhão de observação” e, depois, o parque.⁴⁷⁸

Não se trata apenas da pessoa de Lima Barreto, mas de qualquer negro que, lá internado, deveria fazer os chamados “trabalhos forçados”, a fim de manter uma relação subjacente no mar da escravidão moderna, em se tratando dos loucos desprotegidos e sem “pistolão”, nas palavras do autor. Somente quando reconhecido pelo amigo Humberto Gotuzzo é que ele muda de seção.

No *Diário do hospício*, os apontamentos do narrador, em primeira pessoa, fazem-se no presente do indicativo, colocando a loucura como citação na ordem do dia, conforme a Tese III de Walter Benjamin. Com exceção de *Numa e a Ninfa*, todos os romances estabelecem forte tensão entre os protagonistas e a classe dirigente, a exemplo dos personagens Isaías Caminha, Policarpo Quaresma, Clara dos Anjos e o célebre Manuel Joaquim Gonzaga de Sá. Quanto a este último, inclusive, o narrador Augusto Machado, mulato, mostra bem que o biografado, Gonzaga de Sá, vive nas ruínas da modernidade, sob o manto histórico do “Bota Abaixo”, na cidade do Rio de Janeiro, em que há o “civilizar” dos novos dominadores, mais ianques e, na expressão do próprio Gonzaga de Sá, esquecem-se de quatrocentos anos de história. O vocábulo esquecimento estabelece forte relação com o vocábulo repetição, no estudo que faz Walter Benjamin na Tese XIV, como veremos mais adiante.

No caso de *Diário do hospício* e *O cemitério dos vivos*, este último um romance inacabado, o autor procura aperfeiçoar os procedimentos de fatura da ficção. A título de exemplo, vejamos os dois primeiros parágrafos do *Diário do hospício*:

⁴⁷⁸BARRETO, op. cit., nota 474, p. 259.

Estou no hospício ou, melhor, em várias dependências dele, desde o dia 25 do mês passado. Estive no pavilhão de observações, que é a pior etapa de quem, como eu, entra para aqui pelas mãos da polícia.

Tiram-nos a roupa que trazemos e dão-nos uma outra, só capaz de cobrir a nudez, e nem chinelos ou tamancos nos dão. Da outra vez que lá estive me deram essa peça do vestuário que me é hoje indispensável. Desta vez, não.⁴⁷⁹

O personagem Juliano (Tito) César Flaminio é internado no dia 25 de dezembro de 1919, a mesma data de internamento de Lima Barreto. Tais vínculos com a realidade e autobiografia do escritor fizeram com que ele utilizasse seus apontamentos para uma construção mais ficcional. Vejamos os dois primeiros parágrafos da obra *O Cemitério dos vivos*:

Quando minha mulher morreu, as últimas palavras que dela ouvi, foram estas, ditas em voz cava e sumida:

— *Vicente, você deve desenvolver aquela história da rapariga, num livro.*

Ainda durou cerca de dois dias, mas quase sem fala. Balbuciava unicamente; em geral, não entendia o que queria por aí, mas pelos gestos e sinais que fazia.⁴⁸⁰

No próximo tópico, aprofundaremos a análise das duas últimas citações.

5.2 A LOUCURA E A LUCIDEZ NO *DIÁRIO DO HOSPÍCIO*

Lima Barreto analisa de forma contundente o interior do hospício, a biblioteca, as dificuldades, a loucura dos internos e muitos outros aspectos. Ele não para no tempo homogêneo e vazio, mas a sua escritura é a do “tempo histórico ‘pleno’”, conforme Michael Löwy, a partir da Tese XIV, de Walter Benjamin. A loucura dos internos cita fatos

⁴⁷⁹BARRETO, op. cit., nota 474, p. 33.

⁴⁸⁰Idem, Ibidem, p. 121. Grifos nossos.

passados da história. Para fins de análise, vejamos a Tese XIV, de Walter Benjamin:

Tese XIV

Origem é o fim.⁴⁸¹

Karl Kraus, *Paroles en vers*, I
[Palavras em versos].

A história é objeto de uma construção, cujo lugar não é formado pelo tempo homogêneo e vazio, mas por aquele saturado pelo tempo-de-agora (*Jetztzeit*). Assim, a antiga Roma era, para Robespierre, um passado carregado de tempo-de-agora, passado que ele fazia explodir do contínuo da história. A Revolução Francesa compreendia-se como uma Roma retornada. Ela citava a antiga Roma exatamente como a moda cita um traje do passado. A moda tem faro para o atual, onde quer que este se mova no emaranhado do outrora. Ela é o salto do tigre em direção ao passado. Só que ele ocorre numa arena em que a classe dominante comanda. O mesmo salto sob o céu livre da história é o salto dialético, que Marx compreendeu como sendo a revolução.⁴⁸²

Os apontamentos de Lima Barreto são carregados de tempo-de-agora. A intromissão da polícia é bem significativa, pois sabemos que o romancista, em diversos artigos, defenderá os oprimidos, não apenas contra a guerra, mas também contra a classe dirigente política: “Não lhe bastava escrever contra os donos da vida. Na sua decadência física, como que tímbrava em personificar um protesto ao vivo à sociedade burguesa.”⁴⁸³

⁴⁸¹É interessante a epígrafe de Karl Kraus. Walter Benjamin esclarece o termo ‘origem’: “Na perspectiva da história descontínua, a única verdadeiramente dialética, não se pode portanto falar em gênese, que supõe o vir-a-ser e o encadeamento causal, e sim em origem, que supõe um salto no Ser, além de qualquer processo.” In: BENJAMIN, Walter. *Origem do drama barroco alemão*. Tradução, apresentação e notas Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1984, p. 19.

⁴⁸²LÖWY, op. cit., p. 119.

⁴⁸³BARBOSA, op. cit., p. 318.

O personagem de *Diário do hospício* é um revolucionário e sua revolução se faz por meio da leitura e da escrita. Ele, o personagem narrador Tito Flamínio, reclama no *Diário do hospício*:

Não me incomodo muito com o hospício, mas o que me aborrece é essa intromissão da polícia na minha vida. De mim para mim, tenho certeza que não sou louco; mas devido ao álcool, misturado com toda a espécie de apreensões que as dificuldades de minha vida material, há seis anos, me assoberbam, de quando em quando dou sinais de loucura: delírio.⁴⁸⁴

A propósito, Beatriz Resende cita o sociólogo americano Erving Goffman, para quem instituições como asilos, quartéis e prisões são chamadas de “instituições totalitárias”. Nestas, existe um ritual de privação e de admissão:

À entrada, o novato é recebido pelo *ritual de privação* que é de hábito, com a perda do que Goffman chama de “estojo de identidade”, referindo-se a “um conjunto de bens individuais” que “tem uma relação muito grande com o eu” e são necessários para que se tenha um certo controle da maneira de apresentar-se diante dos outros.

[...]

Descrevendo o ritual de admissão, Goffman enumera os diversos processos de “perda e mortificação” que incluem “despir, dar banho, desinfetar, cortar os cabelos, distribuir roupas da instituição, dar instruções quanto a regras, designar um local para o internado” [...].⁴⁸⁵

Ao escrever suas memórias, Lima Barreto ajuda a escrever a história no sentido a que Walter Benjamin se refere na Tese XIV, fazendo explodir o contínuo do historicismo, sem perder o forte vínculo com a literatura:

⁴⁸⁴BARRETO, op. cit., nota 474, p. 33-34.

⁴⁸⁵GOFFMAN, Erving. *Manicômios, prisões e conventos*. Trad. Dante Moreira Leite. São Paulo: Perspectiva, 1974, p. 24, 25 e 28. In: RESENDE, op. cit., p. 180-181. Grifos nossos.

Voltei para o pátio. Que cousa, meu Deus! Estava ali que nem um peru, no meio de muitos outros, pastoreado por um bom português, que tinha um ar rude, mas doce e compassivo, de camponês transmontano. Ele já me conhecia da outra vez. Chamava-me você e me deu cigarros. Da outra vez fui para a casa-forte e ele fez banhar a varanda, lavar o banheiro, onde me deu um excelente banho de ducha de chicote. Todos nós estávamos nus, as portas abertas, e eu tive muito pudor. Eu me lembrei do banho de vapor de Dostoievski, na *Casa dos Mortos*. Quando baldeei, chorei; mas lembrei de Cervantes, do próprio Dostoievski, que pior deviam ter sofrido em Argel e na Sibéria.

Ah! A Literatura ou me mata ou me dá o que eu peço dela.⁴⁸⁶

Sabemos que Dostoievski teve problemas com a censura e foi preso injustamente e condenado a quatro anos de reclusão e trabalhos forçados pela tirania do Tzar Nicolau I. Brito Broca faz o seguinte comentário sobre o escritor russo: “Quatro anos num presídio perdido nas solidões das estepes, entre criminosos vulgares, condenados de toda espécie. É o inferno. É mais do que o inferno – é a morte.”⁴⁸⁷

No caso de Lima Barreto, a questão não estava apenas na dipsomania que acometia o escritor, mas no tratamento dado a essa doença em nosso sistema manicomial, misturando-se todo tipo de loucos, uxoricidas e outros, em condições precárias:

O mobiliário, o vestuário das camas, as camas, tudo é de uma pobreza sem par. Sem fazer monopólio, os loucos são da proveniência mais diversa, originando-se em geral das camadas mais pobres de nossa gente pobre. São de imigrantes italianos, portugueses e outros mais exóticos, são os negros roceiros, que teimam em dormir pelos desvãos das janelas sobre uma esteira esmolambada e uma manta sórdida; são copeiros, cocheiros, moços de cavalaria, trabalhadores

⁴⁸⁶BARRETO, op. cit., nota 474, p. 34-35.

⁴⁸⁷BROCA, Brito. Notas sobre *Recordações da Casa dos Mortos*. In: DOSTOIEVSKI, Feodor Mikhailovitch. *Recordações da Casa dos Mortos*. Trad. Rachel de Queiroz. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1952, p. 17.

braçais. No meio disto, muitos com educação, mas que a falta de recursos e proteção atira naquela geena social.⁴⁸⁸

Àqueles que estão no manicômio faltam recursos, formando aquela “geena social” em que o pátio era “uma bolgia do inferno”: “Paro por aqui, pois me canso; mas não posso deixar de consignar a singular mania que têm os doidos, principalmente os de baixa extração, de andarem nus. [...] num pátio que era uma *bolgia* do inferno. Porque (*sic*) será?”⁴⁸⁹ Sobre esta “geena social” ou “bolgia do inferno”, afirma Beatriz Resende:

Lima Barreto começa a escrever o que foi recolhido como o *Diário do Hospício* num momento de extrema provação, tentando resgatar a própria individualidade, buscando salvar o indivíduo humilhado. Escreve, então, um dos mais fortes e belos documentos em defesa da cidadania do mais excluído dos cidadãos, o louco. Escreve a crônica da loucura.⁴⁹⁰

Quando Walter Benjamin utiliza como epígrafe a frase de Karl Kraus: “Origem é o fim”, ele o faz visando à capacidade de presente que o passado tem e a um interesse ilimitado pela memória. Lima Barreto não pretendia, com tais memórias, a reconstrução do seu passado, mas uma construção iniciada dentro do hospício, que se faz como uma atualidade pendente, não com lamentações, mas com leitura e escrita:

Quando Lima Barreto é levado, em um carro-forte, para o Hospício Nacional de Alienados, em 1914, experiência que irá celebrar no extraordinário conto *Como o homem chegou*, declara, ao entrar, como profissão: empregado público. Na segunda vez em que é recolhido, já aposentado, responde à mesma pergunta afirmando ser jornalista.⁴⁹¹

⁴⁸⁸BARRETO, op. cit., nota 474, p. 36.

⁴⁸⁹BARRETO, op. cit., nota 474, p. 39. Grifos nossos.

⁴⁹⁰RESENDE, op.cit., p. 174.

⁴⁹¹Idem, Ibidem, p. 174.

Ainda, em anamnese posterior, em 26-12-1919, é interessante destacar a desconfiança do plantonista que escreve: “indivíduo de cultura intelectual, *diz ser* escritor.”⁴⁹² Ser escritor, supostamente, faria parte do delírio, da loucura de Lima Barreto.

O hospício é composto por “dejetos humanos”, muitos deles esquecidos pela própria família, desprezados por uma sociedade incapaz de apresentar respostas aos seus desesperos. Por esse motivo é que as internações de Lima Barreto acabam sendo uma interrupção na sua própria trajetória.

Machado de Assis, com *O alienista*, fez ironia ao dividir os internos em classes com “perfeições morais”:

*Os alienados foram alojados por classes. Fez-se uma galeria de modestos; isto é, os loucos em que predominava esta perfeição moral; outra de tolerantes, outra de verídicos, outra de simplices, outra de leais, outra de magnânimos, outra de sazes, outra de sinceros etc.*⁴⁹³

A operação de contraste, entre o interno e o externo, também acontece no diário de Lima Barreto. É de dentro, lendo na biblioteca e escrevendo nela que o autor passa a ter um novo projeto literário. Os apontamentos do *Diário do hospício* também não escondem a divisão de classes:

Notemos que o “salto do tigre ao passado” é um gesto hermenêutico, posto que se trata de interpretar a história tendo em conta partes do passado que se costuma passar por alto. E é também um gesto político: o historiador não suja as mãos em vão ao ter que recolher dejetos, ruínas e cadáveres. O historiador tem que transformar-se em um catador, se quiser surpreender o sentido de uma história que leve em conta esses trapos. O olhar do catador⁴⁹⁴, a experiência de viver do

⁴⁹²RESENDE, op. cit., p. 175. Grifos da autora.

⁴⁹³ASSIS, Machado de. *O alienista*. São Paulo: Ática, 1998, p. 44. Série Bom Livro. Grifos nossos.

⁴⁹⁴“No original, o autor utiliza *trapeiro*, cuja tradução direta em português é *trapeiro* (aquele que recolhe trapos na rua). Contudo, seu sentido é melhor versado por *catador* – aquele que, literalmente, cata o lixo para reciclá-lo e, filosoficamente, “cata” as ideias e as versões esquecidas pela história, oferecendo-nos novas visões. [Nota do Revisor]. In: MATE, op. cit., p. 33.

outro lado da história, não se ensina em nenhum manual de uso. *O que guia o sentido do historiador na pesquisa é o que dizem esses dejetos. Esse sentido é feito de protestos por seu estado de injustiça e de perguntas pela justiça.*⁴⁹⁵

Se o personagem de Lima Barreto é contra os “pistolões” dentro do hospício, ele também é contra a classe dominante no sentido de que esta tudo faz para que os mais desvalidos esqueçam sua própria história:

A explicação que Marx dá do capital como apropriação da mais-valia do trabalhador tem um componente anamnético evidente. O que deslegitima o capital é o silenciamento ou a coisificação de todo esse passado de sofrimento que está associado ao termo mais-valia, isto é, de apropriação por parte do capitalista de um valor que não é seu e de desapropriação de um valor que é do outro, do trabalhador.⁴⁹⁶

Embora estejamos no limiar da República no Brasil, não há dúvida que a divisão de classes, no interior do hospício, se faz por uma luta por melhores condições de tratamento, luta essa que aparecerá em diversos insurgentes que se rebelam e ficam nus, como por exemplo, no caso de um deles que sobe no telhado e atira telhas pra todos os lados. Com tais procedimentos narrativos, o personagem de Lima Barreto quer salvar, por meio de apontamentos, “determinados momentos do passado”:

O que podemos fazer é salvar determinados momentos do passado, obter breves interrupções da história. Para fixar os limites do seu modesto plano de memória, Benjamin recorda o dito de um rabino, segundo o qual “o Messias não pensa em mudar o mundo com violência, mas ajustá-lo só um pouquinho”.⁴⁹⁷

⁴⁹⁵MATE, op. cit., p. 300. Grifos nossos.

⁴⁹⁶Idem, Ibidem, p. 300, p. 301.

⁴⁹⁷Idem, Ibidem, p. 304.

O romancista Lima Barreto quer salvar seu presente interdito. Nesse sentido, os dados autobiográficos são constantes nos apontamentos do *Diário do hospício*:

Se foi o choque moral da loucura progressiva de meu pai, do sentimento de não poder ter a liberdade de realizar o ideal que tinha na vida, que me levou a ela, só um outro bem forte, mas agradável, que abrisse outras perspectivas na vida, talvez me tirasse dessa imunda bebida que, além de me fazer porco, me faz burro.

Não quero morrer, não; quero outra vida. ⁴⁹⁸

A catástrofe parecia iminente. As impressões do romancista vêm apresentadas claramente por um fio tênue que o separa do narrador Tito Flamínio. As dificuldades o colocam na ordem do dia de sua própria escritura, esta necessária para espantar os fantasmas que lhe assoberbavam, fornecendo-lhe um sentido menos patético à vida:

Muitas causas influíram para que viesse a beber; mas, de todas elas, foi um sentimento ou pressentimento, um medo, sem razão nem explicação, *de uma catástrofe doméstica sempre presente*. Adivinhava a morte de meu pai e eu sem dinheiro para enterrá-lo; previa moléstias com tratamento caro e eu sem recursos; amedrontava-me com uma demissão e eu sem fortes conhecimentos que me arranjassem colocação condigna com a minha instrução; e eu me aborrecia e procurava distrair-me, ficar na cidade, avançar pela noite adentro; e assim conheci o *chopp*, o *Whisky*, as noitadas, amanhecendo na casa deste ou daquele. ⁴⁹⁹

Trazer dados autobiográficos para os apontamentos do *Diário do hospício* é uma maneira de iniciar a construção literária. É um procedimento, uma metodologia para dar vazão aos sentimentos. Lima Barreto ainda não escrevia para a publicação, pois o romance para tais apontamentos seria *O Cemitério dos vivos*. Mas estes apontamentos do *Diário do hospício* adquirem valor à medida que nos ajudam a conhecer

⁴⁹⁸BARRETO, op. cit., nota 474, p. 45. Grifos do autor.

⁴⁹⁹Idem, Ibidem, p. 47-48. Grifos nossos.

ainda mais sua forma de construção literária e como ela se desloca da literatura depoimento, desabafo, confissão e por muitos questionamentos filosóficos, ou vice-versa. É importante verificarmos que não se trata de relação de causa e efeito, ou seja, a literatura de Lima Barreto forma configurações que se permutam. Arriscamo-nos em afirmar serem via de mão dupla, pois é difícil determinar como tais gêneros se intercambiam, formando um todo coerente e orgânico. Nesse aspecto, citamos o crítico Marcos Vinícius Scheffel, que afirma:

Destaco, mais uma vez, que não se trata de uma relação direta de causa e efeito, ou seja, um ‘texto menor’ e ‘menos trabalhado ficcionalmente’ que origina um texto prestigiado (caso do romance), mas sim os indícios das tentativas ficcionais e dos intercâmbios possíveis entre estes gêneros.⁵⁰⁰

O crítico Scheffel faz ainda a seguinte análise sobre a concepção histórica de Lima Barreto: “[...] a história vista não como um *continuum*, mas sujeita a pontos de contato entre o *presente* e *passado*, podendo ser revelada em pequenos dados do cotidiano.”⁵⁰¹

Essa concepção de fazer “a história” encontra-se em todos os romances do autor, sendo destacada pelo crítico. Lima Barreto é um romancista “hipersensível”, não tendo uma visão mecânica do mundo e das pessoas, mas sim uma literatura que mantém forte vínculo com a realidade social do seu tempo, apresentando não apenas o que poderíamos chamar de “hermenêutica do passado”, mas também a hermenêutica da suspeita e da dúvida. Vejamos como o narrador do *Diário do hospício* se define:

Eu sou dado ao maravilhoso, ao fantástico, ao hipersensível; nunca, por mais que quisesse, pude ter uma concepção mecânica, rígida do Universo e de nós mesmos. No último, no fim do homem e do mundo, há mistério e eu creio nele. Todas as prosápias sabichonas, todas as sentenças formais dos materialistas, e mesmo dos que não são, sobre as certezas da ciência, me fazem sorrir e, creio que este meu sorriso não é falso, nem precipitado,

⁵⁰⁰SCHEFFEL, op. cit., nota 232, p. 142.

⁵⁰¹Idem, Ibidem, p. 133.

ele vem de longas meditações e de lanceantes dúvidas.⁵⁰²

Sobre o *Diário do hospício*, afirma Antonio Candido:

É possível que a densidade da visão ficcionalizada se deva à relação estreita, de cunho especular, entre o escritor, o alucinado e a coletividade de loucos – relação que por sua vez parece esclarecer muitos lados da humanidade em geral.⁵⁰³

A exemplo do presídio em Dostoiévski, o *Diário do hospício* vem carregado de memória, de análises e de questionamentos:

O que dizer da loucura? Mergulhado no meio de quase duas dezenas de loucos, não se tem absolutamente uma impressão geral dela. Há, como em todas as manifestações da natureza, indivíduos, casos individuais, mas não há ou não se percebe entre eles uma relação de parentesco muito forte. *Não há espécies, não há raças de loucos; há loucos só.*⁵⁰⁴

O espaço fechado leva o narrador a observar as características de outros internos, como a atonia, o mutismo, a mania de perseguição, o anel de doutor feito de arame, o presidente que virá conversar com um deles, os uxoricidas, enfim, uma galeria de seres humanos, em análises sempre permeadas por questionamentos:

Haverá contágio na loucura? Ouvi sempre falar que alienistas notáveis atribuíram a loucura de velhos guardas à ambiência dos hospitais; aqui, contaram-me vários casos. A imitação, que é um poderoso *factor de progresso social útil*, positivo, pode bem ser contada em sentido contrário, *um factor de regresso do indivíduo*, e *aqui sobra inteligência débil* de modo a fazê-la copiar gestos e coisas dos loucos que a cercam.⁵⁰⁵

⁵⁰² BARRETO, op. cit., nota 474, p. 50-51.

⁵⁰³ CANDIDO, op. cit., nota 52, p. 48.

⁵⁰⁴ BARRETO, op. cit., nota 474, p. 53. Grifos nossos

⁵⁰⁵ Idem, Ibidem, p. 73.

O trecho citado bem critica o positivismo da época, no que esse tinha de imitação como “factor de progresso social”: “Citam-se nas rodas literárias desses tipos que imitam em tudo Artur Azevedo e Joaquim Nabuco, este mesmo já imitava não sei que parlamentar inglês, que ele conheceu em Londres, na sua primeira mocidade.”⁵⁰⁶ Lima Barreto quer alfinetar as “rodas literárias” no que estas tinham de fachada, de beleza artificial, de “tipos que imitam”. Para isso, apresenta uma galeria de personagens que fogem do padrão, que estão aquém e/ou além da norma.

O que subjaz na narrativa é a fecunda análise do nosso sistema manicomial que, dentro dos espaços fechados, mantém as distinções e divisões de classe. Essa divisão não se estabelece apenas fora do manicômio, mas dentro. O narrador aponta possíveis causas:

Amaciado um pouco, tirando dele a brutalidade do acorrentamento, das surras, a superstição de rezas, exorcismos, bruxarias etc., o nosso sistema de tratamento da loucura ainda é o da Idade Média: *o sequestro*. Não há dinheiro que evite a Morte, quando ela tenha de vir; e não há dinheiro nem poder que arrebate ao homem da loucura. *Aqui, no hospício, com as suas divisões de classes*, de vestuário, etc., eu só vejo um cemitério: uns estão de carneiro e outros de cova rasa. Mas, assim e assado, a Loucura zomba de todas as vaidades e mergulha todos no insondável mar de seus caprichos incomprensíveis.⁵⁰⁷

A divisão de classes entra em tais instituições para manter as mesmas diferenças sociais na forma de tratamento. Há muita tensão entre a lucidez do narrador e o que ele observa nos internos, além da preocupação com a família: “Minha mulher faz-me falta, e nestas horas eu tenho remorsos como se a tivesse feito morrer. Logo, porém, como vem de mim mesmo ou de fora de mim uma voz que me diz: É mentira.”⁵⁰⁸

O que chama atenção neste diário é a lúcida análise sociológica. Vista sob esse prisma, a narrativa se reveste de componentes que não apenas a enriquecem, inclusive do ponto de vista histórico, mas também

⁵⁰⁶ BARRETO, op. cit., nota 474, p. 74.

⁵⁰⁷ Idem, Ibidem, p. 76. Grifos nossos.

⁵⁰⁸ Idem, Ibidem, p. 81.

as possíveis tensões que se estabelecem entre o interno e o externo, entre o público e o privado. E não se trata de historicismo, mas de visão advinda do interior do hospício, reforçando a interrupção do contínuo da própria história, do convencional:

Mas não me é possível, a minha pouco certa inteligência é de outra raça; sou levado incoercivelmente para o estudo da sociedade, para os seus mistérios, para os motivos dos seus choques, para a contemplação e análise de todos os sentimentos. As formas das cousas que as cercam, e as suas criações, e os seus ridículos, me interessam e dão-me vontade de reproduzi-los no papel e descrever-lhe a sua alma, e particularidades. Ao mesmo tempo, levado para o estudo das sociedades, da sua história, do *quid* que as anima, arrastado para o estudo do seu destino, sou também capaz de me emocionar diante das cousas e da natureza. *Não serei nunca sociólogo, historiador, não serei nunca romancista*. Falta-me o amor ou ter amado. Mas... minha mulher!⁵⁰⁹

Esse sentimento de perda e o fato de não ser romancista, justificado pela falta de uma relação amorosa, apenas corroboram o casamento entre o narrador e a literatura, e mais: o sentimento de solidariedade entendido como uma das funções da literatura. O pretendido romance de Lima Barreto tem intensa coesão em seus elementos e é coerente com todo o seu projeto literário. Em *O destino da Literatura*, ele afirma:

Fazendo-nos assim tudo compreender; entrando no segredo das vidas e das coisas, a Literatura reforça o nosso natural sentimento de solidariedade com os nossos semelhantes, explicando-lhes os defeitos, realçando-lhes as qualidades e zombando dos fúteis motivos que nos separam dos outros. Ela tende a obrigar a todos nós a nos tolerarmos e nos compreendermos; e, por aí, nós nos chegaremos a amar mais perfeitamente na superfície do planeta que rola pelos espaços sem fim. O Amor sabe

⁵⁰⁹BARRETO, op. cit., nota 474, p. 82. Grifos nossos.

governar com sabedoria, e acerto, e não é à toa que Dante diz que ele move o Céu e a alta Estrela.⁵¹⁰

Não se trata unicamente de narração e desespero dentro do hospício, da falta de liberdade, dos outros internos com seus delírios, mas antes de tudo, de um narrador consciente de seu papel para a construção histórica do momento pelo qual passa. Para espantar tais fantasmas, a Biblioteca será o refúgio do narrador: “O hospício tem uma biblioteca”.⁵¹¹ A leitura e a escrita tornam-se resistência e, ao mesmo tempo, sobrevivência dentro do espaço fechado destinado aos loucos.

O sistema jurídico ampara a repressão aos internos do hospício, em carros-fortes, em casas-fortes, além das camisas de força. O personagem de Lima Barreto tinha problema com a bebida e não com a loucura:

As questões fundamentais de que vai tratar são: a perda de identidade, a violência do sequestro, a arbitrariedade da reclusão imposta, e o exercício do poder dentro da instituição, reproduzindo, no interior do hospício, a relação de poder do próprio sistema, exterior, global.⁵¹²

Os apontamentos do *Diário do hospício* oxigenam a literatura brasileira ao analisar os problemas dos internos, misturados nas mais variadas loucuras e nos mais variados delírios. Junto a eles, está um dipsomaniaco que, desintoxicado, recobra sua consciência e, junto à biblioteca, refaz seu próprio itinerário. Ler e escrever são parte de sua revolução. Tendo por base a tese XIV de Walter Benjamin, podemos afirmar que as memórias do personagem do *Diário do hospício* são “o salto do tigre em direção ao passado”.

5.3 LITERATURA EM FRAGMENTOS: *O CEMITÉRIO DOS VIVOS*

A forma que Lima Barreto encontrou para tornar viáveis os apontamentos do *Diário do hospício* foi escrever *O Cemitério dos Vivos*, embora este seja um romance inacabado, com apenas cinco capítulos.

⁵¹⁰BARRETO, op. cit., nota 215, p. 67-68.

⁵¹¹BARRETO, op. cit., nota 474, p. 87.

⁵¹²RESENDE, op.cit., p. 179.

Já vimos que a mulher do protagonista, Vicente Mascarenhas, morreu, quando citamos os primeiros parágrafos d'*O Cemitério dos Vivos*. Mas o protagonista perde também o filho:

Para o filho, que andava próximo dos quatro anos, não lobriguei nos seus olhos uma tão profunda manifestação de comiserção. Parecia-lhe, certamente, que ele seria mais feliz do que eu. Não sei, não me recordo, se, logo *após a sua morte*, pus-me a pensar nas suas palavras, a bem dizer as últimas, e no meu casamento e outros fatos domésticos.⁵¹³

Mesmo havendo elementos autobiográficos n'*O Cemitério dos Vivos*, característica do escritor Lima Barreto, ainda assim o protagonista perdeu a mulher e o filho, apresenta características dipsomaníacas, não sabendo se estas são herança genética advindas do pai.⁵¹⁴ O narrador em primeira pessoa, com este painel, não questiona apenas a si mesmo, mas a ciência positivista da época.

A morte é elemento fundamental que acompanha boa parte dos personagens. Se a moda era a filosofia positivista, a leitura do narrador é a contrapelo, inclusive em relação à moda da época que, conforme a Tese XIV, de Walter Benjamin, cita o passado: “Mandaria às urtigas o ‘pergaminho’, o canudo, o lacre, o grau, o retrato de tabuleta, numa casa de modas na Rua do Ouvidor, e resignar-me-ia a ser tratado desgraciosamente por ‘seu fulano’.”⁵¹⁵

A literatura, n'*O Cemitério dos Vivos*, também apresenta diferenças em relação ao *Diário do hospício*, em que os livros parecem saídos da biblioteca do autor: “Em menino lia os autores nacionais: Alencar, Macedo, Manuel de Almeida, Aluísio, Machado de Assis; e também os poetas: Gonçalves Dias, Varela, Castro Alves e Gonzaga [...]”⁵¹⁶ Do ponto de vista literário e considerando a teoria de Walter Benjamin, afirma o narrador: “Mais do que os grandes acontecimentos, na nossa vida, são os mínimos que decidem o nosso destino; e esses pequenos fatos encadeados, aparentemente insignificantes, vieram influir na minha existência [...]”⁵¹⁷ Encontramos aqui o cronista a que se refere Walter Benjamin, preocupado com os fatos mais

⁵¹³BARRETO, op. cit., nota 474, p. 121. Grifos nossos.

⁵¹⁴Idem, Ibidem, p. 126

⁵¹⁵Idem, Ibidem, p. 130. Grifos nossos.

⁵¹⁶Idem, Ibidem, p. 131.

⁵¹⁷Idem, Ibidem, p. 136.

insignificantes, além da manifestada confissão: “[...] que são mais de uma simples obra literária, mas uma confissão que se quer exteriorizar, para ser eficaz e salutar o arrependimento que ela manifesta.”⁵¹⁸

O projeto literário de Vicente Mascarenhas é leitura a contrapelo da literatura da época. Uma resistência à repetição, baseada no fazer jornalístico:

De resto, é bem sabido que os especialistas, sobretudo de países satélites, como o nosso, são meros repetidores de asserções das notabilidades europeias, dispensando-se do dever mental de examinar a certeza das suas teorias, princípios, etc., mesmo quando versam sobre fatos ou fenômenos que os cercam aqui, dia e noite, fazendo falta, por completo, aos seus colegas da estranha. Abdicam do direito de crítica, de exame, de livre-exame; e é como se voltássemos ao regime da autoridade.⁵¹⁹

Não estranhamos que tais reflexões do protagonista tenham sua origem no jornalismo, nas crônicas, nos artigos. O que vemos é um projeto literário que caminha a passos largos, explicando, de forma sucinta, para o leitor, o *pari-passu* do como fazer uma obra literária: “Um dia, porém, tentei um conto.”⁵²⁰

Dois personagens negros na narrativa merecem destaque, inclusive do ponto de vista histórico: “Ana era uma crioula de meia-idade, que chefiava a cozinha. Não era bem uma criada; era uma espécie de agregada desse tipo especial de negras e pretas, criado pela escravatura [...]”⁵²¹ O outro personagem negro do romance é Nicolau, com seu “rosto azeitonado”, que vivia de serviços de ocasião. Novamente os negros fazem o trajeto que denominamos de contracartografia:

Corria o Rio de Janeiro, da Penha à Gávea, da Praça do Mercado a Santa Cruz; conhecia-o todo, pois o palmilhava a pé, de bonde, de carroça, de automóvel, só não empregava cavalo, e, assim

⁵¹⁸BARRETO, op. cit., nota 474, p. 136.

⁵¹⁹Idem, Ibidem, p. 139.

⁵²⁰Idem, Ibidem, p. 139.

⁵²¹Idem, Ibidem, p. 141.

mesmo, não se sabe se o fazia nas freguesias rurais.⁵²²

O mulato Nicolau, para sobreviver, percorria quase toda a capital. O espaço é fundamental nesse trecho. O bairro mais distante do centro, Santa Cruz, aparece na narrativa como espaço de possibilidades e não de exclusão. A bebida oferece ao personagem Nicolau lenitivo capaz de fazê-lo suportar sua miserabilidade social:

De fato, ele sempre descobria frutas, que trazia a Dona Clementina, se não lhe acontecia achar comprador pelo caminho. Era fiel como um cachorro, serviçal, prestável, mas despido de toda a ambição na vida. Não procurava outro prazer na vida senão servir e beber cachaça. Só bebia cachaça; não suportava outra bebida.⁵²³

A morte acompanha quase toda a narrativa, como já apontamos, orbitando entre os personagens, entre a loucura e o navio negreiro urbano, chamado de “ergástulo ambulante”, nas palavras do narrador:

Casado, como já contei, com tantas reservas íntimas, vivi cinco anos com minha mulher, *até à sua morte*, na mais perfeita paz de decência doméstica. Logo após passar o meu primeiro ano de casamento, aí pelo nascimento do meu primeiro e único filho, sua mãe, a minha sogra, melhorara muito das consequências do ataque, ganhara quase todos os movimentos, mas de juízo não me saiu muito sã e o foi perdendo aos poucos, até chegar à mania declarada.

Foi depois da morte de Efigênia que o meu pensamento fez-me viver uma vida desnorreada, que me levou duas vezes ao manicômio.⁵²⁴

No caso do hospício, para aqueles que não têm família, o isolamento e o abandono social corroboram a situação de calamidade a que chegam muitos desses internos. A situação de miséria e precariedade é apenas uma das facetas do romance. A banalidade da

⁵²²BARRETO, op. cit., nota 474, p. 145.

⁵²³Idem, Ibidem, p. 145.

⁵²⁴Idem, Ibidem, p. 164. Grifos nossos.

violência já se inicia no trajeto, quando o “suposto” louco é metido num camburão:

É indescritível o que se sofre ali, assentado naquela espécie de solitária, pouco mais larga que a largura de um homem, cercado de ferro por todos os lados, com uma vigia gradeada, por onde se enxergam as caras curiosas dos transeuntes a procurarem descobrir quem é o doido que vai ali. A carriola, pesadona, *arfa que nem uma nau antiga*, no calçamento; sobe, desce, tomba pra aqui, tomba pra ali; o pobre-diabo lá dentro, tudo liso, não tem onde se agarrar e bate o corpo em todos os sentidos, de encontro às paredes de ferro; e, se o jogo da carruagem dá-lhe um impulso para frente, *arrisca-se a ir de fuças de encontro à porta de praça-forte do carro-forte*, a cair no vão que há entre o banco e ela, arriscando a partir as costelas... Um suplício destes, a que não sujeita a polícia os mais repugnantes e desalmados criminosos, entretanto, ela aplica a um desgraçado que teve a infelicidade de ensandecer, à vezes, por minutos...⁵²⁵

A mulher, Efigênia, cobrará de Vicente Mascarenhas a escritura de seu primeiro livro. É ela também que o convence a publicá-lo com recursos próprios. Ela é participativa do mundo literário, interroga, anima e estimula Vicente Mascarenhas a escrever. Após a morte da mulher, Efigênia, a doença mental da sogra e a dificuldade de aprendizagem do filho é que ocorre a internação no hospício: “Entrei no hospício no dia de natal”.⁵²⁶

Com cinco capítulos, o livro, que segundo Francisco de Assis Barbosa seria mais uma obra prima, ficou inacabado. A reelaboração dos apontamentos do *Diário do hospício* no romance *O cemitério dos vivos* termina por questionar a ciência do positivismo e os problemas internos do sistema manicomial, com seus negros, migrantes, imigrantes e outros segmentos discriminados pela sociedade.

O escrever do personagem Vicente Mascarenhas advém da convivência com a mulher Efigênia, que se torna conhecedora dos livros do marido, sabe onde eles estão localizados e sabe mais: em que página

⁵²⁵BARRETO, op. cit., nota 474, p. 152. Grifos nossos.

⁵²⁶Idem, Ibidem, p. 151.

Vicente Mascarenhas parou no seu itinerário de escrever o tão pretendido romance sobre a “história da rapariga, num livro”.

Entrando para o hospício, o narrador interrompe seu itinerário, sua metodologia é interditada pelo estado de exceção do manicômio. O fato é que escrever e ler dentro do hospício é ato de resistência. O narrador “organiza seu pessimismo” vivendo o “tempo-de-agora” para tratar dos oprimidos internos do hospício: “[...] o pessimismo está aqui a serviço da emancipação das classes oprimidas.”⁵²⁷ Esse aspecto demonstra sua preocupação com o registro do *agora*, com a defesa dos oprimidos:

A famosa “construção” que a tese invoca como expressão do tempo pleno – e, portanto, como antítese do tempo “homogêneo e vazio” – está apoiada sobre estes dois momentos: o do destruído e abandonado pela linha histórica que triunfou; e o desse *agora* do tempo passado que irrompe no presente e desestabiliza o presente da linha histórica triunfante.⁵²⁸

A entrevista concedida por Lima Barreto ao jornal *A Folha*, do Rio de Janeiro, em 1920, demonstra que o jornalista estava mais preocupado com sua internação do que com a obra que o escritor tinha em mente escrever. Os fatos biográficos são expostos de maneira clara, mas o jornalista escreve: “Lima Barreto, o romancista admirável de *Isaías Caminha*, está no hospício.”⁵²⁹ Neste caso, o escritor desfrutava de certo prestígio, contrariando parte da crítica da época, conforme ressalta também o crítico Marcos Vinícius Scheffel: “*Recordações do Escrivão Isaías Caminha* é um dos livros mais publicados, conhecidos e vendidos do autor.”⁵³⁰

Não se trata da história de vencedores, nem de personalidades importantes da época. Ao contrário, trata-se da representação da tragédia familiar de Vicente Mascarenhas e sua internação no hospício. *O cemitério dos vivos* configura-se como algo pertencente ao passado do romancista e que se constrói a partir dele. Seu tempo não é o linear, vazio, e nem o tempo do positivismo, mas aquele que instiga, questiona

⁵²⁷LÖWY, op. cit., p. 23.

⁵²⁸MATE, op. cit., p. 302-303.

⁵²⁹BARRETO, op. cit., nota 474, p. 257.

⁵³⁰SCHEFFEL, Marcos Vinícius. *Do registro diário à criação: o processo ficcional em Recordações do Escrivão Isaías Caminha e Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá*. Joinville, SC: Editora Letra D’água, 2007, p. 36.

o próprio sistema, não apenas o problema manicomial, mas uma teia de relatos: a mulher Efigênia como partícipe da construção literária do protagonista; a negra Ana; o negro Nicolau, em seu longo trajeto contracartográfico pela cidade do Rio de Janeiro; Dona Clementina, a sogra, e sua demência; o filho e sua dificuldade de aprendizagem; os loucos e presos do manicômio; o positivismo na “suposta” ciência de alguns médicos do manicômio; a rebelião interna dos loucos; a Biblioteca como local de refúgio, de leitura e de escrita; e, por último, o fato de o romance se organizar com os oprimidos internos dos mais variados segmentos da sociedade, numa mistura de personagens nem sempre loucos, a exemplo de Vicente Mascarenhas, que era dipsomaniaco.

Do meio social e do drama familiar e individual de Vicente Mascarenhas passamos para o drama coletivo das seções do hospício, com loucos da mais variada espécie, sendo o próprio narrador considerado “louco periódico”, por frequentar a biblioteca. Beatriz Resende, com muita propriedade, afirma:

A expressão “prisioneiros de passagem” nos parece merecer destaque e se adequar à **crônica** da permanência de Lima Barreto na Praia Vermelha por apontar, ao mesmo tempo, para a condição de **prisioneiro** e, na construção de um sintagma que contém em si uma contradição, marcar o **não-lugar** do louco.⁵³¹

O cemitério dos vivos, um romance inacabado, termina no insulamento de Vicente Mascarenhas: “Fiquei eu só no vão da janela.”⁵³² Esta solidão e este insulamento acompanham boa parte dos personagens de Lima Barreto. Ainda que se casem, tenham filhos, suas trajetórias são marcadas pela morte, pela desilusão e posterior solidão, não sem antes padecer de inúmeros sofrimentos e suplícios, características que estão intrinsecamente relacionadas à biografia do escritor e que colaboram para se transformar em rico material na construção de sua ficção.

⁵³¹ RESENDE, op. cit., p. 184. Grifos da autora.

⁵³² BARRETO, op. cit., nota 474, p. 225.

5.4 O AGORA HERMENEUTA DO PASSADO: *DIÁRIO ÍNTIMO*

O *Diário íntimo* foi publicado em 1953, conforme Francisco de Assis Barbosa, juntamente com o *Diário do hospício e O Cemitério dos Vivos*. Estes dois últimos textos passaram a formar volume independente na coleção das “Obras de Lima Barreto”. O *Diário íntimo*, objeto de nossa análise, é o editado em 1956, vindo acompanhado pelo esboço do romance *Clara dos Anjos*, na sua versão incompleta, a de 1904.

Sobre um trecho do *Diário íntimo*, afirma Antonio Candido: “Ainda aqui, portanto, verificamos o encontro favorável da confissão, da análise social e do achado estilístico, fazendo o documento biográfico deslizar para a criação literária.”⁵³³ Por isso, nas obras do escritor Lima Barreto, há o encontro da confissão e da criação literária, com a representação de uma galeria de personagens oprimidos.

No *Diário íntimo*, Lima Barreto coloca esboços dos romances citados, em meio a fatos próprios de um diário. Nesse sentido, o diário é híbrido: compõe-se de importantes fatos biográficos; de esboços de romance que o escritor pretendia desenvolver; de datas significativas ou esquemas de datas para o contexto social pretendido na ficção; de confissão, de desabafo e de outras características marcantes, numa possível montagem e organização de Francisco de Assis Barbosa.

Nosso interesse não será tanto pelo manancial de ideias expostas em boa parte dos textos do *Diário íntimo*, o que nos interessa é o calendário estabelecido por Lima Barreto, considerando o que este tem de recordação, ou seja, o passado que movimenta o presente de sua escritura.

Em 2 de julho de 1900, escreve Lima Barreto: “Quando comecei a escrever este, uma ‘esperança’ pousou”.⁵³⁴ O escritor, na primeira anotação do diário, tem por objetivo escrever uma sátira relacionada à escola Politécnica: “Alunos há que só aparecem na Escola durante o primeiro mês; depois, vão-se e só voltam pelo começo do ano seguinte, para conversar, discutir e ‘trepar’. ‘Trepar’ é um dos prazeres mais estimados entre os rapazes.”⁵³⁵ As primeiras anotações revelam um narrador implacável para com os colegas da Escola Politécnica. Sabemos que Lima Barreto sofreu muita discriminação social e, principalmente, racial, porém foi também na Escola Politécnica que teve

⁵³³CANDIDO, op. cit., nota 52, p. 47.

⁵³⁴BARRETO, op. cit., nota 6, p. 27.

⁵³⁵Idem, Ibidem, p. 28.

bons amigos e nela iniciou sua atividade como escritor, com textos em forma de sátira e/ou crônicas.

As próximas anotações do *Diário íntimo* só aparecerão com data de 1903, e nelas Lima Barreto declara sua intenção de escrever a *História da escravidão negra no Brasil*, registrando logo abaixo a data de seu nascimento: “Nasci em segunda-feira, 13-5-81.”⁵³⁶ Esta anotação nos leva a refletir sobre a importância que o escritor dava às datas, com claro objetivo de inseri-las nos romances. Ele insere o primeiro item do seu decálogo como o de não ser mais aluno da Escola Politécnica.

A possibilidade de ajuda do padrinho Visconde de Ouro Preto parece distante e o narrador ironiza um estudante elegante da época, efetuando interessante análise em 12 de junho de 1903. Nesta data, aparece o termo “martirológio”: “Ah! Santo Deus, se depois disso não vier um futuro de glória, de que me serve viver? Se depois de percorrido esse *martirológio*, eu puder ser mais alguma coisa [...]”⁵³⁷

A referência ao Visconde de Ouro Preto é corrosiva, cobrando a ajuda de dez mil-réis que não vieram: “Os protetores são os piores tiranos.”⁵³⁸ Mas vejamos o significado do vocábulo martirológio: “substantivo masculino (s. XV) 1 lista dos mártires da Igreja católica, *ordenada pelas datas em que esses mártires são celebrados*. 2 por extensão lista dos que morreram por uma causa [...]”⁵³⁹ Diante do exposto, podemos apresentar a Tese XV de Walter Benjamin:

Tese XV

A consciência de fazer explodir o contínuo da história é própria das classes revolucionárias no instante de sua ação. A Grande Revolução introduziu um novo calendário. O dia com o qual começa o novo calendário funciona como um condensador de tempo histórico. E, no fundo, é o mesmo dia que retorna sempre na figura dos dias de festa, que são dias da rememoração. Os calendários, portanto, não contam o tempo como relógios. Eles são monumentos de uma consciência da história da qual, há cem anos, parece não haver na Europa os mínimos vestígios. Ainda na Revolução de Julho ocorreu um

⁵³⁶BARRETO, op. cit., nota 6, p. 33.

⁵³⁷Idem, Ibidem, p. 33-34.

⁵³⁸Idem, Ibidem, p. 34. Grifo nosso.

⁵³⁹HOUAISS, op. cit., p. 1251.

incidente em que essa consciência se fez valer. Chegando o anoitecer do primeiro dia de luta, ocorreu que em vários pontos de Paris, ao mesmo tempo e sem prévio acerto, dispararam-se tiros contra os relógios das torres. Uma testemunha ocular, que, talvez, devesse à rima a sua intuição divinatória, escreveu então:

*Qui Le croirait! On dit qu'irrités contre l'heure
De nouveaux Josués, au pied de chaque tour,
Tiraient sur les cadrans pour arrêter le jour.*⁵⁴⁰

Ao pretender escrever sobre a história da escravidão, Lima Barreto explode o contínuo da história e pensa na ação. Ao misturar sua dor com a intenção de pensar na dor dos vencidos, ele faz revolução. Em janeiro de 1904, escreve: “Janeiro. Dolorosa vida a minha! Empreguei-me e há três meses que vou exercendo minhas funções. A minha casa ainda é aquela dolorosa geena pra minh’alma.”⁵⁴¹ O vocábulo “geena” significa o inferno, o suplício eterno, de acordo com o dicionário Houaiss. A situação familiar torna-se terrível, pois o pai de Lima Barreto apresenta todos os sinais de loucura e delírio, no que o autor chama de “tragédia familiar”:

Meu pai, ambulante, leva a vida imerso na sua insânia. Meu irmão, C... [Carlindo], furta livros e pequenos objetos para vender. Oh! Meu Deus! Que fatal inclinação a desse menino.

Como me tem sido difícil reprimir a explosão. Seja tudo que Deus quiser.

A Prisciliana e filhos, aquilo de sempre. Sem a distinção da cultura nossa, sem o refinamento que já conhecíamos, veio em parte prender o desenvolvimento superior dos meus. Só eu escapo!⁵⁴²

Os apontamentos mencionados não apenas demonstram o sofrimento e a consciência do escritor, incomodado com a Prisciliana e seus filhos, numa casa com enormes dificuldades financeiras. Os

⁵⁴⁰LÖWY, op. cit., p. 123. Tradução dos versos em francês, por Michael Löwy: “Quem poderia imaginar! Dizem que irritados contra a hora, novos Josués, ao pé de cada torre, atiraram nos relógios para parar o dia.”

⁵⁴¹BARRETO, op. cit., nota 6, p. 41.

⁵⁴²Loc. cit. Francisco de Assis Barbosa alerta para o fato de que Carlindo não seja bem essa figura apresentada por Lima Barreto. Começou a trabalhar cedo para ajudar a família.

demonstrativos contábeis registram que sobrava muito pouco entre as despesas e a renda familiar. Além disso, não há dúvida de que, estando o pai de Lima Barreto com delírios, próprios de um estado de loucura, o escritor passa a ser um intelectual insulado e isolado no interior da própria família e, mesmo com todas as dificuldades, ainda são acolhidos a negra Prisciliana, seus filhos e o negro agregado da família, Manuel de Oliveira, somando ao todo dez pessoas.

Na pretendida narração “Dom João VI no Brasil”, Lima Barreto se preocupa com a escravatura e as leis relativas à questão. Vai desvelando todo seu caráter de escritor: “Vezar-se. Vezou-se a luzir. *Idem*. Resquícios (da almofada) – restos e frestas.”⁵⁴³ A propósito dos diários e das crônicas, afirma Beatriz Resende:

Um diário publicado guarda, em relação ao livro de crônicas, dois pontos – fundamentais – em comum. O primeiro é o aspecto fragmentário. No diário, a vida é apreendida a partir da perspectiva daquele dia. *São fatias de vida apresentadas*, onde entre o fato e o relato do fato há apenas uma separação mínima. O gesto de empreender este relato repete-se, senão com regularidade, com constância, por períodos determinados [...].

O outro ponto em comum aparece na própria nomeação dos dois gêneros: a **crônica** (*chronos*), publicada em **jornais**, e o **diário**, que também pode ser a forma de se designar um periódico de publicação cotidiana. O respeito ao calendário é, para Maurice Blanchot, a única lei que o diário, onde aparentemente tudo cabe na ordem ou desordem que se queira, está submetido: “O calendário é seu demônio, inspirador e guia.”⁵⁴⁴

As “fatias da vida” de Lima Barreto vêm acompanhadas por suas impressões literárias, seus projetos ficcionais e sua deliberada ironia contra o sistema político. Conforme Benjamin, na Tese XV: “O dia com o qual começa o novo calendário funciona como um condensador de tempo histórico.”⁵⁴⁵ Ao se preocupar com os escravos, Lima Barreto interrompe a história dos vencedores e, ainda que pretenda escrever

⁵⁴³ BARRETO, op. cit., nota 6, p. 43.

⁵⁴⁴ RESENDE, op. cit., p. 172-173. Grifos da autora.

⁵⁴⁵ LÖWY, op. cit., p. 123.

sobre Dom João VI, desiste em favor de outra narração. Por quê? Exatamente para pensar na “riqueza da tradição dos oprimidos.”⁵⁴⁶

O fato de informar que nasceu em 13 de maio de 1881 já é sintomático, possivelmente para reafirmar a importância do 13 de maio de 1888, dia festivo para lembrar a libertação dos escravos. Tais datas funcionam como “dias de lembrança”, numa ruptura emancipadora e redentora. O escritor instaura o tempo qualitativo por meio da escritura. Vejamos o texto em forma de verso ou versículo, espécie de filosofia conformista, inserido no *Diário* por Lima Barreto: “A ninguém insultes; fala sempre a verdade e, quando a pronunciare, cuida em agradar.” Ou seja, os registros vão além do chamado “aquele dia”, voltando-se para rememorar, recordar, relembra o passado, ricamente acompanhados por pensamentos filosóficos, não apenas relacionados à literatura, mas também ao drama: “Há uma peça de Calderón de La Barca intitulada: *Tudo é mentira e tudo é verdade*. Ver filosofia do trem.”⁵⁴⁷ O discurso é descentralizado em favor da “filosofia do trem”, possivelmente fragmentos de acontecimentos vividos pelo escritor em sua captura de “relatos de passagem”, em estações de trem, bondes, passeios e outras formas. A literatura entra no cotidiano e dele retira rico material de análise. Esta “descida de tom” não é apenas literária, mas também histórica: “Forma que encontra seu correlato com a estrutura social que se desenhava e com as novas técnicas (o bonde, o trem, o jornal) que impunham um novo modo de se representar o mundo.”⁵⁴⁸

O escritor registra sua indignação num país refém de uma estrutura altamente militarizada e escreve: “Os oficiais do Exército do Brasil dividem com Deus a onisciência e com o Papa a infalibilidade.”⁵⁴⁹

A discriminação racial e a distinção social de classe aparecem em diversos momentos, um deles é o fato de o escritor ser tomado como contínuo. Em 26 de dezembro de 1904, Lima Barreto já era funcionário público, portanto, o tratamento de “contínuo” se fazia meramente pelo conceito de superioridade da raça branca. Estranhamente, um dia após o natal:

⁵⁴⁶BARRETO, op. cit., nota 6, p. 124.

⁵⁴⁷Idem, Ibidem, p. 45.

⁵⁴⁸SCHEFFEL, op. cit., nota 232, p. 24

⁵⁴⁹BARRETO, op. cit., nota 6, p. 51. Sobre a importância da Proclamação da República no Brasil, afirma o cronista em “15 de Novembro”: “Entretanto – eu o sei bem – o 15 de Novembro é uma data gloriosa, nos fastos de nossa história, marcando um grande passo na evolução política do país.” Careta, Rio, 26-11-1921. In: BARRETO, op. cit., nota 51, p. 36.

26 de dezembro

Hoje, comigo, deu-se um caso que, *por repetido*, mereceu-me reparo. Ia eu pelo corredor afora, daqui do Ministério, e um soldado dirigiu-se a mim, inquirindo-me se era contínuo. Ora, *sendo a terceira vez*, a cousa feriu-me um tanto a vaidade, e foi preciso tomar-me de muito sangue frio para que não desmentisse com azedume. Eles, variada gente simples, insistem em tomar-me como tal, e nisso creio ver um formal desmentido ao professor Broca (de memória). Parece-me que esse homem afirma que a educação embeleza, dá, enfim, outro ar à fisionomia.

Porque (*sic*) então essa gente continua a me querer contínuo, porque (*sic*)?

Porque... o que é verdade na raça branca, não é extensivo ao resto; eu, mulato ou negro, como queiram, estou condenado a ser sempre tomado por contínuo. Entretanto, não me agasto, minha vida será sempre cheia desse desgosto e ele far-me-á grande.⁵⁵⁰

É de fato o “preconceito que se torna conceito”. Esta preocupação com o preconceito racial ou social não irá “agastar” o escritor que, naquele período, tinha a preocupação de esboçar a primeira versão do romance *Clara dos Anjos*. Nesse primeiro esboço de romance havia também preocupação com as datas, lembrando fatos históricos fundamentais. O fato de a personagem protagonista nascer em 1868 tem uma significação histórica, ao mesmo tempo em que é deflorada em 1888: “A sedução de Clara passara-se no dia 13 de maio.”⁵⁵¹ Ora, existe um itinerário a partir de Clara mulata que, nessa versão inicial, passa por inúmeros acontecimentos, chegando a sustentar o amigado José Portilho após ficar viúva. “Dá a luz” em 1889, exatamente no ano de Proclamação da República, é deixada em 1892 e se casa em 1894. Tais datas engendram acontecimentos da pretendida narração, inclusive o fato de Clara conhecer seu marido, David Carvalho, na festa “dos Cardosos, na Penha, por ocasião do São João.”⁵⁵² A teologia do dia festivo: “Os feriados são qualitativamente distintos de outros dias: são

⁵⁵⁰ BARRETO, op. cit., nota 6, p. 51-52. Grifos nossos.

⁵⁵¹ Idem, Ibidem, p. 59.

⁵⁵² Idem, Ibidem, p. 58.

dias de lembrança, de rememoração, que expressam uma verdadeira consciência histórica.”⁵⁵³

As datas lembram a passagem histórica do Império para o sistema republicano, a Revolta Armada e outros importantes acontecimentos. Além disso, o escritor afirma: “Preciso saber de que data são as ‘Vozes d’África’. Veio residir em Catumbi em 1884.”⁵⁵⁴ Vejamos as outras datas que constam do pretendido romance *Clara dos Anjos*:

1903
Época: 1874 a 1905

29

Clara.
Nasceu..... 1868.
Morte do pai..... 1887.
Deflorada..... 1888. (12 ou 13 de maio)
Dá a luz..... 1889.
Deixada..... 1892.
Casada..... 1894.
Viúva..... 1899.
Amigada de novo..... 1900.⁵⁵⁵

As mesmas tendências contra o preconceito racial o escritor irá registrar em “Opiniões de Gomensoro”, valorizando os negros e sua cultura: “Os negros fizeram a unidade do Brasil.”⁵⁵⁶ Não se trata de uma frase de denúncia, mas de análise altamente histórica, não no sentido do historicismo. O negro, de fato, formou nossa unidade, embora muitos tenham sido desprezados intelectualmente, rejeitados pelos cânones literários, algo que Marcos Vinícius Scheffel aborda, referindo-se à definição de Pierre Bourdieu sobre “campo literário”:

Segundo o pensamento do sociólogo francês, o campo literário é aquele que tem regras mais móveis – até porque os escritores ocupam posições duplas (escritor e político, escritor e jornalista, escritor e funcionário público etc.), cabendo ao crítico desvendar a coreografia do poder da qual os escritores fazem parte.⁵⁵⁷

⁵⁵³LÖWY, op. cit., p. 124.

⁵⁵⁴BARRETO, op. cit., nota 6, p. 58.

⁵⁵⁵Loc. cit.

⁵⁵⁶Idem, Ibidem, nota 8, p. 61.

⁵⁵⁷SCHEFFEL, op. cit., nota 530, p. 12. Grifos nossos.

Os negros serão providenciais para a guerra, com capacidade mental julgada *a priori*, enquanto a dos brancos é julgada *a posteriori*. Não se trata de ressentimento, mas de análise, em que constata que muitos negros sofreram com a morte, com o açoite, com o tronco, com a miséria, com o abandono social e com outras formas de exclusão. A ciência é ideologia em “forma acumulada de instinto de uma raça”, a branca.

Em “Marco Aurélio e seus irmãos”, Lima Barreto evoca a bíblia, mais especificamente o Salmo 141: “Bendito seja o senhor Deus meu, que adestra as minhas mãos para a batalha e os meus dedos para a guerra”.⁵⁵⁸ Esta guerra bíblica não teria o sentido de matar, considerando os dez mandamentos, mas sim a luta constante contra um estado de opressão. Nesse contexto, o estado de sítio torna o Brasil um estado de exceção permanente. A Revolta da Vacina aconteceu a partir de 10 de novembro de 1904, sendo que no dia 16 do mesmo mês é decretado o estado de sítio. O projeto de vacinação obrigatória contra varíola, de Oswaldo Cruz, causa uma série de manifestações contrárias, e os presos são encaminhados à Ilha das Cobras. Lima Barreto já esboça reação contra os militares: “Profecia. Dos militares mais ou menos envolvidos nas masorcas, nenhum sofrerá pena; dos civis, alguns se suicidarão na prisão.”⁵⁵⁹ Essas anotações de “profecia” aparecerão, de forma organizada, nos romances. O passado e o presente movem as anotações do escritor como um raio fulminante. São dados históricos de um país altamente militarizado. Os tiranos tomam posse e estabelecem o estado de sítio:

Eis a narrativa do que se fez no sítio de 1904. A polícia arrepanhava a torto e a direito pessoas que encontrava na rua. Recolhia-as às delegacias, depois juntavam na Polícia Central. Aí, violentamente, humilantemente, arrebatava-lhes os cós das calças e as empurrava num grande pátio. Juntadas que fossem algumas dezenas, remetia-as à ilha das Cobras, onde eram surradas desapiedadamente. Eis o que foi o Terror do Alves; o do Floriano foi vermelho; o do Prudente, branco, e o Alves, incolor, ou antes, de tronco e bacalhau.⁵⁶⁰

⁵⁵⁸ BARRETO, op. cit., nota 6, p. 65.

⁵⁵⁹ Idem, Ibidem, p. 48.

⁵⁶⁰ Idem, Ibidem, p. 49. O sentido de “bacalhau” é o chicote que dardeja o escravo.

Em pleno governo de Rodrigues Alves (1902-1906), o escritor faz registros corajosos sobre a barbárie de medidas que deveriam ser sanitárias e que se tornam violentas e desumanas. Não se trata de mera denúncia, mas de análise revolucionária e humana, quebrando o relógio linear da história e repensando o calendário do historicismo:

Este caderno esteve prudentemente escondido trinta dias. Não fui ameaçado, mas temo sobremodo os governos do Brasil.

Trinta dias depois, o sítio é a mesma coisa. Toda a violência do governo se demonstra na Ilha das Cobras. Inocentes vagabundos são aí recolhidos, surrados e mandados para o Acre.

Um progresso! Até aqui se fazia isso sem ser preciso estado de sítio; *o Brasil já estava habituado a essa história*. Durante quatrocentos anos não se fez outra cousa pelo Brasil.⁵⁶¹

A ação revolucionária se faz por meio da escrita e não comemora dias festivos em prol dos vencedores, mas registra as chamadas “revoltas” quando os fatos são agitados. Se Walter Benjamin trata da Revolução Francesa, da mudança de calendário e dos disparos aos relógios, Lima Barreto dispara contra a República militar no Brasil.

A crítica Luciana Hidalgo, a propósito do diário e com base na teoria de Michel Foucault, afirma:

No caso de Lima, a escrita arrumou o pensamento perturbado por delírios alcoólicos e pela surda revolta tantas vezes extravasada, fortalecendo, sobretudo, a *escrita de si*. O primeiro refere-se aos *hypomnêmata*, cadernos individuais de notas que servem de ajuda-memória e são uma espécie de livro de vida, guia de conduta, acumulando citações, fragmentos de obras, exemplos de ações dos quais fomos testemunhas ou dos quais lemos uma narração, reflexões ou pensamentos que ouvimos ou que vieram ao espírito [...].⁵⁶²

⁵⁶¹BARRETO, op. cit., nota 6, p. 49.

⁵⁶²HIDALGO, Luciana. *Literatura da urgência*: Lima Barreto no domínio da loucura. São Paulo: Annablume, 2008, p. 26-27. Grifos da autora.

A escrita será estruturada no *Diário íntimo* para “organizar o pessimismo” do escritor, conforme vimos em Walter Benjamin. Constatamos, por meio da leitura do *Diário*, a escrita sempre bem planejada, conforme apontamento no dia primeiro de janeiro de 1905: “Fiz a única ablução do meu asseio, tomei café, fumei um cigarro e li os jornais. Acabando de lê-los, arrumei as paredes do meu quarto.”⁵⁶³

Também, fundamentado num artigo de jornal, registra o sofrimento de Claudomira, em 27 de dezembro de 1904: “Desde as primeiras horas da manhã, já se ouve, como fúnebre matina, as lúgubres pancadas do açoite. [...]. *É chegado o momento da redenção [...]*.”⁵⁶⁴ A redenção, neste caso, só acontece para restituir a justiça, ainda que seja com a intervenção da polícia, para aplacar a dor da negra Claudomira, causada por surras que eram diárias. Era a escravidão que persistia.

A casa e o subúrbio formam o refúgio para o escritor, diante da insensatez do serviço burocrático. O quarto é considerado como espaço de aconchego e de segurança, capaz de oferecer ao romancista o que mais desejava: “Agita-me a vontade de escrever já, mas nessa secretaria de filisteus, em que me debocham por causa da minha pretensão literária, não me animo a fazê-lo. Fá-lo-ei em casa”.⁵⁶⁵ Deboche muito parecido com aquele que sofre Policarpo Quaresma, sendo chamado de Ubirajara pelos colegas “filisteus”. O que se dá com Lima Barreto é a criação de um “novo calendário”, repleto de imagens, de projetos, de fragmentos de romances, formando uma configuração não apenas para “os cuidados de si”, segundo Michel Foucault, mas principalmente pela memória, entre o sonho e a realidade: “Amanheci mal, tive um sonho erótico.”⁵⁶⁶

Para o escritor, as datas não são as dos vencedores: “Lei de 24 de janeiro de 1756 sobre negros e mulatos. Quilombolas – Lê-se no alvará de 3 de março de 1741.”⁵⁶⁷ O olhar do romancista também está voltado para o sistema jurídico: “As melhores leis foram as que romperam as anteriores.”⁵⁶⁸

Os esboços iniciais do personagem Gonzaga de Sá demonstram a preocupação do escritor com o calendário, não aquele em que se arranca a folhinha:

⁵⁶³BARRETO, op. cit., nota 6, p. 72. Grifos nossos.

⁵⁶⁴Idem, ibidem, p. 75.

⁵⁶⁵Idem, Ibidem, p. 97.

⁵⁶⁶Idem, Ibidem, p. 101.

⁵⁶⁷Idem, Ibidem, p. 103.

⁵⁶⁸Idem, Ibidem, p. 105.

O pai de Gonzaga de Sá devia ter nascido em 1813. Gonzaga de Sá, em 1850, e entrou na secretaria dos Cultos em 1872; quando nasceu, o pai tinha 37 anos, e a irmã deve ser mais velha do que ele 12 anos.⁵⁶⁹

Em 1908, Lima Barreto já havia escrito quase todo o livro *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*: “Escrevi quase todo o Gonzaga de Sá.”

⁵⁷⁰ No mesmo ano registra “[...] que um vendaval de miséria trouxe para esta África disfarçada [...]”, referindo-se à tempestade que advém do sofrimento dos negros na América. Em 24 de janeiro de 1908, o escritor afirma: “É triste não ser branco.”⁵⁷¹ Esta frase será o aguilhão para lançar, em 1909, as *Recordações do escrivão Isaías Caminha*. Ainda em 16 de julho de 1908, escreve: “Desde menino, eu tenho a mania do suicídio. Aos sete anos, logo depois da morte de minha mãe, *quando eu fui acusado injustamente de furto*, tive vontade de me matar.”⁵⁷²

A volta ao passado é constante. É como se a escrita fosse a construção do passado, a origem como fim, analisada não apenas à luz de novas teorias, mas sobretudo dentro da história dos negros, em que os fatos ganham explicação com os “instrumentos do pensamento”:

Eu me lembrei que a grande família de cuja escravidão saíra minha avó, tinha se extinguido, e que deles, diretamente, pelos laços de sangue e de adoção, só restavam um punhado de mulatos, muitos, trinta ou mais, de várias condições, e eu era o que mais prometia e o que mais ambições tinha.⁵⁷³

Em 1910, aparecem os primeiros esboços de *Triste fim de Policarpo Quaresma*. Francisco de Assis Barbosa levanta a hipótese de que o primeiro título aventado para o romance tenha sido “O prêmio”.

Em 6 de março de 1911, Lima Barreto afirma que, para sossego de todos, não é candidato à promoção e registra as Cantigas da Penha, inspirado em artigo publicado em jornal: “‘Flor das morenas’. Até nos faz lembrar os bons tempos do Instituto profissional... Penha. O ‘samba’

⁵⁶⁹BARRETO, op. cit., nota 6, p. 117.

⁵⁷⁰Idem, Ibidem, p. 125.

⁵⁷¹Idem, Ibidem, p. 130.

⁵⁷²Idem, Ibidem, p. 135.

⁵⁷³Idem, Ibidem, p. 132.

é a ‘nota’ alegre dos festejos de outubro, no arraial da Penha.”⁵⁷⁴ Nesse ano, retira material dos jornais para dar continuidade, possivelmente, à segunda versão do romance *Clara dos Anjos*: “O autor destas cartas, segundo os jornais, deflorou onze moças e seduziu uma porção de senhoras.”⁵⁷⁵

Em 1913, aparece um registro em que se estabelece, mais uma vez, uma “luta discursiva”:

Desagradar é verbo intransitivo. Pede, portanto, objeto indireto. É o mais grave erro do artigo, pois o pronome devia ser “lhe” e não “o”. Que clássico! Todos são assim. Quanto mais falam em gramática, mais erram por conta própria.⁵⁷⁶

Em 20 de abril de 1914 registra: “Já prescindindo da glória, mas não queria morrer sem uma viagem à Europa, bem sentimental e intelectual, bem vagabunda e saborosa, como a última refeição de um condenado à morte.”⁵⁷⁷ Nesse mesmo ano, é internado pela primeira vez no hospício: “Estive no hospício de 18-8-14 a 13-10-14.”⁵⁷⁸ O fato de o escritor ser conduzido ao hospício em carro-forte, pelo irmão policial, Carlindo, deixou nele uma impressão tão forte e triste que escreveu o conto “Como o homem chegou”, de acordo com Francisco de Assis Barbosa.

Em março de 1916, Lima Barreto fica impressionado com críticos generosos, a exemplo de Oliveira Lima e Afonso Celso, que veem no *Triste fim de Policarpo Quaresma* o *Dom Quixote* nacional, apesar de suas dificuldades financeiras:

Em fins de 1915, devido a circunstâncias e motivos obscuros, cismei em publicá-lo. Tomei dinheiro daqui e dali, inclusive de Santos [Antonio Noronha dos], que me emprestou trezentos mil réis, e o Benedito [de Sousa] imprimiu-o.⁵⁷⁹

⁵⁷⁴BARRETO, op. cit., nota 6, p. 164.

⁵⁷⁵Loc. cit.

⁵⁷⁶Idem, Ibidem, p. 170.

⁵⁷⁷Idem, Ibidem, p. 171.

⁵⁷⁸Idem, Ibidem, p. 172. Registro lacônico por demais, em se tratando de Lima Barreto.

⁵⁷⁹Idem, Ibidem, p. 181.

É também em 1916 que Lima Barreto lamenta: “Os jornais que não noticiaram absolutamente o aparecimento do meu segundo livro foram: o *Correio da Manhã* e a *Tribuna*, do Rio de Janeiro.”⁵⁸⁰ Sabemos que, com a publicação do livro *Recordações do escrivão Isaías Caminha*, Lima Barreto passou a ser *persona non grata* para o *Correio da Manhã*.

Em sete de junho de 1917, registra a transformação da cidade, assunto que será fortemente marcado no romance *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*:

Minha irmã acaba de chegar da rua (sete e meia da noite) e me traz a notícia de que um grande prédio em construção no Largo do Rossio acaba de desabar, matando quarenta operários. O antigo prédio era uma arapuca colonial, mas que, apesar da transformação, de ter tido as paredes eventradas, resistia impavidamente. O novo ia ser uma brutalidade americana, de seis andares, dividido em quartos, para ser hotel: Hotel *New York* (que nome!), um pombal, ou melhor: uma cabeça-de-porco.

Somos de uma estupidez formidável. O Rio não precisa de semelhantes edifícios. Eles são desproporcionados com as nossas necessidades e com a população que temos. Com pouco mais, o seu construtor adquiria os prédios vizinhos e faria coisa decente, proporcional, harmônica com a nossa vida e os nossos gostos. Mas a mania de imitarmos os Estados Unidos leva-nos a tais tolices. Uma casa dessas, servida por elevadores, povoada que nem uma vila povoada, é sempre uma ameaça para os que a habitam. Em caso de desastre, de acidente, os pequenos elevadores não a poderão esvaziar, a sua população. Mas os americanos... É o que eles chamam de progresso. Fresco progresso.⁵⁸¹

Em 1919, escreve “A Liga contra o *football*”, sendo entrevistado pelo *Rio-Jornal*. O que se faz importante entender é que o futebol não

⁵⁸⁰BARRETO, op. cit., nota 6, p. 182.

⁵⁸¹Idem, Ibidem, p. 188-189.

aceitava negros. Era o esporte da elite branca. A propósito, vejamos nota de Francisco de Assis Barbosa:

Sobre Lima Barreto e o futebol, veja-se a entrevista que concedeu ao *Rio-Jornal*, no ano de 1919. Em outubro de 1921, o escritor protestou, quando, do envio do selecionado brasileiro à Argentina, decidiram os dirigentes do futebol que no mesmo não deviam figurar negros ou mulatos, exigindo para os jogadores um verdadeiro processo de *puritate sanguinis*.⁵⁸²

5.5 ALEGORIA BENJAMINIANA: OS BRUZUNDANGAS

Os textos de Lima Barreto que não apresentam enredo são, para o crítico literário, dos mais difíceis de serem analisados. Isso por que a escritura se faz por fragmentos e impressões dos mais variados aspectos. Com relação à edição das crônicas de *Os Bruzundangas*, trabalharemos com a de 1956.

Trata-se de crônicas publicadas, inicialmente, em 1911, na *Gazeta da Tarde*, com indicação de que são notas sobre o Império das Bruzundangas. Voltam a ser publicadas em 1917, no semanário *A.B.C.*, dirigido por Paulo Hasslocher. Mas o que significa o vocábulo bruzundanga? Francisco de Assis Barbosa explica:

Segundo o *Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*, bruzundanga ou burundanga é um brasileirismo que significa ‘palavreado confuso; algaravia; mixórdia; trapalhada; cozinhando mal feito, sujo ou repugnante’. *A República das Bruzundangas seria, por conseguinte, o país das trapalhadas*.⁵⁸³

Sabemos que se trata de um país inexistente que se assemelha ao Brasil. Neste aspecto, a República das Bruzundangas ocupa o lugar do Brasil, numa espécie de “alegoria benjaminiana”.

Com efeito, Walter Benjamin, nas teses de “Sobre o conceito de História”, constrói uma teoria do conhecimento que ataca, principalmente, o chamado historicismo. Com as crônicas de

⁵⁸²BARRETO, op. cit., nota 6, p. 215. Grifos nossos.

⁵⁸³BARBOSA, Francisco de Assis. In: BARRETO, Lima. *Os Bruzundangas*. São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 19. Grifos nossos.

Bruzundangas, Lima Barreto não encara o passado de forma fixa, mas o presentifica e ataca também boa parte da história do Brasil. A sátira corrosiva do escritor está no presente do indicativo, com citações que se colocam na ordem do dia. Vejamos a Tese XVI, de Walter Benjamin:

Tese XVI

O materialista histórico não pode renunciar ao conceito de um presente que não é transição, mas no qual o tempo estanca e ficou imóvel (*Stillstand*). Pois esse conceito define exatamente o presente em que ele escreve história para si mesmo. O Historicismo arma a imagem “eterna” do passado, o materialista histórico, uma experiência com o passado que se firma aí única. Ele deixa aos outros se desgastarem com a prostituta “era uma vez” no prostíbulo do Historicismo. Ele permanece senhor de suas forças: viril o bastante para fazer explodir o contínuo da história.⁵⁸⁴

O capítulo chamado de especial e cujo título é “Os Samoiedas”, traz o versículo de São Paulo aos Gálatas: “Vazios estais de Cristo, vós que vos justificais pela lei: da graça tendes caído.”⁵⁸⁵ Esta citação teológica vem como epígrafe a um capítulo destinado a tratar da literatura estrangeira, no caso, a literatura de Bruzundanga. Com essa “despretensão”, tais crônicas, que mantêm forte coesão com assuntos os mais diversos, conseguem atingir de forma satírica e caricata o Brasil.

O narrador em primeira pessoa estabelece seu primeiro plano de enfrentamento, em que a história não é uma “imagem eterna do passado” e muito menos fixa, mas se move. Por isso, a literatura de Bruzundanga, do qual o narrador afirma: “É um capítulo dos mais delicados, para tratar do qual *não me sinto completamente habilitado*.”⁵⁸⁶ É possível que o problema da inabilidade do narrador não esteja nele, mas no fazer literário de Bruzundanga: “Quanto mais incompreensível é ela, mais admirado é o escritor que a escreve, por todos que não lhe entenderam o escrito.”⁵⁸⁷ Ora, esta não é uma característica passadista, mas que se faz presente, pois o narrador entende a língua falada por

⁵⁸⁴LÖWY, op. cit., p. 128.

⁵⁸⁵BARRETO, op. cit., nota 583, p. 31.

⁵⁸⁶Loc. cit. Grifos nossos.

⁵⁸⁷Loc. cit.

gente instruída de Bruzundanga, mas tem enorme dificuldade de entender a literatura “escrita” de “literatos importantes, solenes, respeitadas”, exatamente porque redigem suas obras em outra língua, que “consideram como sendo a verdadeira, a lídima, justificando isso por ter feição antiga de dous séculos ou três.”⁵⁸⁸ Nessa literatura supostamente “verdadeira” não entra o cotidiano da população em geral: “Nela, há a literatura oral e popular de cânticos, hinos, modinhas, fábulas, etc.; mas todo esse *folk-lore* não tem sido coligido e escrito, de modo que, dele, pouco lhes posso comunicar.”⁵⁸⁹

O narrador, ao chamar a escola literária de Bruzundanga de escola dos Samoiedas, faz ironia contra algumas escolas literárias do Brasil, em que a literatura popular é tranquilamente excluída em favor daqueles que “só querem a aparência das cousas”. Por isso, o literato não quer entender de literatura, assim como o estudo da medicina não é feito para curar, mas para formar “doutores”. O fundador da escola literária dos Samoiedas é, por exemplo, chamado de “Tuque-Tuque”, expressão onomatopaica que exprime o caráter repetitivo, pois os habitantes de Bruzundanga nunca leram “as poesias nem a sua arte poética”.⁵⁹⁰ Há uma constante descontextualização da literatura em Bruzundanga, numa “versalhada matemática”. Do mesmo modo, os trajes dos habitantes não são coerentes: “A Bruzundanga, como sabem, fica nas zonas tropical e subtropical, mas a estética da escola pedia que eles se vestissem com peles de urso, de renas, de martas e raposas asiáticas.”⁵⁹¹

Da mesma forma que na política os deputados devem seguir o líder do partido, como vimos em *Numa e a Ninfa*, na literatura de Bruzundanga os literatos devem seguir seu fundador:

— Gostei muito desse teu verso: - “há uma loura linda leve, luna bela”!

O autor cumprimentado retrucou:

— Não fiz mais do que imitar Tuque-Tuque, quando encontrou aquela soberba harmonia

⁵⁸⁸ BARRETO, op. cit., nota 583, p. 31. Sobre o romance, ver nota de número (79) de *Correspondência ativa e passiva*: “Os direitos autorais de *Os Bruzundangas* foram vendidos ao editor Jacinto Ribeiro dos Santos, ‘para todo o sempre’, por setenta mil-réis. Posteriormente à morte do escritor, o acervo do livreiro incorporou-se ao patrimônio nacional. A requerimento da família Lima Barreto, o Presidente Getúlio Vargas, mandou liberar esses direitos, em 1951.” In: BARRETO, op. cit., nota 206, p. 118.

⁵⁸⁹ Idem, Ibidem, p. 32.

⁵⁹⁰ Idem, Ibidem, p. 38.

⁵⁹¹ BARRETO, op. cit., nota 583, p. 42.

imitativa, para dar ideia do luar – “Loga Kule Kuleia logalam”, no seu poema Kulelau.⁵⁹²

Ostentando o título de “doutor”, o habitante de Bruzundanga tem foros e privilégios especiais. Esse prestígio nobiliárquico se transfere para o conceito do fazer literário que, como vimos, quanto mais incompreensível, melhor: “Se só se chama *tout court* – doutor Kamisão -, ele ficará zangado porque é coronel, ele julgará que o seu interlocutor não tem em grande consideração o seu título universitário-militar.”⁵⁹³

Walter Benjamin ataca o historicismo que faz da história a história dos vencedores e dos grandes acontecimentos. No chamado historicismo, há privilégios de uma classe social sobre a outra. No caso de Bruzundanga, um título de doutor, em particular para o militar, permite a seguinte distinção: “*O nobre doutor tem prisão especial*, mesmo em se tratando dos mais repugnantes crimes. Ele não pode ser preso como qualquer do povo. Os regulamentos rezam isto, apesar da Constituição, etc., etc.”⁵⁹⁴

À sátira subjaz a ironia corrosiva e a caricatura proposta por Lima Barreto, contraponto interessante a favor dos oprimidos. No primeiro plano, está a classe dirigente política do país de Bruzundanga, estudada pelo narrador:

Não há lá homem influente que não tenha, pelo menos, trinta parentes ocupando cargos do Estado; não há lá político influente que não se julgue com direito a deixar para seus filhos, netos, sobrinhos, primos, gordas pensões pagas pelo Tesouro da República.⁵⁹⁵

O narrador introduz forte discurso contra a política de Bruzundanga. Considerando a alegoria em relação ao Brasil, o texto adquire uma dimensão de crítica direta aos mais variados temas socioculturais do país de Bruzundanga:

No entanto, a terra vive na pobreza; os latifúndios abandonados e indivisos; a população rural, que é a base de todas as nações, *oprimida por chefões*

⁵⁹²BARRETO, op. cit., nota 583, p. 43.

⁵⁹³Idem, Ibidem, p. 57.

⁵⁹⁴Loc. cit. Grifos nossos

⁵⁹⁵Idem, Ibidem, p. 68.

políticos, inúteis, incapazes de dirigir a coisa mais fácil desta vida.

Vive sugada, esfomeada, maltrapilha, macilenta, amarela, para que, na sua capital, algumas centenas de parvos, com títulos altissonantes disso ou daquilo, gozem vencimentos, subsídios, duplicados e triplicados, afora rendimentos que vêm de outra e qualquer origem, empregando um grande palavreado de quem vai fazer milagres.⁵⁹⁶

Com tais procedimentos, o narrador de *Os Bruzundangas* interfere no presente, narrando-o de uma perspectiva histórica recheada de rememoração ou recordação. A referência aos heróis de Bruzundanga apenas corrobora esta tese: Floriano Peixoto e o Barão de Rio Branco estão para o Brasil assim como o consolidador da República e o Visconde de Pancome estão para o país de Bruzundanga. Se a história, em Bruzundanga, “contava como as cousas se tinham passado”, o narrador interfere em sua interpretação, destronando o herói da República: “Este último herói é chamado de consolidador da República. Sabem porque (*sic*)? Porque não consolidou coisa alguma. Não houve mandachuva, pois ele o foi, da bruzundanga, que mais desrespeitasse as leis da república.”⁵⁹⁷ Ao questionar os heróis do historicismo de Bruzundanga, o narrador apresenta características que o aproximam de um materialista histórico, repensando não apenas a história de Bruzundanga, mas no que essa República possui de similaridades com a República do Brasil.

O personagem Visconde de Pancome “era um historiógrafo; mas não era um historiador”⁵⁹⁸ Ora, não estaria aí uma diferença entre a história do ponto de vista de Walter Benjamin e a do historicismo? O narrador explica: “*As suas ideias sobre história eram as mais estreitas possíveis: datas, fatos, estes mesmos políticos.* A história social, ele não a sentia e não a estudava.”⁵⁹⁹ O olhar do historicismo de Bruzundanga recai mais sobre os vencedores políticos e diplomáticos do que sobre o povo humilde e, por isso, o saber é questionado:

Entretanto, forçoso é dizer que Pancome desconhecia as ânsias, as dificuldades, as qualidades e defeitos de seu povo. *A história*

⁵⁹⁶BARRETO, op. cit., nota 583, p. 68. Grifos nossos.

⁵⁹⁷Idem, Ibidem, p. 105.

⁵⁹⁸Loc. cit.

⁵⁹⁹Loc. cit. Grifos nossos.

econômica e social de Bruzundanga ainda está por fazer, mas um estadista (critério clássico) deve tê-la no sentimento.⁶⁰⁰

Diante do exposto, consideramos importante diferenciar este historicismo da chamada “historiografia materialista”. Assim sendo, vejamos o que afirma Walter Benjamin na Tese XVII:

Tese XVII

O Historicismo culmina de direito na história universal. Dela se destaca, pelo seu método, a historiografia materialista, de maneira talvez mais clara do que qualquer outra. A primeira não tem armação teórica. Seu procedimento é aditivo: ela mobiliza a massa dos fatos para preencher o tempo homogêneo e vazio. À historiografia materialista subjaz, por sua vez, um princípio construtivo. Ao pensar pertence não só o movimento dos pensamentos, mas também a sua imobilização (*Stillstellung*). Onde o pensamento se detém repentinamente numa constelação saturada de tensões, ele confere à mesma um choque através do qual ele se cristaliza como mônada. O materialismo histórico se acerca de um objeto histórico única e exclusivamente quando este se apresenta a ele como uma mônada. Nessa estrutura ele reconhece o signo de uma imobilização messiânica do acontecer, em outras palavras, de uma chance revolucionária na luta a favor do passado oprimido. Ele a arrebatava para fazer explodir uma época do decurso homogêneo da história; do mesmo modo como ele faz explodir uma vida determinada de uma época, assim também ele faz explodir uma obra determinada da obra de uma vida. Este procedimento consegue conservar e suprimir na obra a obra de uma vida, na obra de uma vida, a época, e na época, todo o decurso da história. O fruto nutritivo do que foi compreendido

⁶⁰⁰BARRETO, op. cit., nota 583, p. 106.

historicamente tem em seu interior o tempo como semente preciosa, mas desprovida de gosto.⁶⁰¹

O narrador de *Os Bruzundangas* nos informa que o historiador deste país não é historiador, mas um acumulador de fatos, especificamente os políticos, numa concepção histórica quantitativa. Além disso, não está a favor do “passado oprimido”, mas a favor do passado de supostos heróis, como o personagem Pancome, que remodelou a antiga cidade, aumentando o *deficit*:

[...] mas a gente do país não deu pela origem da crise, tanto assim que, quando Pancome morreu, lhe fez a maior apoteose que lá se há visto. Os heróis e o povo da República dos Estados Unidos da Bruzundanga, são assim, caros senhores.⁶⁰²

O narrador, tradutor e estudioso da sociedade de Bruzundanga está bem atento a esses aspectos, afirmando:

São todos arrivistas e viveram a melhor parte da vida tiranizados pela paixão de ganhar dinheiro, seja como for. Os melhores e os mais respeitáveis são aqueles que enriqueceram pelo comércio ou pela indústria, honestamente, se é possível admitir que se enriqueça honestamente.⁶⁰³

A ironia do narrador não perdoa a corrupção no país de Bruzundangas: “A política não é aí uma grande cogitação de guiar os nossos destinos; porém, uma vulgar especulação de cargos e propinas.”

⁶⁰⁴ Essa preocupação política do narrador se faz importante, considerando ele o sufrágio universal pelo voto mais um flagelo. Este aspecto de *Os Bruzundangas* é aplicável ao Brasil, em que a eleição passa a ser mais uma superstição política do que uma “chance revolucionária”, como vimos na Tese XVII de Walter Benjamin:

Dentre as muitas superstições políticas do nosso tempo, uma das mais curiosas é sem dúvida a das eleições. Admissíveis quando se trata de pequenas

⁶⁰¹LÖWY, op. cit., p. 130.

⁶⁰²BARRETO, op. cit., nota 583, p. 106.

⁶⁰³Idem, Ibidem, p. 107.

⁶⁰⁴Idem, Ibidem, p. 108.

idades, para a escolha de autoridades verdadeiramente locais, quase municipais, como eram na antiguidade, elas tomam um aspecto de sortilégio, de adivinhação, ao serem transplantadas para os nossos imensos estados modernos. Um deputado eleito por um dos nossos imensos distritos eleitorais, com as nossas dificuldades de comunicação, quer materiais, quer intelectuais, sai das urnas como um manipanso a quem se vão emprestar virtudes e poderes que ele quase sempre não tem. Os seus eleitores não sabem quem ele é, quais são os seus talentos, as suas ideias políticas, as suas vistas sociais, o grau de interesse que ele pode ter pela causa pública; é um puro nome sem nada atrás ou dentro dele.⁶⁰⁵

No capítulo intitulado “A organização do Entusiasmo”, o narrador da nação de Bruzundanga demonstra a exaltação da população por autoridades políticas ou, ainda, por meio de capangas políticos. Tais procedimentos fazem parte do chamado historicismo, cujo teor das manifestações mais aliena: “Esta é a grande manifestação; há também as pequenas que consistem em banquetes, saraus, piqueniques, em honra de um dado sujeito.”⁶⁰⁶ Mas o sistema é feito pela classe dirigente política para benefício próprio e para os capitalistas, sendo que ambos se encontram nas mesmas pessoas, nos mesmos lugares. É o culto das grandes personalidades, a mitificação:

Mas, para as grandes, para aquelas feitas a políticos, a capitalistas, a embaixadores; para aquelas em que se exige multidão, o entusiasmo não era fácil de obter-se assim do pé pra mão e quando eram realizadas, além desse “defeito” apresentavam alguns outros.

Muitas vezes até os organizadores verificavam que os manifestantes não sabiam bem o nome do grande homem a festejar. Era uma lástima! Uma vergonha!

Acontecia em certas ocasiões que um grupo gritava – Viva o doutor Clarindo! – o outro exclamava: - Viva o doutor Carlindo! – e um terceiro expectorava – Viva o doutor Arlindo! –

⁶⁰⁵BARRETO, op. cit., nota 583, p. 113.

⁶⁰⁶Idem, Ibidem, p. 125.

quando o verdadeiro nome do doutor era –
Gracindo!⁶⁰⁷

Não se trata, meramente, de sátira, pois seria um reducionismo desconsiderar a análise que o narrador faz sobre a República da Bruzundanga e sobre sua relação com o Brasil, numa alegoria que “sempre diz outra coisa (*allo-agorein*) que aquilo que visava, porque ela nasce e renasce dessa fuga perpétua de um sentido último.”⁶⁰⁸ Com isso, privilegiam-se os ricos na grande imprensa de Bruzundanga, visto que os “humildes, os médios, os desgraçados, os feios, os infelizes não merecem atenção do artista e tratar deles degrada a arte”.⁶⁰⁹

Não se trata, também, apenas de crítica indireta ao “Bota Abaixo”, mas como já apontamos, do tratamento desigual dado às pessoas menos favorecidas economicamente. A ironia, a sátira ou mesmo a caricatura, efetuadas pelo narrador, fazem-se por meio de forte contraste com o que o escritor denominou de bovarismo e onde “não há metabolia de classes”. A capital do país quer ser europeia: “Ainda bem, que ela não quer ser ela mesma.”⁶¹⁰

Sabemos que o narrador compara as capitais e quando se refere, por exemplo, ao letreiro luminoso, afirma: “Nos anúncios luminosos, então, a sua imaginação foi fértil. Houve um que ficou célebre e assim rezava: ‘Bruzundangas, País rico – Café, cacau e borracha. Não há pretos.’”⁶¹¹ A preocupação do narrador se volta para a classe econômica menos favorecida, esquecida pelos dirigentes políticos:

Basta dizer, para se avaliar a triste situação interna da extravagante nação de que lhes dou notícias, que, nos arredores da capital, se morria à míngua, à fome, as terras estavam abandonadas e invadidas pelas depredadoras saúvas, a população roceira não tinha direitos nem justiça e vivia à mercê de cúpidos e ferozes senhores de latifúndios, cuja sabedoria agrônômica era igual à dos seus capatazes ou feitores.⁶¹²

⁶⁰⁷BARRETO, op. cit., nota 583, p. 126.

⁶⁰⁸GAGNEBIN, Jeanne Marie. *História e narração em W. Benjamin*. São Paulo: Perspectiva: FAPESP: Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1994, p. 45.

⁶⁰⁹BARRETO, op. cit., nota 583, p. 140.

⁶¹⁰Idem, Ibidem, p. 142.

⁶¹¹Idem, Ibidem, p. 149.

⁶¹²Idem, Ibidem, p. 149-150.

No capítulo “Sobre os sábios”, o narrador questiona o fato de a cultura ser apenas cópia, sem originalidade e sem criar novas ideias:

É sábio, na Bruzundanga, aquele que cita autores estrangeiros; e quanto mais de país desconhecido, mais sábio é. Não é, como se podia crer, aquele que assimilou o saber anterior e concorre para aumentá-lo com os seus trabalhos individuais. Não é esse o conceito de sábio que se tem em tal país.

Sábio, é aquele que escreve livros com as opiniões dos outros.

Houve um que, quando morreu, não se pôde vender-lhe a biblioteca, pois todos os livros estavam mutilados. Ele cortava-lhes as páginas para pregar no papel em que escrevia os trechos que citava e evitar a tarefa maçante de os copiar.

⁶¹³

Lima Barreto ataca todos os tipos superpostos de preconceitos, especialmente os de classe e os de raça. Ataca a literatura chamada de “cultura” e defende a oralidade por meio da sátira, sendo um “ferrão na inteligência do leitor, de modo que a deformação caricatural serve para acentuar os traços amorais e imorais das ações humanas movidas por interesses mesquinhos e egoístas.” ⁶¹⁴

5.6 A REVOLUÇÃO PELA AÇÃO POLÍTICA: O MAXIMALISMO E O ANARQUISMO

Para analisar a ação revolucionária de Lima Barreto, vejamos primeiro o que nos afirma Walter Benjamin na Tese XVII a:

Tese XVII a

Marx secularizou a representação do tempo messiânico na representação da sociedade sem classes. E estava bem assim. O infortúnio começou quando a social-democracia alçou essa representação a um ideal. O ideal foi definido, na

⁶¹³BARRETO, op. cit., nota 583, p. 168.

⁶¹⁴FACIOLI, Valentin. República dos bruzundangas: por que não me ufano de meu país. In: BARRETO, Lima. *Os Bruzundangas*. São Paulo: Ática, 2000, p. 7.

doutrina neokantiana, como uma tarefa infinita. E essa doutrina era a filosofia elementar do partido social-democrata – de Schmidt e Stadler a Natorp e Vorländer. Uma vez definida a sociedade sem classes como tarefa infinita, o tempo homogêneo e vazio transformava-se, por assim dizer, em uma antessala, em que se podia esperar com mais ou menos serenidade a chegada de uma situação revolucionária. Na realidade, não há um só instante que não carregue consigo a sua chance revolucionária – ela precisa apenas ser definida como uma chance específica, ou seja, como chance de uma solução inteiramente nova em face de uma tarefa inteiramente nova. Para o pensador revolucionário, a chance revolucionária própria de cada instante histórico se confirma a partir da situação política. Mas ela se lhe confirma não menos pelo poder-chave desse instante sobre um compartimento inteiramente determinado, até então fechado, do passado. A entrada nesse compartimento coincide estritamente com a ação política; e é por essa entrada que a ação política, por mais aniquiladora que seja, pode ser reconhecida como messiânica. (A sociedade sem classes não é a meta final do progresso na história, mas, sim, sua interrupção, tantas vezes malograda, finalmente efetuada).⁶¹⁵

A revolução pretendida por Lima Barreto não estaria apenas na “luta discursiva”, embora esta tenha sido uma arena de luta em que o escritor resistiu. As tendências para apoiar as chamadas manifestações dos operários no Brasil aproximam-no sobremaneira de dois movimentos importantes: o maximalismo e o anarquismo. Organizando seus textos, a partir dos materiais de que dispunha, Lima Barreto versará sobre os mais diferentes temas do Brasil, sempre preocupado em ouvir e em dar voz aos “não lembrados” pela história oficial. O escritor ainda não está na pretendida revolução de uma sociedade “sem classes”, a exemplo de Marx e de Walter Benjamin, conforme exposto na Tese XVII a, mas já escreve de forma corrosiva contra a divisão de classe e o

⁶¹⁵LÖWY, op. cit., p. 134. “Agamben descobriu, em 1981, um texto datilografado com esta tese que costuma ser grafada assim, XVII a, para não alterar a numeração dos *Gesammelte Schriften* (outros preferem, não obstante, grafá-la com o número XVIII, tal como aparece no documento T4).” In: MATE, op. cit., p. 355.

preconceito racial. Se considerarmos a escrita como um espaço de possibilidade de nos fazer pensar e agir, Lima Barreto agarrou a única possibilidade da sua própria revolução: escrever para que tenhamos momentos de reflexão, criticando o conceito de progresso que, muitas vezes, nos faz retroceder em termos de melhorias das condições materiais da humanidade:

O sujeito histórico disposto a conhecer esse passado não é um historiador de gabinete, mas um contemporâneo que, como já vimos, está imerso numa experiência de injustiça, de sofrimento ou de opressão. Um sujeito, pois, necessitante. E o objeto? Não é algo que esteja aí, inerte, mas algo que “sai ao encontro como uma mônada”, isto é, é um momento do passado que se desprende do seu contexto, que sai da órbita em que o foi colocado pela lógica da história, que se planta, que desafia a lógica histórica do progresso e também o sujeito que quiser conhecê-lo, porque ele não deixará que o tratem como um objeto passivo.⁶¹⁶

Lembremos que o pai de Lima Barreto, João Henriques, foi acusado injustamente de uma diferença de caixa na Colônia de Alienados, o que acabou por se comprovar ser uma inverdade, mas causou a ele sérios danos morais e psicológicos. Francisco de Assis Barbosa afirma:

Iniciava-se o quadriênio Rodrigues Alves. Assumindo a pasta da Justiça e Negócios Interiores do novo governo, empossado em 15 de novembro, o ministro J. J. Seabra ordenara a abertura de um inquérito para apurar irregularidades no Hospício Nacional, fato que teve, desde logo, grande repercussão na imprensa.⁶¹⁷

⁶¹⁶MATE, op. cit., p. 346-347. O cronista Lima Barreto, em “Vera Zassúlitch”, afirma: “Disse Macaulay, num dos magníficos seus ensaios, que os filósofos franceses do século XVIII, quando combatiam a Igreja, estavam com os Evangelhos, pois a vetusta instituição religiosa de Roma, cada vez mais se afastava deles; e os filósofos cada vez mais se impregnavam do espírito de Jesus. Hoje, parece que está acontecendo o mesmo com os revolucionários...” 14-7-1918. In: BARRETO, op. cit., nota 342, p. 72-73.

⁶¹⁷BARBOSA, op. cit., p. 130.

Afinal: quem seria o culpado por tais irregularidades no Hospício Nacional? Ora, as maiores desconfianças recaem, injustamente, sobre o mulato João Henriques de Lima Barreto:

O ato do ministro data dos primeiros dias de sua administração, e foi recebido como um sinal de que se pretendia iniciar reforma completa no serviço público, sob o signo da moralidade, de acordo com a chapa empregada invariavelmente em tais ocasiões.

Para a vida de João Henriques, a reforma de Seabra significaria um segundo choque emocional, tão grave e profundo em suas consequências como o primeiro, isto é, a queda da Monarquia. *Em 1889, perdera o lugar de mestre de composição da Imprensa Nacional. Em 1903, perderá o lugar de administrador das Colônias de Alienados na Ilha do Governador.*⁶¹⁸

A perseguição a João Henriques de Lima Barreto é política, por ele não ter apoiado o regime republicano. Francisco de Assis Barbosa levanta a hipótese, quanto à acusação a João Henriques, de que poderia ter sido alguém interessado no cargo. Embora tal hipótese não deva ser descartada, salvo engano, não se deveria desconsiderar a mais importante: o regime republicano perseguiu o pai de Lima Barreto e, além disso, imputou a ele a culpa de desvio de dinheiro na Colônia de Alienados. Ora, qual o interesse de se abrir uma investigação, condenando antecipadamente um mulato, com ampla divulgação nos jornais? Com efeito:

Mas voltemos ao caso. A 13 de janeiro de 1903, publica o *Jornal do Brasil* uma local, pedindo que o inquérito no Hospício Nacional se torne extensivo às Colônias. A licença de João Henriques havia terminado e o seu caso é, ali, nas

⁶¹⁸ BARBOSA, op. cit., p. 131. Interessante notar que as ideias sobre o anarquismo, na época, não diferem muito do senso comum divulgado sobre o comunismo por todo o século XX: “O que os jornais disseram, uns de boa fé e outros cavilosamente inspirados, sobre o maximalismo e anarquismo, fez-me lembrar como os romanos resumiam, nos primeiros séculos da nossa era, o cristianismo nascente. Os cristãos, afirmavam eles categoricamente, devoram crianças e adoram um jumento. Mais ou menos isto, julgaram os senhores do mundo de uma religião que tinha de dominar todo aquele mundo por eles conhecido e mais uma parte muito maior cuja existência nem suspeitavam...”. In: BARRETO, op. cit., nota 3, p. 101-102. Grifos nossos.

colunas de um jornal, diretamente apontado, *numa denúncia anônima*, que revela entretanto (*sic*) o dedo de alguém interessado em ocupar o lugar de administrador, que, embora modesto, oferecia certas vantagens nada desprezíveis: boa casa, o sítio com fruteiras e o ameno clima da Ilha do Governador.⁶¹⁹

Há um desvio do tema mais importante, ou seja, uma carta “anônima” que acusa, sem provas, um monarquista. Na superfície do assunto alguém interessado no cargo, porém mais profundamente, a mão nada invisível da perseguição política que se estenderá sobre toda a família de Lima Barreto. A “tragédia familiar” do escritor já contém em si o gérmen de sua própria loucura: a perseguição política, sem qualquer consideração pela vida humana e com forte teor de preconceito racial. Esse ser anônimo tinha nome e, com certeza, estava ligado ao regime republicano: “Assim também João Henriques falava em inimigos, que o perseguiam, sem contudo (*sic*) declinar nomes.”⁶²⁰ Toda uma família condenada à miséria por uma injusta acusação:

Como filho mais velho, cabe a Afonso assumir a chefia da casa, arcando com a responsabilidade de cuidar do pai demente, de alimentar e vestir mais oito pessoas: seus três irmãos, Prisciliana, os três filhos desta, além do preto velho Manuel de Oliveira, agregado dos Limas Barretos.⁶²¹

Como um homem, de honestidade ímpar, pôde ser acusado tão injustamente? Como a imprensa, o *quarto poder*, julga e condena *a priori* alguém sem ter provas? Quem é o anônimo que acusa o pai de Lima Barreto de desvio de dinheiro público? Por que se aceitou uma “denúncia anônima”, sem que houvesse provas indiciais? Condenado

⁶¹⁹BARBOSA, op. cit., p. 131. Grifos nossos. Sobre o interesse no cargo de João Henriques, vejamos a crônica “Problema Vital”, de 22-2-1918: “Residi, durante a minha meninice e adolescência, na Ilha do Governador, onde meu pai era administrador das Colônias de Alienados. Pelo meu testemunho, julgo que o doutor Pena tem razão. Lá todos sofriam de febres e logo que fomos, para lá, creio que em 1890 ou 1891, não havia dia em que não houvesse, na nossa casa, um de cama, tremendo com o sezão delirante de febre. A mim, foram precisas até injeções de quinine.” In: BARRETO, op. cit., nota 342, p. 132. Neste mesmo artigo, o cronista defende a Reforma Agrária e melhores condições de trabalho no campo, atacando a “Casa Grande”.

⁶²⁰Idem, *Ibidem*, p. 130.

⁶²¹Loc. cit.

publicamente, o que o deixou com sequelas irreparáveis, o desfecho dessa “história” demonstra bem a perseguição política:

Atendendo à local do *Jornal do Brasil*, o ministro Seabra estendera mais que depressa o inquérito às colônias, e para lá seguiu uma comissão composta dos Drs. Antônio Maria Teixeira, Egídio de Sales Guerra, Carlos Fernandes Eiras e do farmacêutico F. M. da Silva Araújo.

Da devassa a que então procedeu a comissão, nada foi encontrado que pudesse desabonar a conduta exemplar do administrador. Pelo contrário, conforme se verifica do relatório da comissão, o serviço só poderia merecer louvores. “Os livros de carga e descarga – diz o documento oficial – acham-se em perfeita ordem. As despesas são registradas com todos os detalhes, bem assim a receita proveniente da venda de produtos da pequena lavoura e até trapos vendidos a peso.”⁶²²

Não se deve atribuir a loucura a João Henriques de Lima Barreto sem considerar a perseguição política a que ele foi injustamente submetido. Algo que não será diferente com Lima Barreto: ambos foram perseguidos, investigados, julgados e condenados publicamente e, no caso do pai, também condenado *a priori*. Ambos foram aposentados pelo regime republicano opressor, por motivos essencialmente políticos.

Nos dois casos, não se tratava de alucinações, pois os perseguidores e opressores agiram “sem deixar rastros”, utilizando-se do anonimato para acusar ou prender. A família, consumida pela miséria, nada sabia, nada entedia. Para piorar ainda mais, o irmão Carlindo era policial. Não por acaso, Lima Barreto publicará artigo no *A.B.C.*:

A provável intromissão indébita da polícia em cousas de minha vida doméstica, assim considerada pelas leis, e, para a qual, ela não tem competência legal absolutamente, era para mim um foco de desgostos e de ralação.

Abusando da inexperiência de minha irmã, nessas cousas de lei, e da simplicidade e também ignorância dos meus irmãos, não faltava malvado aí que não lhes aconselhasse tal intromissão para

⁶²²BARBOSA, op. cit., p. 131-132.

*a qual também eles, os meus irmãos, eram insuficientes legalmente e para o julgamento do meu estado por não sobrar, em uma, sentimento da atividade que me absorvera, em outros, desenvolvimento mental e a instrução necessária. Serviam, sem querer, aos que me queriam desacreditar...*⁶²³

Tudo nos leva a crer em uma intromissão da polícia com propósitos políticos: perseguir e calar o pai de Lima Barreto. Com relação ao romancista, era preciso reprimir sua atividade política de apoio aos maximalistas e anarquistas, de modo específico na sua escrita ferina contra o militarismo no Brasil. Por isso, a primeira internação de Lima Barreto, com o pai demente por longo tempo, desde 1902, vem apagada, quase sem anotações, e sabemos que uma parte do que ele escreveu deve ter desaparecido: “A polícia teria assim outros objetivos. Queria a desmoralização do anarquista. É esta, pelo menos, a versão autêntica [...]”⁶²⁴

Lima Barreto escreve de forma revolucionária contra os donos do poder. A esse respeito, o crítico Alfredo Bosi tece o seguinte comentário:

Conhecendo as simpatias de Lima Barreto pelos ideais revolucionários que irradiaram da Europa para o Brasil no começo do século XX, o comunismo, na sua versão maximalista, e o anarquismo, *tem-se curiosidade de saber se teriam entrado, de algum modo, nos delírios persecutórios que motivaram sua internação. Há testemunhos indiretos de que Lima foi tomado de pavor ao imaginar-se perseguido por um militar ligado ao marechal Hermes da Fonseca, o tenente Serra Pulquério.*⁶²⁵

⁶²³BARBOSA, op. cit., p. 315. Grifos nossos. Lima Barreto foi jurado no acontecimento conhecido como “Primavera de Sangue”, com dois estudantes mortos na chacina do Largo de São Francisco de Paula: “Eu fiz parte do júri de um Wanderley, alferes, e condenei-o. Fui posto no index.” Idem, *Ibidem*, p. 216.

⁶²⁴Idem, *Ibidem*, p. 315.

⁶²⁵BOSI, Alfredo. Prefácio. In: BARRETO, Lima. *Diário do hospício; O cemitério dos vivos*. São Paulo: Cosac Naify, 2010, p. 20. O cronista em “No Ajuste de Contas...” afirma: “Terminado este artigo que já vai longo, confesso que foi a revolução russa que me inspirou tudo isso.” In: BARRETO, op. cit., nota 342, p. 96. Alfredo Bosi não especifica quem seriam os “testemunhos indiretos”.

O crítico Alfredo Bosi, com muita pertinência, colocará em pauta uma discussão ideológica fundamental. Se Lima Barreto fora tão hostilizado pelo preconceito racial e de classe, o que pode ser amplamente verificável em sua biografia, não nos parece incorreto retirar o elemento político que, sutilmente, “apaga os rastros” da própria perseguição. Se Lima Barreto enfrentou os militares de plantão não é de se estranhar que, em 27 de agosto de 1914, o relatório do Hospício Nacional dos Alienados afirme que um dos motivos de sua internação foi o fato de ter recebido, em Guaratiba, a visita do tenente Serra Pulquério. Alfredo Bosi destaca ainda o seguinte trecho do “interrogatório” aplicado a Lima Barreto no hospício:

Interrogado sobre o motivo da sua internação, refere que, indo à casa de um seu tio em Guaratiba, prepararam-lhe uma assombração, com aparecimento de fantasmas, que aliás lhe causam muito pavor, *nessa ocasião, chegou o tenente Serra Pulquério*, que, embora seu amigo de “pândegas”, *investiu-o por saber que preparava panfletos contra seus trabalhos na Vila Proletária Marechal Hermes*. Tendo ele negado, foi conduzido à polícia, tendo antes cometido desatinos em casa, quebrando vidraças, virando cadeiras e mesas. A sua condução para a polícia só se fez mediante o convite do comissário que lhe deu aposento na delegacia até que transferiram-no para a nossa clínica.⁶²⁶

Para esclarecimento, vejamos o início do referido documento “Cópia da observação de Afonso Henriques de Lima Barreto, constante do livro de observações clínicas do Instituto de Psiquiatria da Universidade do Brasil”:

Comemorativos pessoais e de moléstia:
Cópia da guia policial: – “Nada informa aos antecedentes de hereditariedade. *Acusa outros no rapto de manuscritos*. Acusa insônias, com alucinações visuais e auditivas.” Já teve sarampo e catapora, blenorragia, que ainda sofre e cânceros venéreos. Confessa-se alcoolista imoderado, não

⁶²⁶BARRETO, op. cit., nota 625, p. 21. Grifos nossos. Serra Pulquério é o Tenente Palmiro Serra Pulquério.

fazendo questão de qualidade. Está bem orientado no tempo e no meio.⁶²⁷

Neste mesmo documento, não nos parece haver delírio de Lima Barreto e muito menos que seu conteúdo seja uma inverdade. Não devemos desconsiderar a possibilidade de parte dos manuscritos do escritor, de fato, terem sido “raptados”:

Cita seus autores prediletos que são: Bossuet, Chateaubriand “*católico elegante*” [sic], Balzac, Taine, Daudet; diz que conhece um pouco de francês e inglês. Com relação a esses escritores faz comentários mais ou menos acertados; em suma, é um indivíduo que tem algum conhecimento e inteligente para o meio em que vive. Interrogado sobre o motivo da sua internação, refere que, indo à casa de um seu tio em Guaratiba, prepararam-lhe uma assombração, com aparecimentos de fantasmas, que aliás lhe causam muito pavor. Nessa ocasião, chegou o Tenente Serra Pulquério [...].⁶²⁸

Na versão de Lima Barreto, Serra Pulquério interrogou-o acerca da preparação de panfletos na vila proletária Marechal Hermes. Nessa mesma cópia dos registros médicos, afirma-se sobre Afonso Henriques de Lima Barreto:

Memória íntegra; conhece e cita com bastante desembaraço fatos das histórias antiga, média, moderna e contemporânea, *respondendo às perguntas que lhe são feitas, prontamente*. Tem noções de álgebra, geometria, geografia. Nega alucinações auditivas, confirmando as alucinações visuais. *Associação de ideias e de imagens perfeitas, assim como perfeitas são a percepção e atenção*.⁶²⁹

Ora, como poderia um romancista, gozando da mais perfeita condição de memória, inventar uma história sobre o militar Tenente

⁶²⁷BARRETO, op. cit., nota 625, p. 21.

⁶²⁸Loc. cit.

⁶²⁹BARRETO, op. cit., nota 474, p. 262. Grifos nossos.

Serra Pulquério? Se a memória do depoente estava íntegra, com associação de ideias “perfeitas, como perfeitas são a percepção e atenção”, poderia apontar para esse ou aquele sem que fosse interrogado pelo teor da verdade acerca dos fatos que afirmava? Não é procedimento de Lima Barreto mentir, não negando, inclusive, que cometeu “desatinos em casa, quebrando vidraças, virando cadeiras e mesas”. Por quais motivos o teriam encaminhado para a polícia e não para o hospício, considerando que apresentava sinais de delírios e alucinações? Tão consciente está Lima Barreto que protesta:

Protesta contra seu “sequestro”, pois vai de encontro à lei, uma vez que nada fez que o justifique. *Nota de certo tempo para cá animosidade contra si*, entre os seus companheiros de trabalho, assim como entre os próprios oficiais do Ministério da Guerra, de onde é funcionário. *Julga que o Tenente Serra Pulquério teme a sua fama*, “ferina e virulenta”, pois, apesar de não ser grande escritor, nem ótimo pensador, *adota as doutrinas anarquistas e quando escreve deixa transparecer debaixo da linguagem enérgica e virulenta os seus ideais*. Apresenta-se relativamente calmo, exaltando-se, contudo, quando narra os motivos que justificaram a sua internação. Tem duas obras publicadas: *Triste Fim de Policarpo Quaresma* e *Memórias (sic) do Escrivão Isaías Caminha*. Marcha da moléstia e tratamento: Purgativo – ópio.

Saída: transferido em 27 de agosto de 1914.⁶³⁰

Ao contrário do que poderíamos imaginar, o autor, engajado na luta operária, não desiste. Corajoso, ele se insurge contra a apreensão de jornais: “[...] a própria censura oficial que não se acanhava em ‘empastelar’ jornais e revistas de oposição ao regime.”⁶³¹ A censura oficial não atacava apenas os jornais, mas também os próprios jornalistas engajados nas causas da Revolução Operária. Lima Barreto colaborou com jornais de publicação militante:

⁶³⁰BARRETO, op. cit., nota 474, p. 263. Grifos nossos. Serra Pulquério teria cooptado o movimento operário?

⁶³¹RESENDE, op. cit., p. 85.

A maior parte de sua colaboração irá, no entanto, para a pequena imprensa. São os jornais e revistas menos empresariais ou ligados a associações com perfil de progressista a anarquista, que lhe permitem, evidentemente, mais liberdade. Entre estes estão *A voz do trabalhador*, órgão da Confederação Operária Brasileira, empastelado pela polícia e *O debate*, dirigido por Astrojildo Pereira, mais tarde dirigente do Partido Comunista e um dos mais interessantes críticos de Lima Barreto. No primeiro número de *O debate*, Lima Barreto publica célebre crônica analisando e apoiando a Revolução Russa. *Spartacus*, onde também colaborou, merecerá diversas referências, sendo quase um modelo de pequena publicação militante [...].⁶³²

Pela citação, verificamos a ação militante do escritor e jornalista na defesa dos trabalhadores. O crítico Valentin Facioli afirma que os textos de Lima Barreto instauram uma crise no sistema político:

Embora manifestando simpatias pelo maximalismo (isto é, o bolchevismo da Revolução Russa de 1917, segundo versões francesas...), Lima Barreto não pôde ir além da sátira dos opressores, para conceber um projeto histórico alternativo. Era um círculo de aço da caricatura do opressor, mas, em última instância, de “dependência” dele. Instaurou, portanto, uma “crise” na linguagem e na ideologia do texto, que era a crise verdadeira das relações de dominação das oligarquias.⁶³³

Será que Lima Barreto não foi além da “caricatura do opressor”? Até onde ele foi, de fato, perseguido por querer uma sociedade mais justa? Levantamos a hipótese de que o fato de ele ser internado, considerando a maneira como isso ocorreu, não deve afastar a possibilidade de ter sido orquestrada, como ele mesmo acentua no *Diário do hospício* a sua internação e o seu silêncio, considerando ainda que a família não sabia e não tinha condições de entender, conforme citado, o que estava acontecendo, do ponto de vista político, no mundo.

⁶³²RESENDE, op. cit., p. 87.

⁶³³FACIOLI. In: BARRETO, op. cit., nota 614, p. 8.

Se Lima Barreto incomodava tanto com seus delírios, o que poderíamos dizer de seu pai, que desde 1902 apresentava as mesmas condições do escritor e que, nem por isso, foi internado em condições tão desumanas? Não pode ser afastada a hipótese, portanto, da condução junto à família para que fosse internado o “filho do louco de Todos os Santos” e, com esse procedimento, aqueles que o perseguiram poderiam calar sua voz e arrancar a pena do grande escritor.

O ataque mais virulento sempre foi no campo político, em favor dos oprimidos, dos injustiçados, dos desvalidos, do subúrbio e outros segmentos esquecidos da sociedade brasileira da *belle époque*. A escritura se dá na escondida biblioteca, que se torna o labirinto por que passam as ideias revolucionárias do escritor. Entre a janela e o mar, entre o interno e as grades do hospício, lá estava ele, escrevendo. Se na “Tese XVII a” Walter Benjamin ataca a social-democracia, a obra de Lima Barreto atacou com veemência as ditaduras militares da República Velha e atacou, de forma militante, a oligarquia, encarando este procedimento como “tempo pleno”, em forte oposição ao tempo “homogêneo e vazio” da classe dirigente republicana, agarrando sua chance revolucionária: solução e tarefa inteiramente novas para os escritores da época. Sua chance histórica se vê confirmada “a partir da situação política” do Brasil. A memória “íntegra”, histórica e coletiva do escritor, abre-se para a ação política por meio da escrita. Embora não seja, ainda, a ação política para uma sociedade sem classes, considerando Walter Benjamin, ela se insere contra o estado totalitário, interrompendo o progresso da história dos vencedores, ao fazer a defesa incondicional dos oprimidos e dos explorados trabalhadores do Brasil.

Lima não esperou numa antessala “a chegada de uma situação revolucionária”. Sabia que chance era aquela, a partir dos ventos e da ressonância advindos da revolução do operariado russo. Por isso, vimos, em nossa análise, que o imigrante russo é reiteradamente apresentado como aquele que entende nossas engrenagens políticas e no que estas têm de “maracutaia”. A chance de revolução, para o escritor Lima Barreto, não se fez apenas pela escrita, mas em atividades políticas de “leitura a contrapelo”. Se esse compartimento do passado, salvo engano, permanece parcialmente fechado, nossa intenção é ao menos repensar a própria história e a ação política do escritor que, por “mais aniquiladora que seja, pode ser reconhecida como messiânica.”

Chegamos a essa conclusão, qual seja, a do messianismo de Lima Barreto, por meio do que ele nos deixou em seus textos, repensando a história baseada nos oprimidos. Ainda que trate da classe dirigente como protagonista, a exemplo do romance *Numa e a Ninfa*, o autor sempre

insere personagens que estabelecem forte contraste com a oligarquia, analisando e descrevendo: o abandono social de grande parte da população; o périplo dessa mesma população pela capital; a falta de trabalho; a decepção com o regime republicano; a classe dirigente que se forma mais para as maracutaia; os apadrinhamentos; os nepotismos; e, por fim, o despotismo e/ou interesses próprios da iniciativa particular, dentre tantos outros aspectos que poderiam ser citados, conforme vimos nas obras até aqui analisadas.

Lima Barreto não insere os negros, os mulatos e os menos favorecidos em seus romances apenas para fazer denúncia, adicionando fatos a mais fatos, mas analisa os desmandos, a opressão e a tirania dos regimes militares implantados no sistema republicano em dois momentos: o primeiro com Floriano Peixoto e a Revolta Armada, entre 1893 e 1894, e o segundo momento com o marechal Hermes da Fonseca, a partir de 1910, não sendo mera coincidência que no ano de 1914 ele seja internado sem que haja maiores registros que não os que constam do seu *Diário íntimo*, em frase extremamente lacônica. O documento inserido por Francisco de Assis Barbosa torna-se assim um compartimento que deve ser analisado, especialmente quando o romancista com “Estado geral bom. Boa memória.”, conforme trecho de “Cópia da guia policial” protesta: “Acusa outros no rapto de manuscritos.” E ainda: “Protesta contra o seu ‘sequestro’.”, conforme citado.

Para finalizar, é necessário explicitar que o Tenente Palmiro Serra Pulquério trabalhou na formação da CBT (Confederação Brasileira do Trabalho), juntamente com Mário Hermes da Fonseca, filho do então Presidente Hermes da Fonseca, em 1912. Isso, no entanto, irritou profundamente os anarquistas e entre estes estava também José Rodrigues Leite Oiticica, que conheceu Lima Barreto. Os anarquistas só reconheciam o Congresso Operário Brasileiro (COB), aquele que aconteceu em 1906. Podemos, em tese, considerar a cooptação dos movimentos operários pelo Presidente Marechal Hermes da Fonseca. Com efeito:

A aproximação de José Oiticica primeiramente à *Liga Anticlerical* pode ser entendida pela conjuntura operária da época. Nos anos anteriores a 1912, o movimento operário sofreu com o enfraquecimento de sua atuação, entre outras causas, devido à intensificação das medidas cooptativas adotadas pelo Estado. Como um

importante exemplo dessa cooptação em relação ao operariado, tem-se a realização do Congresso Operário de 1912. Sua organização ficou a cargo dos Tenentes *Palmiro Serra Pulquério* e Mário Hermes da Fonseca, este último era Deputado Federal e filho do então Presidente da República, Marechal Hermes da Fonseca. O governo forneceu transportes e também cedeu o Palácio Monroe para a realização do congresso, que almejava a fundação de um partido político, medida que foi aprovada com a maioria dos votos. Mário Hermes da Fonseca foi nomeado como presidente da CBT (Confederação Brasileira do Trabalho), nome do mais novo partido operário. Oficialmente, este encontro foi denominado de Quarto Congresso Operário Brasileiro. [...] tal denominação irritou os anarquistas e as correntes que não compactuavam com a ideia de aproximação entre luta operária e Estado: para eles só havia existido um congresso operário, o de 1906.⁶³⁴

Tratando-se de um governo militar e admitindo a possibilidade de Lima Barreto ter colaborado na elaboração de panfletos contra o Presidente, nada obsta que ele tenha sido de fato interrogado pelo Tenente Palmiro Serra Pulquério. O movimento operário era anticlerical e Lima Barreto, a exemplo de José Oiticica, vai colaborar com o jornal *A Lanterna*, também anticlerical, com forte oposição ao militarismo, à guerra e ao serviço militar obrigatório, sobretudo no período da Primeira Grande Guerra, 1914-1918, demonstrando claramente sua filiação aos ideais anarquistas.

Francisco de Assis Barbosa acentua a participação de Lima Barreto na Federação de Estudantes Brasileiros e salienta que entre os amigos do romancista estava José Oiticica: “[...] antigo condiscípulo no Colégio Paula Freitas.”⁶³⁵

⁶³⁴LAMOUNIER, Aden Assunção. *José Oiticica: itinerários de um anarquista (1912-1919)*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História Social, 2011, p. 36. Disponível em: <http://www.uel.br/pos/mesthis/AdenAssuncao_Dissertacao.pdf>. Acesso: 28 fev. 2013.

⁶³⁵BARBOSA, op. cit., p. 105. Os anarquistas organizariam o Congresso Operário Brasileiro (COB), em 1913. Sobre as reivindicações dos trabalhadores brasileiros, Alfredo Bosi faz interessante análise sobre o Partido Republicano Rio-Grandense, a partir de Júlio de Castilhos. Ver: BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 273-307.

5.7 A MEMÓRIA SUSPensa POR DOIS PONTOS NO CONTO “BABÁ”: MÃE QUIRINA ⁶³⁶

Um dos textos mais belos da literatura brasileira, relacionado diretamente com a escravidão, aparece nos contos de Lima Barreto com o título de “Babá”: “O texto foi escrito no verso de papéis timbrados do Ministério de Guerra. O conto parece incompleto.” ⁶³⁷ Trata-se do estado de abandono da negra chamada de Mãe Quirina. Com referência ao texto, afirma Francisco de Assis Barbosa:

Dentre os libertos estava Geraldina Leocádia da Conceição, mãe de Amália Augusta, e que pertencia à segunda geração de escravos da família. *Maria da Conceição*, de quem era filha, nascera na África e fora transportada para o Brasil num navio negreiro. Essa bisavó africana parece ter sido o modelo do escritor, ao gizar a figura de Mãe Quirina, numa bela página que deixou inacabada: uma preta velha, de mais de 100 anos [...]. ⁶³⁸

Vejamos os primeiros parágrafos da narrativa:

Por aqueles tempos, eu era interino no Hospital da Misericórdia e, conquanto não fosse de natural mau ou frio, entretanto *era do meu grau céptico ser um pouco indiferente ao sofrer das muitas criaturas* que se achavam na minha enfermaria. Mas não sei por que, ao entrar aquela nova doente para ela, a minha habitual indiferença de profissional afeito à dor ficou esquecida e comecei a me inteirar pelo seu martírio e sofrer. ⁶³⁹

⁶³⁶ A nota de número 379 de Lília Moritz Schwarcz explica quem seria Mãe Quirina: “F. de A. Barbosa (op. cit.), p. 22, traz informação interessante sobre o que teria inspirado Lima ao criar a personagem Quirina. Lima Barreto era neto de escravos. *Sua bisavó materna, Maria da Conceição*, nascera na África e veio para o Brasil em um navio negreiro. A bisavó africana, segundo Assis Barbosa, teria inspirado Lima a escrever ‘bela página que deixou inacabada: uma preta velha de mais de cem anos [...]’. E Lima ainda revela o parentesco quando diz ‘Era da África, de nação Moçambique’.” In: BARRETO, op. cit., nota 47, p. 699-700. Grifos nossos.

⁶³⁷ BARRETO, op. cit., nota 47, p. 699.

⁶³⁸ BARBOSA, op. cit., p. 39. Grifos nossos.

⁶³⁹ Idem, Ibidem, nota 47, p. 563. Grifos nossos.

O narrador em primeira pessoa e testemunha ocular, que se diz “céptico e indiferente ao sofrer de muitas criaturas”, passa por uma transformação. De sua indiferença profissional à dor, considerando a nova paciente, ele passa a se “inteirar pelo seu martírio e sofrer”. Mas afinal, quem seria esta paciente? Quem ela representa? Lima Barreto retira uma das cenas mais impressionantes do pós-escravidão: o abandono de negros diante da miséria ou, ainda, a necessidade deles de pedir ajuda, de implorar afeto e atenção, diante da falta de perspectiva na “República que não foi”:

Era uma preta velha, velha de mais de cem anos, africana, que, ferida por um achaque próprio da sua alta velhice, vinha morrer ali aos meus olhos e aos meus cuidados. Era de ver a sua cabecinha pequena empastada de cabelos brancos, tecidos como uma rama de algodão, alvejando tristemente no fundo negro de seu rosto, encavado, chupado, esterçado, onde os dois olhinhos castanhos quase sem brilho ⁶⁴⁰ passeavam languidamente, dolorosamente.

A indiferença do narrador se faz pela morte e por ela é acompanhada. O rosto “encavado, chupado, esterçado” da paciente mostra sua face hipócrita e o enfermeiro a vê, dentre os conceitos abordados por Walter Benjamin, como uma espécie de “iluminação profana”. É como se o passado de mais de cem anos pudesse estar ali, morto, reacendendo como num relâmpago, iluminando o espaço da enfermaria, quando seus olhinhos “passeavam languidamente, dolorosamente”. Portanto, da indiferença do enfermeiro plantonista ou interino, passamos para um narrador que estranha aquele sentimento de piedade pela pobre negra. Quer saber, indagar e questionar, a fim de diminuir o sofrimento alheio:

Ao começo fiz-lhe perguntas. Indaguei-lhe da sua idade, da sua origem, se não tinha prole. E ela vagarosamente aos pingos, deixava escorrer fracas respostas na sua meia língua, agora muito enfraquecida pela moléstia e pela idade. ⁶⁴¹

⁶⁴⁰BARRETO, op. cit., nota 47, p. 563.

⁶⁴¹Loc. cit.

Nas “fracas respostas na sua meia língua”, esta ex-escrava retoma a história dos vencidos. Ela é vista em toda a sua poesia e beleza. O tempo-de-agora, nos cem anos de Mãe Quirina, significa um tempo histórico condensado pelo sofrimento de uma corveia humana negra, entre a África e a América, a pedir compaixão. Um tempo messiânico de salvação, de amor ao próximo, uma “lâmpada eterna” da história universal. Nesse breve tempo, em minutos, que o narrador se dedica a olhar com mais acuidade, vemos também a história da salvação (*Heilsgeschichte*). O tempo-de-agora como uma espécie de mônada, como “cristal da totalidade dos acontecimentos”.⁶⁴²

Este tempo messiânico de salvação é também o de recapitulação da história que Walter Benjamin aborda tendo por base o conceito cristão de *anakephalaiosis*, ou seja: “[...] ‘recapitulação’, que aparece em uma das epístolas de Paulo, Ef 1, 10: ‘Todas as coisas se recapitulam no Messias’.”⁶⁴³ É um tempo redentor, que salva o momento histórico pendente do passado pelo presente: “O *Jetztzeit* [tempo-de-agora] resume todos os momentos messiânicos do passado, toda a tradição dos oprimidos é concentrada, como uma força messiânica, no momento presente, o do historiador – ou do revolucionário.”⁶⁴⁴ Neste caso, o narrador é também historiador e catalisador do tempo messiânico e revolucionário, visto que o seu olhar é aquele que concentra a “tradição dos oprimidos”. Os olhinhos da negra Mãe Quirina, enternecedores, transformam os olhos indiferentes do enfermeiro e este momento passa a ser o momento da luta dos oprimidos, interrompendo o próprio tempo. O enfermeiro interino representaria a sociedade que, num primeiro momento, é indiferente à dor dos negros e que, pela iluminação dos pequenos olhinhos da Mãe Quirina, ilumina todo o ambiente, clamando por justiça. Vejamos a Tese XVIII de Walter Benjamin:

Tese XVIII

“Os míseros cinquenta mil anos do *homo sapiens*”, diz um biólogo recente, “representam, em relação à história da vida orgânica sobre a terra, algo como dois segundos ao fim de um dia de vinte e quatro horas. Inscrita nessa escala, a história inteira da humanidade civilizada perfaz um quinto do último segundo da última hora.” O

⁶⁴²LÖWY, op. cit., p. 138.

⁶⁴³Loc. cit.

⁶⁴⁴Idem, Ibidem, p. 139.

tempo-de-agora que, enquanto modelo do tempo messiânico, resume a história de toda a humanidade numa prodigiosa abreviação, coincide, exatamente, com a figura que a história da humanidade ocupa no universo.⁶⁴⁵

É como se o narrador-historiador quisesse salvar e despertar Mãe Quirina, por meio da memória, da lembrança, perscrutando seu passado, juntando os cacos de sua própria história:

Era da África, soube, de nação Moçambique, viera ainda rapariguinha para aqui, onde tivera para seu primeiro senhor os Carvalhos de S. Gonçalo; conhecera D. João VI, e, sobre ele, desconexamente, contava uma ou outra coisa avaramente guardada naquela estragada memória. Tivera filhos e me dizia ela, pitorescamente, de várias cores.

Uns morreram e outros, me informava a Quirina (era seu nome), se foram por este mundo de cristo, não havendo mais deles nem novas nem mandadas, *pois que as vicissitudes do cativo os transportava aos quatro cantos do Brasil.*⁶⁴⁶

Essa primeira referência ao cativo e ao nome da personagem, Quirina, atesta não apenas o encontro do bisneto com sua bisavó, mas também os de uma geração ulterior a ver a morte lenta e o sofrimento de seus antepassados. Podemos dizer que escrever é a chance revolucionária e redentorista de Lima Barreto. À luz de nossa leitura das teses de Walter Benjamin, a época anterior, a do regime escravagista, quase sempre injusto, entra na pauta dos acontecimentos do presente, do tempo-de-agora, em que o narrador rompe o determinismo e instaura uma história em que “brilha a centelha da esperança”, apesar da morte sempre presente. A morte, entretanto, deixa o rosto de Mãe Quirina mais vivo, mais eterno em seu tempo de 100 anos. Em meio ao turbilhão do tempo, nos “cinquenta mil anos do *homo sapiens*”, ela ganha dimensão messiânica de salvação. Sua morte redimensiona a história de milhares de negros nas mesmas condições de abandono, adquirindo, por conta disso, uma concepção de história coletiva e não mais individual. A

⁶⁴⁵LÖWY, op. cit., p. 138.

⁶⁴⁶BARRETO, op. cit., nota 47, p. 563-564. Grifos nossos.

“Babá”, ou Mãe Quirina, representa no conto incompleto, não apenas a bisavó africana, mas o que temos de mais africano:

APÊNDICE A

O Historicismo contenta-se em estabelecer um nexos causal entre os diversos momentos da história. Mas nenhum fato, por ser causa, já é, só por isso, um fato histórico. Ele se tornou tal postumamente, graças aos eventos que dele podem estar separados por milhares de anos. O historiador que parte disso cessa de passar a sequência dos acontecimentos pelos seus dedos como as contas de um rosário. Ele apreende a constelação em que sua própria época entrou com uma determinada época anterior. Ele fundamenta, assim, um conceito de presente como tempo-de-agora, no qual estão incrustados estilhaços do tempo messiânico.⁶⁴⁷

O narrador e historiador, que não tem nome, não passa os “acontecimentos pelos seus dedos como as contas de um rosário”, mas nos leva a uma reflexão fundamental sobre nossa época histórica anterior, mostrando que o narrado vem pleno de passado e de presente:

De há muitos anos, ela vivia encostada numa velha senhora, viúva de seu último senhor, a quem há poucos dias ela vira morrer trocando antes a última apólice que restava.

E quando, naquele dia, ao saber aquilo *eu fui à noite repousar ao meu quarto não me saía da imaginação* aquela figura doida, cheia de sofrimento e de resignação, que, durante um longo prazo de seu século fornecera aos que lhe cercavam ternura, amor e trabalho e que agora, como um esquife vivo, *já sem memória e quase sem viver*, vinha morrer sem uma lágrima, sem um ai de alguém, de alguma criatura deste enorme planeta sublunar.⁶⁴⁸

⁶⁴⁷LÖWY, op. cit., p. 140.

⁶⁴⁸BARRETO, op. cit., nota 47, p. 564. Grifos nossos.

A situação de Mãe Quirina parece ser a de muitas mães negras e africanas, não mais escravas, além da dificuldade que temos em muitos momentos de encarar a morte e o sofrimento. A dor e o sofrimento da protagonista não estabelecem assim um “nexo causal”, mas sim eventos e acontecimentos de um século de vida, no mar da escravidão.

No “APÊNDICE A”, Walter Benjamin nos mostra a importância de não procurar esse chamado “nexo causal”, sob risco de perdermos o momento presente, o tempo-de-agora, pois ainda que a morte nos espreite, nestes momentos é que aflora a sensibilidade. Ainda que as perguntas do narrador remetam à biografia de Mãe Quirina, não é este o objeto da narração, mas seria, antes de tudo, o do sofrimento de muitos negros abandonados à própria sorte em vida ou na velhice. Morria o senhor, morria a viúva e, infelizmente, morria Mãe Quirina, numa “ligação privilegiada entre o passado e o presente, que não é a da causalidade, nem a do ‘progresso’”⁶⁴⁹ É um breve instante que salva muitos momentos do passado, quebrando o tempo linear homogêneo e vazio do presente. Este tempo homogêneo e vazio seria a indiferença do enfermeiro interino, mas ela é quebrada por uma reflexão, à noite, quando Mãe Quirina não lhe saía da cabeça. A história oficial enterrou sob os escombros muitas histórias ou tratou de abafá-las. Mas Lima Barreto instaura um tempo qualitativo que: “constelado de estilhaços messiânicos, se opõe radicalmente ao fluxo vazio, ao tempo puramente quantitativo do historicismo e do ‘progressismo’”.⁶⁵⁰

Se as perguntas iniciais são feitas para saber a história da negra Mãe Quirina, elas também se voltam para provocar a reflexão do próprio narrador, instigado pelo sofrimento alheio. É a literatura a partir do oprimido:

Estranho destino o daquela mulher. A raça lhe dava a doentia resignação para morrer miserável, na mesma terra que o sangue dera o que havia de requerer para amar e de humildade para obedecer e trabalhar.

E estas considerações fizeram-me ficar, olhos ao teto, parados e presos, a fumar nervosamente, *sonhando na ventura dos bons, dos mesquinhos e dos oprimidos.*

Nada lhes dava a terra, o resto dos seus semelhantes, como naquela pobre negra, chupava-

⁶⁴⁹LÖWY, op. cit., p. 140.

⁶⁵⁰Idem, Ibidem, p. 141.

lhes, sugava-lhes avidamente, constantemente, reavivosamente durante uma longa existência a doçura afetuosa do coração e, arrancava-lhe, até o último dia de existência, a réstia fraquíssima de energia que restasse porventura aos músculos, para depois atirar-lhes o corpo a morrer num hospital, *tal como um delicioso fruto gozado que se atira depois o bagaço ao lixo*. E eu pensava assim, quando, tomado de um cuidado estranhável, levantei-me e fui, atravessando salas e leitos, salas de um ar soturno de catacumbas e leitos semelhantes a campas mortuárias, fui até a cama da mãe Quirina levado até ela irresistivelmente por uma rara força, que me impelia doidamente, furiosamente.⁶⁵¹

A coisificação do ser humano está estampada no sofrimento de Mãe Quirina, jogada ao leito de um hospital feito bagaço. O narrador sente-se por ela atraído, na débil força messiânica dela e no “resto de seus semelhantes” que reavivava aquele momento de sua existência, mostrando a “doçura afetuosa do coração”, no último dia de sua existência, numa “réstia fraquíssima de energia”. E o narrador se vê estranhamente envolvido por ela, apreendendo aquele momento presente para sua própria transformação, uma vez que, se antes era indiferente, agora se sente atraído por aquela “rara força” que o impele “doidamente, furiosamente”.

Nada quer este narrador com o futuro: o que lhe interessa é aquele momento presente de transformação e de construção de um novo ser, iluminado pela centelha de bondade da Mãe Quirina e iluminando seus passos, saídos de um indiferente autômato que busca, desesperadamente no passado, não a historicidade, mas a sua própria contemporaneidade:

De maneira análoga, em sua ação presente, *o revolucionário busca inspiração e força combatente na rememoração* e escapa, assim, do charme maléfico do futuro garantido, previsível e seguro proposto pelos “adivinhos” modernos.⁶⁵²

⁶⁵¹BARRETO, op. cit., nota 47, p. 564. Grifos nossos.

⁶⁵²LÖWY, op. cit., p. 142.

A porta estreita de Jerusalém passa a ser a alegoria, *agadah* do século XVI⁶⁵³, que interrompe a historicidade linear:

APÊNDICE B

O tempo, ao qual os adivinhos perguntavam o que ele ocultava em seu seio, não era, certamente, experimentado nem como homogêneo, nem como vazio. Quem mantém isso diante dos olhos talvez chegue a um conceito de como o tempo passado foi experienciado na rememoração: ou seja, precisamente assim. Como se sabe, era vedado aos judeus perscrutar o futuro. A Torá e a oração, em contrapartida, os iniciavam na rememoração. Essa lhes desencantava o futuro, ao qual sucumbiram os que buscavam informações junto aos adivinhos. Mas nem por isso tornou-se para os judeus um tempo homogêneo e vazio. Pois nele cada segundo era a porta estreita pela qual podia entrar o Messias.⁶⁵⁴

O que interessa, na escrita do conto “Babá”, não é o futuro, mas o passado “experienciado na rememoração”, numa concepção de história como “processo aberto, não determinado antecipadamente, em que as surpresas, as chances inesperadas, as oportunidades imprevistas podem surgir a qualquer momento.”⁶⁵⁵ A morte de Mãe Quirina é um momento fugaz, apreendido pelo narrador:

E como era tudo em volta seu catre e, delicadamente, nos bicos dos pés, eu, em poucos instantes, me acerquei dele. O seu corpo magro saía lividamente do aconchego dos lençóis, ali, a meus olhos, placidamente dormindo, ele tinha na quietude de morto, naquela velhice venerável, o aspecto de uma múmia. Aquele fardel de carnes magras, de peles enrugadas, coladas aos ossos, embrulhada no linho dos lençóis, me pareceu ser o cadáver embalsamado de uma antiga rainha da Núbia que a curiosidade moderna houvesse

⁶⁵³LÖWY, op. cit., p. 143.

⁶⁵⁴Idem, Ibidem, p. 142.

⁶⁵⁵Idem, Ibidem, p. 145.

trazido, de aventura em aventura, de escambo em escambo, até as remotas plagas da Guanabara.⁶⁵⁶

O corpo de Mãe Quirina é o “corpo embalsamado” pelo historicismo, mas a narração instaura processo histórico aberto, pendente de justiça, a esperar pela porta estreita do Messias, no juízo final e na salvação de todos, sem exceção: “Mas em que consiste a tradição dos oprimidos, senão na série descontínua de raros momentos em que a cadeia da dominação foi rompida?”⁶⁵⁷ A narração fica suspensa neste tempo pleno e qualitativo, em dois pontos que mais nos interrogam:

Logo que cheguei ao leito ela dormia, mas minutos depois despertou e eu, a quem nunca intimidara o olhar de moribundos, temi ao ferir-me em cheio o dela, que vinha muito fora do esperado cheio de energia, de ódio, de angústia e de mistério.

Durou algum tempo isso, bem depressa, ela, se esterçando toda, num esforço violento, se pôs em pé sobre o leito, permaneceu assim calada instantes e depois, uma voz dolorosa, cheia de modulações de mágoa e ódio, às vezes, outras de desconsolo e pranto, foi solenemente dizendo em frase que não lhe era isso que ouvi:⁶⁵⁸

Mãe Quirina é a própria imagem do Messias e, nela, perscrutamos os antepassados, o sangue africano, a musicalidade, as religiões, as tradições e sua morte não é a evolução, não é o fim, mas o início da possibilidade de redenção. É um dos começos da história, puxando, sutilmente, o freio do “trem da modernidade” e da indiferença. A narração se fecha com dois-pontos que nos deixam também suspensos, a pensar, se esse conto está inacabado ou se, propositadamente, é para não acabar mesmo, interrogando-nos acerca da história apagada, aflorando sensibilidade, sempre acompanhados pela morte, pelo catre do hospital. É um questionar constante do historicismo e a redenção profana como salvação no juízo final.

⁶⁵⁶BARRETO, op. cit., nota 47, p. 564-565.

⁶⁵⁷LÖWY, op. cit., p. 146.

⁶⁵⁸BARRETO, op. cit., nota 47, p. 565. Os dois pontos poderiam indicar um fragmento que se perdeu?

Não é somente a consciência do narrador que passa por uma substancial transformação, num tempo histórico extremamente condensado, rico, calado e doloroso. É neste segundo que vemos a porta estreita pela qual poderá entrar o Messias, aquele que virá instaurar uma sociedade sem classes, em que “cada vítima do passado, por mais humilde e ‘pequena’ que seja, será salva do esquecimento e ‘citada na ordem do dia’, ou seja, reconhecida, honrada, rememorada” ⁶⁵⁹. Um mundo menos desigual e mais humano. Esta é nossa esperança!

⁶⁵⁹ LÖWY, op. cit., p. 54.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra de Lima Barreto e o texto “Sobre o conceito de história”, de Walter Benjamin, guardam muitas relações e algumas delas procuramos esclarecer em nossa análise, sabedores que tais relações poderão, ainda, abrir muitos caminhos a serem percorridos.

Seguindo Reyes Mate, entendemos que as injustiças passadas não têm data de prescrição e continuam pendentes, à espera que historiadores ou outros segmentos da sociedade levanten a bandeira da justiça a favor dos oprimidos e injustiçados. Esta ação se faz no presente.

Lima Barreto, sem ter lido Walter Benjamin, parece que efetuou, em seus textos ficcionais ou por meio dos seus diários, essa possibilidade de recordar e rememorar, não apenas para não esquecermos, mas também para cobrarmos ações mais efetivas. O escritor colocou na ordem do dia a demanda da justiça social em relação aos mulatos e negros, e ainda aos segmentos que estavam à margem dos direitos de cidadania, esperando por melhorias que não aconteceram na República Velha.

Se pensarmos na teologia judaica e no conceito de redenção em termos profanos, ou seja, na felicidade dos vivos e, em termos religiosos, também na dos mortos, podemos entender que a nossa felicidade no presente depende, essencialmente, de que façamos um esforço para reconhecer e, se possível, agir em relação às injustiças que aconteceram nas gerações anteriores. Neste aspecto, realmente, carecemos do sentido de justiça e, conforme Max Horkheimer define, poderíamos falar em termos de “precariedade da ética”, negando a liberdade para todos ou a aspiração a um mundo diferente e mais justo. Por isso, temos a possibilidade de não mais esperar o Messias, mas de nos transformarmos no próprio, coletivamente. Aí sim, há de nos afagar o vento que sopra do passado, dos seres humanos que não conhecemos e do que foi considerado como fracassado, daquilo que poderia ter sido e não foi.

O “Angelus Novus”, de Paul Klee, gostaria de bater as asas, voar e não mais ver os escombros humanos que se amontoam, principalmente em virtude do progresso levado às suas últimas consequências: muitas vezes, quando sobra tecnologia, sobra também repressão, guerra, morte, pobres e miseráveis. É nesses momentos que devemos lutar contra os opressores, que o historiador ou o escritor também pode ter o momento de recognoscibilidade capaz de apreender e compreender os acontecimentos históricos ricos de matéria pensante e de ação que

transforme o mundo em algo melhor. A escrita pode ser o testamento de salvação para despertar nos seres humanos a consciência que nos falta para agir.

Não queremos a repetição das barbáries e dos genocídios, nem a escravidão moderna dos trabalhadores, nem o trabalho infantil, nem a exploração das mulheres, nem a violência contra os povos indígenas, num mundo capitalista que é capaz de, por meio de uma tecla de computador, transferir valores de “Wall Street” e apagar financeiramente um país inteiro ou até mesmo quase todo um continente. Muitos lugares ainda vivem na *meia-noite da história*, no obscurantismo, em que predomina a guerra ou a indústria da mais-valia da morte, com seus fuzis, seus canhões, seus *drones*⁶⁶⁰, matando civis e, nestes casos, o inferno é mesmo aqui e agora.

Para Lima Barreto, o problema se instaura nas ditaduras militares no Brasil; no preconceito racial; no jornalismo transformado em “quarto poder”; no positivismo matemático e geométrico; numa ciência que ignorava a teologia; na falta de trabalho para os mulatos e os negros na República Velha; na discriminação sofrida pelas mulheres; enfim, em muitos outros aspectos que indicavam a falta de perspectivas para os menos favorecidos econômica e socialmente.

Walter Benjamin perscrutou problemas iguais ou semelhantes ao analisar a social-democracia na Europa, em que “não havia nenhum lugar para a esperança”; o Tratado de Munique, de 1938, e o Pacto germano-soviético, de 1939; o acordo entre Stálin e Hitler para não se atacarem e repartirem a Polônia entre si; enfim, uma série de acontecimentos que levaram a humanidade à barbárie da Segunda Grande Guerra Mundial. Por isso, Benjamin insurgiu-se contra o Stalinismo.

Lima Barreto e Walter Benjamin não visitaram os fatos passados como acontecimentos fixos ou monumentos turísticos, tampouco como um lupanar, em que o historiador se serve da prostituta e dela se livra. A realidade se move e é preciso reconhecer que os perdedores ficaram fora do desenvolvimento histórico. Poderíamos pensar nos projetos

⁶⁶⁰Vocábulo inglês que significa, literalmente, “zangão”. Tem sido utilizado para denominar os veículos aéreos não tripulados, a partir da chamada “kill list”, ou seja, a lista de alvos a serem mortos. São desenvolvidos nos EUA e começaram a ser utilizados em decorrência do ataque às torres gêmeas, em Nova Iorque. O primeiro ataque ocorreu em 2002 no Iêmen, durante o governo George W. Bush (2001-2009). São também chamados de “assassinatos seletivos”. Vale ressaltar, ainda, que os ataques com *drones* vêm se intensificando no governo de Barack Obama, especialmente nos países: Paquistão, Iraque, Iêmen, Somália e outros. CURRIER, Cora. A guerra dos drones: o que sabemos (e o que não) sobre os aviões assassinos dos EUA. Tradução de Clara Allain. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 27 jan. 2013. Ilustríssima, p. 4.

abolicionistas que tentaram libertar os escravos muitos antes de 1888; na destituição de Floriano Peixoto, antes da Revolta Armada, e no respeito à Constituição; na eleição de Rui Barbosa, em 1910; no término do governo João Goulart, cumprindo parte de seus projetos, e assim por diante. As gerações passadas estão vivas, a nos cobrar justiça, e nós não devemos perder nossa chance revolucionária de mudar e transformar a realidade em que vivemos. Lima Barreto, num certo sentido, fez exatamente o que fez Walter Benjamin: “organizou o pessimismo”. A política não é coisa apenas dos vivos, ela inclui um rosto messiânico, profanamente político. O fracasso dos projetos individuais ou dos projetos coletivos tem a esperança de algum dia ser realizado, do ponto de vista da redenção.

Vimos, no conto “Manuel de Oliveira”, o feliz encontro do real com o fictício, num ex-escravo agregado dos Lima Barreto que passa para a narrativa com humanidade ímpar, ou ainda, os negros sem saída, na iminência de serem presos pelos feitores, voltando ao açoite e à chibata. Vimos o descaso do sistema jurídico com a personagem Clara dos Anjos, grávida e sem poder reivindicar qualquer ajuda do pai branco: Cassi Jones de Azevedo; vimos o ditador Floriano Peixoto matando qualquer um que discordasse de suas atitudes autocráticas, inclusive o personagem Policarpo Quaresma; vimos as recordações de Lima Barreto em seu *Diário do hospício* ou em seu *Diário íntimo*, em que as folhas do calendário não são meramente arrancadas, pensando apenas no futuro, mas também que o passado, a memória, a recordação ganham uma dimensão para se pensar na história dos fracassados e dos oprimidos. Nesse conjunto de textos do nosso recorte, a única exceção é o romance *Numa e a Ninfa* e, mesmo neste, há forte contraste entre a classe dirigente e os mais desvalidos. Finalmente, vimos a nossa avó ou bisavó africanamente apresentada, de maneira tão humana que, salvo engano, parece ter morrido sem direito a uma história ou a um ponto final, suspensas a personagem e nós, por dois-pontos. Lima Barreto suspendeu a história com esta personagem, chegando ao limite do nosso campo de percepção, em que somos capazes de sentir a morte, o desespero e a injustiça.

Tais análises nos obrigam a revisar nossa própria historiografia, não apenas literária, mas também, em certa medida, a do país chamado Brasil e a do mundo, entre a Primeira Grande Guerra e a Segunda. Distanciamos-nos do tradicionalismo e encaramos a tradição autêntica da história oral e da inteligência do personagem Manuel Joaquim Gonzaga de Sá, biografando a cidade do Rio de Janeiro e sendo biografado pelo narrador em primeira pessoa: o mulato Augusto Machado. E

parafraseando o personagem Lucrécio Barba-de-Bode, do romance *Numa e a Ninfa*, poderíamos afirmar que ainda “não sabemos o que é ser negro ou mulato no Brasil”. Por outro lado, também vimos o escrivão Isaiás Caminha lutando para voltar aos seus valores mais solidários e autênticos no Espírito Santo, sucumbindo à praia e à fatiota apenas depois de narrar os desmandos políticos constantes do jornalismo e de jornalistas que formavam o “quarto poder”, com ânsias de favorecer/eleger ou formar a opinião pública de acordo com os interesses da grande imprensa.

Nos contos, a situação do negro, das negras, da baiana, das brancas e do menino Zeca, do conto “O moleque”, ganha a notória dimensão de uma demanda por justiça que continua pendente como sintoma de nossa realidade, se bem que tenha havido, claro, alguns avanços. A guerra, no Brasil, continua sendo contra o analfabetismo, funcional ou não; a seca no nordeste; a desigualdade de renda; a corrupção e outros temas que levaram o escritor João Antônio a ser um dos principais discípulos de Lima Barreto, repensando o que chamamos de contracartografia, especialmente nos subúrbios paulista e carioca, refazendo itinerários não apenas topográficos, mas também na fala dos mais humildes, sem distinção de classe. Lima Barreto elevou a literatura a um grau quase máximo ao reconhecer nos simples e nos humildes o *leitmotiv* de sua própria narrativa, sem ressentimentos. Não por acaso, foi perseguido pelo ditador general Hermes da Fonseca, na figura do tenente Palmiro Serra Pulquério, entregue à polícia em 1914 e internado compulsoriamente num hospício.

Lima Barreto incomodava e se incomodava com sua própria família, que era incapaz de entender como ele, um escritor, enfrentava as dificuldades financeiras para publicar suas obras, a loucura do pai, a perseguição política, o preconceito racial, os meandros da politicagem, dos currais políticos, dos capangas e assim por diante. A classe dirigente precisava calar tão lúcido escritor, passando por ele como se passa um mata-borrão, mas lá vinha ele e escrevia, escrevia e escrevia no seu quarto, na Biblioteca Nacional ou ainda na biblioteca do hospício. Escrever, para Lima Barreto, funcionava como a *redenção profana*, aquela que conhecemos na leitura das teses de Walter Benjamin. O romancista, por meio da escrita, sendo espírito livre, não negava a sua religiosidade, sua fê em Nossa Senhora da Glória, tampouco deixava de citar a Bíblia, sempre para reivindicar condições melhores para os mais injustiçados. Uma constante leitura a contrapelo de uma sociedade que tem por lema a *ordem e o progresso* que se aplica, exceto em raríssimos momentos históricos, apenas aos mais ricos, num país em que reina mais

a desordem e o deus progresso não apresenta melhorias sociais para a maioria da população. E um dos males dessa ordem e desse progresso é o esquecimento, que procuramos aqui diminuir, com a nossa “frágil força messiânica”:

Se assim é, existe um encontro secreto, marcado entre as gerações precedentes e a nossa. Alguém na terra está à nossa espera. Neste Caso, como a cada geração, foi-nos concedida uma frágil força messiânica para a qual o passado dirige um apelo. Esse apelo não pode ser rejeitado impunemente. O materialista histórico sabe disso.⁶⁶¹

⁶⁶¹BENJAMIN, op. cit., nota 68, p. 223 (Obras escolhidas, v.1).

REFERÊNCIAS

Livros de Lima Barreto:

Todas as citações aos romances referem-se às obras completas de Lima Barreto em três edições: a primeira de 1956, a segunda de 1961 e a terceira de 1969, da Editora Brasiliense. Os prefácios presentes nestas edições são fundamentais na constituição da fortuna crítica sobre o autor:

I – *Recordações do escrивão Isaías Caminha*. Romance. Prefácio de Francisco de Assis Barbosa. São Paulo: Brasiliense, 1956.

II – *Triste fim de Policarpo Quaresma*. Romance. 2ª ed. Prefácio de Manuel de Oliveira Lima. São Paulo: Brasiliense, 1956.

III - *Numa e a Ninfá*. Romance. Prefácio de João Ribeiro. São Paulo: Brasiliense, 1956.

IV - *Vida e morte de Manuel Joaquim Gonzaga de Sá*. Romance. Prefácio de Alceu Amoroso Lima (Tristão de Ataíde). São Paulo: Brasiliense, 1956.

V - *Clara dos Anjos*. Romance. Prefácio de Sérgio Buarque de Holanda. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1969.

VI - *Histórias e sonhos*. Contos. 2. ed. Prefácio de Lúcia Miguel Pereira. São Paulo: Brasiliense, 1961.

VII- *Os Bruzundangas*. Sátira. Prefácio de Osmar Pimentel. São Paulo: Brasiliense, 1956.

VIII - *Coisas do Reino de Jambon*. Sátira. Prefácio de Olívio Montenegro. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1961.

IX - *Bagatelas*. Artigos. Prefácio de Astrojildo Pereira. São Paulo: Brasiliense, 1956.

X - *Feiras e mafuás*. Artigos e Crônicas. Prefácio de Jackson de Figueiredo. São Paulo: Brasiliense, 1956.

XI - *Vida urbana*. Artigos e Crônicas. Prefácio de Antônio Houaiss. São Paulo: Brasiliense, 1956.

XII - *Marginália*. Artigos e Crônicas. 2. ed. Prefácio de Agrippino Grieco. São Paulo: Brasiliense, 1961.

XIII - *Impressões de leitura*. Crítica. Prefácio de Manuel Cavalcanti Proença. São Paulo: Brasiliense, 1956.

XIV - *Diário íntimo*: memórias. Prefácio de Gilberto Freyre. São Paulo: Brasiliense, 1956.

XV - *O cemitério dos vivos*: memórias. Prefácio de Eugênio Gomes. São Paulo: Brasiliense, 1956.

XVI - *Correspondência ativa e passiva*. 1º TOMO. Prefácio de Antônio Noronha dos Santos. São Paulo: Brasiliense, 1956.

XVII - *Correspondência ativa e passiva*. 2º TOMO. Prefácio de B. Quadros (pseudônimo de Antônio Noronha dos Santos). São Paulo: Brasiliense, 1956.

Outras edições dos livros de Lima Barreto:

BARRETO, Lima. *Clara dos Anjos*. Prefácio de Guaraciaba Micheletti. São Paulo: Ática, 2006. Série Bom Livro.

_____. *Clara dos Anjos*. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2012.

_____. *Contos completos de Lima Barreto*. Organização e introdução de Lília Moritz Schwarcz. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. *Crônicas escolhidas*. São Paulo: Ática, 2005. Folha de S. Paulo.

_____. *Diário do hospício e O cemitério dos vivos*. Prefácio de Alfredo Bosi. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

_____. *Os Bruzundangas*. Prefácio de Valentin Facioli. São Paulo: Ática, 2000. Série Bom Livro.

_____. *Recordações do escrivo Isaias Caminha*. São Paulo: Ática, 2002. Série Bom Livro.

_____. *Recordações do escrivo Isaias Caminha*. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2010.

_____. *Toda Crônica*: Lima Barreto. Organização Beatriz Resende e Rachel Valença. Rio de Janeiro: Agir, 2004. Volume 1 (1890-1919).

_____. *Toda Crônica*: Lima Barreto. Organização Beatriz Resende e Rachel Valença. Rio de Janeiro: Agir, 2004. Volume 2 (1919-1922).

_____. *Triste fim de Policarpo Quaresma*. São Paulo: Ática, 1997. Série Bom Livro.

_____. *Triste fim de Policarpo Quaresma*. São Paulo: Penguin, 2011.

Livros de Walter Benjamin:

BENJAMIN, Walter. *Origem do drama barroco alemão*. Tradução, apresentação e notas: Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1984.

_____. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura história da cultura*. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. Prefácio de Jeanne Marie Gagnebin. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas, v. 1)

_____. *Rua de mão única*. Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995. (Obras escolhidas, v. 2)

_____. *Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo*. Tradução de José Martins Barbosa e Hemerson Alves Baptista. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989. (Obras escolhidas, v. III)

_____. *Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação*. Tradução, apresentação e notas de Marcus Vinicius Mazzari; posfácio de Flávio Di Giorgi. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2002.

_____. *Passagens*. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009.

_____. Paris, a capital do século XIX. In: *Passagens*. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009, pp. 39-51.

_____. E: Haussmanização, lutas e barricadas. In: *Passagens*. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009, p. 161-187.

_____. F: Construção de ferro. In: *Passagens*. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009, p. 189-206.

_____. G: Exposições, reclame, Grandville. In: *Passagens*. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009, p. 207-236.

_____. H: O colecionador. In: *Passagens*. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009, p. 237-246.

_____. I: O *intérieur*, o rastro. In: *Passagens*. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009, p. 248-262.

_____. J: Baudelaire. In: *Passagens*. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009, p. 275-432.

_____. K: Cidade de sonho e morada de sonho, sonhos de futuro, niilismo antropológico, Jung. In: *Passagens*. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009, p. 433-448.

_____. N: Teoria do conhecimento, Teoria do progresso. In: *Passagens*. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009, p. 499-530.

_____. O: Prostituição e jogo. In: *Passagens*. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009, pp. 531-555.

_____. P: As ruas de Paris. In: *Passagens*. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009, pp. 557-567.

_____. Q: Panorama. In: *Passagens*. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009, p. 569-584.

_____. S: Pintura, *jugendstil*, novidade. In: *Passagens*. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009, p. 585-604.

_____. X: Marx. In: *Passagens*. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009, p. 693-711.

Sobre Lima Barreto:

ANTÔNIO, João. *Calvário e porres do pingente Afonso Henriques de Lima Barreto*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto (1881-1922)*. 8. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.

BELCHIOR, Pedro. *Tristes subúrbios: literatura, cidade e memória na experiência de Lima Barreto (1881-1922)*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, 2011.

CANDIDO, Antonio. Os olhos, a barca e o espelho. In: *A educação pela noite e outros ensaios*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1989, pp. 39-50.

CURY, Maria Zilda Ferreira. *Um mulato no reino de jambom: as classes sociais na obra de Lima Barreto*. São Paulo: Cortez, 1981.

FANTINATI, Carlos Erivany. *O profeta e o escrivão: estudo sobre Lima Barreto*. Assis, SP: ILHPA (Instituto de Letras, História e Psicologia de Assis)- Hucitec. 1978.

FIGUEIREDO, Carmem Lúcia Negreiros de. *Lima Barreto e o fim do sonho republicano*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

GICOVATE, Moisés. *Lima Barreto: uma vida atormentada*. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1952.

HIDALGO, Luciana. *Literatura da urgência: Lima Barreto no domínio da loucura*. São Paulo: Annablume, 2008.

LINS, Osman. *Lima Barreto e o espaço romanesco*. São Paulo: Ática, 1976.

OAKLEY, Robert John. *Lima Barreto e o destino da literatura*. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

PEREIRA, Lucia Miguel. Lima Barreto. In: *Escritos da maturidade: seleta de textos publicados em periódicos (1944-1959)*. Rio de Janeiro: Graphia Editorial, 1994.

PRADO, Antonio Arnoni. *Lima Barreto: o crítico e a crise*. Rio de Janeiro: Cátedra; Brasília: INL, 1976.

_____. (Org.). *Lima Barreto: uma autobiografia literária*. São Paulo: Editora 34, 2012.

RESENDE, Beatriz. *Lima Barreto e o Rio de Janeiro em fragmentos*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; Editora UNICAMP, 1993.

_____. Lima Barreto: a opção pela marginália. In: *Os pobres na Literatura Brasileira*. Roberto Schwarz (org.). São Paulo: Brasiliense, 1983, pp. 73-78.

SCHEFFEL, Marcos Vinícius. Do registro diário à criação em Lima Barreto: o processo ficcional em Recordações do Escrivão Isaías Caminha e Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, 2007.

_____. *Estações de passagem da ficção de Lima Barreto*. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, 2011.

SILVA, Luiz (Cuti). *Lima Barreto*. São Paulo: Selo Negro, 2011.

SILVA, Maurício. *A Hélade e o Subúrbio: confrontos literários na Belle Époque carioca*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

Sobre Walter Benjamin:

BOLLE, Willi. Nota introdutória. In: *Passagens*. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009, pp. 37-38.

_____. “Um painel com milhares de lâmpadas”: metrópole & megacidade. In: *Passagens*. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009, pp. 1141-1167.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *História e narração em Walter Benjamin*. São Paulo: Perspectiva: FAPESP: Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1994.

_____. *Lembrar escrever esquecer*. São Paulo: Ed. 34, 2006.

KOTHE, Flávio R. *Walter Benjamin: sociologia*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1991.

LAFARGUE, Paul. “Die Ursachen des Gottesglaubens”, Die Neue Zeit XXIV, nº 1, Stuttgart, 1906. In: BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009, p. 512.

LÖWY, Michael. *A estrela da manhã: surrealismo e marxismo*. Tradução de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
_____. *Walter Benjamin: aviso de incêndio: uma leitura das teses “Sobre o conceito de história”*. Tradução Wanda Nogueira Caldeira Brant Tradução das teses: Jeanne Marie Gagnebin e Marcos Luiz Müller. São Paulo: Boitempo, 2005.

MATE, Reyes. *Meia-noite na história: comentários às teses de Walter Benjamin “Sobre o conceito de história”*. Tradução Nélcio Schneider. São Leopoldo, RS: UNISINOS, 2011.

MATOS, Olgária Chain Féres. Aufklärung na metrópole: Paris e a via láctea. In: *Passagens*. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009, p. 1123-1140.

MURICY, Katia. *Alegorias da dialética: imagem e pensamento em Walter Benjamin*. Rio de Janeiro: Nau, 2009.

TIEDEMANN, Rolf. Introdução à edição alemã. In: *Passagens*. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009, pp.13-33.

Teoria Literária:

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento*: fragmentos filosóficos. Tradução de Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.

AGAMBEM, Giorgio. *A linguagem e a morte*: um seminário sobre o lugar da negatividade. Tradução de Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

_____. *Profanações*. Tradução e apresentação de Selvino José Asmann. São Paulo, Boitempo, 2007.

ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos Ideológicos de Estado*: notas sobre os Aparelhos Ideológicos de Estado. Tradução de Walter José Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro. 2. ed. Rio de Janeiro: Edição Graal, 1985.

AUGÉ, Marc. *Não lugares*. Tradução de Maria Lúcia Pereira. Campinas, SP: Papirus,

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. Tradução de Antonio de Padua Danesi; revisão da tradução Rosemary Costhek Abílio. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico*: o que é e como se faz. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoievski*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitário, 1997.

_____. *Questões de literatura e de estética*: a teoria do romance. 4. ed. São Paulo: Editora UNESP, 1998.

BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. 5. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1999.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. Tradução Carlos Felipe Moisés e Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

CANCLINI, Néstor García. *Consumidores e cidadãos; conflitos multiculturais da globalização*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1995.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade: estudos da teoria e história literária*. 6. ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1980.

_____. *Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos*. 8. Ed. Rio de Janeiro/Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1997.

_____. *Dialética da malandragem*. In: *O discurso e a cidade*. 2. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1998, pp.19-54.

CARNEIRO, Sueli. Gênero e raça. In: BRUSCHINI, Cristina e UNBEHAUM, Sandra G. (Orgs.). *Gênero, democracia e sociedade brasileira*. São Paulo: Fundação Carlos Chagas/Ed. 34, 2002.

CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

CASTRO, Alex. *A rasura da escravidão na literatura brasileira: liberal, libertário, libertino*. Disponível em:

<http://www.interney.net/blogs/III/2008/07/02/a_rasura_da_escravidao_na_literatura_bra/>.

Acesso em 12 de dez. de 2011.

CRUZ, Claudio. *Literatura e cidade moderna: Porto Alegre 1935*. Porto Alegre: EDIPUCRS: IEL, 1994.

DEBOR, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Tradução de Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DAMATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. 6. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997, p. 196.

DIMAS, Antonio. *Espaço e romance*. 1. ed. São Paulo: Ática, 1985. Série Princípios.

DUARTE, Eduardo de Assis. Entre Orfeu e Exu: a afrodescendência toma a palavra. IN: *Literatura e afrodescendência no Brasil*: antologia crítica. Organização de Eduardo de Assis Duarte e Maria Nazareth Soares Fonseca. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2012, pp. 13-48.

ECO, Umberto. *Seis passeios pelo bosque da ficção*. Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

_____. *Como se faz uma tese*. Tradução de Gilson Cesar Cardoso de Souza. 21. ed. São Paulo Perspectiva, 2007.

FAORO, Raymundo. *Os donos do poder*: formação do patronato. São Paulo: Globo, 2001.

FERNANDES, Florestan. *A integração do negro na sociedade de classes*: o legado da raça branca. 3. ed. São Paulo: Editora Ática, 1978. Volume 1.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*: história da violência das prisões. 22. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala*: formação da família patriarcal sob o regime de economia patriarcal. São Paulo: Círculo do Livro, 1980.

GANCHÓ, Cândida Vilarés. *Como analisar narrativas*. 9. ed. São Paulo: Ática, 2006. Série Princípios.

GONZÁLEZ, Mario M. *A saga do anti-herói*: estudo sobre o romance picaresco espanhol e algumas de suas correspondências na literatura brasileira. São Paulo: Nova Alexandria, 1994.

GILROY, Paul. *O Atlântico negro*: modernidade e dupla consciência. 2. ed. Tradução de Cid Knipel Moreira. São Paulo: Editora 34; Rio de Janeiro: Universidade Candido Mendes, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2012.

GUIMARÃES, Elisa. *A articulação do texto*. São Paulo: Ática, 2006. Série Princípios.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

HUGO, Vitor. *Do grotesco ao sublime*: tradução do prefácio de Cromwell. Tradução e notas de Célia Berettini. 2. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002.

LACOMBE, Américo Jacobina; SILVA, Eduardo; BARBOSA, Francisco de Assis. *Rui Barbosa e a queima dos arquivos*. Brasília, DF: Ministério da Justiça; Rio de Janeiro: Fundação da Casa de Rui Barbosa, 1988.

LEITE, Ligia Chiappini Moraes. *O foco narrativo*. 11. ed. São Paulo: Ática, 2007. Série Princípios.

MACHIAVELLI, Nicolò. *O Príncipe*. Tradução de Maria Júlia Goldwasser. São Paulo: Martins Fontes, 2004. Coleção obras de Maquiavel.

MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. 9. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2004.

MIRANDA, Wander Melo. *Corpos escritos*: Graciliano Ramos e Silviano Santiago. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

RODRIGUES, Nina. *Os africanos no Brasil*. 3 ed. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1945.

SANTIAGO, Silviano. O entre-lugar do discurso latino-americano. In: *Uma literatura nos trópicos*: ensaios sobre dependência cultural. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000, pp. 9- 26.

SARLO, Beatriz. *Jorge Luis Borges, um escritor na periferia*. Tradução de Samuel Titan Jr. São Paulo: Iluminuras, 2008.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão*: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SCHWARZ, Roberto. *O pai de família e outros estudos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

_____. *Que horas são?: ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

_____. (org.). *Antonio Candido & Roberto Schwarz: a homenagem da UNICAMP*, 1989.

_____. *Um mestre na periferia do capitalismo*: Machado de Assis. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2000.

_____. *Ao vencedor as batatas*: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro. 6. ed. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2012.

SILVA, Fábio Lopes da; MOURA, Heronides Maurílio de Melo. *O direito à fala*: a questão do preconceito. Florianópolis: Insular, 2000.

SODRÉ, Muniz. *Samba, o dono do corpo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1998.

TODOROV, Tzvetan. *A literatura em perigo*. Tradução de Caio Meira. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

WEBER, João Hernesto. *A nação e o paraíso*: a construção da nacionalidade na historiografia literária brasileira. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 1997.

WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito capitalista*. São Paulo: Editora Martin Claret, 2002.

Referências a outros textos e obras:

A Bíblia na linguagem de hoje. Sociedade Bíblica do Brasil. São Paulo, 1988.

ALVES, Castro. *Gonzaga ou a revolução de Minas*. Drama em 4 atos. Rio de Janeiro: Serviço Nacional de Teatro, 1972.

_____. *O navio negreiro*. Disponível em:

<<http://www.casadobruzo.com.br/poesia/c/castrobio4.htm>> Acesso em 12 dez. 2011.

ASSIS, Machado de. *Histórias românticas*. Rio de Janeiro; São Paulo; Porto Alegre: W. M. Jackson Inc. Editores, 1955.

_____. *O alienista*. São Paulo: Ática, 1998.

_____. *50 contos/Machado de Assis*. Seleção, introdução e notas John Gledson. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BORGES, Jorge Luis. *Ficções*. Tradução de Carlos Nejar. São Paulo: Globo, 1999.

_____. *O informe de Brodie*. Tradução de Davi Arrigucci Jr. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

_____. *O Aleph*. Tradução de Davi Arrigucci Jr. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

AZEVEDO, Aluísio. *O mulato*. São Paulo: Ática, 2000. Série Bom Livro.

CAMINHA, Adolfo Ferreira. *Bom-Crioulo*. São Paulo: Ática, 1997. Série Bom Livro.

CASTRO ALVES, Antonio de. *Gonzaga ou a Revolução de Minas*. Drama em 4 atos. Rio de Janeiro: Serviço Nacional de Teatro, 1972.

CUNHA, Euclides da. *Os sertões*. 6. Ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

CURRIER, Cora. A guerra dos drones: o que sabemos (e o que não) sobre os aviões assassinos dos EUA. Tradução de Clara Allain. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 27 jan. 2013. Ilustríssima, p. 4.

DOSTOIEVSKI, F. M. *Recordações da casa dos mortos*. 3. ed. Tradução de Rachel de Queiroz. Rio de Janeiro: José Olympio, 1952.

_____. *Notas do subsolo*. Tradução do russo de Maria Aparecida Botelho Soares. Porto Alegre: L&PM, 2008.

EIRÓ, Paulo. *Sangue limpo*: drama original em três atos e prólogo. 2. ed. São Paulo: Divisão do Arquivo Histórico, 1949.

GOGOL, Nikolai Vassiliévitch. *O capote /e/ O retrato*. Tradução de Roberto Gomes. Porto Alegre: L&PM, 2000.

GUIMARÃES, Bernardo Joaquim da Silva. *A escrava Isaura*. São Paulo; Ática, 1990.

HOUAISS, Antônio; SALLES, Mauro de. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

KAFKA, Franz. *A metamorfose*. Tradução de Modesto Carone. São Paulo: Brasiliense, 1985.

LAMOUNIER, Aden Assunção. *José Oiticica: itinerários de um anarquista (1912-1919)*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História Social, 2011, p. 36.

Lazarillo de Tormes. Tradução de Pedro Câncio da Silva. São Paulo: Página Aberta; Brasília, DF: Consejería de Educación de La Embajada de España, 1992.

LOPES NETO, João Simões. *Contos gauchescos*. Org. Claudio Celso Alano da Cruz. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2012.

POE, Edgar Allan. *O corvo*. Tradução de Machado de Assis. Trecho disponível em:

<[http://pt.wikisource.org/wiki/O_Corvo_\(tradu%C3%A7%C3%A3o_de Machado de Assis\)](http://pt.wikisource.org/wiki/O_Corvo_(tradu%C3%A7%C3%A3o_de_Machado_de_Assis))>

Acesso em 12 dez. 2011.

RIO, João do. *A alma encantadora das ruas: crônicas*. São Paulo: Editora Martin Claret, 2009.

SEVERINO, Antonio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

STEVESON, Robert Louis Balfour. *O médico e o monstro*. Tradução de José Paulo Golob, Maria Angela Aguiar e Roberta Sartori. Porto Alegre: L&PM, 2007.

WILDE, Oscar. *O retrato de Dorian Gray*. São Paulo: Martin Claret, 1999.

VILLAÇA, Flávio. *Espaço intra-urbano no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Studio Nobel: FAPESP; Lincoln Institute, 2001, p. 232-233.